

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**O SISTEMA DE ASSENTAMENTO DOS GRUPOS CERAMISTAS DO
PLANALTO SUL-BRASILEIRO : O CASO DA TRADIÇÃO
TAQUARA/ITARARÉ**

MARCUS VINÍCIUS BEBER

São Leopoldo, março de 2004.

MARCUS VINÍCIUS BEBER

**O SISTEMA DE ASSENTAMENTO DOS GRUPOS CERAMISTAS DO
PLANALTO SUL-BRASILEIRO : O CASO DA TRADIÇÃO
TAQUARA/ITARARÉ**

Tese apresentada como requisito parcial, e último, para obtenção do título de DOUTOR EM HISTÓRIA pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Área de Concentração em Estudos Históricos Latino-Americanos.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz

Co-orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Paula Caleffi

São Leopoldo, março de 2004.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B387s Beber, Marcus Vinícius

O Sistema de Assentamento dos Grupos Ceramistas do Planalto Sul-Brasileiro: o caso da Tradição Taquara-Itararé. / Marcus Vinícius Beber; orientação Prof. Dr. Pedro Ignácio Schimtz, co-orientação Prof^a. Dr^a. Paula Caleffi. – São Leopoldo, RS : UNISINOS, 2004.
289 f., il.; 30 cm.

Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004.

1. Arqueologia Brasileira. 2. Arqueologia – Planalto Sul-Brasileiro. 3. Assentamentos Pré-históricos – Sistema de Assentamentos. 4. Sítio Arqueológico. 5. Habitações Pré-históricas – Casas subterrâneas. 6. Culturas Pré-históricas – Grupos Ceramistas. 7. Tradição Taquara – Tradição Itararé I I. Título. II. Schimtz, Pedro Ignácio. III. Caleffi, Paula.

CDU: 902(81)

Índice para o catálogo sistemático:

1. Arqueologia Brasileira	902(81)
2. Arqueologia – Planalto Sul-Brasileiro	902(1-928.7)
3. Assentamentos Pré-históricos – Sistema de Assentamentos	903.4
4. Sítio Arqueológico	902.2
5. Habitações Pré-históricas – Casas Subterrâneas	903.3
6. Culturas Pré-históricas – Grupos Ceramistas	903'1
7. Tradição Taquara – Tradição Itararé	903'1

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Rose Elga Beber – Registro CRB 10/1369.

TERMO DE APROVAÇÃO

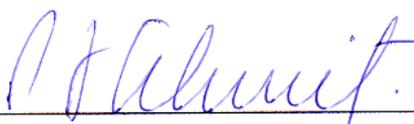
MARCUS VINÍCIUS BEBER

O SISTEMA DE ASSENTAMENTO DOS GRUPOS CERAMISTAS DO PLANALTO

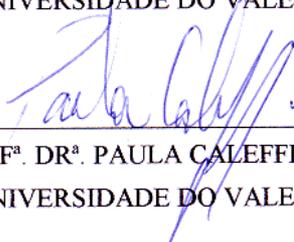
SUL-BRASILEIRO : O CASO DA TRADIÇÃO TAQUARA/ITARARÉ

Tese apresentada como requisito parcial, e último, para obtenção do título de Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Área de Concentração em Estudos Históricos Latino-Americanos.

BANCA EXAMINADORA



PROF. DR. PEDRO IGNÁCIO SCHMITZ (ORIENTADOR)
UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS



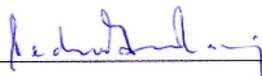
PROF^a. DR^a. PAULA CALEFFI (CO-ORIENTADORA)
UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS



PROF^a. DR^a. HELOÍSA JOCHIMS REICHEL
UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS



PROF^a DR^a. MARISA COUTINHO AFONSO
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO



PROF. DR. PEDRO AUGUSTO MENTZ RIBEIRO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE RIO GRANDE

SÃO LEOPOLDO, 29 DE MARÇO DE 2004.

À Hildegarta

*Minha mãe, minha primeira professora, minha
primeira orientadora,
pela inspiração.*

À Carla,

Mais que esposa, companheira de vida.

Confiaste em mim mais do que eu mesmo.

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho não foi possível sem o auxílio de muitas pessoas e Instituições que contribuíram com sugestões, críticas e apoio para a finalização desta empreitada.

Em primeiro lugar, um agradecimento ao Instituto Anchietano de Pesquisas (IAP). Desde março de 1990 me ensinou os caminhos da Pesquisa Arqueológica. Foi lá que dei os primeiros passos como bolsista de Iniciação Científica. Seu suporte institucional foi fundamental principalmente porque foi onde aprendi o que é ser pesquisador.

Ao Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz, Diretor do IAP e meu orientador. Sua dedicação à Arqueologia e à pesquisa são exemplos a serem seguidos. A ele agradeço pela confiança, compreensão e orientação não só neste trabalho, mas ao longo de todos estes anos. Agradeço também pela versão do Resumo para o Inglês e para o Espanhol.

À Prof.^a Dr.^a Paula Caleffi, minha co-orientadora. Teceu importantes críticas e sugestões que enriqueceram não só o texto aqui apresentado, como também a minha pessoa. À amiga Paula, obrigado pela confiança.

À Universidade do Vale do Rio dos Sinos, através do Centro de Ciências Humanas, na pessoa do seu Diretor Prof. Dr. José Ivo Follmann, que através da bolsa de capacitação docente permitiu o desenvolvimento deste curso.

Ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), seu corpo docente, discente

e, especialmente, seu coordenador Prof. Dr. Werner Altmann, pela acolhida sempre fraterna.

Às secretárias do PPGH, Janaína e Teresinha; e do Centro de Ciências Humanas, Cidinara, sempre disponíveis para dar conta das exigências administrativas.

Aos colegas do IAP, colegas de campo e laboratório: Jairo Rogge – colega de tantos anos –, André Osorio, Julian Mauhs e Salete Marchioretto – os biólogos que me ajudaram sobremaneira a entender o ambiente, a fauna e a flora; Ana Luisa Bitencourt, por fazer a versão do Resumo para o Francês; Jandir Damo, sempre disponível; Jefferson, Fabiana, Cátia, Kelly, Fulvio e demais bolsistas que passaram pelo IAP – vocês deram sentido à palavra equipe.

Às queridas Ivone Verardi, Dóris Cipriano e Juliane Izidro, amigas como vocês não se encontra todos os dias.

À Profª. Ms. Carla Regina Corrêa Beber - minha esposa, sempre disposta a me guiar pelos labirintos da Gramática da Língua Portuguesa. Com suas aulas de redação e com a revisão deste trabalho, tornaram este texto mais agradável. À Profª. Ms. Elisângela Rosa dos Santos pelo auxílio na revisão final do texto.

À família: Alfredo – meu pai; Iára – minha madrasta; Gláucio – meu “irmão”; Rose – minha irmã; por terem de conviver com minha ausência. Bibliotecária Rose, obrigado pela ficha catalográfica.

Aos demais familiares e amigos: Jorge, Lucilla, Renato, Rejane, Ricardo, Juliana, Eduardo, Rita, Eugênio, Leda, Alencar, Marlene, Jorge, Gládis, Fábio, Mirela, Rogério, Cristina, Tato, Teresa, Gustavo, Tamara, Peixoto, Rodrigo. Por último, ao Maradona, à Pandora e ao Luft, meus “filhos de estimação” (nossos hamsters), que muito transitaram pelas páginas e páginas do texto.

A todos
muito obrigado.

A Arqueologia é uma forma de história e não uma simples disciplina auxiliar. Os dados arqueológicos são documentos históricos por direito próprio e não meras abonações de textos escritos.

Gordon Childe

RESUMO

Os Grupos Ceramistas da Tradição Taquara/Itararé caracterizaram um Sistema de Assentamento no Planalto Sul-Brasileiro. Esse sistema envolve quatro tipos de sítios diferentes, relacionados cultural e espacialmente: casas subterrâneas, assentamentos litocerâmicos, áreas entaipadas com montículos funerários e grutas com sepultamentos. Algumas funções podem ser estabelecidas com segurança: as casas subterrâneas são áreas domésticas ocupadas em diferentes momentos; os sítios litocerâmicos também devem ter sido áreas domésticas, porém não há indícios de que tenham sido reocupados como percebe-se com as casas; os montículos, cercados por taipas, são espaços funerários, nos quais sepultavam os indivíduos mais destacados, da mesma forma que as grutas, porém, nestas, deveriam ser sepultados os demais.

Os dados que embasam essas conclusões foram obtidos a partir da análise da bibliografia disponível, especialmente com a sistematização dos resultados das pesquisas realizadas durante o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), complementada com os avanços obtidos pelos trabalhos posteriores. A metodologia adotada foi a criação de uma base de dados informatizada, que permitiu um tratamento estatístico, além de uma análise qualitativa das evidências. Avaliou-se a bibliografia com base em seus contextos históricos e teórico-metodológicos, resgatando suas contribuições.

A ocupação do planalto pode ser caracterizada como uma adaptação a um ambiente rico, por parte de grupos ceramistas, especializados na coleta e utilização do pinhão, que habitavam casas com pisos rebaixados – as chamadas casas subterrâneas. Produziam cerâmica de pequena dimensão e alguns artefatos líticos indispensáveis para o tratamento da madeira. À medida que o ambiente se modifica, em função da menor altitude, como no caso da encosta do planalto, os grupos portadores da Tradição Taquara adotaram um tipo de assentamento sem os pisos rebaixados. A subsistência nesse ambiente deveria estar baseada numa horticultura que, aliada a uma coleta, possibilitaria a vida em aldeias.

Palavras Chaves: Arqueologia Brasileira, Casas Subterrâneas, Sistema de Assentamento, Grupos Ceramistas, Tradição Taquara/Itararé, Planalto Sul-Brasileiro.

ABSTRACT

The ceramist population of the Taquara/Itararé Tradition conformed a typical settlement system in the South Brazilian plateau. The system is composed of four type-sites, wich shared the same material culture and a continuous space. They are: pit houses, lito-ceramic camp sites, funerary mounds in an enclosed space, and rockshelters with numerous corpses. Some functions of these sites can be established: the pit houses are domestic features with one or more occupations, the lito-ceramic camp sites have also domestic functions but with restricted duration, in the funerary mounds were buried distinguished people, and in the rockshelters people without distinction.

The information used to reach these conclusions was obtained through the available bibliography, mainly the results of the Programa Nacional de Pesquisas Arqueológica (PRONAPA) and later investigations. The material was analyzed using his systematization through a databank, wich permitted both a statistic and a qualitative handling. To evaluate the proposed bibliographic results, it was necessary to consider de historic, methodological and teoretical moment of each work and author.

The occupation of the South Brazilian plateau can be characterized as an adaptation by ceramic populations, wich lived mainly in pit houses, to a rich environment specializing in the collection and conservation of the seeds of *Araucaria angustifolia*. They manufactured a simple and domestic earthenware and crude lithic artifacts, wich enabled them to process the abundant timber of the woods.

In lesser altitudes, like the border of the Plateau, the population of the Taquara Tradition adopted a simpler settlement, without pit houses. The subsistence, in this case, to enable a village life, had to be based on horticulture, supplemented by the a systematic collection of the available fruits and roots of the environment.

Key words: Brazilian Archeology, Pit house, Setteltment System, Ceramic Groups, Taquara/Itararé Tradition, South Brazilian Plateau.

RESUMEN

Las poblaciones alfareras de la Tradición Taquara/Itararé crearon un sistema de asentamiento característico en el Sur de Brasil. El sistema comprende cuatro tipos de asentamientos, que tienen elementos materiales comunes y ocupan un espacio sin interrupciones: son estas casas pozo, campamentos en la superficie del suelo, montículos funerarios en recintos cerrados por tapia de tierra, y aleros con deposición de numerosos cuerpos. Algunas funciones de los asentamientos pueden ser inferidos con seguridad: casas pozo son espacios domésticos ocupados y reocupados; los campamentos también tienen funciones domésticas pero fueron ocupados de maneras distintas a las casas; en los montículos funerarios se habrían depositado individuos con maior destaque en la sociedad, mientras que en los aleros se enterró la población sin distinción.

Los datos que embasaron las conclusiones provienen del análisis bibliográfico, especialmente de las publicaciones del PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas) y de los progresos de la investigación posterior, con los cuales se creó un banco de datos, que posibilitó un tratamiento estadístico y un análisis cualitativo. Buscando rescatar su verdadera contribución, la bibliografía disponible fue evaluada tomando en consideración su contexto histórico y teórico-metodológico.

Podemos caracterizar la ocupación del Planalto Meridional como la adaptación de una población alfarera, que vivía en casas pozo, a un medio ambiente rico, en el cual se especializó en la recolección y utilización del fruto de la Araucaria. Su alfarería atendía a las necesidades domésticas y los simples artefactos líticos les posibilitaba la utilización de la madera.

En altitudes menores, como las de la falda del Planalto, las poblaciones de la tradición Taquara adoptaron una habitación sin piso rebajado. La subsistencia en este nuevo medio ambiente estaría basada en cultivos y recolección que posibilitarian una vida aldeana

Palabras Llaves: Arqueología Brasileña, Casas Subterráneas, Sistemas de Asentamiento, Grupos Ceramistas, Tradicio Taquara/Itararé, Planalto Sul-brasileño.

RÉSUMÉ

Les Groupes Céramistes de la Tradition Taquara/Itararé se caractérisent pour présenter un système d'établissement dans le plateau sud-brésilien. Ce système regroupe quatre types de sites différents, en rapport à la culture et à l'espace: maisons souterraines, établissements lithiques et céramiques, secteurs avec des monticules funéraires et grottes avec des enterrements funéraires. Quelques fonctions peuvent être établies avec précision: les maisons souterraines sont domaines domestiques occupés en différents moments; les sites lithiques et céramiques doivent être domaines domestiques, cependant il n'y a pas d'indices de réoccupation comme observée dans les maisons souterraines; les monticules, entourés par mur de torchis, sont espaces funéraires dans les quels ont été sepultés les individus puls distingués, dans la même façon que dans les grouttes, cependant, avec l'enterrement d'autre individus.

Les données utilisées comme base pour ces conclusions ont été obtenues à partir de l'analyse de la bibliographie disponible, en particulier par le systématization des résultats des recherches réalisées pendant le Programme National de Recherches Archéologiques (PRONAPA), complétées par les progrès des travaux postérieurs. La méthodologie a été employée à partir d'une base des données informatiques qui a permit un traitement statistique et l'analyse quantitative des éléments étudiés. L'analyse bibliographique à été réalisée dans les contextes historiques, théoriques et méthodologiques, en ressortant leurs contributions.

L'occupation dans le plateau peut être caractérisée comme une adaptation des groupes céramistes, especialisés dans la récolte et l'utilisation de la noix "pinhão", à un environnement riche. Ils ont habité dans les maisons avec les pavements rabaissées – nommées maisons souterraines. La céramique fabriqué se caractérise par pièces de petites dimensions, accompagné par quelques artefacts lithiques indispensables pour le traitement du bois. La mesure que l'environnement change, en fonction de l' altitude, à exemple du versant du plateau, les groupes de la Tradition Taquara présentent un type d'établissement sans les pavement rabaissés. La subsistance dans cet environnement doit été basée dans l' horticulture qui, liée à la récolte, rendrai possible la vie dans les groupements d'habitations.

Mots Clés: Archéologie Brésilienne, Maisons Souterraines, Système d'Établissement, Groupes Céramistes, Tradition Taquara/Itararé, Plateau Sul-Brasileiro.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	Decoração plástica da cerâmica da Fase Guatambu	47
FIGURA 2	Formas da cerâmica da Fase Guatambu	48
FIGURA 3	Artefatos líticos associados à Fase Guatambu.....	49
FIGURA 4	Decoração plástica da cerâmica da Fase Taquara.....	52
FIGURA 5	Decoração plástica da cerâmica da Fase Taquara.....	53
FIGURA 6	Forma reconstituída da Fase Caí	55
FIGURA 7	Formas reconstituídas da Fase Erveiras.....	57
FIGURA 8	Estruturas em terra associadas à Fase Guabiju.....	59
FIGURA 9	Formas das vasilhas da Fase Guabiju – Município de Esmeralda/RS	61
FIGURA 10	Formas das vasilhas da Fase Itapiranga.....	65
FIGURA 11	Formas reconstituídas da Fase Itararé.....	68
FIGURA 12	Formas reconstituídas da Fase Cantu	75
FIGURA 13	Formas cerâmicas encontradas no Sambaqui da Ilha das Cobras.....	78
FIGURA 14	Artefatos encontradas no Sambaqui da Ilha das Cobras.....	78
FIGURA 15	Formas da cerâmica identificada no Sambaqui da Enseada I.....	84
FIGURA 16	Reconstituição das vasilhas cerâmicas – Sambaqui da Praia das Laranjeiras	86
FIGURA 17	Reconstituição das vasilhas cerâmicas encontradas no Sambaqui do Rio Lessa.....	89
FIGURA 18	Formas cerâmicas do sítio da Base Aérea	91
FIGURA 19	Localização aproximada dos sítios e fases da Tradição Taquara/Itararé.....	95
FIGURA 20	Modelo sistêmico de interação sociedade–meio ambiente.....	104

FIGURA 21	Unidades do relevo brasileiro.....	106
FIGURA 22	Relevo da região sul.....	108
FIGURA 23	Mapa da altura média da precipitação durante o ano.....	111
FIGURA 24	Tipos de clima da região sul.....	112
FIGURA 25	Quadro sintético da vegetação da região sul.....	113
FIGURA 26	Distribuição vegetal da região sul do Brasil.....	116
FIGURA 27	Mapa da vegetação com as Fases da Tradição Taquara/Itararé.....	129
FIGURA 28	Mapa do Clima (segundo Köppen) com as Fases da Tradição Taquara/Itararé.....	130
FIGURA 29	Perfil da casa A do sítio RS-37/127.....	138
FIGURA 30	Perfil da casa B do sítio RS-37/127.....	140
FIGURA 31	Perfil da casa 9 do sítio RS-37/127.....	142
FIGURA 32	Aterros circundados por taipa – sítio PR-UV-11.....	156
FIGURA 33	Croqui do sítio RS-PS-21.....	164
FIGURA 34	Planta do sítio RS-AN-03.....	170
FIGURA 35	Planta do sítio RS-A-27.....	173
FIGURA 36	Planta do sítio RS-A-29.....	182
GRÁFICO 1	Tamanho das casas subterrâneas.....	204
GRÁFICO 2	Composição dos sítios em função do tamanho das casas.....	205
GRÁFICO 3	Profundidade das casas subterrâneas.....	207
GRÁFICO 4	Relação entre diâmetro e profundidade das casas subterrâneas.....	208
FIGURA 37	Forma de uma casa subterrânea grande.....	209
FIGURA 38	Formas de casas semi-subterrâneas.....	210
FIGURA 39	Formato Meia-Esfera.....	210
FIGURA 40	Formato Chapéu Invertido.....	211
FIGURA 41	Casa Xavante – planta baixa e fachada.....	216
FIGURA 42	Reconstituição da cobertura das casas subterrâneas.....	217
FIGURA 43	Cronologia das ocupações do sítio RS-A-27.....	220
FIGURA 44	Cronologia das ocupações do sítio RS-A-29.....	221

FIGURA 45	Cronologia das ocupações dos sítios RS-A-27 e RS-A-29.....	221
FIGURA 46	Cronologia das ocupações do sítio RS-37/127	223
FIGURA 47	Cronologia das ocupações do sítio RS-AN-03	224
FIGURA 48	Projeto Vacaria – distribuição dos Sítios Arqueológicos	242
FIGURA 49	Planta da situação dos sítios arqueológicos – Município de Esmeralda/RS.....	245
FIGURA 50	Quadro cronológico das Fases da Tradição Taquara	250

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Datas associadas à Fase Taquara	53
TABELA 2	Datas associadas à Fase Guabiju	61
TABELA 3	Época de frutificação das diferentes variedades de <i>Araucaria angustifolia</i>	118
TABELA 4	Frequência dos sítios com casas subterrâneas em função da altitude.....	199
TABELA 5	Quantidade de casas subterrâneas por sítio	201
TABELA 6	Diâmetro das casas subterrâneas	204
TABELA 7	Profundidades observadas nas casas subterrâneas.....	206
TABELA 8	Listagem das espécies vegetais de uma parcela da Mata Ombrófila Mista.....	276
TABELA 9	Espécies vegetais identificadas na Floresta Ombrófila Mista	277
TABELA 10	Mamíferos identificados na área arqueológica de Vacaria/RS	282
TABELA 11	Aves identificadas na área arqueológica de Vacaria/RS	284
TABELA 12	Peixes identificados na Bacia do Rio Uruguai	288

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	21
1 PESQUISAS SOBRE A TRADIÇÃO CERAMISTA TAQUARA/ITARARÉ.....	32
1.1 MISSÕES FRANCO-BRASILEIRAS.....	32
1.2 O PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS.....	34
1.3 A PESQUISA NOS ESTADOS DO SUL	38
1.4 AS TRADIÇÕES E FASES DO PRONAPA NO PLANALTO SUL-BRASILEIRO	45
1.4.1 TRADIÇÃO TAQUARA.....	45
1.4.1.1 Fase Guatambu.....	46
1.4.1.2 Fase Taquara	51
1.4.1.3 Fase Caí.....	54
1.4.1.4 Fase Erveiras	56
1.4.1.5 Fase Guabiju	58
1.4.1.6 Fase Taquaruçu	62
1.4.1.7 Fase Giruá.....	63
1.4.1.8 Fase Xaxim	63
1.4.1.9 Fase Itapiranga	64
1.4.2 TRADIÇÃO ITARARÉ.....	66
1.4.2.1 Fase Itararé.....	67

1.4.2.2	Fase Açungui	69
1.4.2.3	Fase Catanduva	70
1.4.2.4	Fase Candói.....	72
1.4.2.5	Fase Xagu.....	73
1.4.2.6	Fase Cantu.....	74
1.4.2.7	Fase Pacitá	76
1.4.3	A TRADIÇÃO ÍTARARÉ FORA DO PLANALTO	76
1.4.3.1	Sambaqui da Ilha das Cobras	77
1.4.3.2	Sambaqui da Ilha das Pedras.....	79
1.4.3.3	Sambaquis da Baía de Guaratuba.....	79
1.4.3.4	Sambaqui do Rio Pinheiro n° 8.....	80
1.4.3.5	Sambaqui do Forte Marechal Luz	80
1.4.3.6	Sambaqui da Enseada I	81
1.4.3.7	O Sítio da Praia das Laranjeiras	85
1.4.3.8	O Sítio Rio Lessa	87
1.4.3.9	O Sítio Base Aérea.....	90
1.4.3.10	O Sítio Praia da Tapera	92
1.4.3.11	O Sítio Balneário de Cabeçadas.....	93
2	O AMBIENTE E OS RECURSOS DO PLANALTO SUL-BRASILEIRO	96
2.1	O AMBIENTE E A ARQUEOLOGIA.....	96
2.2	UM CONCEITO DE AMBIENTE	102
2.3	O PLANALTO: SUA FORMAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO	105
2.3.1	RELEVO.....	107
2.3.2	CLIMA	109
2.3.3	FLORA	113
2.3.4	FAUNA.....	120
2.4	O AMBIENTE E A DISPONIBILIDADE DE RECURSOS	124

3	EM BUSCA DE UM PADRÃO DE ASSENTAMENTO	131
3.1	PROJETOS DESENVOLVIDOS ATÉ 1980	135
3.1.1	PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS DO RIO GRANDE DO SUL	135
3.1.1.1	Escavações em Caxias do Sul	137
3.1.1.2	Levantamentos em outras localidades.....	144
3.1.2	PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS EM SANTA CATARINA	150
3.1.3	PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NO PARANÁ	154
3.2	OS PROJETOS DESENVOLVIDOS APÓS 1980.....	157
3.2.1	O TRABALHO DE MARIA JOSÉ REIS NOS ANOS DE 1980.....	157
3.2.2	PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NO VALE DO RIO PELOTAS/RS.....	159
3.2.3	PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NO MUNICÍPIO DE ESMERALDA/RS.....	161
3.2.4	PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NO MUNICÍPIO DE BOM JESUS/RS.....	166
3.2.5	PROJETO VACARIA/RS.....	171
3.2.6	PROJETO UHE BARRA GRANDE	190
3.2.7	PROJETO UHE QUEBRA-QUEIXO.....	194
3.3	OUTRAS PESQUISAS NO PLANALTO SUL-BRASILEIRO	195
4	OS SÍTIOS, SEUS PADRÕES E O SISTEMA DE ASSENTAMENTO.....	197
4.1	CONSTRUÍDO UM SISTEMA DE ASSENTAMENTO	198
4.1.1	IMPLANTAÇÃO	198
4.1.2	COMPOSIÇÃO	200
4.1.3	CONSTRUÇÃO DAS CASAS SUBTERRÂNEAS.....	201
4.1.3.1	Dimensões das casas subterrâneas	203
4.1.3.2	Formas das casas subterrâneas.....	208
4.1.3.3	Cobertura da casas subterrâneas.....	213
4.1.4	CRONOLOGIA	218
4.1.5	ATIVIDADES RELACIONADAS COM AS CASAS SUBTERRÂNEAS.....	224
4.1.6	SÍTIOS SUPERFICIAIS	227

4.1.7	ÁREAS ENTAIPADAS.....	231
4.1.7.1	As áreas entaipadas e os montículos funerários.....	233
4.1.8	GRUTAS FUNERÁRIAS	236
4.1.9	GRUTAS E MONTÍCULOS: DOIS PADRÕES DE SEPULTAMENTO	239
4.1.10	OS SÍTIOS E A OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO	241
4.2	O SISTEMA DE ASSENTAMENTO.....	246
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	253
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	263
	ANEXOS	275

INTRODUÇÃO

The archaeological excavator is not digging things but people¹

Sir Mortimer Wheeler (1890-1976)

A frase clássica de Wheeler serviu-nos de inspiração para a elaboração deste trabalho. Conferiu sentido a um conjunto de dados dispersos que fomos acumulando enquanto elaborávamos esta tese. Nossa busca, mais do que um título acadêmico, foi a compreensão de um fragmento ou de alguns fragmentos do passado, de um conjunto de experiências adaptativas de grupos humanos que nos precederam no tempo, os quais somente podemos conhecer a partir dos restos materiais que nos deixaram: os restos de sua comida, a tapera de suas casas, os fragmentos de seus artefatos líticos, os pedaços de suas panelas feitas de argila.

O nosso desafio? Conferir sentido a essa multiplicidade de fragmentos. Criar, a partir deles, um quadro compreensível sobre a adaptação, o modo de viver e explorar o ambiente no qual estes grupos viveram.

A Arqueologia é antes de tudo uma busca; da mesma forma que a História, procura conhecer o passado humano. A razão disso é a curiosidade instintiva que temos de conhecer o nosso passado, responder à dúvida existencial sobre quem somos e por que estamos aqui.

Não temos condições de responder esta questão tão profundamente humana, sem o

¹ "O arqueólogo não escava objetos mas povos" (tradução nossa).

auxílio de explicações metafísicas, mas podemos lançar luzes sobre o que sabemos, trilhando os caminhos da História e da Arqueologia, que, para nós, são complementares, são formas diferentes de buscar estas respostas.

As diferenças entre ambas situam-se no nível de método. Enquanto uma alicerça-se preferencialmente em documentos escritos, a outra baseia-se em representações materiais da cultura, de tal forma que ambas possibilitam interpretações diferenciadas do passado, sem que isso implique supremacia de qualquer das explicações.

Ambas lidam com fragmentos do passado, ou melhor com o que pensamos que tenha sido, como afirma Young Jr. (1988). Se forem somadas, possibilitarão uma visão mais ampla, mais abrangente. Entretanto, devemos ter presente os limites de cada possibilidade.

O trabalho do historiador tem um limite temporal imposto pelo surgimento dos primeiros documentos; já o arqueólogo transcende essa barreira uma vez que baseia sua busca nos restos materiais da cultura. Essa característica possibilita submergir no passado anterior ao aparecimento dos primeiros escritos e descortina uma profundidade no tempo muito além da que sonha o historiador. Permite, ainda, mergulhar até a fronteira em que o homem, ser cultural, confunde-se com o primata e, ao mesmo tempo, diferencia-se deste justamente pela capacidade de produzir cultura, materializada nos seus artefatos líticos.

Este trabalho, portanto, está inserido nessa perspectiva. Pretende contribuir com o que sabemos sobre as populações pré-colônias do sul do Brasil e, com isso ampliar a nossa noção do que seja a própria História do Brasil, que, de maneira nenhuma, pode ficar restrita aos últimos quinhentos anos da experiência européia nestas terras do Atlântico Sul.

Para dar conta deste objetivo necessitamos fazer recortes. Não há como abarcar a totalidade, pois esta é muito mais abrangente do que podemos apreendê-la com nossas ferramentas de investigação. E, como não temos como compreender todo o passado pré-colonial brasileiro, optamos por investigar o passado recente, os últimos dois milênios, do que

hoje conhecemos como Região Sul do Brasil.

Esta circunscrição geográfica compreende os atuais Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Desse universo, voltamos nossa atenção para a porção do planalto que se caracteriza por possuir terras acima dos 200m de altitude e apresentar uma superfície aproximadamente plana. A cobertura vegetal é formada predominantemente pela mata com araucária, entremeada por áreas de campo.

O fenômeno que parece ser mais marcante nessa região, e associado a esse período, é conhecido como *casas subterrâneas*², também chamado de *buracos de bugre*. São uma forma de adaptação das populações humanas a um ambiente de Mata Ombrófila Mista, caracterizadas como depressões circulares e/ou hemisféricas, localizadas tanto no interior da mata com araucária como em áreas de campo.

Essas estruturas foram encontradas tanto isoladas como em agrupamentos de até 68 depressões, tais como as que são vistas no Município de São José do Cerrito, em Santa Catarina. Além desses vestígios, ocorrem também pequenos montículos, taipas e grutas, contendo ossos humanos, como foram descritas no Município de Vacaria, no Rio Grande do Sul.

Junto a estes sítios, podem ser encontrados fragmentos de uma cerâmica que tem formas cilíndricas ou cônicas que podem alcançar os 35cm de altura. A cor é marrom, parda ou cinza; apresentam alisamento interno e, externamente, podem ter linhas horizontais ou

² Reis (1980) sugere que em vez de *casas subterrâneas* seja utilizado o termo *estruturas subterrâneas*, pois são espaços vazios construídos com múltiplas formas, dimensões e funções. Reis (1997), concordando com Reis (1980), afirma que as *casas subterrâneas* deveriam assumir muitas outras funções que apenas a de habitação; e, considerando a inadequação do termo subterrâneo, propõe o termo *Arqueologia dos Buracos* com base na denominação popular de *Buracos de Bugre*. Schmitz (2002a) sugere *casas com pisos rebaixados*, pois seriam habitações com um piso mais baixo que o nível do solo. O substantivo casa (em Língua Portuguesa) é essencialmente polissêmico, justamente em função das diferentes acepções que "casa" pode assumir. Já o termo subterrâneo, nesse caso é inadequado, sendo mais verossímil a definição de *pisos rebaixados*, como propõe Schmitz (2002a). No entanto, a denominação *casas subterrâneas* já está consagrada na bibliografia arqueológica, motivo pelo qual optamos pela sua utilização. Ocasionalmente, e por razões lingüístico-textuais, para evitar a repetição excessiva do mesmo vocábulo, será utilizado o termo *estruturas* como sinônimo.

verticais, com ponteados, ungulados, pinçados, carimbados, impressões de cestaria, esteiras ou cordas.

Além do planalto, essa cerâmica tem sido localizada no litoral atlântico, especialmente no Estado de Santa Catarina, em sítios adaptados a ambientes litorâneos. Suas evidências são encontradas nos sítios da Tapera, do Forte Marechal Luz, da Base Aérea de Florianópolis, da Enseada I, do Rio Lessa, da Laranjeiras II e da Cabeçuda, representando assentamentos de populações estáveis.

Este fenômeno foi denominado na literatura arqueológica como Tradição Taquara no Estado do Rio Grande do Sul e Itararé em Santa Catarina e no Paraná.

A primeira – Tradição Taquara – foi definida por Eurico Miller em 1967, a partir dos fragmentos cerâmicos encontrados no Morro da Formiga, no Município de Taquara, Rio Grande do Sul. Foi caracterizada pela cerâmica que é pequena, com uma decoração plástica composta, em muitos casos, pela impressão de cestaria, unhas ou outros artefatos, além de fragmentos sem decoração.

A segunda – Tradição Itararé – foi definida por Igor Chmyz no Estado do Paraná em 1967. Caracteriza-se por sítios a céu aberto, localizados nas margens de rios como o Itararé, o Iguazu, o Piquiri e o Paraná; no litoral, é encontrada na Baía de Paranaguá, na Baía de Antonina e na Baía de Guaratuba; no Estado de Santa Catarina, no Vale do Rio Pinheiros, na Ilha de São Francisco do Sul, na Praia das Laranjeiras, na Ilha de Santa Catarina e no Planalto Catarinense.

A cerâmica é pequena, de paredes finas, sem decoração ou, quando muito, restringindo-se a uma coloração que pode ser vermelha ou cinza e preto. Está alisada ou polida e as paredes externas freqüentemente são brunidas a ponto de refletir a luz incidente. Em alguns casos apresenta decoração plástica, a qual poucas vezes ultrapassa os 10% do total. Os motivos podem ser ungulados, ponteados, incisos ou carimbados.

As pesquisas no Planalto Sul-Brasileiro, as quais tiveram seu início quando da realização do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), um programa de pesquisas desenvolvido entre os anos de 1965 e 1971. Em termos teóricos, estava inserido no modelo histórico-cultural da pesquisa norte-americana em voga na metade do século XX. O programa realizou o levantamento, a identificação e a localização dos sítios, criando as primeiras unidades arqueológicas do ponto de vista descritivo e taxonômico.

Além das pesquisas efetuadas sob a sigla do PRONAPA, outros pesquisadores não vinculados ao programa também dedicaram-se ao Planalto Sul-Brasileiro, especialmente a equipe capitaneada pelo Instituto Anchieta de Pesquisas (IAP), que desenvolveu levantamentos e escavações no Rio Grande do Sul, entre os anos de 1966 e 1972.

No Estado de Santa Catarina, destacou-se a intensa atividade do Jesuíta João Alfredo Rohr, defensor intransigente do patrimônio arqueológico e responsável pelo levantamento de inúmeros sítios arqueológicos.

As pesquisas, após um começo bastante promissor na segunda metade da década de 1960, sofreram um declínio nos anos de 1970 e 1980, quando a maioria das equipes voltam seus trabalhos para outros Estados brasileiros. Este jejum foi parcialmente interrompido pela 1) dissertação de mestrado de Maria José Reis, em 1980 (REIS, 1980) – um trabalho seminal para compreender como se implantam no espaço as casas subterrâneas; 2) pelos trabalhos de levantamento realizados por Mentz Ribeiro (MENTZ RIBEIRO & RIBEIRO, 1985), no Município de Esmeralda, Nordeste do Rio Grande do Sul, em que foram encontrados sítios a céu aberto, conjuntos de casas subterrâneas, galerias, dois abrigos e áreas entaipadas, todos na mesma área; 3) além dos levantamentos efetuados por Arno Kern, no Vale do Rio Pelotas.

O tema retornou novamente como objeto de pesquisa somente em meados da década de 1990, quando as equipes retomam os trabalhos nos Estados do Sul, especialmente no Rio Grande do Sul. Assim, tivemos a equipe de Arqueologia da Universidade Federal do

Rio Grande do Sul iniciando, em 1996, o Projeto *Pré-História do Planalto Sul-Rio-Grandense: estudos de paisagens arqueológicas em Bom Jesus e São José dos Ausentes, Rio Grande do Sul* (COPÉ, 1999). Da mesma forma, tivemos o IAP implementando, em 1998, o *Projeto Vacaria* (SCHMITZ et al., 2002b). Além desses, trabalhos de salvamento arqueológico em obras de impacto ambiental, como Monticelli & Landa (1999), De Masi (2002), Caldarelli & Herberts (2002), Copé, Saldanha & Cabral (2002).

O somatório destes quase quarenta anos de pesquisas no Planalto Sul-Brasileiro permitiram a identificação de ao menos cinco tipos de sítios diferentes: casas subterrâneas, abrigos com sepultamentos, áreas com cerâmica dispersa, áreas entaipadas e áreas com montículos, todos ligados à mesma cultura.

O traço comum da maior parte destes trabalhos é o fato de estarem alicerçados em pesquisas prospectivas a partir das quais foram identificadas as Tradições e suas respectivas Fases, ao gosto do modelo histórico-cultural, inaugurado pelo PRONAPA.

A finalidade desse programa foi justamente a de obter seqüências cronológicas que permitissem criar o primeiro quadro da difusão da cerâmica, suas rotas e formas de propagação nas terras baixas da América do Sul. Assim, os dados foram organizados a partir do conceito essencialmente tecnológico de Tradição e Fase:

Grupos de elementos ou técnicas, com persistência temporal [...]. Uma seqüência de estilos ou de culturas que se desenvolvem no tempo, partindo uns dos outros, e formam uma continuidade cronológica. (SOUZA, 1991, p. 55)

Outra questão importante, foi definir o modo de vida das populações responsáveis por aqueles sítios. Schmitz, em seus trabalhos de 1967 e 1968, sugere que seriam sociedades baseadas na coleta, na caça e na horticultura. Na síntese de 1988, propõe que a densidade destes sítios estaria indicando tribos. (SCHMITZ, 1988b)

Para La Sálvia (1983, p. 8), seriam grupos caçadores-coletores de pinhão no período anterior à conquista, e, após 1500, agricultores incipientes. Mentz Ribeiro, por seu

turno, sugere que as casas subterrâneas seriam produto de um *...grupo horticultor ou agricultor incipiente* (MENTZ RIBEIRO, 1980 p. 20) e mais tarde (MENTZ RIBEIRO & RIBEIRO, 1985) propõe que seriam grupos horticultores praticantes da caça e da coleta.

Com o exame destes trabalhos, percebe-se a necessidade de aprofundamento de algumas questões, especialmente as relativas a território, dinâmica dos sítios, cronologia das ocupações e origem dessas populações.

Neste sentido, procuramos entender qual o significado das diferenças de tamanho das casas subterrâneas, que tipo de função poderiam estar desempenhando na estrutura de assentamento do grupo.

Outro elemento que buscamos compreender foram os sítios, ou mesmo conjuntos, que concentram dezenas de casas subterrâneas, como os descritos por Maria José Reis (1980), em que ocorrem 15 sítios em um raio de aproximadamente 2.000m, com 68 casas subterrâneas e 4 aterros. Seguramente, trata-se de um espaço privilegiado que estaria refletindo uma grande densidade demográfica ou, uma grande persistência temporal ou, quem sabe, ambas. Qual seria a significação desse tipo de organização em termos sociais, funcionais e cronológicos? Nesse sentido, outras questões também seriam pertinentes: os montículos e as áreas entaipadas poderiam ser espaços cerimoniais? Qual a sua importância dentro do sistema de assentamento destes grupos? E, quanto aos abrigos com sepultamentos, que tipo de diferenças estão indicando: sociais, cronológicas ou funcionais?

Por fim, a bibliografia arqueológica brasileira afirmou, em um primeiro momento, que estes grupos se caracterizavam como sociedades caçadoras-coletoras com uma horticultura incipiente, em um nível social tribal. Não há possibilidade de que esses grupos estejam organizados de uma forma mais complexa?

Isto quer dizer que uma pequena parte desta compreensão foi produzida. Apenas foram identificados os problemas e lançadas as primeiras questões. Sente-se a ausência de

uma análise que perceba a diversidade dos assentamentos como um Sistema.

Com base nos elementos levantados, associado à abundância e à diversidade dos sítios e ao volume das pesquisas realizadas, defende-se a tese de que os sítios arqueológicos do planalto fazem parte de um sistema de assentamento que integra os diferentes tipos de sítios identificados, quais sejam, abrigos – usados como jazigos funerários –, casas subterrâneas, montículos, áreas entaipadas e aldeias a céu aberto.

A opção por este tema deve-se à necessidade de uma nova forma de abordagem para esses diferentes tipos de sítios e uma nova leitura dos dados existentes, até porque já se possui uma gama bastante consistente de dados sobre a implantação no ambiente. Os trabalhos recentes fornecem informações novas sobre a organização dos sítios, sua composição e sucessão cronológica, e não temos mais dúvidas de que façam parte de uma mesma tradição cultural, que foi identificada pela cerâmica como sendo Taquara/Itararé, e atualmente é relacionada aos grupos indígenas descritos na documentação histórica como Kaingáng, que possuem remanescentes morando em reservas na Região Sul do Brasil.

Em termos teóricos, este trabalho é desenvolvido em dois níveis articulados entre si. O primeiro, voltado à compreensão do sistema de assentamento das populações ceramistas do Planalto Sul-Brasileiro; o segundo procura discutir a complexidade social do grupo que o produziu. Quanto a este último, Schmitz (1988) já propôs que teriam ultrapassado o nível de bando e alcançado o de tribo. Em textos recentes (2002), reafirma esta convicção ao consolidar a interpretação de que os Kaingáng eram de fato habitantes dos sítios pesquisados no Projeto Vacaria.

Nossa metodologia consiste no exame da bibliografia disponível, tomada aqui como uma organização dos dados existentes naquele momento e, portanto, determinada pelos pressupostos que lhes eram contemporâneos. Em razão disso, consideramos o resultado das análises como um discurso produzido a partir de um conjunto de dados que possuem suas

condicionantes históricas e culturais, coerentes com o momento em que foram produzidos (FOUCAULT, 1995).

Ao percebermos as pesquisas como discursos e, como já mencionamos, uma apropriação fragmentada de uma realidade complexa, esses discursos são passíveis de releituras, inclusive porque não esgotaram as possibilidades explicativas dos dados e, a partir de sua confrontação com os novos aportes teóricos e com os novos dados que foram produzidos, permitem que novas conclusões, novas formulações sejam construídas e, assim, novos discursos sejam produzidos (FOUCAULT, 1995, 1996).

Dessa forma, perceber os sítios arqueológicos como partes constitutivas de um sistema de assentamento, com uma dinâmica tanto sincrônica como diacrônica e com uma rede de relações multidirecionais que envolve o ambiente e o homem, permite uma nova percepção dos fenômenos culturais das populações humanas do Planalto Sul-Brasileiro (FOUCAULT, 1995, 1996).

Para tanto, foi realizado um banco de dados a partir das informações disponíveis tanto nas fichas de registro como na bibliografia. Esse banco de dados poderá servir de base para um cadastro geo-referenciado, uma de nossas propostas iniciais, entretanto, a necessidade de novas pesquisas de campo para esta tarefa acabou por inviabilizar esta iniciativa, razão pela qual procuramos organizar os dados existentes de forma que poderão servir de suporte para trabalhos futuros.

Além disso, retratamos aqui a nossa experiência pessoal, pois participamos ativamente das etapas do Projeto Vacaria – tanto no levantamento e na identificação dos sítios, como na sua prospecção e escavação – e também de vistorias em sítios fora da área desse projeto, nos Municípios de André da Rocha e São Marcos, no Estado do Rio Grande do Sul. Esta experiência permitiu uma visão concreta da realidade arqueológica e possibilitou uma compreensão mais detalhada dos fatos e como eles se expressam no local.

Portanto, a confrontação da bibliografia disponível a partir de uma perspectiva sistêmica permite a busca de novas respostas, até porque os sistemas não se repetem da mesma forma e configuram-se como realidades específicas, ajustando-se às determinantes locais. Com isso, a Arqueologia da Paisagem, em sua vertente sintética, é um dos componentes metodológicos a nos fornecer ferramentas para a compreensão dos sítios arqueológicos como parte constitutiva de um sistema. E, ainda que seja possível estabelecer algum nível de generalização, esta somente será viável justamente com a idéia de sistema.

Feitos alguns esclarecimentos introdutórios, para organização e compressão deste trabalho, dividimo-lo em quatro capítulos.

O Capítulo 1 consta de uma revisão bibliográfica de obras que nos servem de base, enquadrando-as no seu contexto, tanto histórico como teórico-metodológico, e procurando resgatar suas principais contribuições, bem como os dados básicos que foram produzidos. O PRONAPA, neste sentido, torna-se fundamental, pois é a partir de suas pesquisas que foram definidas a Tradição Taquara e Itararé.

O Capítulo 2 versa sobre o ambiente e os recursos do Planalto Sul-Brasileiro. Procuramos realizar uma caracterização do ambiente físico, criando um quadro sintético de aspectos geológicos e relativos à flora e à fauna, ou seja, dos recursos disponíveis para as populações humanas. Assim, a intenção é apresentar uma descrição do ambiente e sua caracterização no passado pré-colonial, para que seja possível compreender os dados arqueológicos, suas evidências e suas possibilidades de utilização.

O Capítulo 3 apresenta as diferentes formas de assentamento identificados no Planalto Sul-Brasileiro. Nosso ponto de partida são os trabalhos já realizados, apresentados no Capítulo 1, acrescido dos trabalhos recentes que proporcionaram novos dados e que, cotejados entre si, permitem a identificação de ao menos cinco padrões bem definidos, a saber: as casas subterrâneas, os sítios superficiais litocerâmicos, os montículos, os abrigos com

sepultamentos e as áreas entaipadas.

O Capítulo 4 apresenta a nossa proposta de um Sistema de Assentamento para o Planalto Sul-Brasileiro. É a articulação dos padrões que foram estabelecidos no capítulo precedente, integrando-os em uma perspectiva sistêmica e demonstrando que são partes de um sistema de assentamento. Esse sistema envolve as áreas domésticas, representadas pelas casas subterrâneas e os sítios litocerâmicos; espaços funerários com os montículos cercados por taipas e os abrigos, além das bordas das matas e as várzeas dos rios, onde encontramos os espaços destinados à horticultura.

Encerramos o trabalho com as Considerações Finais. São assim denominadas porque julgamos ter avançado em termos interpretativos e, portanto, conclusivos, no transcorrer do texto, restando-nos apenas algumas "considerações" e a explanação de muitas outras frentes de pesquisa. Dessa forma, mais do que concluir, sistematizamos nossas certezas e apresentamos incertezas. Ainda que as últimas superem as primeiras, acreditamos ter oferecido elementos novos para a compreensão das populações pré-coloniais brasileiras e, mais do que isso, ampliado um pouco mais do que sabemos sobre nosso passado.

1 PESQUISAS SOBRE A TRADIÇÃO CERAMISTA TAQUARA/ITARARÉ

A pesquisa arqueológica sistemática no Brasil é um fenômeno recente, iniciando na segunda metade do século XX, a partir das contribuições estrangeiras que desembarcaram no País.

A primeira destas contribuições aportou com uma equipe franco-brasileira que atuou no Paraná em parceria com a Universidade Federal daquele Estado, sob a coordenação da Professora Annete Laming-Emperaire¹. A segunda veio com o casal americano Betty Meggers e Clifford Evans que implementou o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA). Esse programa marcou o início da arqueologia sistemática no País. Foi a partir dele que se criou o primeiro panorama nacional da riqueza do patrimônio arqueológico.

1.1 MISSÕES FRANCO-BRASILEIRAS

A contribuição das Missões Franco-Brasileiras iniciou-se no começo dos anos de 1960 em razão da amizade entre Paul Rivet (diretor do *Musée de l'Homme de Paris*) e Paulo Duarte da Universidade de São Paulo. Desta amizade nasceu o Instituto de Pré-História da USP – IPH e possibilitou a vinda de José Emperaire, que treinou os primeiros técnicos do IPH

¹ Para um histórico sobre a arqueologia brasileira temos o trabalho de Alfredo Mendonça de Souza (SOUZA, 1991), e também o de André Prous. (PROUS, 1991)

e arqueólogos do Paraná. Este pesquisador iniciou escavações estratigráficas em sambaquis na Baía de Paranaguá/PR, trazendo métodos como coleta de grãos de pólen e diatomáceas.

As Missões Franco-Brasileiras representaram um contraponto em termos de teoria e técnica em relação ao PRONAPA. Enquanto representantes da escola francesa, seus membros trouxeram para o Brasil uma preocupação bastante acentuada quanto aos métodos, introduzindo a escavação por estratigrafia natural, por exemplo, e, ao contrário do PRONAPA, consideravam o sítio como principal elemento na análise, ao invés de amostragens regionais por coleta de superfície.

Em função disto, a coleta de dados procura a maior quantidade de informações possíveis; compreensão das estruturas internas do sítio, identificação de áreas de atividade. Este objetivo era assegurado através da abertura de grandes áreas, preferindo sempre a escavação por níveis naturais, e sobretudo, a preocupação em garantir a qualidade dos dados coletados.

Outra contribuição importante dos pesquisadores franceses à nascente arqueologia brasileira foi a metodologia de estudo das indústrias líticas. As análises tipológicas e a experimentação que eram desenvolvidas na Europa, especialmente na segunda metade do século XX, chegaram ao Brasil pelas mãos de Annete Laming-Emperaire, que as adaptou e procurou definir modelos úteis e adequados ao estudo das indústrias líticas americanas. Sua proposta ficou consolidada no *Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul*. (LAMING-EMPERAIRE, 1967).

Outra frente de trabalho também bastante desenvolvida pelas equipes franco-brasileiras foi a análise da arte rupestre com os trabalhos de A. Laming-Emperaire e André Leroi-Gourhan que influenciaram grande parte das pesquisas.

Atualmente, a herança destes pesquisadores franceses se faz presente através do setor de arqueologia do Museu de História Natural da UFMG, coordenado por André Prous, e

pela Fundação do Homem Americano em São Raimundo Nonato, Piauí, coordenado por Niéde Guidon, sendo que ambos têm treinado uma grande quantidade de pesquisadores em suas equipes, tanto em nível de graduação como de pós-graduação.

1.2 O PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS

O PRONAPA é o resultado do crescimento que a Arqueologia Brasileira vive na segunda metade da década de 1960.

No XXXI e XXXVIII Congresso Internacional de Americanistas, o primeiro ocorrido em 1954, em São Paulo, e o segundo em 1961 em Mar Del Plata, Argentina, neste último, foi reservado um dia inteiro para discussão sobre Arqueologia Brasileira, fato inédito em um evento de tal porte, sem contar que os trabalhos e pesquisas apresentados foram desenvolvidos por pesquisadores brasileiros atuantes no Brasil, o que até então não ocorria.

A partir destes eventos, o Professor José Loureiro Fernandes, diretor do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná (CEPA/UFPR), convidou, no ano de 1954, o casal Clifford Evans e Betty Meggers para que realizassem um curso de treinamento para arqueólogos brasileiros. Dez anos mais tarde, em outubro de 1964 portanto, após muitas negativas e dificuldades, ocorreu um grande seminário ministrado pelo casal americano. O evento foi financiado pela Comissão Fulbright, pelo Conselho de Pesquisas da Universidade do Paraná, pela Câmara de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), e pelo Smithsonian Institution de Washington, EUA.

O seminário contou com a participação de doze pesquisadores de sete Estados brasileiros. Iniciou-se no CEPA/UFPR e terminou no Museu de Arqueologia e Artes Populares, de Paranaguá, Paraná. No mês de novembro do mesmo ano (1964), o casal Evans e Meggers visitou as instituições dos participantes do seminário, conhecendo as instalações e

condições de trabalho de cada um.

O interesse e entusiasmo por nós encontrados, e a probabilidade de um grupo de arqueólogos brasileiros treinados num único sistema de teoria arqueológica, análise e interpretação de dados, especialmente de culturas ceramistas, sugeriram a possibilidade de projetarmos um programa coordenado de pesquisas para todo Brasil. (EVANS, 1967, p. 8)

Com isso, em março de 1965, o projeto do PRONAPA estava pronto. Seu objetivo:

Este extenso programa foi projetado para abordar, sistematicamente, problemas de cronologia absoluta e relativa em regiões selecionadas do Brasil. (EVANS, 1967, p. 8)

Mais adiante:

Para cada Estado incluído no Programa foi desenhado um grande mapa e nele marcadas as áreas onde a prospeção intensiva e experimental produziria duas espécies de evidências: 1) dados para elaboração de uma seqüência do desenvolvimento cultural; e 2) dados para o conhecimento definitivo das direções de influências, migração e difusão. (EVANS, 1967, p. 9)

Com relação ao método de trabalho, o programa previa a padronização dos procedimentos e foi descrito no "*Guia para Prospeção Arqueológica no Brasil*" (EVANS & MEGGERS, 1965), o qual detalhava a sistemática que deveria ser usada pelos participantes do projeto.

O método de trabalho de cada participante obedece a um sistema padronizado de trabalho de campo, coleta de informações, análise e classificação, a fim de permitir posteriormente a comparação de uma região com outra. (EVANS, 1967, p. 9)

O forma básica de trabalho foi alicerçada em coletas superficiais e pequenas sondagens estratigráficas, que procuravam obter amostras do material cerâmico, com as quais seria possível perceber a diversidade cultural das áreas ainda não exploradas.

Antes de uma crítica a esta iniciativa, devemos ter presente duas considerações que são fundamentais:

Primeiro, a finalidade do PRONAPA, e por consequência as pesquisas resultantes,

era obter um modelo inicial sobre a ocupação pré-colonial, especialmente das culturas ceramistas das terras baixas da América do Sul.

Segundo, os frutos dessas pesquisas não podem ser desvinculados dos seus propósitos. Não se pode exigir interpretações mais significativas de trabalhos de caráter fundamentalmente prospectivo.

A seqüência do PRONAPA era garantida através da liberação de verbas mediante a apresentação dos relatórios da etapa anterior, ano a ano. A sistematização e coordenação do programa coube sempre ao casal Evans e Meggers. Os resultados concretos foram publicados em cinco relatórios nos anos de 1967, 1969 (dois deles), 1971 e 1974, procurando prestar contas das atividades desenvolvidas.

O principal resultado foi criar um esboço geral, ainda que introdutório, sobre a diversidade cultural brasileira pré-colonial, além de marcar o início de várias equipes de Arqueologia nas universidades brasileiras. Valemo-nos das palavras de Dias:

A implantação do Programa representou um salto quantitativo e qualitativo para a arqueologia brasileira. Sua implementação possibilitou que em apenas cinco anos fossem levantados e prospectados mais de 1500 novos sítios arqueológicos, enquadrados em um modelo cronológico e espacial de que carecia a pré-história brasileira. A partir das pesquisas do PRONAPA, em um curto período de tempo, pode-se perceber a amplitude, antigüidade e complexidade da ocupação humana no Brasil anterior à presença européia. (DIAS, 1995, p. 35)

Em termos teóricos o PRONAPA estava inserido no modelo de pesquisa norte-americano em voga na metade do século XX, e procurava realizar as duas primeiras etapas do trabalho arqueológico: a observação e a descrição; ou seja, o levantamento, a identificação e localização dos sítios e a integração histórico-cultural, criando as primeiras unidades arqueológicas do ponto de vista descritivo e taxonômico.

Nas palavras de Willey e Phillips:

The term "cultural-historical integration," as used here, covers almost everything the archaeologist does in the way of organizing his primary data: typology, taxonomy, formulation of archaeological "units," investigation of their relationships in the context of function and natural environment, and determination

of their internal dimensions and external relationships in space and time. However high-sounding these terms, it appears that the activities represented by them remain essentially on the descriptive level.² (WILLEY & PHILLIPS, 1962, p. 5)

As críticas dirigidas ao programa referem-se sempre à falta de questionamentos quanto à teoria e a uma excessiva preocupação com o método. Os pesquisadores envolvidos nos projetos prestaram muita atenção nas técnicas de trabalho, sem apresentar nas publicações uma reflexão sobre os resultados obtidos, e tampouco ao modelo teórico subjacente.

Ainda que se possa concordar em parte com estas críticas, é fundamental ter presente que o estágio das questões que o PRONAPA encontrou estava excessivamente incipiente. Não se dispunha até então de dados, ou mesmo modelos que orientassem o trabalho. O programa, desta forma, representou um salto qualitativo, pois em cinco anos possibilitou um acentuado volume de sítios conhecidos e um esquema para a periodização e organização das sociedades pré-coloniais, representado pelo modelo Tradição e Fase, tanto que Barreto (1999-2000, p. 45) afirma: *Apesar de muitos arqueólogos questionarem o seu uso, a maior parte dos resultados de pesquisas em nível regional foi e continua sendo organizada em "fases" e "tradições" arqueológicas*.

Embora bastante criticado, este modelo continua sendo utilizado, muitas vezes com outras roupagens que, ao invés de superar os limites da proposta do PRONAPA, reforçam-no com novas terminologias pretensamente embasadas em uma reflexão teórica e, ainda que os modelos teóricos sejam passageiros, os dados produzidos permanecem e não podem ser descartados em nome da teoria, até porque os sítios arqueológicos constituem-se em uma fonte de informações não-renováveis.

² O termo " integração histórico-cultural", como usado aqui, cobre quase tudo o que os arqueólogos fazem no sentido de organizar seus dados primários: tipologia, taxionomia, formulação de unidades arqueológicas, investigação de suas relações no contexto e função com o ambiente natural, e a determinação de suas dimensões internas e relações externas no tempo e no espaço. Apesar da sonoridade destes termos, eles representam que as atividades representadas estão em um nível essencialmente descritivo. (tradução nossa).

1.3 A PESQUISA NOS ESTADOS DO SUL

As pesquisas no Planalto Sul-Brasileiro foram realizadas predominantemente por pesquisadores vinculados ao PRONAPA, e, ainda que Laming-Emperarie trabalhe no Paraná, desvinculada daquele programa, suas atividades estão voltadas para escavação de Sambaquis. Desta forma, os primeiros dados de que dispomos para os Estados sulinos são resultado desta primeira etapa de aproximação, representada pelo modelo histórico-cultural. Foram definidas, assim, duas Tradições³: Taquara, ocorrendo no Estado do Rio Grande do Sul, e Itararé, nos Estados de Santa Catarina, Paraná e São Paulo.

Os resultados desta primeira investida foram publicados em sua grande parte nos volumes editados regularmente pelo programa. Na primeira publicação encontramos os trabalhos de Eurico Th. Miller (1967), Walter F. Piazza (1967) e Igor Chmyz (1967).

O primeiro trabalho abrangeu o Vale do Rio dos Sinos, Maquiné e Zona Lagunar Litorânea do noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Foram levantados ao todo 484 sítios, a partir dos quais foram estabelecidas sete fases arqueológicas, sendo três delas pré-cerâmicas (Humaitá, Camuri e Camboatá) e quatro cerâmicas (Taquara, Maquiné, Paranhana e Monjolo). Além disso, percebeu-se mais uma fase que não foi definida e que se refere aos sambaquis encontrados na faixa litorânea.

O trabalho de Piazza concentra-se no Vale do Rio Itajaí, Estado de Santa Catarina, no qual encontrou dezoito sítios, sendo sete sambaquis de fauna marinha, um com fauna fluvial, sete abrigos sob rocha e três sítios abertos, sem encontrar cerâmica em nenhum deles.

Chmyz, por sua vez, trabalhou em parte do Vale do Rio Paranapanema, no Estado do Paraná, onde levantou um total de 75 sítios arqueológicos, sendo 66 deles cerâmicos e

³ Tradição: Uma das unidades arqueológicas utilizada pelo PRONAPA, compreendia como *Grupos de elementos ou técnicas, com persistência temporal.[...] Uma seqüência de estilos ou de culturas que se desenvolvem no tempo, partindo uns dos outros, e formam uma continuidade cronológica.* (SOUZA, 1997. p. 55).

nove não cerâmicos, todos *sítios habitação do tipo aberto*⁴. Foram estabelecidas ao todo cinco fases arqueológicas: duas não cerâmicas (Timburi e Andirá) e três cerâmicas (Cambará, Tibagi e Itararé). Cabe salientar que as Fases Cambará e Tibagi são filiadas à Tradição Tupiguarani e a Fase Itararé inaugurou a Tradição Itararé.

No segundo ano do PRONAPA (SIMÕES, 1969a), os trabalhos no Planalto Sul-Brasileiro prosseguem.

Miller (1969a) pesquisou o Alto Rio Uruguai, encontrando mais 105 sítios, estabelecendo mais cinco fases arqueológicas: duas pré-cerâmicas (Caaguaçu e Amandaú) e três cerâmicas (Taquaruçu, Irapuã e Comandaí). Reconheceu também sítios filiados à Fase Taquara (definida por Miller no primeiro ano do PRONAPA) e sítios associados ao Complexo Alto-Paranaense, definido por Menghin (1957).

No mesmo relatório, Piazza (1969) descreveu seus trabalhos na zona oeste do Estado de Santa Catarina, localizando cerca de 50 sítios, todos cerâmicos segundo o autor. Identificou então a Fase Xaxim de tradição não-Tupiguarani, e a Fase Mondaí da Tradição Tupiguarani.

No Estado do Paraná, Chmyz (1969a) trabalhou no Vale do Rio Ivaí, onde identificou 39 sítios arqueológicos, sendo 25 tipicamente cerâmicos e 13 líticos. A partir deles, estabeleceu cinco fases arqueológicas, sendo quatro da Tradição Tupiguarani (Umuarama, Condor, Tamboará e Caloré) e Fase Ivaí (lítica).

Miller (1969b) apresentou no terceiro ano do programa seu trabalho de levantamento no extremo oeste do Rio Grande do Sul. Nessa oportunidade, encontrou 81 sítios e estabeleceu 2 fases arqueológicas cerâmicas (Fase Icamaquã da Tradição Tupiguarani e Fase Ibirapuitã sem vinculação), além de um complexo pré-cerâmico, denominado

⁴ Ainda que não fique especificado nos trabalhos o que vem a ser "sítios habitação do tipo aberto", trata-se de aldeias a céu aberto, já que são diferenciados dos abrigos sob rocha, localizados em grutas.

Complexo Itaqui.

Brochado (1969) desenvolveu trabalhos em três áreas. A primeira, entre os Rios Ibicuí-Mirim e Jacuí Médio; a segunda nas nascentes do Rio Ijuí e no alto Jacuí e a terceira no divisor de águas entre o Ijuí Médio e o Piratini. Ao todo foram levantados 51 sítios, sendo:

...3 líticos, 37 cerâmicos, de 2 agrupamentos de aterros, um conjunto de túmulos de pedras, 2 alinhamentos de pedras, uma gruta com petroglifos e 5 sítios com concavidades polidas executadas sobre grandes blocos. (BROCHADO, 1969, p. 33)

Ficaram estabelecidas assim três fases não-cerâmicas – Jacuí, Panambi e uma sem denominação –, cinco cerâmicas – Vacacaí, Toropi, Induá e Ijuí da Tradição Tupiguarani – e a Fase Missões, já do período histórico.

No Estado do Paraná, Chmyz (1969b) prospectou ao longo do Vale do Rio Iguaçu. Encontrou 65 sítios, dos quais são 45 cerâmicos e 19 não-cerâmicos, além de 1 ser de petróglifos. 29 deles são vinculados à Tradição Tupiguarani, especificamente às Fases Imbituva e Guajuvira; 8 deles à Tradição Itararé, Fase Açungüi; 2 sítios da Tradição Casa de Pedra⁵, Fase Casa de Pedra e os últimos 6 filiados à Tradição Neobrasileira, Fase Lavrinha. Definiu ainda a Fase Catanduva, com sítios compostos de casas subterrâneas, sem entretanto filiação a uma tradição ceramista. As Fases Bituruna, Iguaçu e Potinga são todas pré-cerâmicas e devem fazer parte de uma mesma tradição ainda sem denominação.

No quarto ano do PRONAPA, Brochado (1971) voltou a trabalhar nas áreas visitadas no ano anterior, no Vale do Rio Jacuí. Nessa nova etapa, levantou mais 61 sítios. Desses, 7 são líticos e 3 são abrigos com petróglifos; 40 são cerâmicos; 10 são locais de polimento de rocha, a julgar pelas depressões polidas encontradas; outros 2 sítios já haviam

⁵ Como os trabalhos relativos a Tradição Casa de Pedra ficaram em nível exploratório, com poucos sítios documentados, e como os dados existentes não são suficientemente consistentes para diferenciá-la da Tradição Taquara/Itararé, consideramo-la parte desta.

sido levantados na etapa anterior. A partir das evidências, foram identificadas 4 fases arqueológicas, sendo 2 "*líticas ou não-cerâmicas*" (Jacuí e Canhemborá) e 2 cerâmicas da Tradição Tupiguarani, subtradição Corrugada (Fases Vacacai e Guaratã). Duas dessas já haviam sido definidas (BROCHADO, 1969): as Fases Jacuí e Vacacaí.

Miller (1971) no mesmo ano prospectou os Vales do Rio Uruguai, Pelotas e Antas, especialmente nos Municípios de Bom Jesus e Marcelino Ramos. Nessa oportunidade, identificou 109 novos sítios, sendo que em 74 deles foram caracterizadas 7 fases arqueológicas novas: 4 pré-cerâmicas (Antas, Paiquerê, Cará e Araponga) e 3 cerâmicas (Guatambu, de Tradição Taquara, Itá e Ipira, de Tradição Tupiguarani). Foram também identificadas as Fases Camuri, Monjolo (MILLER, 1967), Irapuã (MILLER, 1969a) e Xaxim (PIAZZA, 1969).

Piazza (1971) complementou as pesquisas no Vale do Rio Uruguai, no Estado de Santa Catarina, identificando 48 novos sítios e fixando 5 novas fases: Tamanduá – pré-cerâmica com semelhanças ao Complexo Alto-Paranaense, de Menghin –, Suruví, Xaxim (PIAZZA, 1967), Itá e Ipira, da Tradição Tupiguarani.

No Estado do Paraná, mais especificamente na porção média e baixa do Rio Iguaçu, Chmyz (1971) localizou 30 novos sítios, sendo 23 cerâmicos e 7 não-cerâmicos, a partir dos quais foram estabelecidas 5 fases: Ibirajé e Sarandi, da Tradição Tupiguarani; Candói, da Tradição Itararé; Icaraíma, sem filiação cultural e Pirajuí, que é pré-cerâmica.

No quinto e último ano do PRONAPA, Miller (1974) trabalhou na porção nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, pesquisando 50 sítios, dos quais 12 já haviam sido prospectados em anos anteriores. Associou essas a fases já definidas em outras oportunidades, sendo 3 pré-cerâmicas: Umbú e Itapuí, da Tradição Umbú e Camboatá. Do período ceramista, assinalou a Fase Taquara, da Tradição Taquara e Fase Monjolo, da Tradição Neobrasileira.

Brochado (1974), por sua vez, desenvolveu pesquisas na Serra do Sudeste e no

litoral, mais precisamente na área da Lagoa dos Patos compreendida entre o Arroio Velhaco e o Rio Camaquã. Nessa ocasião, foram prospeccionados 60 sítios. A partir deles foram definidas 5 manifestações culturais diferentes e neles também foram encontrados aterros divididos em 2 grupos. Os aterros do “Componente A” representando a primeira ocupação, e os aterros do “Componente B”, a segunda. Na Serra do Sudeste, identificou 4 fases: Fase Piratini, com muito pouca cerâmica; Fase Camaquã e Canguçu, da subtradição Corrugada da Tradição Tupiguarani, e uma fase cerâmica, Faxinal da Tradição Neobrasileira.

Em Santa Catarina, Piazza (1974) trabalhou o litoral norte do Estado de Santa Catarina e o Planalto de Canoinhas. No litoral norte foram localizados 61 sítios, sendo 3 de fases pré-cerâmicas: Saguacu, Saí e Acaraí todas associadas a sambaquis; e 3 de fases cerâmicas: Araquari, Piraí – ambas semelhantes à Fase Ibirama, identificada no terceiro ano do PRONAPA pelo mesmo autor –, e Itapocu, da subtradição Corrugada da Tradição Tupiguarani.

No Paraná, Chmyz (1974) desenvolveu suas pesquisas no Vale do Rio Paranapanema e no Alto Rio Paraná, onde localizou 53 sítios e identificou 6 fases arqueológicas: Fases Pirapó, Ivinheima, Guaraci e Loreto, da Tradição Tupiguarani; e Fases Tapejara e Inajá pré-cerâmicas. Além disso, identificou um sítio que acredita ser da Tradição Neobrasileira, mas não afirma com certeza, em face à falta de elementos.

Além dos trabalhos publicados no PRONAPA, a maioria desses pesquisadores divulgou suas pesquisas em outros meios, mas sempre mantendo a mesma orientação introduzida pelo Programa, especialmente no que tange a métodos de campo e laboratório. Para se ter uma idéia, Chmyz publicou ainda mais 15 trabalhos, além dos que são encontrados nos relatórios.

Um balanço dos resultados das pesquisas realizadas até então (1967) no Rio Grande do Sul foi feito por Schmitz (1967), que coordenou uma publicação que reunia os

arqueólogos em atividade no Estado, sendo eles: Fernando La Sálvia, Guilherme Naue, Ítala I. Basile Becker, José J. J. Proenza Brochado, João A. Rohr e Pedro A. Mentz Ribeiro.

Essa equipe realizou levantamentos arqueológicos nos Municípios de Caxias do Sul, São Francisco de Paula e Flores da Cunha, no ano de 1966. Ao todo foram registradas 176 ocorrências de casas subterrâneas, definidas pelos autores como:

As casas subterrâneas são conhecidas na área do planalto como “buracos de bugre”, na zona colonial; como “côncavos” na zona campeira. Apresentam-se como crateras circulares no chão, medindo entre 2 e 13 m de diâmetro. (SCHMITZ, 1967, p. 3)

Além dos trabalhos de localização, foi realizada uma escavação em uma aldeia com 36 casas situadas no interior de um capão de mato. Esse conjunto possuía uma casa maior ao centro, que estava cercada por outras menores, e 39 pequenos “*cômoros artificiais*”. A escavação atingiu a casa maior e 1 pequena, além de 1 trincheira em 1 “*cômoros*”. Foram escavados ainda mais 2 casas e 1 montículo, totalizando 4 estruturas e 2 “*cômoros*”⁶.

O objetivo do trabalho é o de colher todos os dados da cultura material, com tal cuidado que não só possamos reconstruir a aldeia ou ao menos parte dela, mas que também nos dê uma idéia tão completa quanto possível dos aspectos não materiais do grupo. (SCHMITZ, 1967, p.5)

Outra síntese sobre as pesquisas, feita também por Pedro Ignácio Schmitz (1988b), descreveu as principais tradições e fases das populações ceramistas do Sul do Brasil. São elas: Tradição Taquara, subdividida nas Fases Guatambu, Taquara, Caí, Erveiras, Guabiju, Taquaruçu, Giruá, Xaxim e Itapiranga; a Tradição Itararé, com as Fases Ibirama, Itararé, Açungui, Catanduva, Candói, Xagu, Cantu, Pacitá; e a Tradição Casa de Pedra, com a Fase Casa de Pedra.

Além destas, o autor descreve vários sítios, nos quais se encontram ocorrências de uma ou de outra tradição, sem, contudo, caracterizar uma fase.

⁶ Este sítio será retomado no Capítulo 3.

Uma síntese importante foi realizada por Reis (1997), que procura “*sintetizar, problematizar e propor*” uma arqueologia para os ‘Buracos’”, referindo-se a casas subterrâneas do planalto, resumindo os dados existentes e apresentando uma teoria do padrão de assentamento.

Ao final do Capítulo 2 de sua dissertação, Reis aponta quatorze variáveis que podem ser trabalhadas para fins de definição de um padrão de assentamento, quais sejam: áreas de atividade, estratégias adaptativas, mobilidade, distribuição (dos assentamentos no espaço), localização (dos assentamentos), hierarquia dos recursos, tamanho dos sítios, decisões, forma e função, estocagem, duração das ocupações, relações sociais, defesa dos assentamentos, organização da tecnologia lítica.

Essas variáveis são bastante importantes para prosseguimento das pesquisas no planalto; entretanto, muitas delas exigem trabalhos novos e específicos para sua identificação. Apenas para citar um dos pontos levantados pelo autor: hierarquia de recursos, por exemplo, requer trabalhos de fitossociologia e de demografia de fauna para que se possa então delimitar a potencialidade de uma área. No entanto a ação antrópica sobre as áreas nativas foi tão intensa nos últimos cinquenta anos que talvez inviabilize pesquisas desta ordem.

Uma última consideração ainda sobre a dissertação de Reis, que em nada desmerece a sua qualidade, é quanto à definição do fenômeno como "Arqueologia dos Buracos". Trata-se de uma caracterização imprecisa e especialmente deselegante.

1.4 AS TRADIÇÕES E FASES DO PRONAPA NO PLANALTO SUL-BRASILEIRO

1.4.1 Tradição Taquara

A Tradição Taquara foi definida a partir da cerâmica identificada no Morro da Formiga, no Município de Taquara, Rio Grande do Sul, por Eurico Miller no final dos anos de 1960.

Posteriormente, com o avanço das pesquisas, essa tradição foi caracterizada não apenas pela cerâmica, mas também pelos trabalhos de movimentação de terra, pela construção de depressões semicirculares ou elipsóides, montículos, espaços cerimoniais e, ainda, pelos sepultamentos em grutas.

A cerâmica associada é pequena, com vasilhas de não mais que 40cm de altura; a decoração plástica, em muitos casos, é composta pela impressão de cestaria, unhas ou outros artefatos.

Essa tradição foi bastante estudada no início da década de 1970 e parcialmente abandonada nas duas décadas seguintes para reaparecer, enquanto tema de pesquisa, no final dos anos de 1990 e início de 2000. Muitos resultados dessas novas pesquisas ainda não estão disponíveis, pois encontram-se em desenvolvimento. No entanto, nenhum deles, até o momento, rompeu com o esquema básico criado pelo PRONAPA, ou seja, o de subdividir uma tradição em diferentes fases, até porque tal empreitada exigiria um volume de trabalho e revisão dos dados disponíveis que está além dos propostos pela maioria das pesquisas.

Procuraremos apresentar, agora, um resgate das informações básicas sobre a Tradição Taquara, especialmente nas suas diferentes fases, a partir das quais será possível uma reflexão mais aprofundada sobre a dinâmica de ocupação do planalto, sem que com isso

tenhamos pretensão de romper ou superar o modelo já criado e consolidado.

Os dados disponíveis permitem uma reflexão mais apurada da dinâmica de ocupação dessa tradição. Romper com o esquema criado pelo PRONAPA exigiria um trabalho de tamanha envergadura e uma revisão exaustiva, dos dados existentes que só seria possível a partir de novos levantamentos nas áreas pesquisadas, isto para a atualização da documentação. Além disso, seria necessário um conjunto de escavações que fundamentasse as fases que ora estão estabelecidas. Tal iniciativa romperia os limites que nos propusemos.

1.4.1.1 Fase Guatambu

A cerâmica da Tradição Taquara, Fase Guatambu, encontra-se nos Municípios de Bom Jesus e Vacaria, no Rio Grande do Sul, e São Joaquim, em Santa Catarina. Foi definida por Miller (1971) por ocasião das pesquisas efetuadas pelo PRONAPA a partir de 48 sítios prospectados no Município de Bom Jesus.

Nessa fase são encontrados tanto sítios com estruturas semi-subterrâneas como abrigos com sepultamentos e sítios a céu aberto. Tomamos emprestada a caracterização de Schmitz:

Dois ambientes apresentam sítios: os campos altos com mata mista e pinheiros, onde foram visitados 11 conjuntos de casas subterrâneas, e as várzeas dos Rios Antas e Pelotas, com suas matas de galeria, onde 41 taperas de aldeias com choças de palha foram vistas. Na proximidade desses rios, abrigos em paredões rochosos foram usados para depositar os mortos. (SCHMITZ, 1988b, p. 76)

E com relação aos conjuntos de casas subterrâneas, o autor descreve:

As casas subterrâneas formam aglomerados que podem chegar a um máximo de 22 estruturas, dispostas irregularmente. Os diâmetros dessas casas vão de 2,5 a 18m e a profundidade atual de 2 a 6m. A ocupação poderia ser mais longa em umas e mais curta em outras, sendo os resíduos arqueológicos delas relativamente pouco espessos: 5 a 25 cm. (SCHMITZ, 1988b, p. 77)

Quanto à caracterização da cerâmica, tomamos a caracterização de Miller:

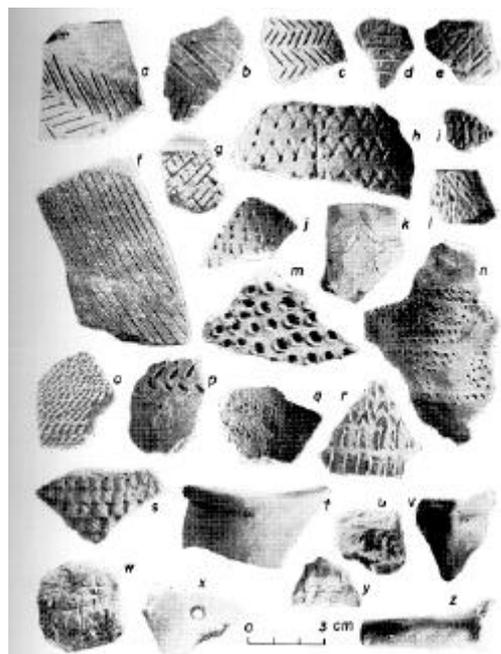
A cerâmica simples e decorada apresenta poucos indícios de roletes; os mais evidentes são os de fita ou rolete laminar (cerca de 30mm) com evidências de sobreposição antes anelar do que helicoidal, o que transparece no espaçamento e afinamento alternado das paredes de alguns recipientes. O acabamento das superfícies interna e externa oscila entre polido e polido estriado, com estrias superficiais tanto horizontais e oblíquas quanto verticais, em combinação ou não. Nem sempre, apesar do polimento, a superfície é regular, havendo casos em que se aproxima do tosco. (MILLER, 1971, p. 46)

Com relação ao antiplástico, continua:

Observa-se três tipos de tempero: fino arenoso, com ocasionais grânulos de hematita e quartzo até 6mm; fino argiloso com ocasionais grânulos de hematita até 7mm e grosso argilo-arenoso com grânulo de hematita, quartzo e basalto, de 1 a 4mm e ocasionalmente maiores até 9mm. (MILLER, 1971, p. 46)

A dureza situa-se entre dois e quatro na escala de Mohs. Quanto à decoração, predomina a plástica com impressões em ziguezague, incisões paralelas ou cruzadas, estampado dentado, pinçado, ungulado e ponteadado. Internamente, pode ocorrer um engobo vermelho. Pode apresentar também furos para suspensão, cabo ou alça, ainda que não seja freqüente.

FIGURA 1 Decoração plástica da cerâmica da Fase Guatambu



Fonte: MILLER, Eurico Th. Pesquisas Arqueológicas Efetuadas no Planalto Meridional, Rio Grande do Sul (Rios Uruguai, Pelotas e das Antas). *Publicações Avulsas*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. n. 15, 1971, p. 65.

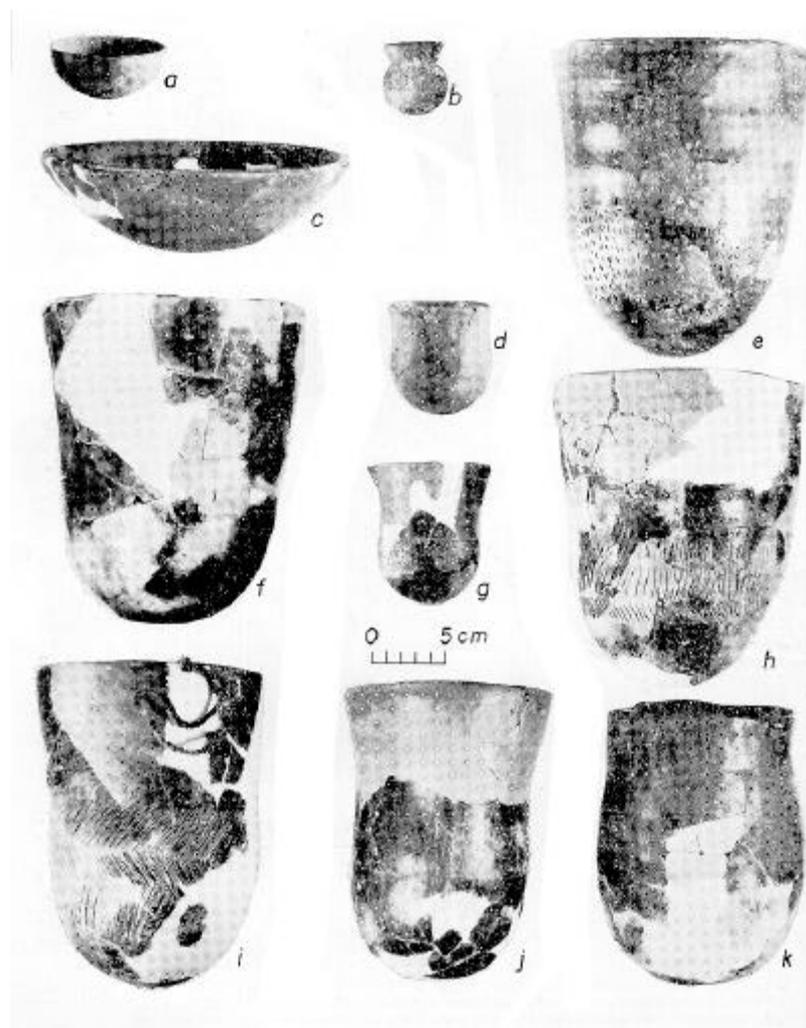
Com relação à forma:

As formas dos recipientes são simples, compreendendo: tigelas rasas em meia-calota, de 6 a 25cm de diâmetro; potes cônicos (invertido) e cilíndricos com o fundo externo arredondado e ovalado, e o fundo interno levemente aplanado, o que lhes dá maior espessura em relação às paredes. Alguns apresentam um a três estreitamentos (constrições) abaixo da borda tanto em formas cônicas (invertida) como em meia-esfera ou oval. O diâmetro do bojo oscila de 4 a 40cm com a média entre 13 e 18cm. A dimensão vertical em geral é a maior. As bordas com raras exceções são: diretas, levemente extrovertidas ou introvertidas, com ocasionais reforços.

Os lábios são aplanados, arredondados, apontados e biselados. A espessura das paredes oscila de 2 a 11mm, com média entre 5 e 7mm. A base atinge 4 a 18mm.

Ocorrem raros apêndices como cabo e alça de pote. Observam-se furos cônicos, simples ou 2 a 2, abaixo do lábio de 4 a 12cm. (MILLER, 1971, p. 47)

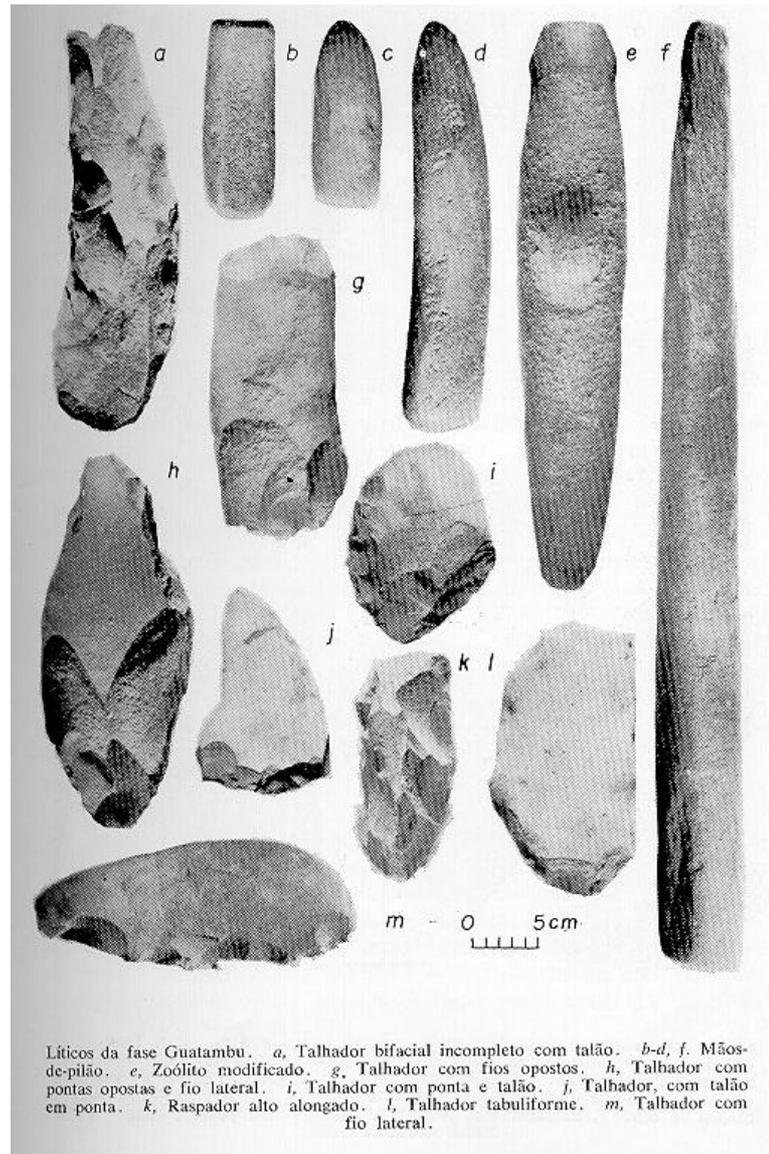
FIGURA 2 Formas da cerâmica da Fase Guatambu



Fonte: MILLER, Eurico Th. Pesquisas Arqueológicas Efetuadas no Planalto Meridional, Rio Grande do Sul (Rios Uruguai, Pelotas e das Antas). *Publicações Avulsas*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. n. 15, 1971, p. 66.

Nos artefatos líticos encontramos machados polidos e semi-polidos sem gargalo, mãos-de-pilão, alisadores de cerâmica, afiadores, talhadores unifaciais, talhadores bifaciais, raspadores com e sem pontas e entalhes, lascas de basalto e sílex retocadas e com marcas de uso, batedores e bigornas.

FIGURA 3 Artefatos líticos associados à Fase Guatambu



Fonte: MILLER, Eurico Th. Pesquisas Arqueológicas Efetuadas no Planalto Meridional, Rio Grande do Sul (Rios Uruguai, Pelotas e das Antas). *Publicações Avulsas*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. n. 15, 1971, p. 67.

Outra evidência da Fase Guatambu são as grutas com sepultamentos. A primeira foi a Gruta do Matemático, descrita por Danilo Lazzaroto:

Essa situa-se na Fazenda do Pessegueiro, de propriedade do Sr. Valdomiro Morais, a 42km a leste de Bom Jesus. Passa-lhe em frente a uns 500m a leste o Rio Monjolo, afluente do Rio das Antas. Abre-se a gruta entre duas camadas de basalto, de consistência e coloração diferentes, a meia-altura de uma cascata de pequeno córrego, que cai verticalmente uns 100m.

Constitui-se o fundo de pequeno cañon, que aqui nasce e vai morrer no Rio Monjolo. As escarpas do cañon constituem um acesso bastante difícil à gruta; chegados, porém, na direção dessa, a uns 80m da mesma, há um caminho natural quase plano, de uns 2m de largura, marcando também as duas camadas de basalto, que leva fácil e diretamente à gruta não obstante a rocha cair vertical tanto por cima como por baixo da vereda.

A fenda da gruta abre-se de lado a lado, numa extensão de mais de 80m. A parte habitável, porém, apresenta as seguintes dimensões: largura 40m; profundidade 9m; altura da boca 1,3 a 2,1m, abaixando à medida que se vai para o fundo.

O chão da gruta estava tapetado por pedras médias e pequenas, evidentemente desprendidas do teto. Foi bastante revolvido por visitantes anteriores, curiosos em busca de ouro, que, segundo consta, levaram esqueletos e objetos mais vistosos. Fala-se de doze a quinze crânios, que há muito tempo foram levados.

De lado, ao norte, há duas vertentes perenes de água. O fogo era feito perto da boca da gruta e as cinzas aparecem numa área de 16m², numa espessura de 10cm. Nessas é que pesquisamos.

Como material arqueológico, recolhemos: cerâmica, cascas de pinhão (assado nas brasas, tendo o fruto sido arrancado posteriormente com auxílio dos dentes), sabugos de milho (inteiros ou quebrados), palha de milho, taquaras cortadas para cestaria, carvão, fragmentos de ossos e dentes humanos.

Abaixo da camada de cinzas não apareceram vestígios de ocupação. No resto habitável da gruta, mas sempre na superfície, aparecia o mesmo material, porém em menor quantidade.

Afirma-se que uma esteira de taquara cobria toda a boca da gruta. Essa desapareceu já há muito tempo, mas as amostras de taquara, recolhidas, podem ser um testemunho desse fato. (LAZZAROTO et al., 1971, p. 81)

Em um contexto semelhante foi identificado um abrigo contendo sepultamentos humanos, no Município de Vacaria, Rio Grande do Sul, em uma área onde encontrou-se sítios com estruturas semi-subterrâneas, associados à cerâmica da Fase Guatambu. A área correspondente à Carta Vacaria, que vem sendo pesquisada pela equipe do Instituto Anchieta de Pesquisas (IAP) desde 1997, o qual encontrou uma gruta com características semelhantes, conhecida como Perau das Cabeças.

[...] as grutas foram denominadas como A, B e C. A maior e mais rica em restos esqueléticos foi designada gruta B, estando a sua esquerda a gruta A, com quantidade reduzida de ossos, e a sua direita a gruta C, com um número significativo de remanescentes, as quais medem, respectivamente 60, 90 e 50cm de altura máxima e 6-8, 4-5 e 2-3m de espaço interno. Entre a queda d'água e a gruta C foi encontrado um aglomerado de ossos, situado abaixo da plataforma geral, junto ao paredão, sendo o local identificado pela letra D, porém, apesar de não ser uma gruta, foi considerado como tal, a fim de padronizar a descrição. (KREVER & HAUBERT, 2001, p. 29)

Com relação ao material encontrado, esse ficou restrito a restos esqueléticos

humanos.

Dos 719 ossos estudados, 106 estão inteiros, 287 quebrados e 326 fragmentados. Não foi recolhido nenhum crânio inteiro.

[...] Nas grutas A, B, C e D foram somados 5, 39, 11 e 10 exemplares, totalizando 65 indivíduos depositados, levando em consideração o elemento anatômico mais representativo. Esses indivíduos estão distribuídos em 47 adultos, 1 adulto jovem, 5 jovens, 10 crianças, 2 lactentes, sendo determinados 2 adultos do sexo masculino e 5 do feminino. A idade biológica aproximada foi estimada apenas em 2 crianças (8 e 9 anos) e 1 lactente (1 ano). (KREVER & HAUBERT, 2001, p. 35)

Por último, cabe relacionar as datas que estão associadas à Fase Guatambu, e foram obtidas no contexto das pesquisas do PRONAPA: 1.810 ± 85 A.P. (SI 813) Cal 122-443 A.D.; 700 ± 60 A.P. (SI 2143) Cal 1.266-1.409 A.D.; 950 ± 80 A.P. (SI 812) Cal 1.016-1.275 A.D. e 700 ± 60 A.P. (SI 2343) Cal 1.266-1.409 A.D.

1.4.1.2 Fase Taquara

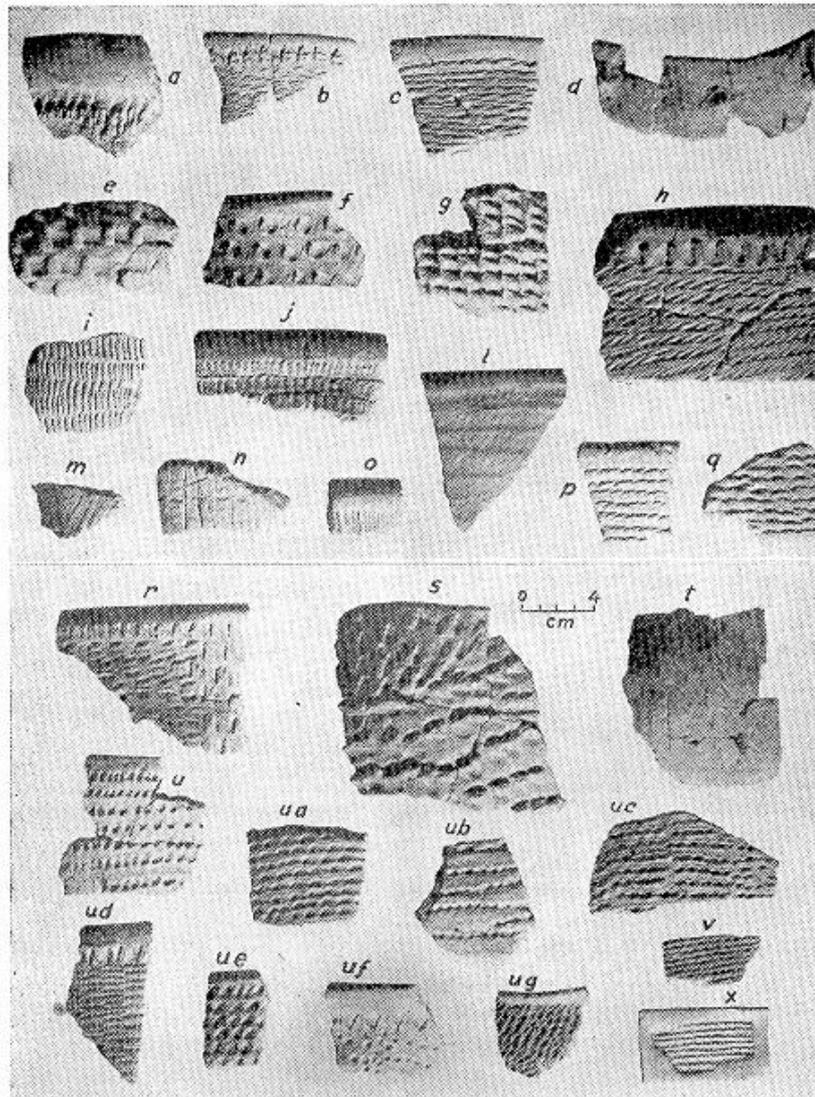
Da mesma forma que a Fase Guatambu a Fase Taquara de Tradição Taquara, foi definida por Miller (1967) durante os trabalhos do PRONAPA, e publicada nos resultados do primeiro ano de levantamento do programa. A área de ocorrência dessa fase está situada tanto no planalto como no litoral do Estado do Rio Grande do Sul.

Segundo Schmitz:

Explora três ambientes distintos. Há centenas de sítios com casas subterrâneas e acampamentos superficiais nas matas com pinheiros e nos campos do planalto; nas encostas, nos terraços altos e morros dos vales dos rios foram localizados com menor frequência, mas formam aí os maiores sítios, correspondentes a antigas aldeias superficiais de choças de palha, como no Morro da Formiga, na periferia de Taquara; às vezes acampavam nos abrigos rochosos, que também usavam para depositar os seus mortos; finalmente são muito frequentes junto às lagoas costeiras, às vezes diretamente sobre a praia do Oceano, entre Tramandaí e Torres.

As casas subterrâneas aparecem dentro de capões de mato, ou em campo aberto, perto de córregos, nascentes ou banhados. O diâmetro dessas escavações aproximadamente circulares vai de 2 a 20m por uma profundidade 2,8 a 6m. Embora existam com uma certa frequência casas isoladas, geralmente elas vêm agrupadas, podendo os aglomerados chegar até 36 dessas estruturas de diferentes tamanhos, não necessariamente coetâneas. (SCHMITZ, 1988b, p. 81)

FIGURA 4 Decoração plástica da cerâmica da Fase Taquara



Cerâmica decorada da fase Taquara. *a*, Ungulado vertical regular. *b, g*, Ungulado horizontal regular. *c, p*, Ungulado secante em linha. *d*, Aplicado mamilóide. *e-f*, Ungulado arrastado. *h*, Ungulado inclinado em linha. *i*, Riscado cuneiforme (?). *j*, Ungulado quadriculado. *l*, Ungulado acanalado; *m, o*, Inciso. *n*, Riscado ponteadado (?). *q*, Ungulado tangente em linha. *r, t*, Pinçado incipiente. *s*, Serrungulado incipiente. *u*, Ponteadado em linhas afastadas. *ua*, Ponteadado arrastado. *ub*, Ponteadado arrastado em linhas afastadas. *uc*, Ponteadado em linhas segmentadas. *ud*, Carimbado denteado (?). *ue*, Ponteadado tangente. *uf-ug*, Ponteadado irregular. *v*, Acordelado (?). *x*, Negativo de acordelado.

Fonte: MILLER, Eurico Th. Pesquisas Arqueológicas efetuadas no Nordeste do Rio Grande do Sul. *Publicações Avulsas*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, p. 34, n. 6. 1967.

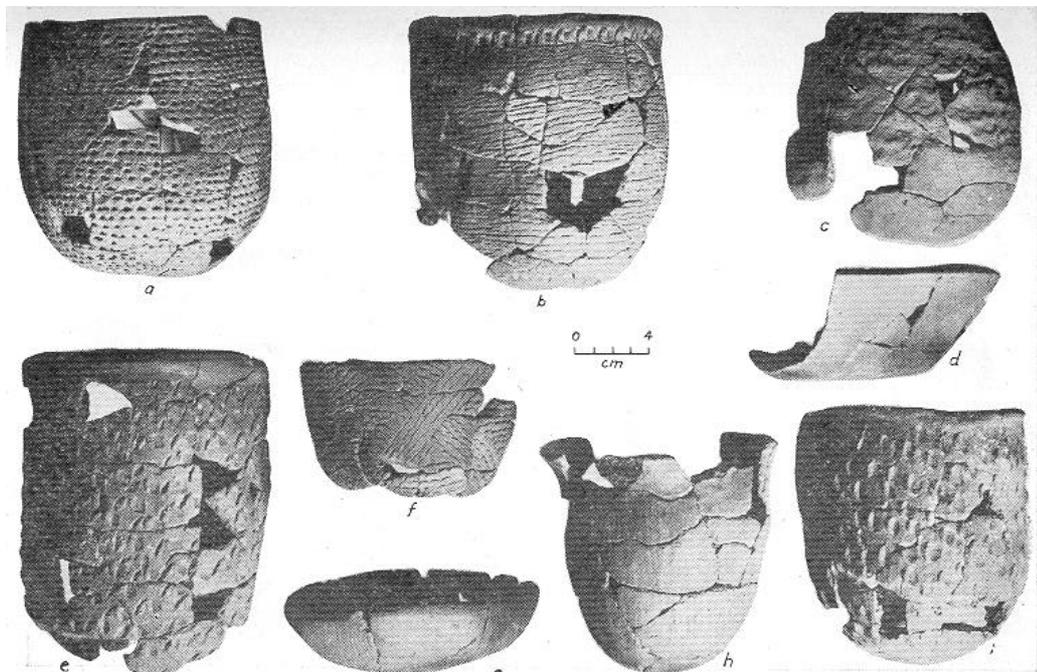
Quanto à caracterização dessa cerâmica, tomamo-la também de Miller:

Divide-se em decorada e não-decorada, sendo que a primeira é plástica e obtida por meio de ponteadado, ponteadado-arrastado, inciso, ungueado horizontal e vertical, ungueado secante em linha, ungueado tangente em linha, pinçado, denteado, acordelado, aplicado mamiliforme e muitas vezes com estas técnicas combinadas. A pasta é elaborada em forma de roletes que sobrepostos formam os recipientes. O

tempero é de areia fina, quartzo moído e pequenos grãos de hematita. A textura é uniforme e compacta. A cor é variada, indo de marrom-escuro a tijolo-claro, e em menor quantidade, acinzentada. Os recipientes não-decorados são menos numerosos e alisados regularmente. Em alguns cacos, percebe-se um brunido em faixas horizontais.

A forma dos recipientes decorados plasticamente é simples, variando entre cônica e cilíndrica, e todas com o fundo arredondado. As dimensões máximas são sempre as verticais, não ultrapassando a 35cm. A forma globular só foi encontrada em casas subterrâneas e em sítios próximos à orla marítima. A forma dos recipientes não-decorados é distinta dos decorados, isto é, assume a forma cilíndrica alongada, forma de tigela com base plana, arredondada e em forma de cuia. (MILLER, 1967, p. 20)

FIGURA 5 Decoração plástica da cerâmica da Fase Taquara



Recipientes reconstituídos da fase Taquara. *a*, Ponteado. *b*, Ungulado secante em linhas, borda pinçada. *c*, Digitado. *d*, Simples. *e*, Pinçado. *f*, Ungulado secante e tangente em faixas. *g*, Ungulado em setores. *h*, Simples. *i*, Ungulado arrastado.

Fonte: MILLER, Eurico Th. Pesquisas Arqueológicas efetuadas no Nordeste do Rio Grande do Sul. *Publicações Avulsas*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, n. 6. 1967, p. 35.

TABELA 1 Datas associadas à Fase Taquara

1.520 ± 90 A.P.	(SI 607)	Cal 415-723 A.D.
1.515 ± 105 A.P.	(SI 805)	Cal 382-781 A.D.
1.480 ± 70 A.P.	(SI 603)	Cal 529-726 A.D.
1.385 ± 95 A.P.	(SI 806)	Cal 542-898 A.D.
1.330 ± 100 A.P.	(SI 605)	Cal 616-982 A.D.
1.300 ± 70 A.P.	(SI 601)	Cal. 661-901 A.D.

continua

TABELA 1 (cont) Datas associadas à Fase Taquara

1.190 ± 100 A.P. (SI 409)	Cal 972-1.042 A.D.
1.140 ± 40 A.P. (SI 602)	Cal 890-1.120 A.D.
970 ± 95 A.P. (SI 808)	Cal 976-1.281 A.D.
840 ± 60 A.P. (SI 606)	Cal 1.155-1.300 A.D.
630 ± 70 A.P. (SI 604)	Cal 1.280-1.437 A.D.
620 ± 90 A.P. (SI 608)	Cal 1.261-1.485 A.D.

1.4.1.3 Fase Caí

A Fase Caí foi definida por Mentz Ribeiro (1972) a partir de 15 fragmentos encontrados no abrigo Bom Jardim Velho, no Município de São Sebastião do Caí, Estado do Rio Grande do Sul. No abrigo, além da cerâmica foram encontradas pontas de projétil, pontas bifaciais, facas, raspadores, machados, moedores, mãos-de-pilão, polidores, batedores; material ósseo como anzol, furadores, dentes e conchas.

Dentre as conchas, chama atenção a ocorrência de moluscos marinhos como *Anomalocardia brasiliiana* e *Olivella* sp e *Littorina* sp, sendo que o mar encontra-se a cerca de 130km de distância em linha reta.

A cerâmica é descrita pelo autor como:

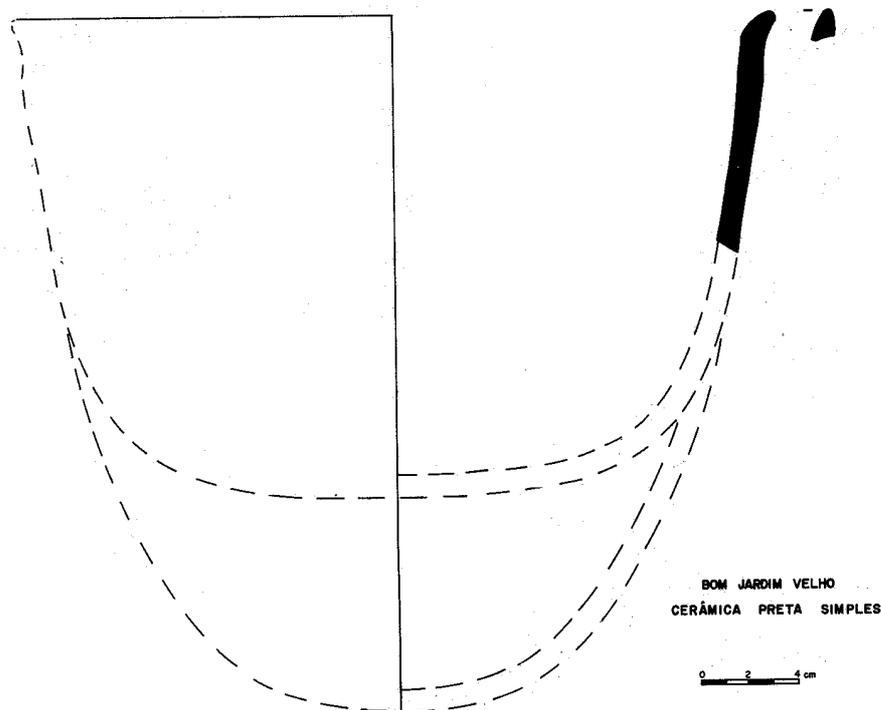
Método de manufatura: acordelado. Antiplástico: arenosa (a média é de 0,5mm para menos, porém alguns grãos vão até 2,5mm); observam-se grãos de calcedônia arredondados e os grãos de hematita são raros. Textura: pasta uniforme e mais ou menos compacta – aparecem fendas nos roletes e bolhas de ar; fratura mais ou menos regular. A cor do núcleo é preta entre paredes finas pardas (cor do lado externo é mais clara que do interno). A queima é oxidada em ambas as faces (espessura: 2mm a externa e 1mm a interna). (MENTZ RIBEIRO, 1972, p. 19)

Quanto à superfície, apresenta cor preta com manchas pardas na face externa e marrom com manchas marrom claro na interna. No tratamento, nota-se paredes mal alisadas, podendo-se observar estrias de alisamento em ambas as faces e grãos de areia aflorando. Dureza: 3,5 (escala de Mohs).

Apenas num caso conseguimos reproduzir a forma aproximada: apresenta o contorno simples, extrovertida, cilíndrica alongada ou meia esfera. As aberturas conseguidas foram de 32cm (para a reproduzida). A espessura das paredes oscila entre 8 e 10mm. O lábio é arredondado.

A reconstituição apresentou a seguinte forma:

FIGURA 6 Forma reconstituída da Fase Caí



Fonte: MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto. Sítio RS-C-14: Bom Jardim Velho (Abrigo sob Rocha – Nota Prévia). *IHERINGIA*, Porto Alegre: Museu Rio-Grandense de Ciências Naturais. n. 2, fig. 9, abr. 1972. (Série Antropologia).

Segundo Schmitz (1988b), a Fase Caí seria apenas uma sinonímia da Fase Taquara, tanto em função do fato da Fase Taquara estar distribuída pela região como pela pouca quantidade de material que serve de base para a definição da mesma.

Para essa fase há apenas uma data: de 630 ± 205 A.P. (SI 205) Cal 1.017-1.682 A.D.

1.4.1.4 Fase Erveiras

A Fase Erveiras foi definida no Município de Santa Cruz do Sul e proximidades, no Estado do Rio Grande do Sul, por Mentz Ribeiro e equipe (MENTZ RIBEIRO & SILVEIRA, 1979). Os trabalhos identificaram um conjunto de 30 sítios compostos tanto por estruturas semi-subterrâneas como por sítios a céu aberto. Destes, cerca de 30% apresentam indícios de contato com os grupos portadores da Tradição Tupiguarani.

Em trabalho posterior (MENTZ RIBEIRO, 1991) identifica 60 sítios, considerando tanto os associados a Fase Erveiras como Fase Pinhal (Tradição Humaitá) que, segundo o autor, diferia-se exclusivamente pela ausência da cerâmica.

Foram escavados 2 sítios com estruturas semi-subterrâneas; destes, 2 casas foram alvo de intervenções arqueológicas: a primeira com 4,15m de diâmetro e 1,4m de profundidade; a segunda com 5,25m de diâmetro e 1,45 de profundidade. No seu interior foram encontrados fragmentos de cerâmica (16 e 109 respectivamente). Foi possível reconstituir 3 vasilhas na primeira e 20 na segunda.

A manufatura da cerâmica parece ser o modelado e o moldado, raramente o acordelado (cerca de 10% dos fragmentos). O antiplástico pode ser areia fina, média e argilo-arenosa. A queima é irregular, mal controlada. A cor é alaranjada e pardacenta. A dureza varia entre 2 e 4 na escala de Mohs.

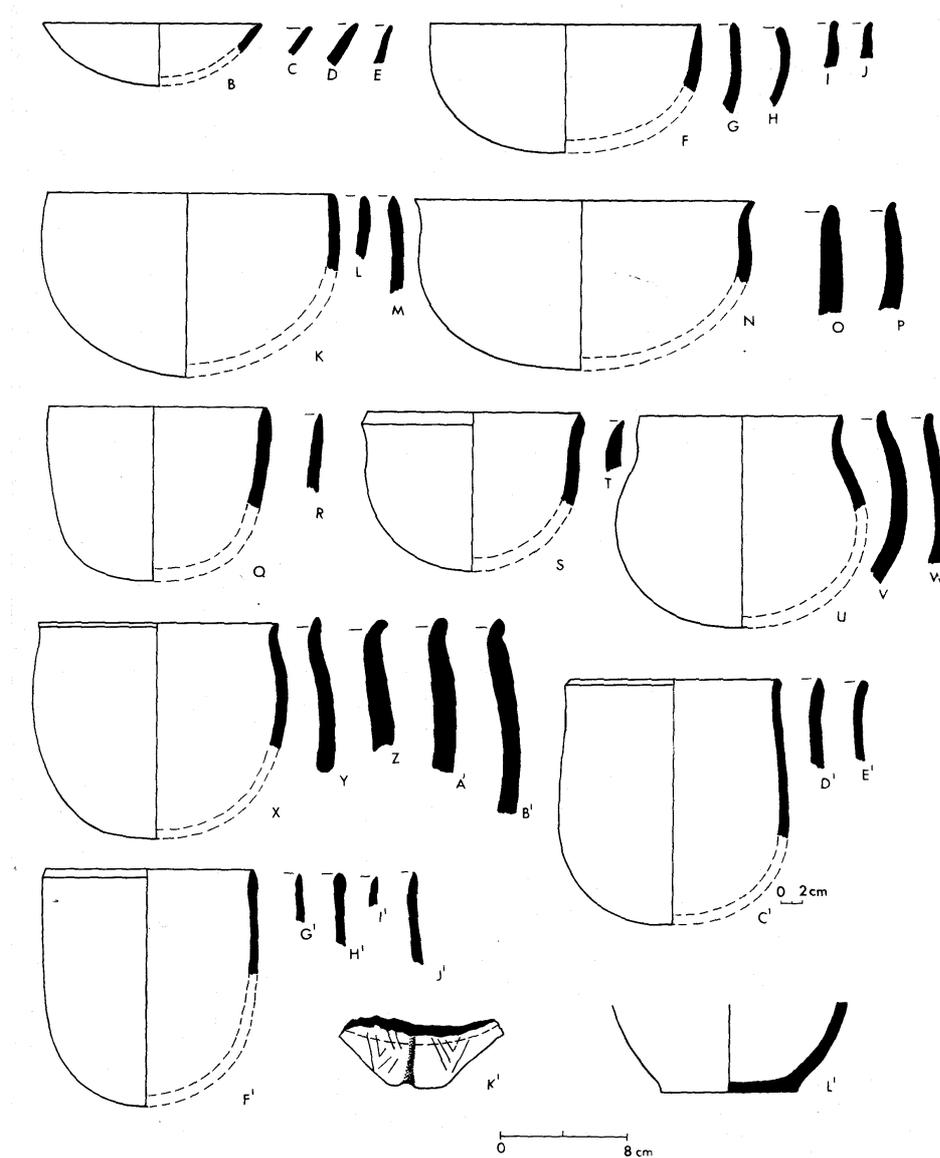
A decoração plástica pode ser simples, ponteadada, incisa, com marcas de cestaria ou corda, pinçada, digitada, digitungulada, carimbada, raspada, ungulada ou ainda a combinação de um ou mais desses tipos.

O tamanho das vasilhas oscila entre 5 e 24cm, com alturas entre 7 e 26cm:

Os contornos são simples, infletidos e em um caso composto. A forma do bojo pode ser cilíndrica, ovóide com uma leve inflexão na borda, esférica, meia esférica, cônica e elipsóide horizontal. As bordas, quanto à forma, são diretas; segundo a confecção são

reforçadas externa ou internamente; segundo a posição são verticais, extrovertidas ou introvertidas. Os lábios são arredondados, apontados e biselados. (MENTZ RIBERIO, 1991, p. 217)

FIGURA 7 Formas reconstituídas da Fase Erveiras



Fonte: MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto. *Arqueologia do Vale do Rio Pardo, Rio Grande do Sul, Brasil*. Porto Alegre: PUCRS, 1991. (Tese de Doutorado).

O material lítico dessa fase apresenta talhadores, lâminas lascadas de machado, raspadores, lascas retocadas e lascas com marcas de utilização. Entre os artefatos polidos, temos lâminas de machado, mãos-de-pilão, bolas de boleadeira, além de percutores,

trituradores, moedores e suportes de lascamento.

Essa área apresenta duas datas: uma da Fase Erveiras (Tradição Taquara) com 915 ± 145 A.P. (SI-4066) Cal 892-1.331 A.D. e uma da Fase Pinhal (Tradição Humaitá) com 380 ± 80 A.P. (SI-4166) Cal 1.419-1.674 A.D., a qual Mentz Ribeiro (1991, p. 217) considera muito recente. Sobre isso afirma:

A Fase Erveiras é uma evolução regional do pré-cerâmico, Fase Pinhal da Tradição Humaitá, para o cerâmico. O material polido já existia no pré-cerâmico. Outra conclusão que conseguimos é a construção de casas subterrâneas para este grupo, indicando uma adaptação prolongada e movimentos sazonais. (MENTZ RIBEIRO, 1991, p. 263)

Afora a relação considerada entre as Fases Erveiras e Pinhal, ocorrem ainda, na mesma área, sítios associados às Tradições Tupiguarani e Vieira. Essa multiplicidade de culturas pré-coloniais, convivendo em um mesmo espaço, nos obriga a trabalhar com duas hipóteses. A primeira é de que a área em questão é um espaço limítrofe das duas ocupações e, assim sendo, grupos diferentes são colocados em contato, interagindo das mais diferentes formas. Nesse sentido, torna-se uma área de extremo interesse para estudar a questão. A segunda está ligada às categorias de trabalho dos arqueólogos – tradição e fase – que não estão dando conta da realidade encontrada, pois pode-se estar lidando com adaptações diferenciadas de um mesmo grupo, ou a exploração especializada de diferentes setores do ambiente, que acabam por provocar registros arqueológicos distintos, os quais, por sua vez, foram divididos e subdivididos nessas categorias. Para resolver a questão, apenas o adensamento dos trabalhos pode dirimir tais dúvidas.

1.4.1.5 Fase Guabiju

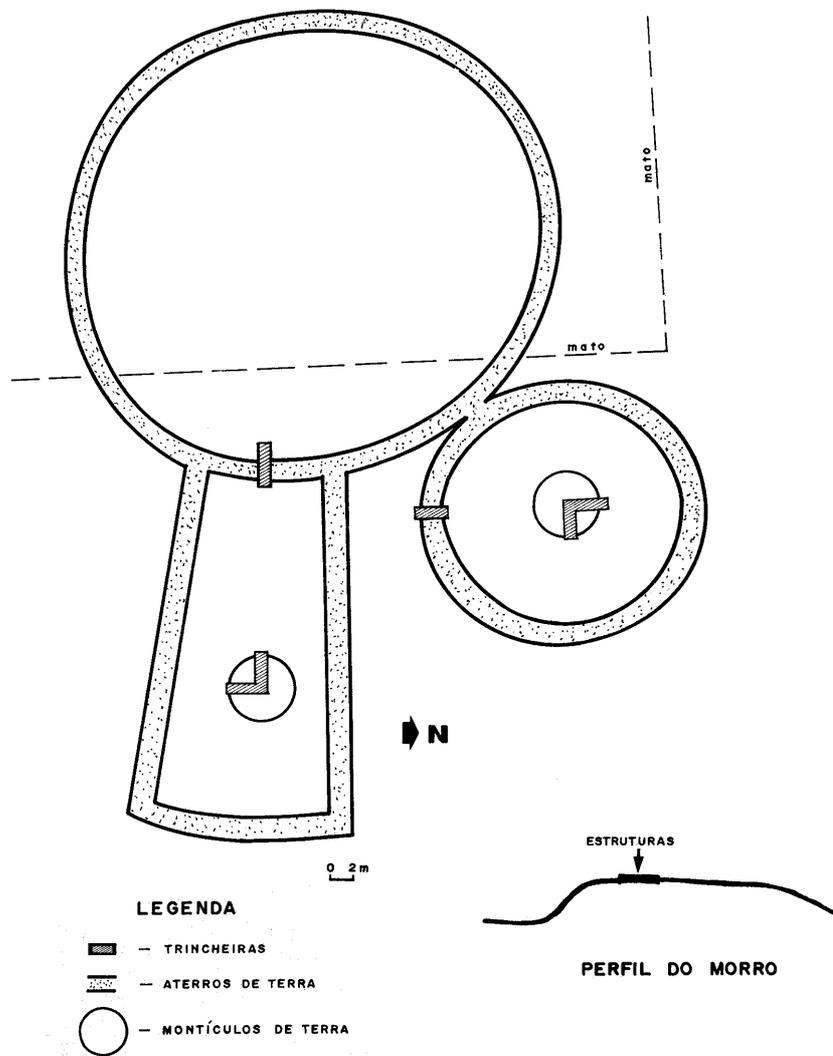
A Fase Guabiju foi também definida por Mentz Ribeiro e equipe (MENTZ RIBEIRO & RIBEIRO, 1985) em trabalhos de levantamento no Município de Esmeralda,

Nordeste do Rio Grande do Sul. Os sítios encontram-se todos na Bacia do Rio Pelotas.

Foram identificados sítios a céu aberto, conjuntos de estruturas semi-subterrâneas, galerias, dois abrigos, três cavernas e o fenômeno mais interessante da Tradição Taquara: as estruturas – assim definidas pelos autores.

As estruturas são formadas por círculos de terra de 2 a 3m de largura e 0,3 a 0,5m de altura com diâmetros que variam entre 21 e 70m. Em dois locais os círculos são isolados; em outro, encontramos dois círculos e uma figura trapezoidal unidos; o círculo menor e a figura trapezoidal possuem um montículo no centro, com 6,0m de diâmetro e 0,5 de altura. (MENTZ RIBEIRO & RIBEIRO, 1985, p. 51)

FIGURA 8 Estruturas em terra associadas à Fase Guabiju



Fonte: MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto. & RIBEIRO, Catharina Torrano. Levantamentos Arqueológicos no Município de Esmeralda, Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista do CEPA*. Santa Cruz do Sul: Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul. v. 12, n 14, 1985. p. 115.

Com relação à função dessas estruturas, os autores apontam como possíveis locais cerimoniais ou mesmo espaços de habitação que seriam protegidos por paliçadas.

Quanto aos outros aspectos dessa fase, foram encontrados 24 sítios em campo aberto relacionados à Fase Guabiju em função da cerâmica. Os locais são planos, altos ou encostas suaves voltadas para o norte, com cerca de 50m de diâmetro em média. As casas subterrâneas, por sua vez, totalizaram 39 concentrações, com quantidades que variam entre uma e 23 estruturas. Ocorrem ainda 3 galerias subterrâneas, 3 grutas e 2 abrigos sob rocha. Para uma das grutas há o relato do proprietário que diz ter havido 2 sepultamentos estendidos, depositados sobre uma esteira e acompanhados por um “cálice” (pote cerâmico?).

Com relação à cerâmica e ao lítico, citamos Mentz Ribeiro e Ribeiro:

Realizamos coletas superficiais sistemáticas nos sítios em campo aberto e cortes experimentais em 1 desses sítios, 2 estruturas e em 9 casas subterrâneas. Registramos o seguinte material: 2.470 fragmentos de cerâmica da Tradição Taquara, (simples e decorada: ponteadas, incisas, cestaria impressa, pinçada, unglulada, malha impressa, impressão de corda, carimbada, digitada e mista). A cerâmica simples foi a mais popular na quase totalidade dos sítios. A técnica do modelado, antiplástico arenoso, forma semi-esférica, contorno simples, espessura das paredes entre 5 e 8mm e abertura entre 8 e 16cm marcam as características dessa cerâmica. O lítico é composto de 1.302 peças, predominando a pedra lascada com 1.063, destacando-se os talhadores e raspadores semicirculares. Na pedra polida, as mãos-de-pilão, enxada e fragmento de virote são os instrumentos mais sugestivos. A matéria-prima por excelência é o basalto. (MENTZ RIBEIRO & RIBEIRO, 1985, p. 51)

Quanto às conclusões desses pesquisadores:

Entre as principais conclusões, destacaríamos: três Tradições Culturais ocuparam a área em estudo: Taquara, Humaitá e Umbú. Dessas, a primeira foi a que mais intensamente povoou a região. Pelas características da cerâmica (formas, percentuais de decoração, antiplástico) e lítico associado, particularmente os talhadores e raspadores semicirculares, estamos diante de uma nova fase da Tradição Taquara, a qual denominamos Guabiju. Através do material coletado podemos concluir que essa fase praticava a horticultura, caçava e coletava[...].(MENTZ RIBEIRO & RIBEIRO, 1985, p. 51)

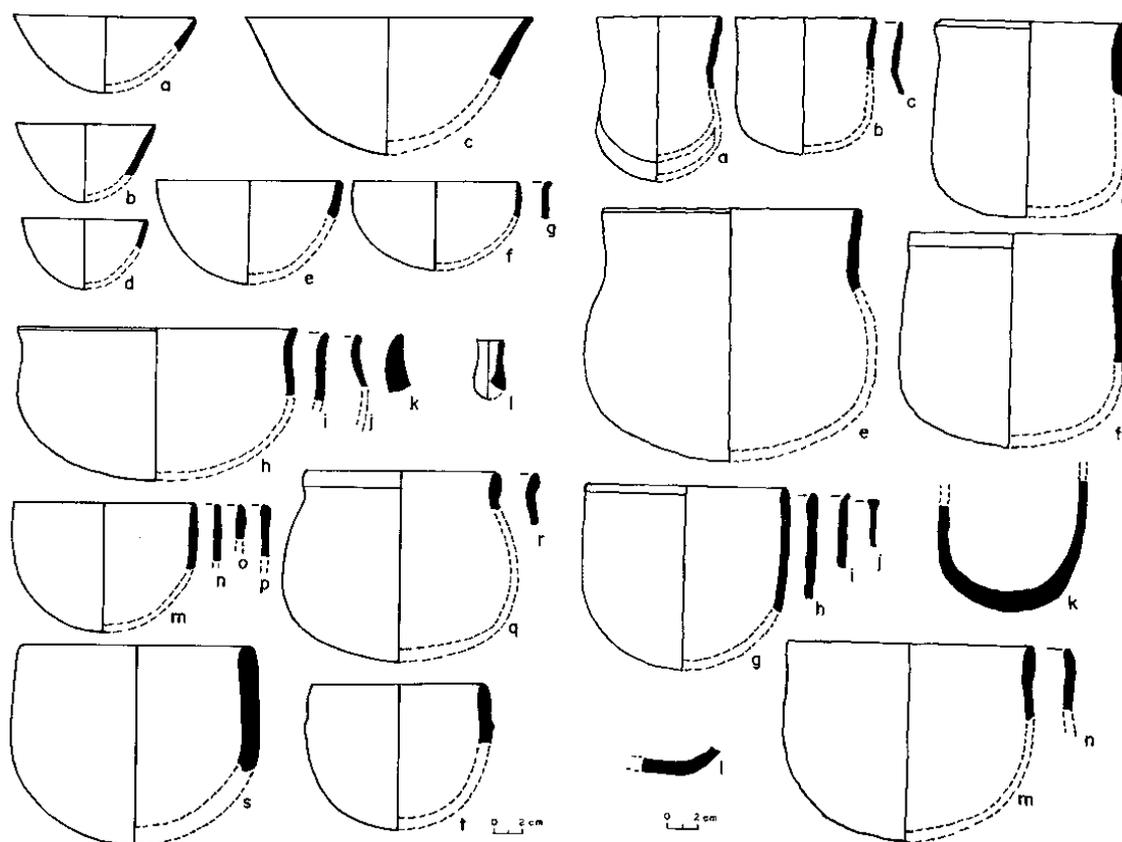
Com relação às datas, existem oito para essa fase, sendo que duas os autores não consideram por acreditar ser excessivamente recentes. Listamos aqui apenas as aceitas:

TABELA 2 Datas associadas à Fase Guabiju

650 ± 55 A.P. (SI-6563)	Cal 1.285-1.411 A.D.
635 ± 45 A.P. (SI-6561)	Cal 1.295-1.410 A.D.
465 ± 40 A.P. (SI-6558)	Cal 1.409-1.517 A.D.
420 ± 55 A.P. (SI-6562)	Cal 1.430-1.533 A.D.
390 ± 50 A.P. (SI-6556)	Cal 1.536-1.637 A.D.
355 ± 50 A.P. (SI-6559)	Cal 1.455-1.649 A.D.

A seguir apresentamos as formas cerâmicas reconstituídas dessa fase.

FIGURA 9 Formas das vasilhas da Fase Guabiju – Município de Esmeralda/RS



Fonte: MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto. & RIBEIRO, Catharina Torrano. Levantamentos Arqueológicos no Município de Esmeralda, Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista do CEPA*. Santa Cruz do Sul: Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul. v. 12, n 14, 1985. p. 120-121.

1.4.1.6 Fase Taquaruçu

A Fase Taquaruçu da Tradição Taquara foi definida por Eurico Miller (1969a) nos seus trabalhos por ocasião do PRONAPA, quando esteve fazendo levantamentos arqueológicos no noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Foi definida a partir de quatro sítios e é considerada afilhada à Fase Pré-Cerâmica Caaguaçu em razão da semelhança que existe entre o material lítico de ambas.

Os sítios localizam-se próximos a arroios ou pequenos córregos, possuindo dimensões que podem atingir 5.000m², sem haver evidências de estruturas semi-subterrâneas.

Os artefatos líticos que ocorrem são afiadores em canaleta, furadores, trituradores, raspadores e seixos alisadores de cerâmica.

A cerâmica é descrita por Miller:

Compõe-se de recipientes não-decorados como decorados. Os primeiros abrangem a grande maioria, desdobrando-se em bem alisados, sépia a negro polidos e toscos. Em 2.600 cacos não foi possível determinar a existência da técnica de roletes na confecção do vasilhame. A pasta é de textura compacta e uniforme, predominando um tempero grosso com grânulos de até 2mm, composto por hematita, basalto e quartzo moídos, material vegetal e areia visíveis à superfície. A cor predominante sépia seguida da cor sépia escura, negra e cinza, finalizando como alguns em cor telha claro. A decoração é obtida por meio de ponteados arrastados, unglado e aplicado. O tempero é fino, de quartzo mais areia. A pasta é uniforme e compacta, mas menos coesa.

A forma dos recipientes não decorados é simples, variando entre ovóide, cônica, esférica, meia-calota e cilíndrica, a maioria com terminal de fundo em plano. A borda mais popular é a extrovertida, seguindo-se a expandida e raramente a introvertida. O lábio é redondo e raramente apontado. Alguns são reforçados externamente. Em forma, os recipientes assemelham-se ao Eldoradense. A dimensão maior é predominantemente a vertical, atingindo os recipientes maiores a 39cm e 31cm de diâmetro no ombro. Ocorrem apêndices que não sabemos se são fragmentos de asas ou pezinhos, bem como pequenos pássaros. (MILLER, 1969a, p. 38)

Possui duas datas associadas: 830 ± 60 A.P. (SI-598) Cal 1.156-1.302 A.D. e 160 ± 70 A.P. (SI-599) Cal 1.790-1.955 A.D.

Não encontramos reproduções do vasilhame, até porque a única publicação sobre esta fase é a descrição feita por Miller nos relatórios do PRONAPA, que nos serviu de fonte.

1.4.1.7 Fase Giruá

A Fase Giruá é caracterizada por dois sítios que Miller (1969a) separou da fase anterior (Taquaruçu) por apresentarem pouco material e estarem situados na margem do Rio Uruguai, em coxilhas e ladeiras suaves.

A cerâmica é pouco numerosa e compõe-se de fragmentos com decoração pinçada, ponteadas e simples. Quanto aos artefatos líticos, guardam muita semelhança com o material lítico da Fase Caaguaçu, especialmente quanto à matéria-prima e proporções.

A data associada a essa fase é de 400 ± 100 A.P. (SI-600) Cal 1.397-1.683 A.D.

Não encontramos, na publicação, reconstituição do vasilhame.

1.4.1.8 Fase Xaxim

A Fase Xaxim foi definida por Piazza (1969), no sudoeste de Santa Catarina, onde foram encontrados 12 sítios ao todo – todos no topo de pequenos morros, próximos a fontes d'água. Miller (1971) identificou no Município de Erechim, Rio Grande do Sul, mais 3 sítios de pequenas dimensões.

Os trabalhos dessa fase ficaram restritos a coletas de superfície, sem a realização de escavações ou mesmo prospecções.

A cerâmica possui vasilhas de pequeno porte, não maiores que 22cm de diâmetro, lábios planos ou arredondos, bases planas ou arredondadas, bojos esféricos em formato de meia-calota ou ovóide. Quanto à decoração, pode ser incisa, ungulada, ponteadas, pinçadas e inciso-unguladas.

Não encontramos reconstituições das formas nos trabalhos publicados.

O material lítico apresenta lascas, fragmentos de pontas de quartzo e raspadores em arenito botucatu.

As datas dessa fase são 330 A.P. \pm 90 (SI-597) Cal 1.435-1.695 A.D. no Município de Urubici, e 975 A.P. \pm 90 (SI-825) Cal 977-1.279 A.D. em Concórdia, ambos em Santa Catarina.

1.4.1.9 Fase Itapiranga

A Fase Itapiranga ocorre no Município de mesmo nome, no Estado de Santa Catarina, e foi definida por Basile Becker & Schmitz (1969) a partir de amostras coletadas tanto por alunos da Sede Capela (Colégio Jesuíta de Itapiranga) como por Schmitz em coletas assistemáticas.

O material encontra-se em seis sítios com cerâmica os quais estão localizados em patamares mais elevados, com altitudes acima de 200m. Ocorre ainda, na área, uma grande quantidade de sítios Tupiguarani, situados na várzea dos cursos d'água.

Quanto à cerâmica:

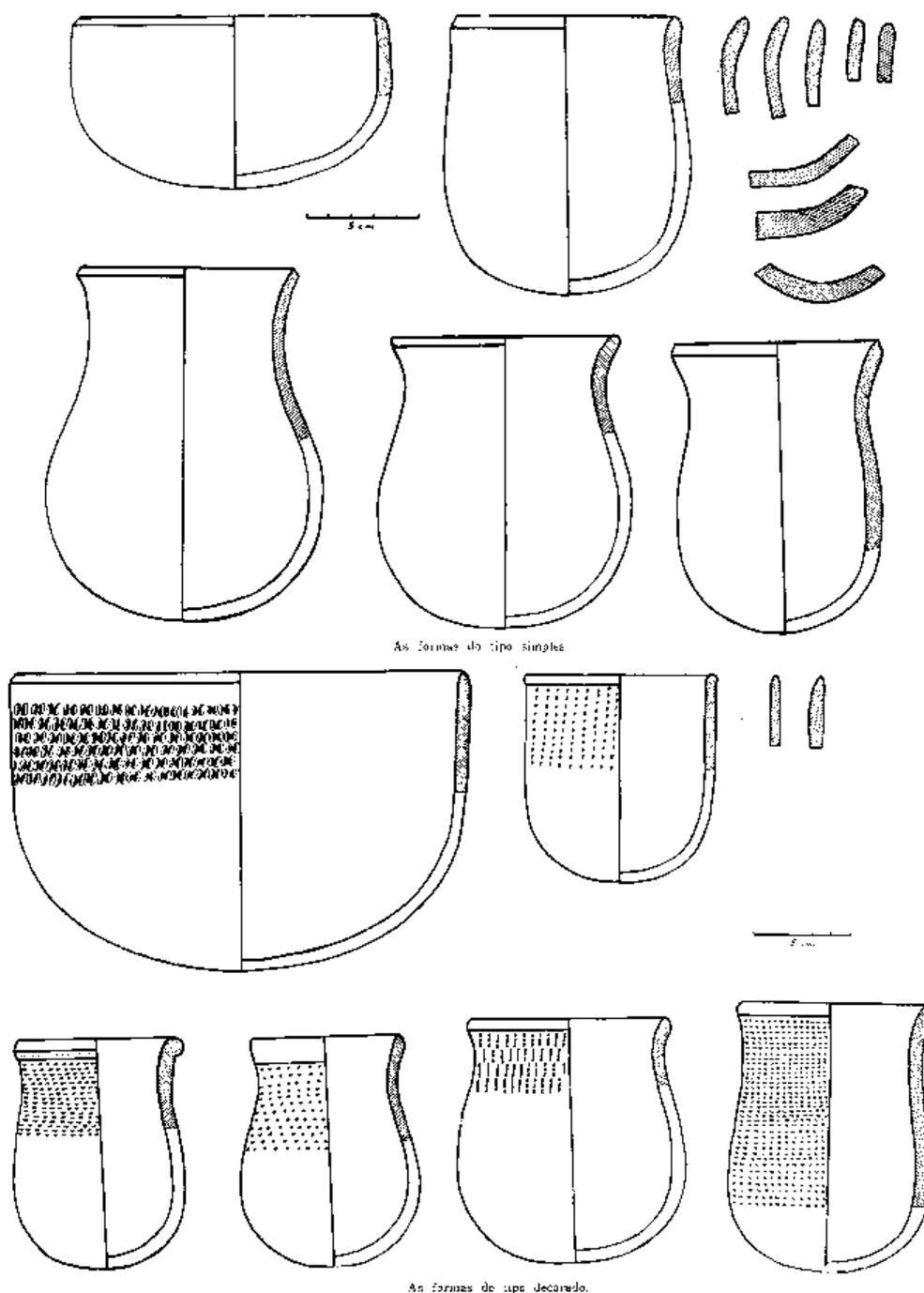
É feita por cordéis, tendo como antiplástico areia fina. A cor varia entre marrom e vermelho, com os núcleos aproximadamente da mesma cor. O alisamento das paredes é apenas regular. Longe a maior parte da cerâmica é alisada, mas existem raros ponteados, ponteados picotados, ponteados arrastados, impressos vários, pinçados, digitados, ungulado secante em linha. Os vasilhames incluem formas em meia calota e pequenos potes de corpo ovóide e colo estreitado. A espessura das paredes vai de 3 a 10mm. A abertura da boca varia de 6 a 20cm, predominando as aberturas pequenas. As bases podem ser convexas, aplanadas ou levemente côncavas. (SCHMITZ, 1988b, p. 87)

O material lítico, por sua vez, caracteriza-se pela ocorrência de quartzo cristalino e, em pouca quantidade, de calcedônia, ambos lascados pela técnica bipolar, proporcionando furadores e raspadores.

Com a técnica unipolar foram trabalhados os seixos de basalto, riolitos e arenitos silicificados para serem transformados em núcleos, lascas, fragmentos, raspadores, bifaces,

machadinhas, talhadores, cinzéis, buris, furadores, enxós, percutores, bigornas e até bolas de boleadeira.

FIGURA 10 Formas das vasilhas da Fase Itapiranga



Fonte: BASILE BECKER, Ítala Irene. & SCHMITZ, Pedro Ignácio. Uma cerâmica do tipo Eldoradense: Fase Itapiranga. *Estudos de Pré-história Geral e Brasileira*. São Paulo: Instituto de Pré-História da USP, 1969, p. 509-510.

Não temos datações para a Fase Itapiranga, entretanto Schmitz afirma:

Não há datas de C14, mas na seriação o material Tupiguarani, que acompanha todos os sítios, cai na parte recente da ocupação do território por esses horticultores. A chegada da Tradição Taquara no local é bem mais recente que o povoamento principal do Tupiguarani, dono da área; núcleos inteiros de Tupiguarani no meio da aldeia Taquara acentuam um estatuto de convivência dos dois grupos, que claramente é unilateral, do Tupiguarani para o meio da Taquara, nunca ao contrário. (SCHMITZ, 1988b, p. 87)

1.4.2 Tradição Itararé

A Tradição Itararé foi definida por Igor Chmyz em 1967, a partir dos projetos desenvolvidos pelo PRONAPA. Essa se caracteriza por sítios a céu aberto, localizados no Estado de Santa Catarina, Paraná⁷. Neste último, os sítios podem ser encontrados às margens do Rio Itararé, no Alto Vale do Rio Parapanema, no Rio Iguaçu, no médio curso do Rio Piquiri, na margem esquerda do Rio Paraná, na Baía de Paranaguá, na Baía de Antonina e na Baía de Guaratuba; no Estado de Santa Catarina, no Rio Pinheiros, na Ilha de São Francisco do Sul, na Praia das Laranjeiras e na Ilha de Florianópolis.

Essa Tradição está dividida em pelo menos sete fases: Itararé, Açungui, Catanduva, Candói, Xagu, Cantu e Pacitá. Além disso foram encontrados vestígios no litoral catarinense e paranaense, associados a sambaquis.

A cerâmica é definida como pequena, de paredes finas, sem decoração ou restringindo-se a um engobo vermelho ou cinza e preto. Em alguns casos apresenta decoração plástica, que em poucas situações ultrapassa os 10% do total, caracterizando-se como unglados, ponteados, incisos, carimbados.

⁷ A Tradição Itararé também foi identificada no Estado de São Paulo, entretanto, como este trabalho concentra-se na Região Sul, não abordaremos a ocorrência do fenômeno naquele Estado. Maiores informações podem ser encontradas em: Prous (1979), Robrahn (1988), Afonso (2001), Afonso & Morais (2002) e Kamase (2002).

1.4.2.1 Fase Itararé

A Fase Itararé foi a primeira a ser definida, e, de acordo com o padrão de trabalho desenvolvido no PRONAPA, confere o nome à Tradição. Essa foi identificada por Igor Chmyz (1967), a partir de 4 sítios localizados às margens do Rio Itararé e do Paranapanema.

Um dos sítios (PR-JA-17) estava na margem esquerda do Rio Itararé, a cerca de 25m, com material espalhado por uma mancha elíptica de 15 x 12m, não superando os 20cm de profundidade.

Já na margem esquerda do Rio Paranapanema foram encontrados os outros três sítios associados a essa fase (PR-JA-20, PR-JA-21 e PR-JA-25). Estão alinhados com a margem do rio, sendo que o segundo está a 60m do primeiro e o terceiro a 80m do segundo, em áreas cultivadas com a espessura da camada arqueológica não superior a 20cm.

Na publicação de 1977 (CHMYZ, 1977), o autor acrescenta mais um sítio (PR-JA-32), igualmente na margem esquerda do Rio Paranapanema e a cerca de 400m do conjunto identificado anteriormente. Todos esses quatro sítios se caracterizam por manchas elípticas com comprimentos entre 15 e 30m no maior sentido e 10 e 25m no menor.

É importante assinalar ainda a presença de sítios com cerâmica Tupiguarani, nas proximidades, filiados às Fases Cambará e Tibaji; e sítios pré-cerâmicos associados às Fases Timburi e Andirá.

A cerâmica dessa fase caracteriza-se por:

Em geral, os cacos estão bem conservados, notando-se pequena erosão nas faces. Muitos mostram, ainda, estrias deixadas pelo alisador. Devido à pequena espessura das paredes, os cacos são muito quebradiços.

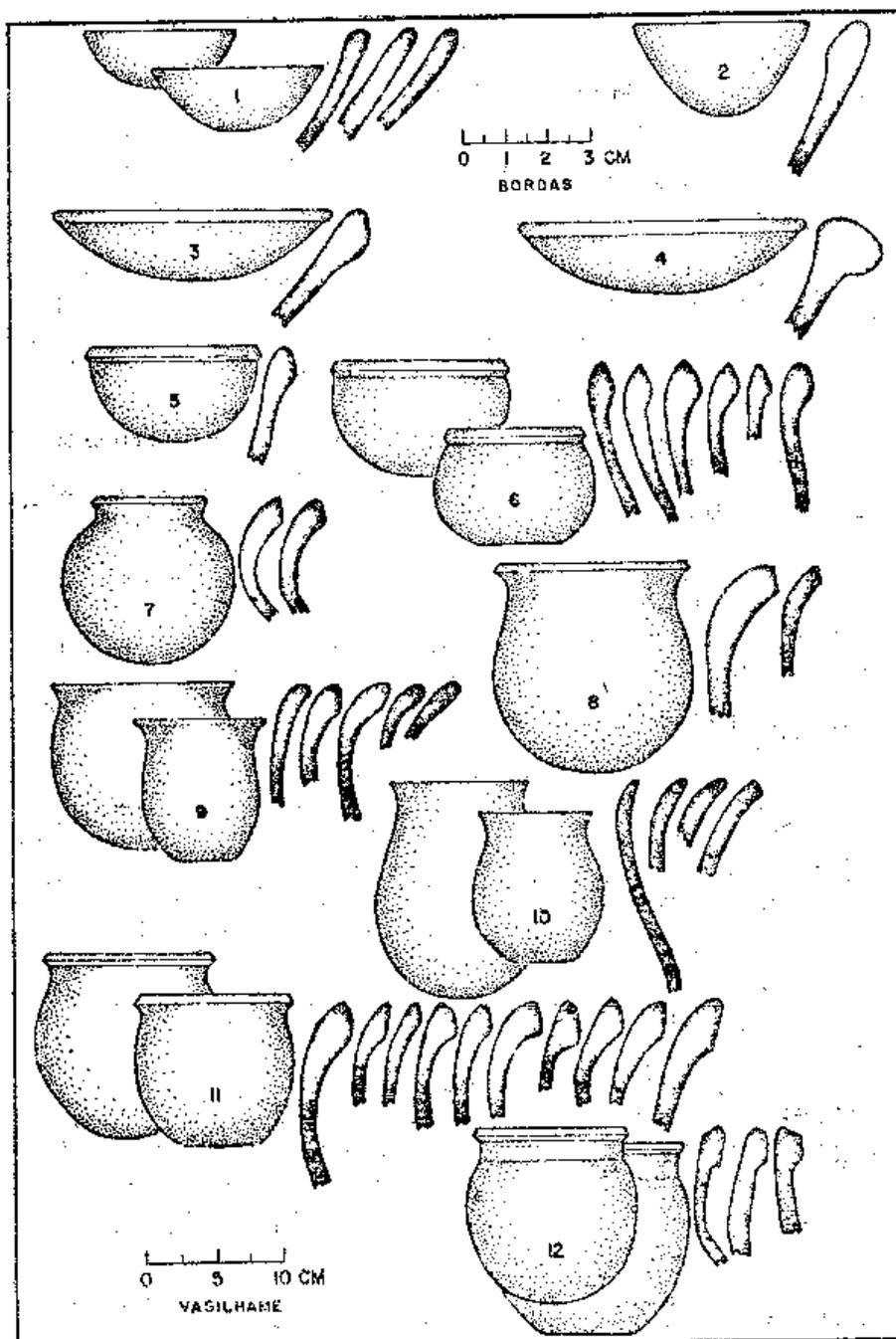
A única decoração existente consiste num delgado engobo vermelho aplicado em ambas as faces do vasilhame. Poucas vezes este ocorre só na face interna ou na externa. O engobo é pouco resistente à água.

A cerâmica sem decoração foi classificada segundo a granulometria do antiplástico empregado; Itararé Simples, com antiplástico grosso, e Santana Simples, com antiplástico fino.

Com base em fragmentos correspondentes à borda, bojo e base, foram reconstruídas 12 formas cerâmicas. Predominam as formas globulares e hemisféricas. A maior variação verifica-se nas bordas e nos lábios das peças. São comuns as bases convexas e planas. (CHMYZ, 1977, p. 62)

A figura 11 apresenta as formas reconstituídas da Fase Itararé. Percebe-se claramente formas esféricas e semi-esféricas, bordas diretas e infletidas. O diâmetro das bocas das vasilhas nunca é maior que 18cm e a espessura das paredes não supera os 6mm. A base das formas é plana ou convexa.

FIGURA 11 Formas reconstituídas da Fase Itararé.



Fonte: CHMYZ, Igor. Pesquisas paleoetnográficas efetuadas no Vale do Rio Paranapanema, Paraná – São Paulo. *Boletim de Psicologia e Antropologia*. Curitiba: UFPR, v. 5, abr. 1977, p. 64.

O material lítico, por sua vez, é composto de 706 peças, as quais poucas são artefatos retocados. A matéria-prima predominante é o sílex, com cerca de 51%, obtido através de seixos rolados encontrados nos riachos. A segunda rocha mais utilizada é o arenito silicificado, extraído de diques que afloram na região, com aproximadamente 27% das peças. O restante é produzido a partir de rochas encontradas no local, tais como diabásio, meláfiro, quartzito.

Os artefatos são produzidos preferencialmente a partir de núcleos, seguidos pelos produzidos sobre lascas. A técnica de produção é preferencialmente a percussão direta e, em alguns casos, retoques, quando então se utiliza uma percussão direta mais cuidadosa, podendo ocorrer também retoques por pressão.

Quanto à subsistência, não foram encontrados restos de alimentos nos sítios prospectados, mas Chmyz (1977) propõe que essa foi baseada na caça e na coleta, complementada com alguma agricultura incipiente.

Com relação a datas por radiocarbono, não existem para essa fase. Há apenas cerâmica intrusiva na Fase Cambará, datada entre 820 e 1.190 A.D.

1.4.2.2 Fase Açungui

A Fase Açungui foi definida em 1968, por Chmyz, a partir de oito sítios identificados nas margens do Médio Rio Iguaçu e seus afluentes, próximos a sítios das Fases Guajuvira e Imbituva, Tradição Tupiguarani (CHMYZ, 1968).

Os sítios possuem tamanhos que variam entre 20 x 15 até 30 x 25m, das menores às maiores áreas identificadas. São superficiais com a camada arqueológica que não ultrapassa os 12cm de profundidade. A distância do Rio Iguaçu pode chegar a 15km, mas estão sempre próximos a pequenos cursos como riachos ou mesmo banhados, em encostas de pequenas elevações.

A partir das coletas superficiais foram encontrados fragmentos cerâmicos e artefatos líticos. Ao todo foram registrados 682 fragmentos divididos em dois tipos: um simples e um decorado.

Sobre a cerâmica, encontramos a seguinte descrição:

Os 682 cacos de cerâmica Açungui mostraram uma tipologia muito simples: dois tipos simples e um decorado. O método de manufatura é o acordelado, havendo alguns exemplos modelados. Em ambas as faces dos cacos predominam as cores vermelho tijolo e cinza escuro, uniformes. A espessura das paredes varia entre 3 e 7mm.

No tipo Açungui Simples, os antiplásticos são: muita areia até 5mm e quartzo leitoso até 6mm, além de hematita até 3mm. No [tipo] Cancela Simples, os antiplásticos são: areia e quartzo até 1mm. O Açungui Vermelho é o único tipo decorado. Um caco unglado ocorreu num dos sítios e pode ser considerado intrusivo.

Foram arroladas 13 formas na cerâmica Açungui. Os recipientes são de pequenas dimensões. Predominam as formas de meia-calota, cônica, de meia-esfera, esférica e ovóide. As bordas apresentam-se diretas, extrovertidas, expandidas e reforçadas externamente. As bases são arredondadas, planas e côncavas. (CHMYZ, 1969, p. 117)

O lítico é representado por 230 peças, sem que tenham sido encontrados artefatos elaborados, apenas lascas e fragmentos em sílex, diabásio e arenito silicificado, com algumas peças com arestas indicando o uso, como facas e raspadores.

Não foram registradas datações para essa fase, entretanto, no Médio Rio Iguaçu, temos sítios próximos das Fases Guajuvira e Imbituva, ambas da Tradição Tupiguarani. Nesses foram encontrados cacos de cerâmica dessa fase (Açungui), provavelmente intrusiva ou aculturada.

1.4.2.3 Fase Catanduva

A Fase Catanduva, descrita 1969 por Igor Chmyz, foi definida a partir de um conjunto de oito sítios localizados no Rio Iguaçu, próximo à cidade de Cruz Machado, no terceiro Planalto Paranaense (CHMYZ, 1969).

Caracteriza-se pela existência de casas subterrâneas agrupadas em conjuntos,

localizadas nas encostas de pequenas elevações e próximas a córregos ou riachos. Encontramos agrupamentos de 4 e 10 estruturas dispostas ora em círculos ora dispersas. Quanto aos tamanhos, o diâmetro oscilava entre 10 e 2m e profundidade não atingia mais que 3m.

Além das estruturas, ocorrem montículos situados no topo das elevações mais altas. Suas dimensões estão por volta de 1,7m de comprimento, 0,6m de largura e 0,4m de altura. Circundando-os existe uma valeta, da qual foi obtida a terra para sua construção.

Em outro conjunto com as mesmas características foi identificada uma taipa ligeiramente retangular aberta em um dos lados, circundando os montículos.

A cerâmica, segundo Chmyz (1969), restringe-se a cinco cacos encontrados nos cortes realizados nos montículos. Trata-se de um fragmento com decoração digitada e outros quatro simples. São produzidos com antiplástico grosso, tais como areia e sílex, moídos até 5mm. Quanto ao núcleo, todos apresentam coloração preta e a dimensão dos fragmentos é pequena, indicando vasilhame de pequeno porte.

Quanto ao material lítico:

As evidências líticas são bem mais expressivas na Fase Catanduva. Cerca de 1.030 peças foram recolhidas nos diversos sítios. A matéria-prima utilizada com mais frequência foi o diabásio; alguns artefatos também foram trabalhados em arenito frito e sílex. Somente no sítios PR-UV-9 apareceram polidores planos e com sulcos e com grandes mãos-de-pilão polidas. Os artefatos característicos da fase são os raspadores plano-convexos de formato circular e utilizáveis apenas numa extremidade. Foram elaborados sobre núcleos. Ocorrem também raspadores com escotadura, laterais, além de facas, talhadores, machados, moedores e quebra-côcos. (CHMYZ, 1969, p. 110)

Essa fase possui duas datas absolutas: 605 ± 120 A.P. (SI-691) Cal 1.223-1.633 A.D. e 255 ± 100 A.P. (SI-692) Cal 1.488-1.951 A.D.

Chmyz, em seu trabalho, não filia essa Fase à Tradição Itararé, tampouco a qualquer outra. Entretanto, Simões (1972) a liga à Tradição Casa de Pedra e Schmitz (1988b), por sua vez, sugere estar filiada à Tradição Itararé.

Neste trabalho, sugerimos estar inserida dentro do contexto da Tradição Taquara-Itararé por apresentar elementos comuns, tais como montículos e estruturas subterrâneas. Não apresenta a mesma intensidade de cerâmica como as outras fases; entretanto, os demais elementos que caracterizam esse conjunto de sítios permitem sua inclusão naquele contexto.

1.4.2.4 Fase Candói

A Fase Candói foi identificada no Médio Rio Iguaçu, em sítios afastados do curso principal do rio, a cerca de 10km, mas a não mais de 100m de cursos de pequenos rios ou córregos. Um dos sítios é um abrigo e os demais são a céu aberto.

A cerâmica que define essa fase foi delimitada a partir de 741 fragmentos obtidos nos três sítios. Compõe-se basicamente por decoração simples (90% dos fragmentos) que foi separada em dois tipos baseados no antiplástico: Candói Simples e Pinaré Simples. O primeiro é mais grosseiro que o segundo. Valemo-nos da descrição de Chmyz:

A maior parte da cerâmica, cerca de 90%, é sem decoração. Segundo o antiplástico, esse grupo foi dividido em: Candói Simples, com muita areia até 1,5mm, fragmentos de rochas e quartzo até 5mm, embora os com 2 e 4mm sejam mais freqüentes; bolas de hematita até 3mm e raros cacos com conchas moídas e carvão vegetal. No tipo Pinaré Simples verifica-se a mesma variedade de antiplástico, porém não ultrapassando de 1,5m de diâmetro.

O segundo grupo da cerâmica foi classificado conforme as decorações: Candói Polido-estriado, Candói Pinçado, Candói Cestaria Impressa, Pinaré Cestaria Impressa, Pinaré Malha Impressa, Candói Ponteadado, com variedades A, B e C, Candói Escovado e Candói Ungulado. Muitas vezes a decoração limitava-se a porções superiores da peça, permanecendo a base apenas alisada.

Os recipientes são em forma de meia-calota, de meia-esfera, esférica, ovóide e cônica. As bordas apresentam-se diretas, extrovertidas, expandidas e reforçadas externamente. As bases são arredondadas, planas e côncavas. A espessura das paredes varia entre 3 e 11mm, predominando entre 5 e 7mm. Os diâmetros das bocas variam entre 8 e 16cm, predominando entre 10 e 14. (Chmyz, 1969, p. 97)

Com relação ao material lítico, ocorrem poucos artefatos, não mais que 150 peças oriundas dos três sítios identificados.

Entre os núcleos com evidências de adaptação, havia um raspador lateral e um seixo rolado com picoteamentos em dois lados. Entre os artefatos elaborados

sobre lascas, classificamos: raspadores com escotadura e terminal, facas e um polidor plano. Como matéria-prima foram utilizados: arenito fritado, sílex e diabásio. (Chmyz, 1969, p. 98)

Associada ainda a essa fase, foi encontrada uma faca, na verdade uma valva de Lamelibrânquio, na qual foram realizadas várias incisões que dão a idéia de uma serrilha. No abrigo, foram encontrados petróglifos compostos por conjuntos de pontos alinhados paralelamente e sulcos alongados polidos.

Essa fase possui uma data: de 1.475 ± 65 A.P. (SI-2197) Cal 443-774 A.D.

1.4.2.5 Fase Xagu

A Fase Xagu foi identificada a partir de cinco sítios localizados na margem direita do Rio Iguaçu, no que hoje são os Municípios de Laranjeiras do Sul e Guarapuava, Estado do Paraná. Estão localizados nas encostas de elevações, distando poucos metros de rios ou córregos menores. A área dos sítios oscila entre 14 e 14.130m², com uma camada arqueológica de até 45cm de profundidade.

A cerâmica, da mesma forma que as outras fases da Tradição Itararé, é simples, sem muita decoração. Schmitz assim descreve:

A cerâmica é predominantemente simples, mas a decorada é mais abundante que nas outras fases da Tradição Itararé, atingindo 35,61% , compondo-se de incisos abundantes, ponteados, carimbados e engobados de vermelho. Os recipientes reconstituídos apresentam-se em meia-calota, meia-esfera, esférica, ovóide e cônica. Os lábios são arredondados e planos, biselados e apontados; as bases convexas, levemente planas, planas formando angulação na junção com a parede, e cônicas. (SCHMITZ, 1988b, p. 101)

O material lítico é composto de artefatos produzidos tanto sobre lascas como sobre núcleos. Os instrumentos são facas, raspadores, talhadores, percutores, bigornas, mãos-de-pilão, trituradores e lâminas-de-machado lascadas. Não existem, até o momento, datas para essa fase.

1.4.2.6 Fase Cantu

Os trabalhos desenvolvidos por Chmyz por ocasião do Projeto Arqueológico Itaipu, proporcionaram o estabelecimento da Fase Cantu, de Tradição Itararé, na área do que hoje é a represa de Itaipu, a partir da identificação de 31 sítios.

Desses 31, 27 são superficiais e 4 com estruturas subterrâneas. Ocupam áreas próximas a córregos e margens de rios, numa distância entre 250 e 6,5m (a média situa-se em 69,5m). Estão nas encostas de pequenas elevações. Os sítios superficiais caracterizam-se pela ocorrência de material arqueológico disperso em um ou mais núcleos.

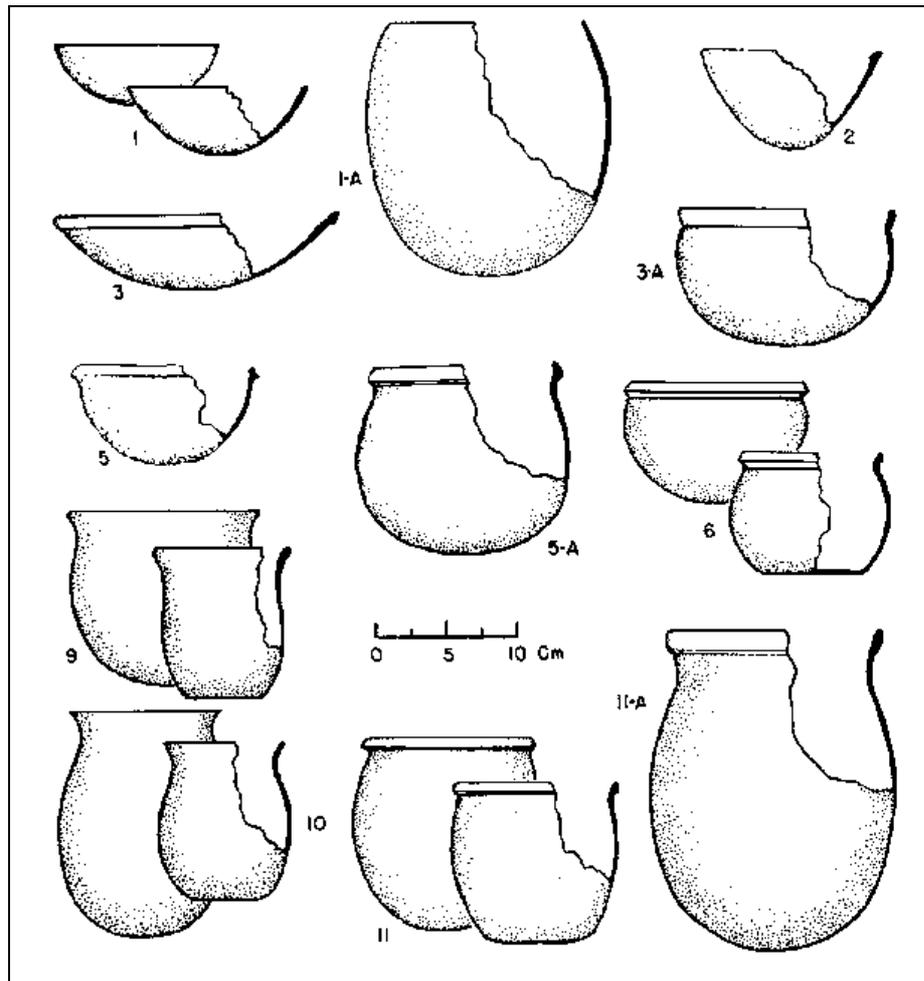
As estruturas subterrâneas possuem entre 2 e 10m de diâmetro até 1,5m de profundidade. Seu formato é circular e ocorrem preferencialmente agrupadas, podendo guardar distâncias entre si desde poucos metros até mais de uma centena. Em um dos sítios, PR-FI-38, foi identificado um aterro com 7m de diâmetro máximo e 1,3m de altura.

A cerâmica dessa fase não possui grande diversidade. Os tipos Cantu Simples e Ubiratã Simples somam 95,67% dos fragmentos. A diferença entre ambos é que o primeiro possui um antiplástico mais fino que o segundo. Os tipos simples, portanto, totalizam mais de 95% dos fragmentos.

O terceiro tipo mais freqüente é o Cantu Carimbado, com 2,05% da amostra, seguido do Itavó Carimbado (1,02%), do Ubiratã Carimbado (0,34%), do Modelado (0,34%), do Cantu Vermelho (0,23%) e do Marcado com Corda, Negro Polido e Ubiratã Ponteados, os quais apresentam 0,11% cada. O total de fragmentos foi de 879.

Quanto às formas, foram identificadas vasilhas em meia-calota, meia-esfera, esférica, ovóide e cônica, com base arredondada, plana e côncava. Foram encontrados ainda fragmentos de argila queimada, o que, segundo o autor, poderia estar relacionado ao aterro funerário.

FIGURA 12 Formas reconstituídas da Fase Cantu



Modificado por Marcus Vinícius Beber, a partir de Chymz, 1976, p.81 e Chymz 1977, p. 82.

O material lítico ocorre em maior quantidade e foi assim descrito por Schmitz:

O material lítico é bem mais numeroso, havendo um quase equilíbrio entre os artefatos de lascas e os de núcleos. Ele é representado por facas, talhadores, plainas, alisadores, pilões, mãos-de-pilão e variedades de raspadores. O material lítico da fase tem certas semelhanças tipológicas com o da Fase Pré-Cerâmica Pirajuí, da Tradição Humaitá. As técnicas de preparação de artefatos líticos compreendem o lascamento unipolar e bipolar, o retoque por percussão e pressão, o picoteamento e o alisamento. A matéria-prima mais usada é o arenito silicificado, vindo depois o basalto, o meláfiro, o sílex, o quartzo, o quartzito e o arenito friável. (SCHMITZ, 1988b, p. 103)

Para essa fase foram feitas três datas: 845 ± 100 A.P. (SI-2193) Cal 1.024-1.389 A.D., 735 ± 95 A.P. (SI-2194) Cal 1.074-1.436 A.D. e 470 ± 95 A.P. (SI-2192) Cal 1.306-1.655 A.D.

Finalmente, na área onde estão os sítios da Fase Cantu ocorrem ainda sítios da Tradição Tupiguarani das Fases Itacorá, Ibirajé e Sarandi.

1.4.2.7 Fase Pacitá

A Fase Pacitá foi identificada na margem esquerda do Rio Paraná, na área do que é hoje a Usina Hidroelétrica de Itaipu. São ao todo quatro sítios levantados, localizados a uma distância não superior a 180m de um curso d'água.

O material cerâmico é composto por 140 fragmentos obtidos a partir de coletas superficiais. Foram definidos 6 tipos: Pacitá Simples (31,73%), Zororó Simples (49,04%) – diferenciados pelo antiplástico grosso no primeiro e fino no segundo; Pacitá Carimbado (6,73%), Guaçu Carimbado (7,69%), Zororó Carimbado (1,93%) e Pacitá Escovado (2,88%).

As formas são em meia-calota, meia-esfera, esféricas e ovóides com bases convexas, côncavas e levemente côncavas. Quanto ao tamanho, são recipientes pequenos de paredes finas.

O material lítico, em pequena quantidade, é feito em sílex (35,21%), arenito silicificado (26,76%), quartzo (23,95%) e meláfiro (14,08%). A técnica empregada é a percussão direta.

Ocorrem três variedades de lascas (59,15%), microlascas (9,86%) e lâminas (2,82%). Os núcleos esgotados totalizam 9,86% e os fragmentos 12,68%. Quatro lascas (5,63%) apresentam sinais de uso.

Com relação a datas, não foram publicadas até o momento para essa fase.

1.4.3 A Tradição Itararé fora do Planalto

Além dos sítios identificados no planalto, a cerâmica da Tradição Itararé foi

identificada em muitos sítios litorâneos na camada superior de muitos sambaquis, especialmente nos Estados de Santa Catarina e Paraná. Esse fato tem gerado uma discussão sobre a movimentação de populações do planalto em direção ao litoral, levando aos ambientes costeiros a cerâmica e o cultivo.

Evidentemente essas propostas estão marcadas pelas pesquisas associadas ao PRONAPA, que está na base da teoria arqueológica brasileira. Sendo assim, as ocupações litorâneas associadas à Tradição Taquara/Itararé eram vistas como movimentos migratórios do interior (no qual encontram-se as datas mais antigas) para o litoral.

Outra alternativa explicativa é a de que os sítios no litoral e no interior tenham feito parte de uma rede de abastecimento que integrou movimentos migratórios sazonais, buscando a exploração dos três ambientes: o litoral – rico em recursos marinhos; o planalto – com a mata com araucária; e a Mata Atlântica.

1.4.3.1 Sambaqui da Ilha das Cobras

O Sambaqui da Ilha das Cobras, o qual está localizado na Baía de Paranaguá, Estado do Paraná, possui 70cm de altura e aproximadamente 30m de comprimento, no sentido norte-sul. Quanto à sua largura, esta não foi definida.

Sobre a composição do sedimento desse sítio, percebeu-se *Ostrea* sp, cinzas e carvão. Foi identificado ainda uma grande quantidade de ossos de peixe e várias vértebras, sendo algumas delas trabalhadas com perfurações ao centro.

O material arqueológico está situado até os 70cm de profundidade, encontrando-se artefatos líticos, compostos por moedores, raspadores, pontas e talhadores, tendo como matéria-prima preferencial o diabásio. Ocorre ainda uma peça em andezito.

FIGURA 13 Formas cerâmicas encontradas no Sambaqui da Ilha das Cobras

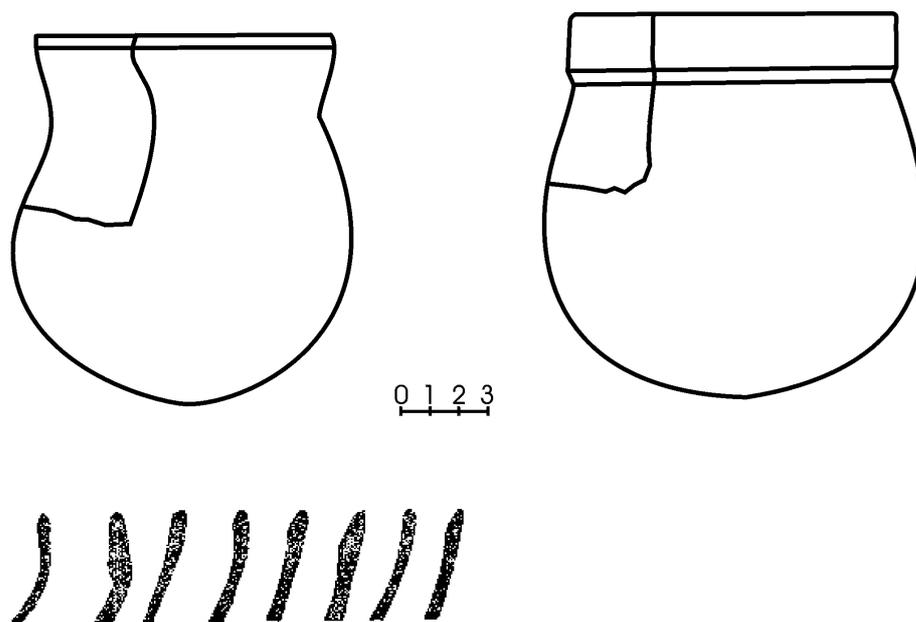
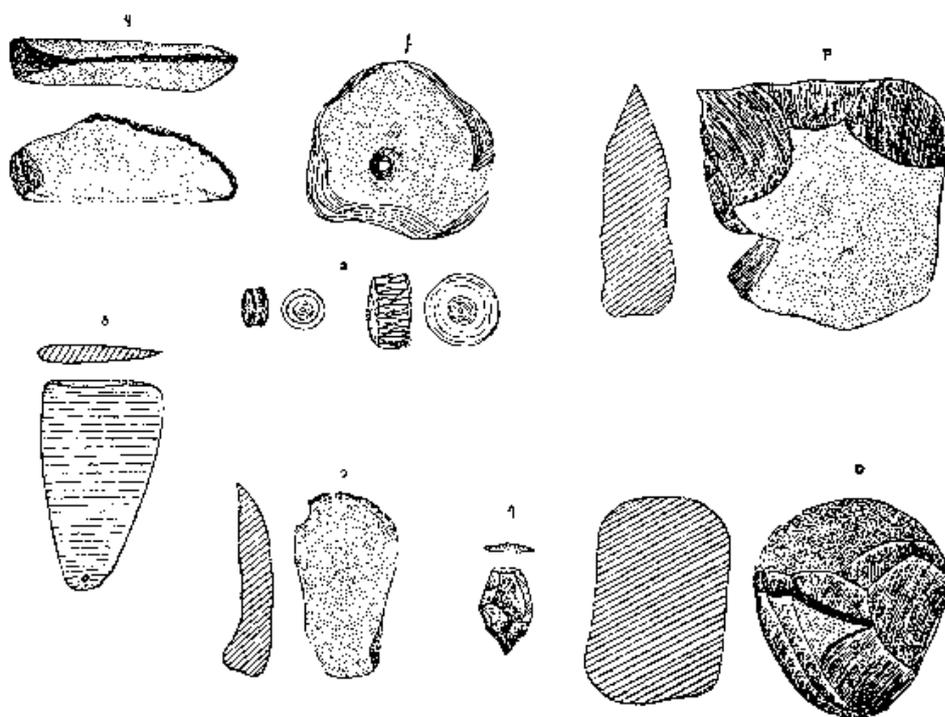


FIGURA 14 Artefatos encontrados no Sambaqui da Ilha das Cobras



Fonte: RAUTH, José Wilson. *Notas Arqueológicas sobre uma formação de um Sambaqui na Ilha das Cobras*. Faculdade Estadual de Filosofia, Ciência e Letras de Paranaguá, Paranaguá, N.º 1, 1963, fig. 2 e 3.

A cerâmica, encontrada até os 20cm de profundidade, pode ter cor preta, cinza clara ou vermelha. A superfície apresenta-se alisada em ambas as faces e alguns fragmentos

apresentam polimento externo. A forma é globular com a borda voltada para fora. A espessura não ultrapassa os 10mm.

1.4.3.2 Sambaqui da Ilha das Pedras

Localizado na Baía de Antonina, o Sambaqui da Ilha das Pedras possui 12m de altura, contornado por uma vegetação de mangue. A estratigrafia apresenta 4 camadas bem definidas, sendo a primeira superficial de coloração escura, com cacos de cerâmica, artefatos em osso e líticos semi-polidos; a segunda composta basicamente por *Modiolus* sp e raros artefatos; a terceira apresenta basicamente conchas moídas e lentes de carvão vegetal com fragmentos cerâmicos; e a quarta, e última, apenas *Ostrea* sp e raros artefatos líticos.

A cerâmica encontrada é composta por fragmentos de peças pequenas e médias, com formato globular, bases planas e a cor variando entre o cinza claro e negro, passando pelo marrom.

1.4.3.3 Sambaquis da Baía de Guaratuba

Os Sambaquis na Baía de Guaratuba são assim descritos: "*Estes depósitos estão localizados na margem dos rios que formam essa Baía, situados em terrenos arenosos, pantanosos e alagadiços*". (RAUTH, 1963, p. 4)

Quanto ao tamanho, Rauth aponta como tendo entre 30 x 20m, predominando a exploração de ostra e *Modiolus brasiliensis*.

Não temos maiores dados. Schmitz (1988b) afirma apenas que havia cerâmica na camada superior de alguns sambaquis.

1.4.3.4 Sambaqui do Rio Pinheiro n° 8

Sobre o Sambaqui do Rio Pinheiro n°8 valemo-nos dos dados apresentados por

Schmitz:

O sambaqui do Rio Pinheiros n.º 8, localizado à margem do rio homônimo, assenta em terrenos arenosos de um antigo feixe de restingas. Suas dimensões eram de 67 x 47m na base e cerca de 15m de altura.

Nas camadas 4B e 4D, a mais ou menos 55cm de profundidade, ocorreu cerâmica associada a enterros fletidos, alguns com corante vermelho, e com artefatos líticos, entre os quais lâminas de machados polidas e pontas de osso. (SCHMITZ, 1988b, 105)

1.4.3.5 Sambaqui do Forte Marechal Luz

O Sambaqui do Forte Marechal Luz está localizado no norte da Ilha de São Francisco, Município de São Francisco do Sul, Estado de Santa Catarina. Esse sítio foi escavado por Alan L. Bryan, em 1960. A área total trabalhada alcançou 70m² e uma profundidade máxima de 6,5m.

Foram identificados ao menos 4 momentos de ocupação. O primeiro foi datado em 4.290 ± 130 A.P., tendo como artefatos apenas ossos e conchas bastante alteradas. O segundo foi datado entre 3.660 ± 130 e 2.060 ± 120 A.P., composto por lentes de conchas com carvões e poucos artefatos, devido à perturbação do sítio. O terceiro momento de ocupação foi descrito por Bryan:

No chão, uma grande placa de osso de baleia foi usada como tábua de carne e uma vértebra de baleia foi, com certeza, usada como braseiro, sendo que havia ainda carvão na cavidade queimada da parte superior. Várias conchas de ostras gigantes, com sua cavidade virada para cima, estavam alinhadas, evidentemente para servir de recipientes. Outra concha, completamente calcinada, estava embaixo desse grande braseiro. Uma grande costela de baleia com vestígios de cortes estava sobre a placa, no pé de um rochedo. Outro osso de baleia jazia por perto. (BRYAN, 1977, p. 12)

O quarto momento de ocupação está datado em 1.440 ± 110 A.P. e apresenta uma área de cocção com 13 painéis de barro não-cozido, ossos de peixes não-calcinados e mós

para produção de corantes. Além disso, essa camada apresenta um conjunto de 36 sepultamentos provenientes de níveis superiores, sendo que 7 deles são coletivos e os mais antigos estão datados em 1.100 ± 100 A.P.

O quinto momento é caracterizado por uma fogueira localizada sobre um conjunto de sepultamentos datados em 850 ± 100 A.P. Já a sexta ocupação está representada por uma fogueira cerimonial sobre um sepultamento com cerâmica associada e uma data de 880 ± 100 A.P.

A sétima, e última ocupação, é caracterizada pela ocorrência de cerâmica: cerca de 10.000 fragmentos de vasilhas pequenas não-decoradas de bases arredondadas e planas e, tecnicamente, bem feitas. A camada final do sambaqui possui duas datas: uma de 640 e outra de 620, ambas com margem de erro de ± 100 A.P.

Um detalhe importante refere-se à transição entre o período cerâmico e o pré-cerâmico nesse sítio, que ocorre entre as camadas 3 e 5, sem que entre elas perceba-se uma camada de abandono. Sobre isso Bryan afirma:

Como todos os outros tipos de artefatos atravessam a fronteira invisível entre o 1 e o 3, tanto a estratigrafia natural como os artefatos mostram que a cerâmica simplesmente se juntou ao patrimônio cultural da população local. (BRYAN, 1977, p. 13)

Outra sugestão do mesmo autor é a de que o advento da cerâmica no litoral teria se dado pela introdução de mulheres vindas do interior, quer de forma pacífica quer de forma belicosa. Entretanto não existem elementos arqueológicos que permitam confirmar qualquer das alternativas.

1.4.3.6 Sambaqui da Enseada I

O sambaqui da Enseada I (SC-LN-71) está localizado ao norte da Ilha de São Francisco, no Município de São Francisco do Sul, Estado de Santa Catarina, sobre um pontão

rochoso denominado Ponte Alta. Foi escavado e analisado por Anamaria Beck (1974), de quem utilizamos os dados.

Esse sambaqui possui cerca de 15m de altura. Nele foram identificadas duas ocupações, sendo uma pré-cerâmica e uma cerâmica.

O período pré-cerâmico está separado da ocupação ceramista por uma camada de húmus que isola ambas ocupações, demonstrando, portanto, um período de abandono entre elas.

A descrição das camadas da primeira ocupação, nas quais predominam conchas soltas de *Anomalocardia brasiliiana*, *Ostrea sp* e *Ostrea arborea*, tomamos de Beck:

As camadas estratigráficas da primeira ocupação eram constituídas praticamente de conchas soltas, principalmente *Anomalocardia brasiliiana* (berbigão), *Ostrea sp* e *Ostrea arborea*. No interior dessas camadas soltas de berbigão ocorreram estruturas compactas de conchas em decomposição, associadas a carvão e cinzas. (BECK, 1974, p. 44)

A ocupação ceramista, por sua vez, atinge cerca de 1,5m de profundidade e é assim descrita:

A estratigrafia pode ser definida como a de um "sambaqui sujo", em que os bolsões de conchas de várias espécies de moluscos estavam mesclados com camadas de terra escura, ossos de peixes, de mamíferos e de aves. Estruturas remanescentes de antigas fogueiras, além de instrumentos em que predominaram artefatos de ossos e cacos de recipientes de cerâmica, caracterizaram esta segunda ocupação. (BECK, 1974, p. 43)

Quanto aos recursos de origem marinha já citados, foram identificados, a partir de otólitos, restos de peixes: corvina (*Micropogonias furnieri*), miraguaia (*Pogonias chromis*), pescada-amarela (*Cynoscion acoupa*), robalo (*Larimus breviceps*), bagre e bagre-guri (*Tachysurus luniscutis*). Encontramos também evidências de tainha e parú, tubarão (*Galeocerdo curvieri*, *Carcharodon carcharias*), cação-mangona (*Ondontaspes taurus*) e arraias. Além destes, percebeu-se ainda ouriço negro, ouriço do mar, siris, caranguejos e o uso significativo da baleia, não apenas como recurso alimentar, mas também para fabricação de

artefatos e combustível a partir do seu esqueleto.

Entre os mamíferos terrestres podemos citar porco-do-mato, paca, anta e pequenos roedores. Ocorrem ainda ossos longos de aves.

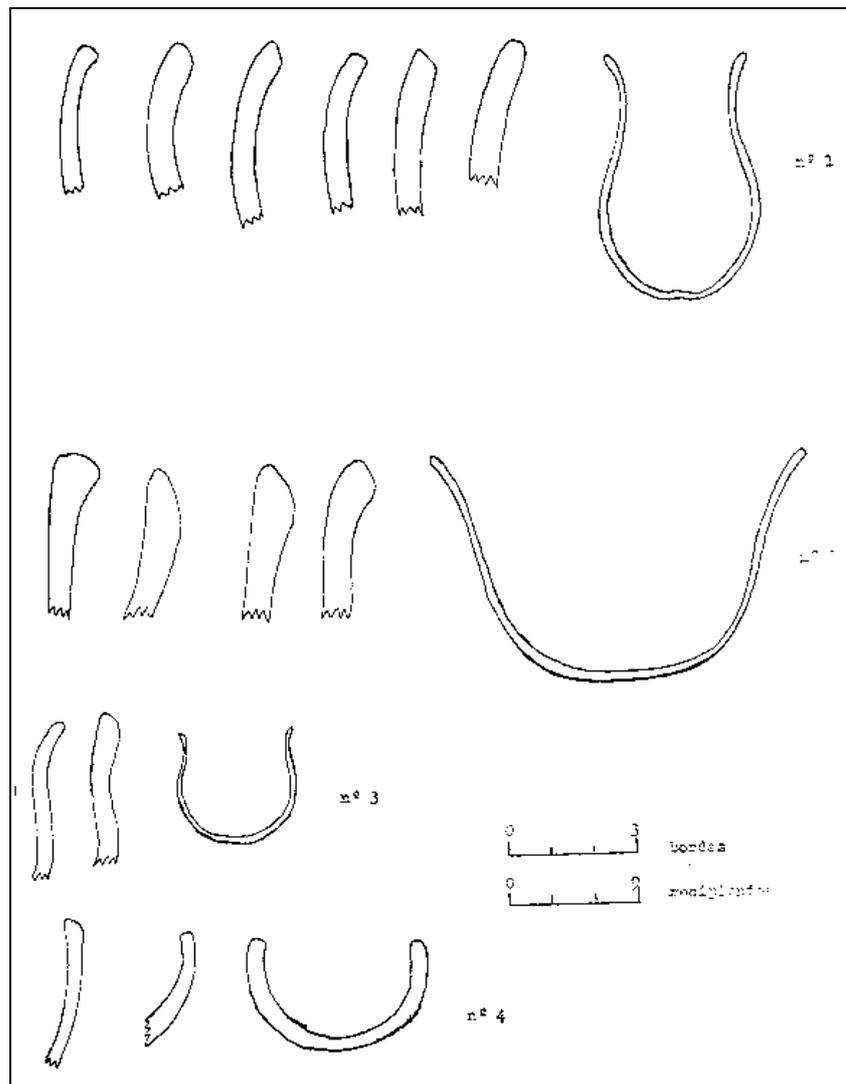
Quanto ao material lítico, foram encontrados poucos instrumentos, podendo ser polidos ou lascados. Os primeiros são compostos por machados, pesos fusiformes, facas e plaquetas. Os segundos podem ser batedores, bigornas, alisadores, além de pedras fragmentadas pela ação do fogo.

Os artefatos produzidos em osso ou dente são predominantes na ocupação mais recente. Com o primeiro, foram encontrados anzóis, pontas triangulares, pedunculadas, simples placas ósseas e resíduos de confecção como: fragmentos, que parecem ser restos da produção de artefatos ou artefatos inacabados, como ossos longos seccionados, diáfises cortadas transversalmente, ossos serrados. Foram identificados ainda vértebras de peixes perfuradas, pontas duplas, pontas feitas a partir de dentes e pingentes feitos com dentes de peixes.

Quanto à cerâmica (BECK, 1974) foram recolhidos cerca de 4.500 fragmentos. Trata-se de uma cerâmica simples, sem grande refinamento técnico, sem decoração plástica ou pintada. É produzida por acordelado, com antiplástico de areia fina ou média. A textura é compacta e a cor predominante é o preto, preto acinzentado e marrom acinzentado. Toda ela é bem queimada. A superfície é alisada, tanto interna como externamente. As bases são planas ou arredondadas com bojo ovóide, podendo ser meia-calota ou cônico. Os lábios são redondos ou apontados. A espessura varia entre 3 e 13mm, predominando entre 5 e 7.

Foram identificados os restos de vinte indivíduos sepultados de forma primária, em conexão anatômica, acompanhados de corantes. Segundo Beck (1972), formam dois conjuntos.

FIGURA 15 Formas da cerâmica identificada no Sambaqui da Enseada I



Fonte: BECK, Anamaria. *O Sambaqui da Enseada I – SC LN 71. Um estudo sobre tecnologia Pré-histórica*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1974. (Tese de Livre Docente).

O primeiro deles seria contemporâneo da ocupação pré-cerâmica do sítio. Está caracterizado pela deposição em cova de argila, orientado nordeste-sudeste e leste-oeste, em decúbito lateral esquerdo ou direito, posição fletida, na sua maioria adultos.

O segundo conjunto, conseqüência da ocupação mais recente, portadora da cerâmica, caracteriza-se por deposição em cova de argila forrada com areia, orientação nordeste-sudeste, disposição em decúbito lateral esquerdo e posição estendida.

Não foram realizadas datações no referido sambaqui.

1.4.3.7 O Sítio da Praia das Laranjeiras

A Praia das Laranjeiras está situada no Município de Camboriú, norte do Estado de Santa Catarina, em uma enseada. Nela foram identificados dois sítios, Laranjeiras I e II. O primeiro caracteriza-se como um concheiro pré-cerâmico, e o segundo apresenta a ocorrência de cerâmica Itararé.

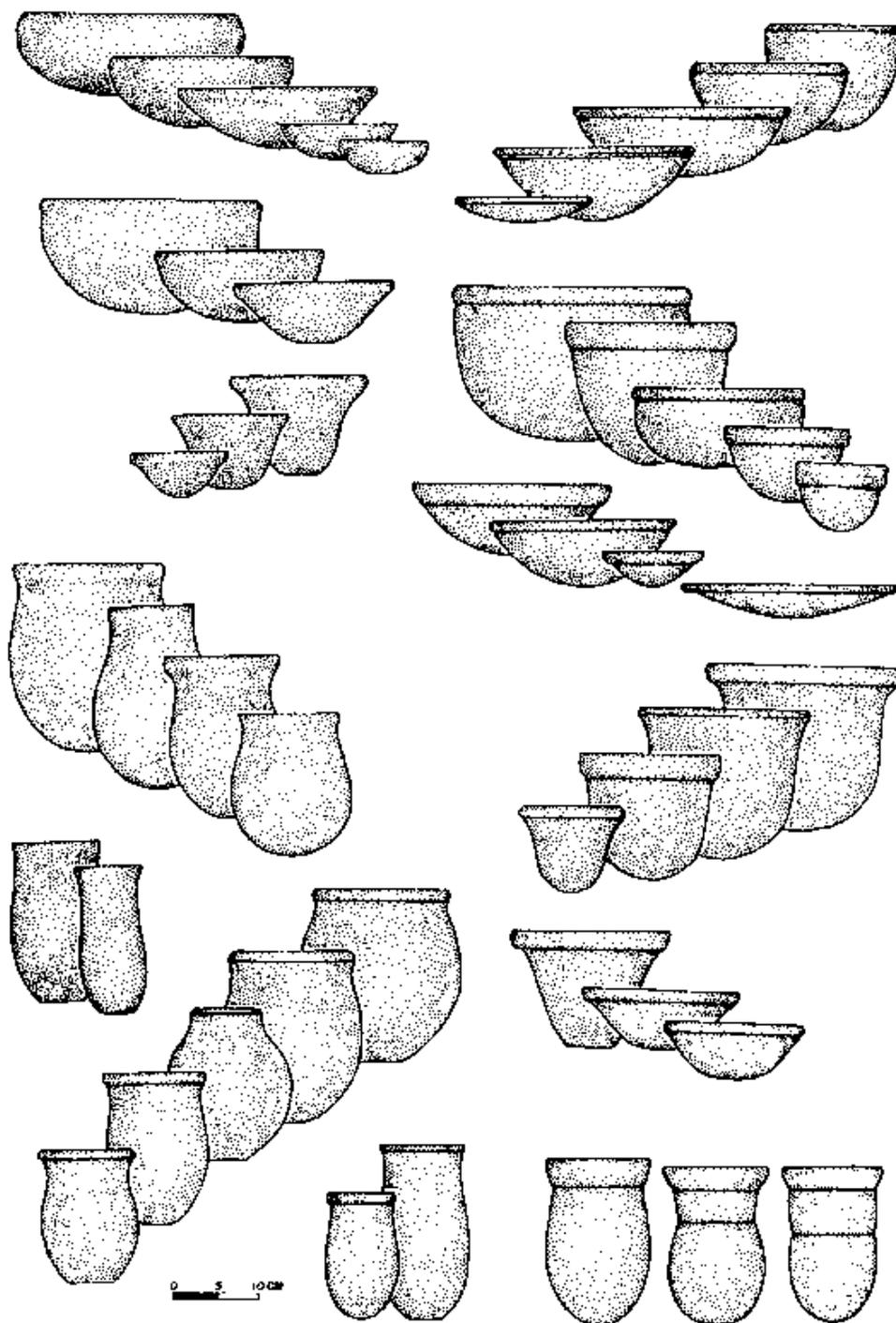
A Enseada da Praia das Laranjeiras dista 6km da foz do Rio Itajaí e ao lado da foz do Rio Camburiú. Está circundada por morros que abrigam uma fauna e flora de Mata Atlântica que proporciona excelentes recursos. Da praia obtém-se os peixes e os moluscos. Na foz do Rio Camboriú, encontra-se um mangue que proporciona igualmente uma grande disponibilidade de recursos.

O sítio Laranjeiras II foi escavado nos anos de 1977 e 1978, por João Alfredo Rohr. A área trabalhada atingiu cerca de 520m², onde foi encontrado material lítico em abundância, composto por talhadores, lâminas de machado, percutores, suportes, esmagadores, facas, raspadores, pesos-de-rede fusiformes, totalizando 2.308 peças analisadas. (SCHMITZ et al., 1993, p. 19).

Quanto à cerâmica, foram coletados ao todo 5.488 fragmentos Itararé, 171 de cerâmicas modernas e 44 de Tupiguarani ou de Neobrasileira. Schmitz sintetiza assim a cerâmica deste sítio:

A cerâmica, muito abundante, é toda simples e claramente da Tradição Itararé. Ela foi produzida por roletes, apresentando como antiplástico uma matriz de areia fina, às vezes com areia grossa até muito grossa, composta de quartzo e feldspato, raramente mica. 78,14% apresenta antiplástico de areia fina e média, 19,75% de areia grossa, 2,11% de mica. Apresenta indícios de queima só parcialmente em ambiente oxidante, predominantemente em ambiente redutor. As paredes externas são pretas (49,35%), pardas (22,12%), mistas, pardo-preto-avermelhado (21,84%), vermelhas (6,69%). Há uma pequena porcentagem de cacos com fraco banho vermelho. As paredes internas e externas estão bem alisadas ou polidas; as externas freqüentemente brunidas, refletindo a luz incidente. Vasilhames de bordos infletidos e não-infletidos parecem equivaler-se numericamente; a maior parte apresenta algum tipo de reforço. Os pequenos vasilhames infletidos são geralmente estreitos, com altura maior que o diâmetro. As bases são convexas, côncavas ou levemente aplanadas. A espessura da paredes mais freqüentemente está entre 4 e 8mm. (SCHMITZ, 1988b, p. 110)

FIGURA 16 Reconstituição das vasilhas cerâmicas – Sambaqui da Praia das Laranjeiras



Fonte: SCHMITZ, Pedro Ignácio. *As Tradições Ceramistas do Planalto Sul-Brasileiro. Documentos 2: Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas – UNISINOS, 1988, p. 109.

Foram encontrados nesse sítio ao menos 114 sepultamentos de indivíduos de diferentes idades, sepultados dentro das choupanas.

Os 114 sepultamentos são muito característicos: representam indivíduos de diversas faixas etárias, encontrando-se fletidos, enterrados dentro das choupanas contra as paredes, orientados genericamente praia-interior e vêm com pouco acompanhamento funerário. Poucos indivíduos estão sepultados fora das choupanas, estando entre os inteiros 4 indivíduos maduros, também fletidos, mas orientados oeste-leste, isto é, ao longo da praia, na proximidade do lixo, ou entre os fogões, numa forma de deposição claramente contrária ao geral dos mortais.

A calcular pelo número de mortos dentro das choupanas (até 30), as moradias deveriam ser plurifamiliares, ou de famílias extensas e duradouras, levando-nos a pleitear uma aldeia com longa duração ininterrupta. As choupanas teriam uns 8m de diâmetro. (SCHMITZ et al., 1993, p. 18)

Essas choupanas deveriam ser construídas com palha e troncos, dos quais restou apenas a indicação a partir dos sepultamentos. Sua subsistência estava alicerçada na coleta de recursos marinhos, na restinga próxima, na caça de mamíferos (tanto terrestres como marinhos), em fim, na caça e na coleta.

Não existem datas até o momento para esse sítio, mas, segundo Schmitz, deve estar situado entre 800 e 1.350 A.D., o que corresponde aos demais sítios ceramistas próximos. (SCHMITZ et al., 1993)

1.4.3.8 O Sítio Rio Lessa

O Sítio Rio Lessa (SC-LF-39), conhecido como Sambaqui do Rio Lessa, está localizado no Município de Florianópolis, Estado de Santa Catarina, próximo ao rio que lhe empresta o nome, em área de mangue.

Foi escavado no ano de 1969 pela equipe do Museu de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Os trabalhos tiveram uma duração de 45 dias e totalizaram uma área de 52m² escavados. A coordenação esteve a cargo da Prof^a Anamaria Beck (BECK, 1969).

O sítio não possui grandes dimensões, 80m de extensão e cerca de 24m de largura, não ultrapassando os 105cm de profundidade na trincheira escavada.

A estratigrafia apresenta em sua composição camadas de valvas de moluscos,

inteiras ou fragmentadas. Essas estão misturadas com húmus e areia. Foram identificadas várias espécies, nas quais predomina a *Anomalocardia brasiliana* e a *Ostrea* sp, *Ostrea arbórea*, *Astrea latispina*, *Tahis cornuta* e *Strophocheilus oblongus*. Todas, menos a última, são provenientes do ambiente de enseada onde está o sítio.

Foi detectado o consumo de peixes como a corvina (*Micropogonias furnieri*), a pescada-amarela (*Cynoscion acoupa*), a miraguaia (*Pogonias cromis*), o tubarão-tigre (*Galeocerdo cuvieri*), o cação-mangona (*Odontaspis taurus*) e o bagre.

Além desses, encontramos remanescentes de ouriço-negro e sirigoiá. Quanto aos mamíferos, foram encontradas evidências de porco-do-mato, bugio, baleia, botos, toninhas e fragmentos de ossos de aves.

Quanto à indústria lítica, encontramos artefatos polidos e semipolidos como machados, tembetás e plaquetas. Os instrumentos lascados foram produzidos a partir de lascas corticais, semi-corticais ou lascas sem córtex. As lascas utilizadas apresentavam grande tamanho, alcançando 20cm no eixo maior. Devem ter sido utilizadas para cortar e raspar. A matéria-prima que predomina é o diabásio, podendo ser utilizado ainda o quartzo e o granito.

A partir de ossos e dentes de animais, foi produzida uma grande quantidade de pontas com ossos longos e com os esporões de raias; com os dentes, foram confeccionadas pontas e pingentes.

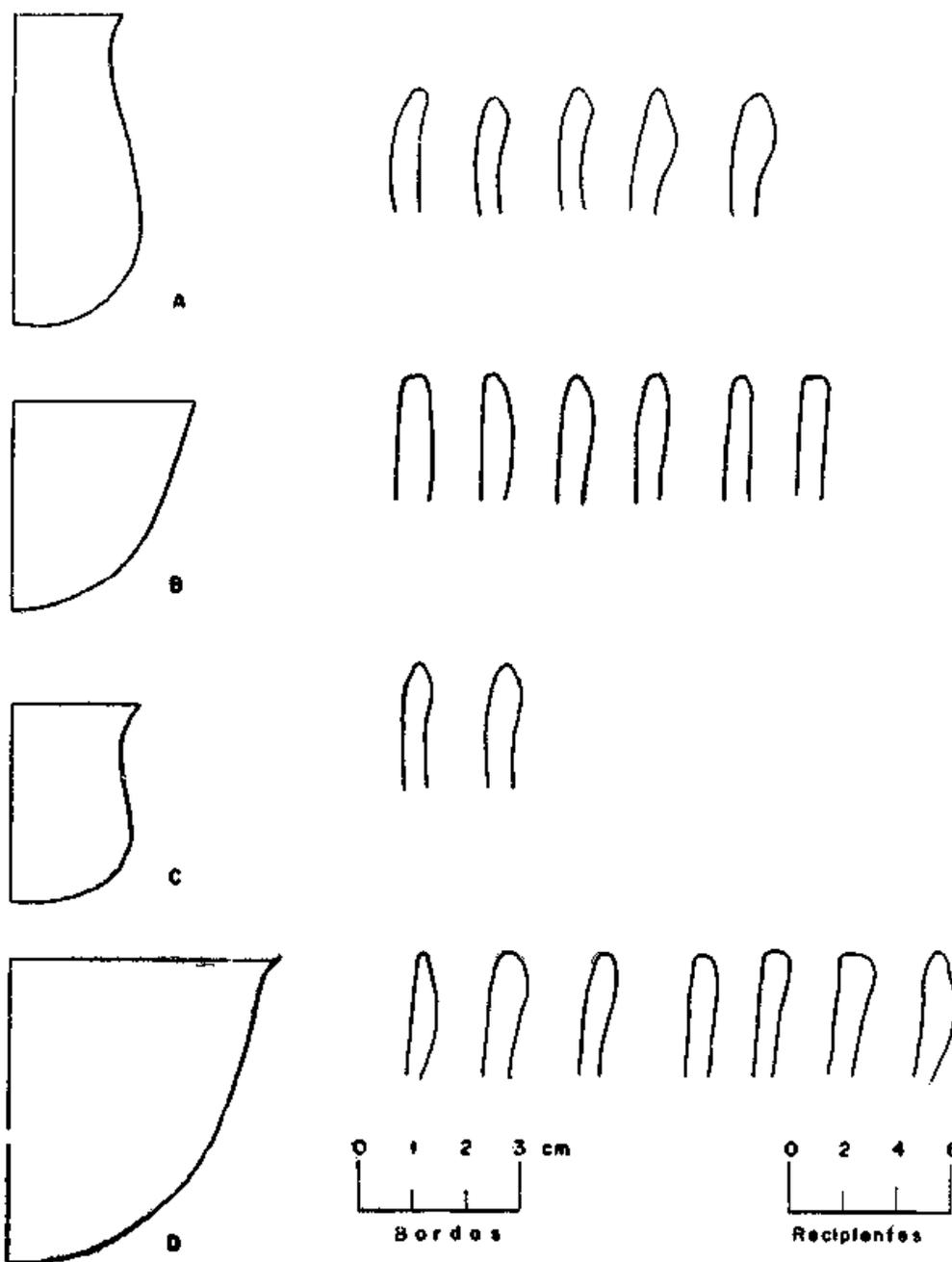
A cerâmica foi produzida a partir de roletes bem rejuntados. O antiplástico é composto por 70% de areia fina e 30% de areia grossa. A textura é compacta. A cor do núcleo é avermelhada ou bege e a queima é bem realizada. A superfície externa é alisada e polida, bastante brilhante, com uma coloração preta externamente e pode ser preta ou avermelhada na face interna. Foram encontrados 419 fragmentos.

Quanto às formas, podem ser esféricas, meio esféricas, ovóides e meia-calota. As bordas são diretas, expandidas e reforçadas exteriormente. Os lábios são arredondados,

apontados e eventualmente aplanados. A espessura dos fragmentos varia entre 5 e 7mm.

Não foram realizadas datações para esse sítio.

FIGURA 17 Reconstituição das vasilhas cerâmicas encontradas no Sambaqui do Rio Lessa



Fonte: BECK, Anamaria. et. al. Considerações Gerais Sobre a Escavação do Sambaqui do Rio Lessa (SC.LF.39) *Anais do Instituto de Antropologia*. Florianópolis: Editora da UFSC, n. 2, 1969, fig. 5.

1.4.3.9 O Sítio Base Aérea

O Sítio Base Aérea está situado no terreno da Base Aérea, como já expressa o nome, e pertence ao Ministério da Aeronáutica, no Município de Florianópolis, Estado de Santa Catarina. Foi escavado em 1958 pelo Pe. João Alfredo Rohr e seus dados publicados em 1959 (ROHR, 1959).

Abrange uma área de aproximadamente 1.000m², tendo em torno de 400m de comprimento por 50m de largura. Não se pode precisar as dimensões em função das alterações feitas pela sociedade nacional. A camada arqueológica pode atingir 1,3m de espessura e apresenta uma sucessão de quatro camadas.

A primeira pode chegar até 10cm, considerando do topo à base, formada pela camada de húmus que serve de substrato para vegetação atual, com fragmentos da cultura moderna.

A segunda estende-se dos 10 aos 40cm; é dura e compacta. Encontramos machados polidos, cerâmica, carvão, lascas, seixos, alisadores, sepultamentos inteiros, ossos de aves, de mamíferos marinhos e terrestres.

A terceira camada inicia-se nos 40 e estende-se até os 60cm. A cor é amarelo escuro. É rica em espinhas de peixe e carcaças de crustáceos. Ocorre material lítico em menor quantidade que na camada anterior. Além disso, encontramos coquinhos calcinados, carvão e algumas conchas.

Seguindo a estratigrafia até cerca de 90cm de profundidade, há uma camada bastante homogênea, composta por conchas marinhas e moluscos fluviais. Percebe-se conchas de ostras de grandes dimensões, alguns poucos machados, seixos, carvão vegetal e fragmentos de cerâmica. Observa-se fogueiras formadas por conjuntos de seixos de basalto.

A partir dos 90cm, aproximadamente, nota-se uma mistura de conchas moídas com areia clara, muito semelhante ao sedimento da praia que demonstrava estar na base do

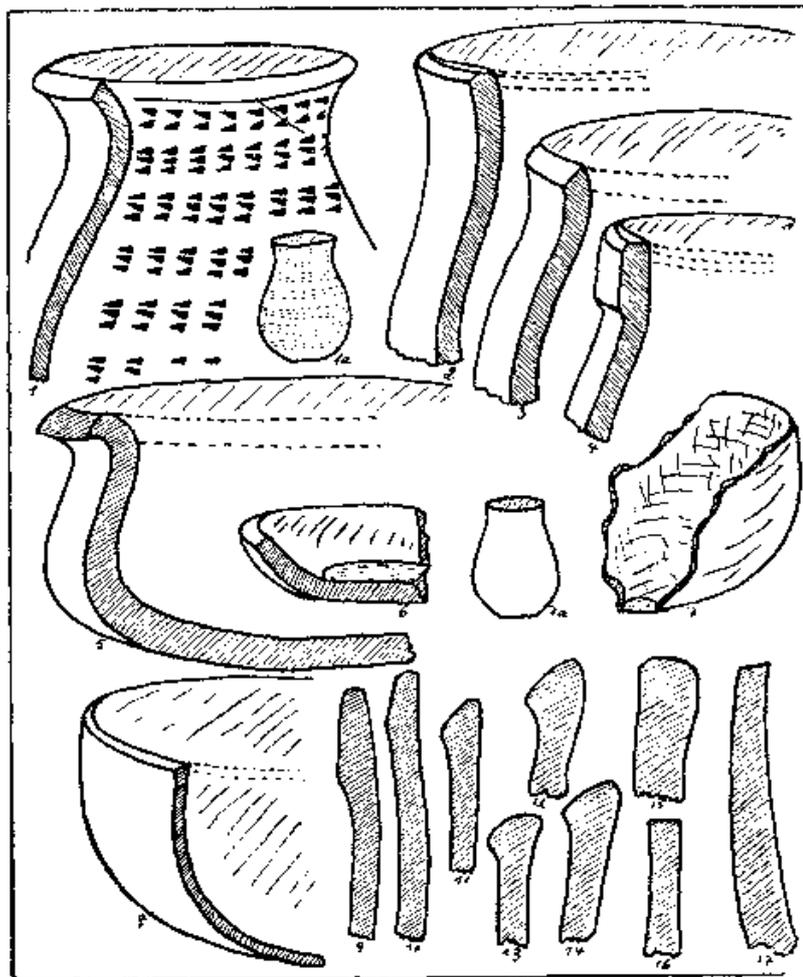
sambaqui.

Os artefatos líticos são tembetás, pingentes, amoladores, alisadores, percutores, bigornas, quebra-coquinhos, lâminas de machado, inteiras ou fragmentadas polidas ou lascadas de diferentes tamanhos. A matéria-prima por excelência é o basalto.

Em osso, encontramos poucos artefatos, dentre os quais destacamos uma ponta com pedúnculo, duas bipontas, furadores e pingentes.

A cerâmica desse sítio não é muito abundante. Ao todo são 180 fragmentos dispersos por todas as camadas. Possui paredes lisas, cor marrom escura, preta ou vermelho escuro, formas retas ou levemente infletidas, bases, em sua maioria, planas.

FIGURA 18 Formas cerâmicas do sítio da Base Aérea



Fonte: SCHMITZ, Pedro Ignácio. A Cerâmica Guarani da Ilha de Santa Catarina e a Cerâmica da Base Aérea. *Pesquisas, Antropologia*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, n. 3, 1959, p. 309.

Nesse sítio foram encontrados 54 esqueletos de diferentes faixas etárias, e fragmentos de vários outros. Valemo-nos de Schmitz para a descrição:

Como assim ficou dito, os esqueletos estavam enterrados numa cova rasa, feita na areia. Eram cobertos, melhor diríamos, envolvidos, com aquele lençol de cor cinza, muito solta, constituída de areia, farelo de concha, húmus, cinza e carvão, que ficava logo acima do depósito de areia, constituindo a última camada integrante da terra preta de cultura. Todos estes esqueletos, encontravam-se deitados em posição normal, estendidos, de costas, ao comprido, em direção, aproximadamente, nortesul, tendo as mãos junto do corpo e na região da cintura pélvica. Geralmente o crânio e a ponta dos pés, estavam no mesmo nível e em posição um pouco mais elevada do que o resto do esqueleto. (ROHR, 1959, p. 208)

Esse sítio possui uma data de 800 ± 70 A.P. (SI-243) Cal 1.065 – 1.396 A.D.

1.4.3.10 O Sítio Praia da Tapera

O Sítio Praia da Tapera está localizado na praia que lhe fornece o nome, no Município de Florianópolis, Estado de Santa Catarina. Dista cerca de 2km do sítio da Base Aérea. Foi escavado pelo Pe. João Alfredo Rohr, nos anos de 1962, 1965 e 1966, e explorado em pouco mais de 2.000m².

Os dados obtidos das pesquisas foram publicados inicialmente por Rohr em 1966 e 1967/1968. (ROHR, 1966; 1967/1968) Posteriormente, a equipe do IAP analisou todo o material e publicou uma monografia, em 1990, com toda a documentação, da qual extraímos o pequeno resumo:

O material arqueológico totalizou 4.631 fragmentos cerâmicos da Tradição Itararé, 19.491 cacos da Subtradição Corrugada da Tradição Tupiguarani, 4.271 artefatos líticos, 3.502 peças produzidas a partir de osso e concha, 172 sepultamentos primários, inúmeras outras estruturas, como fogões, evidências de estacas, fundos de choupanas, além de restos de alimentos. (SILVA, S. et al., 1990, p. 11)

O sítio foi datado em 1.140 ± 180 A.P. (SI-245) Cal 650-1.276 A.D., 1.030 ± 180 A.P. (SI-246) Cal 668-1.282 A.D. e 550 ± 70 A.P. (SI-244) Cal 1.297-1.614 A.D. As primeiras duas correspondem à ocupação associada à cerâmica Itararé e a última delas à

ocupação Tupiguarani.

Dessa forma os autores concluem que o sítio da Tapera foi ocupado em dois momentos distintos, sendo o primeiro por grupos portadores de cerâmica Itararé, possivelmente em duas ocasiões. Alicerçavam sua subsistência na coleta dos recursos disponíveis, tanto no mangue próximo como na mata da encosta dos morros, ou mesmo na coleta da praia. O segundo momento, marcadamente distinto, estaria associado a portadores da Tradição Tupiguarani, no mesmo local, porém já abandonado pelos primeiros habitantes a cerca de 400 anos, como sugerem as datas.

Para maiores detalhes, remetemos ao trabalho de Silva (SILVA, S. et al., 1990), que apresenta uma descrição dos trabalhos efetuados.

1.4.3.11 O Sítio Balneário de Cabeçudas

O Sítio Balneário de Cabeçudas está localizado no Município de Itajaí, Estado de Santa Catarina. O sítio está fortemente impactado pela implantação das várias dependências de um clube sobre sua área, de tal forma que não sabemos ao certo o seu tamanho total, o que impediu a abertura de uma área maior. Ao todo foram escavados apenas 38m², que permitiram uma amostra do que deve ter sido o sítio (SCHMITZ & VERARDI, 1996).

Está localizado cerca de 6km ao sul da Cidade de Itajaí, em um pontal que avança mar adentro, no final da Praia da Cabeçudas. Está a poucos metros da linha de costa, cercado pela mata de restinga e à pequena distância dos mangues, que se formam na desembocadura do Rio Itajaí Açu, configurando uma plêiade de recursos abundantes.

Com relação ao material recolhido, foram 149 fragmentos de cerâmica característica da Tradição Itararé:

Na Cabeçudas foram recuperados apenas 149 fragmentos, assim distribuídos: 10 vermelhos (incluída uma borda, forma 2), 9 vermelhos-pretos (incluída 1 base,

convexa), 32 pardos (sem bordas nem bases), 98 pretos (incluindo 12 bordas, de todas as formas reconstituídas e uma base côncava).

As formas, apesar de apresentarem as mesmas características gerais Itararé dos sítios mencionados, parecem mais simples. Em se tratando de pouco material em comparação com os outros sítios, essas diferenças podem não ser significativas. (SCHMITZ & VERARDI, 1996, p. 153)

O material lítico por sua vez é bastante semelhante aos demais sítios do litoral de Santa Catarina. São seixos retalhados pela técnica unipolar e bipolar, lâminas polidas de machados e talhadores, artefatos fusiformes, polidores, percutores e suportes. A matéria-prima é composta predominantemente por blocos e seixos. (SCHMITZ & VERARDI, 1996)

Esse sítio apresenta rica indústria sobre ossos, dentes e conchas. Foram encontrados pontas, furadores, vértebras perfuradas, dentes trabalhados como pingente e/ou pontas, esporões de arraia transformados em pontas de projétil e conchas utilizadas como raspadores.

Foram identificados ainda mais 61 sepultamentos primários:

Entre os 60 esqueletos que puderam ser separados em adultos e imaturos (crianças e jovens), 41 (68,33%) correspondem a adultos, 19 (31,66%) a imaturos, mostrando que a população dos mortos era toda enterrada aí.

Entre os 19 (31,66%) esqueletos de adultos para os quais se procurou determinar o sexo, temos 10 homens, 8 mulheres e um indeterminado.

Com relação à faixa etária, 11 (57,90%) são adultos, 7 (36,90%) maduros, 1 (5,25%) jovem, nenhum senil, mostrando que a expectativa de vida era pequena.

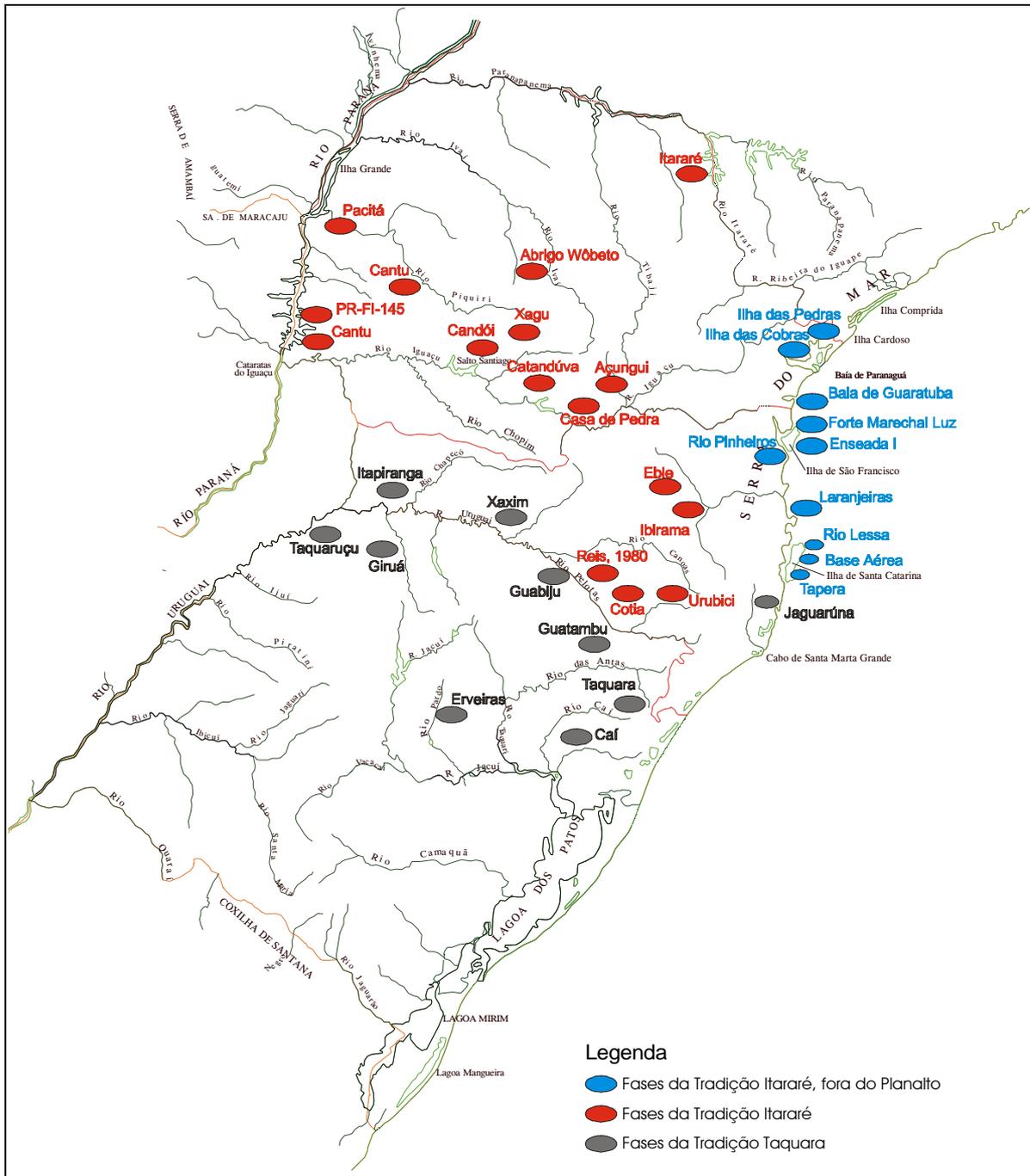
[...]

Os materiais associados são bastante diversificados: conchas modificadas, contas de colar, dentes de tubarão perfuradas, pontas ósseas retas ou curvas, grandes ou pequenas, de ossos de ave, mamífero ou peixe, tembetás em columela de gastrópode, dentes de mamíferos terrestres e marinhos, furados ou não, dentes de seláquios, mandíbula de paca, pré-forma de anzol, lâmina de machado ou fragmento de percutor. (SCHMITZ & VERARDI, 1996, p. 166-167)

Em termos de implantação, aproveita um conjunto de recursos disponíveis, no mangue, no rio, na praia, na Mata Atlântica e na restinga.

O sítio de Cabeçadas caracteriza uma típica aldeia Itararé no litoral e a julgar pela quantidade de sepultamentos encontrados (61 em 38m²), deve ter sido bem maior e a escavação atingiu apenas uma pequena parte.

FIGURA 19 Localização aproximada dos sítios e fases da Tradição Taquara/Itararé



Adaptado com base em: IBGE, Diretoria de Geociências, Departamento de Cartografia, *Mapa da Série Brasil – Geográfico*, escala 1:5.000.000, versão 1997 e de SCHMITZ, Pedro I. *As Tradições Ceramistas do Planalto Sul-Brasileiro. Documentos 02: Arqueologia no Rio Grande do Sul, Brasil*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas – UNISINOS, 1988 p.78.

2 O AMBIENTE E OS RECURSOS DO PLANALTO SUL-BRASILEIRO

A existência de uma caracterização ambiental nos trabalhos arqueológicos deve-se à necessidade de compreender a dinâmica e os processos constitutivos que estão relacionados com as estratégias adaptativas adotadas pelas populações humanas e, mais ainda, permite perceber, ou ao menos inferir, os comportamentos que fazem parte do sistema cultural da sociedade que com ele interage.

A espécie humana possui uma característica distintiva na sua forma de adaptar-se às variações ambientais. De todas as espécies vivas é seguramente a que possui maior flexibilidade adaptativa. Essa flexibilidade é fruto da sua capacidade de promover mudanças de caráter sociocultural, muito mais que alterações morfogénéticas da população: *“Em outras palavras, a espécie humana é uma espécie generalista, capaz de se ajustar a novas situações através de meios fisiológicos e socioculturais”* (MORAN, 1994, p. 24).

2.1 O AMBIENTE E A ARQUEOLOGIA

Childe (1981, p. 229) já discutia as relações entre o homem e o ambiente e colocava a cultura no centro do processo de interação homem-meio, pois, para ele, a principal estratégia de adaptação estava no conhecimento acumulado e transmitido através das gerações.

O Determinismo Ambiental surge a partir das primeiras tentativas de explicação para as interações homem-meio formuladas pelos escritores Greco-romanos no século V a.C. Esse modelo domina o pensamento ocidental até o século XVIII. Esses autores acreditavam que o ambiente era o responsável pelas condições de desenvolvimento de um povo. Os precursores na Grécia Clássica atribuíam ao clima temperado o equilíbrio dos quatro elementos básicos – fogo, água, terra e ar –, permitindo o desenvolvimento da cultura e explicando, assim, o surgimento da civilização grega. Os romanos, influenciados pelos gregos, acreditavam que a localização de Roma, que oscila entre o frio do inverno e calor do verão, estaria no meio termo, o ponto ideal, o ponto que teria permitido o desenvolvimento do Império Romano. Portanto, aquele determinismo privilegia o ambiente como fator determinante na relação homem-ambiente. (MORAN, 1994)

Os avanços do conhecimento alcançados no Renascimento culminaram no século XVIII com novas tentativas de explicação para a questão da adaptação. A publicação do trabalho de Charles Darwin sobre a origem das espécies, em 1859, foi o ponto culminante desse processo. Para Darwin o mecanismo básico de evolução das espécies era a seleção natural, na qual os mais aptos sobreviveriam às variações do meio.

Com o desenvolvimento dos estudos de genética, a noção de seleção natural é agora vista de uma forma mais refinada, levando em consideração a bagagem genética de cada indivíduo. Esta bagagem impõe os limites além dos quais não há possibilidades de adaptação. (MORAN, 1994)

No final do século XVIII, surge uma nova perspectiva de encarar o ambiente que tem em Malthus um dos seus maiores expoentes. Segundo ele, o ambiente é um fator limitador ao desenvolvimento das populações, pois as sociedades tendem a crescer em proporções geométricas e os recursos ambientais não acompanham a mesma velocidade, - no máximo aritmética, - criando portanto um descompasso entre crescimento populacional e

produção de alimentos. Para Franz Boas (1858-1942), o meio ambiente representava um limitador das possibilidades de desenvolvimento. Conforme o autor, é a cultura e a historicidade de cada grupo humano que criam as condições de superar estas limitações, sendo a primeira a principal responsável pelas diferenças entre as sociedades. (MORAN, 1994)

A partir dos anos de 1930, Julian Steward inaugura uma nova forma de compreender a interação homem-ambiente. Steward busca por generalizações acerca do comportamento humano, através da comparação entre sociedades diferentes. Sua forma de trabalho ficou conhecida como Ecologia Cultural:

A abordagem ecológico-cultural proposta por Steward envolve tanto um problema como um método. O problema é testar se os ajustes por parte das sociedades humanas aos seus ambientes requerem tipos específicos de comportamentos ou se há uma liberdade considerável de respostas humanas (Steward, 1955a:36). O método consiste em três procedimentos: 1) analisar a relação entre sistema de subsistência e ambiente; 2) analisar os padrões de comportamentos associados a uma determinada tecnologia de subsistência; e 3) verificar até que ponto o padrão de comportamento vinculado a um determinado sistema de subsistência afeta outros aspectos da cultura (Steward, 1955:40-41). Em resumo, a abordagem ecológico-cultural postula uma relação entre recursos ambientais, tecnologia de subsistência e o comportamento necessário para aplicar a tecnologia nos recursos do ambiente. (MORAN, 1994, p. 68)

Este modelo de trabalho inaugurou uma nova forma de encarar as relações entre o homem e o ambiente, através de uma perspectiva sistêmica, que ao invés de perceber homem e o ambiente como dois pólos, nos quais ora um é passivo e o outro ativo, introduz a idéia de sistema, em que o importante é a interação entre eles, de maneira que as influências são dinâmicas e determinadas no processo de interação.

Além de Steward, outros pesquisadores desenvolvem trabalhos na linha da Ecologia Cultural, entre eles Lee & DeVore (1973). Associado a isto, o próprio crescimento do interesse pelas questões relacionadas à Ecologia contribuiu para o desenvolvimento das pesquisas no campo da Ecologia Humana e Ecologia Cultural, propondo questões referentes à relação entre as sociedades e sua interação com o meio ambiente.

Para Alcina Franch (1989), o enfoque ecológico que perpassa os trabalhos atuais está cada vez mais entremeado pela Teoria Geral dos Sistemas, que percebe a cultura e o ambiente como dois sistemas inter-relacionados, em que cada um deles é composto por sistemas menores:

El enfoque ecológico actual toma como base operativa la Teoría general de los sistemas, de la misma manera que sucede en el campo de la Ecología biológica o natural. En este sentido, (...) hay que considerar básicamente dos sistemas: el sociocultural y el ambiental, los cuales se desarrollan y comportan como una pareja de sistemas. Considerados de manera estática, cada uno de ellos está compuesto por una serie de subsistemas como son: Geología, clima, flora y fauna para el sistema ambiental natural: y cultura material, Economía, Psicología, religión y sociedad, para el sistema sociocultural. (ALCINA FRANCH, 1989, p. 148)¹

A principal contribuição da Ecologia Cultural está em perceber a adaptação humana como um sistema que integra uma diversidade de subsistemas, interagindo como partes de um todo interdependente.

Nessa perspectiva, a Arqueologia adquire uma importância significativa, pois é encarada como uma das chaves para estudar as sociedades do passado. Afinal, seus restos materiais permitem compreender as mudanças ocorridas. Essa concepção de Arqueologia cristaliza-se a partir do final da década de 1950, do século XX, sob a denominação de Nova Arqueologia ou *New Archeology*, que tem nos trabalhos de autores como Lewis Binford e Grahame Clark dois exemplos dessa nova vertente.

Já na década de 1970, como decorrência destes novos modelos teóricos, propõe-se uma Arqueologia da Paisagem, que procura compreender as relações entre homem-meio. Autores como Ortega (1998) e Orejas (1998) entendem que esta nova proposta não deixa de

¹ O enfoque ecológico atual toma como base operativa a Teoria Geral dos sistemas, da mesma maneira que sucede no campo da Ecologia biológica ou natural. Neste sentido, (...) tem-se que considerar basicamente dois sistemas: o sócio-cultural e o ambiental, os quais se desenvolvem e comportam como uma parilha de sistemas. Considerados de maneira estática, cada um deles está composta por uma série de subsistemas que são: Geologia, clima, flora e fauna para o sistema ambiental natural: e cultura material, Economia, Psicologia, religião e sociedade, para o sistema sociocultural (tradução nossa).

ser uma continuação da Arqueologia Espacial, surgida juntamente com o movimento da *New Archeology*.

(...) como una prolongación de la *field archaeology* británica – empezasen a emplear y a popularizar esta expresión. En los setenta, la comprensión funcionalista de la cultura en términos de adaptación y desde una perspectiva sistémica, y la focalización de la investigación histórico-arqueológica sobre el cambio cultural provocaron un lógico interés por el entorno, traducido en su análisis en términos de relaciones espaciales y de decisiones locacionales, gracias a los útiles y modelos proporcionados básicamente por los geógrafos.² (OREJAS, 1998, p. 10)

Em 1998, Orejas apresenta a Arqueologia da Paisagem em seus diferentes momentos de desenvolvimento enquanto teoria e método, e a divide em quatro tendências básicas: esteticista-reconstrutivista, morfológica, ambientalista e economicista e, por último, sintética.

A primeira delas, **esteticista-reconstrutivista**, é uma apropriação moderna das antigas visões monumentalistas da Arqueologia, que procuraram os vestígios do passado como "ruínas" e a paisagem como parte dela.

Estos planteamientos, en último término, enlazan con la idea de un medio rural que conserva la esencia de tradiciones y formas de vida en extinción. Más allá, con frecuencia enlazan con la identificación del paisaje con la comunidad en un lenguaje nacionalista.³ (OREJAS, 1998, p. 11)

Dentro dessa perspectiva, o autor aponta ainda dois aspectos que merecem destaque: primeiro, o risco dos trabalhos apoiados nessa linha de pensamento acabarem caindo no monumentalismo em que a preservação de grandes monumentos se dá em função de seu aspecto estético, congelados no tempo. O segundo aspecto é o caráter pedagógico, já

² (...) como uma continuação da *field archeology* britânica – prolifera-se a utilização desta expressão. Nos anos de 1970, a compreensão funcionalista de cultura em termos de adaptação a partir de uma perspectiva sistêmica, a focalização de uma investigação histórico-arqueológica sobre a mudança cultural provocam um lógico interesse pelo entorno, traduzido nas análises e termos de relações espaciais e de decisões locais graças aos artifícios e modelos propiciados basicamente pelos geógrafos (tradução nossa).

³ Estas aproximações, em última instância, englobam a idéia de que um meio rural conserva a essência das tradições e formas de vida em extinção. Além disso, com frequência, aproximam-se com a identificação da paisagem com a comunidade em uma linguagem nacionalista. (tradução nossa)

que preserva esses monumentos como exemplos da criatividade e da forma de vida de sociedades pretéritas.

Na segunda tendência dos estudos sobre Arqueologia da Paisagem predominam os trabalhos de cunho **morfológico** que procuram identificar redes de drenagem, redes de comunicação, padrões de assentamento, enfim, os padrões morfológicos da paisagem. Essas pesquisas preocupam-se muito mais com a documentação e descrição dos fenômenos do que com a busca dos significados sociais, ideológicos, políticos e econômicos.

Numa terceira tendência, os trabalhos estão associados a estudos de cunho **econômico e ambiental**, nos quais predominam as reconstituições paleoambientais, "*pero con frecuencia carecen de esa voluntad integradora y se limitan a anexar análisis paleoambientales a datos de excavaciones o prospecciones.*"⁴ (OREJAS, 1998, p. 13). Outra consideração importante do autor é quanto à origem dessas aproximações que são decorrência dos trabalhos de Paleoeconomia e Arqueologia Espacial, desenvolvidos nos anos 1970 e 1980, cujos dados eram abordados fundamentalmente como conjuntos de recursos dos quais as sociedades dispunham.

A última e, segundo o autor, mais significativa das tendências de Arqueologia da Paisagem refere-se às **visões sintéticas** que procuram ver a paisagem como um espaço social e socializado em constante mutação, fruto das alterações promovidas pelas sociedades.

En el paisaje es posible reconocer una compleja red de relaciones multidireccionales y dinámicas; por eso la Arqueología del Paisaje es una perspectiva metodológica adecuada para el estudio de las sociedades[...].⁵ (OREJAS, 1998, p. 14)

Como síntese, Orejas conclui que a Arqueologia da Paisagem é uma teoria que

⁴ ...e com frequência carecem de uma vontade integradora e limitam-se a anexar análises paleoambientais a dados de escavações e prospecções (tradução nossa).

⁵ Na paisagem é possível reconhecer uma complexa rede de relações multidirecionais e dinâmicas, por isso a Arqueologia da Paisagem é uma perspectiva metodológica adequada para o estudo das sociedades. (tradução nossa)

possui sua maior virtude no fato de integrar diferentes correntes teóricas da própria Arqueologia a partir de uma visão sintética da paisagem. Nesse sentido, são fundamentais os diferentes aportes vindos de cada especialidade: Arqueologia Espacial, Paleoecologia, Geomorfologia, apenas para citar algumas, deixando claro, porém, a necessidade de uma visão integrada e que a paisagem é, antes de tudo, uma construção nascida da interação do homem com o ambiente.

Com base nesses pressupostos, o objetivo deste capítulo é justamente o de fornecer os dados básicos que permitam compreender a forma como o homem, no nosso caso específico das populações pré-coloniais do Planalto Sul-Brasileiro, interagiu com o meio em que estava inserido.

2.2 UM CONCEITO DE AMBIENTE

Para dar conta desses processos adaptativos, é fundamental contar com um conceito do que seja ambiente. Trazemos aqui a definição proposta por Odum:

Os organismos vivos e seu ambiente não-vivo (abiótico) estão inseparavelmente inter-relacionados e interagem entre si. Chamamos de sistema ecológico ou **ecossistema** qualquer unidade (biosistema) que abranja todos os organismos que funcionam em conjunto (a comunidade biótica) numa dada área, interagindo com o ambiente físico de tal forma que um fluxo de energia produza estruturas bióticas claramente definidas e uma ciclagem de materiais entre as partes vivas e não-vivas. (ODUM, 1988, p. 9)

A definição de ecossistema proposta por Odum, que aqui é entendida como sinônimo de ambiente, representa todo o espaço de obtenção de recursos que uma dada sociedade humana tem ao seu alcance e compreende não só a fauna e a flora, mas também os recursos minerais.

Outro elemento importante dessa definição é o de propor que entre as diferentes estruturas bióticas cria-se um fluxo de energia, que quanto mais longe dos produtores

primários está, menor é a quantidade de energia disponível, pois cada etapa absorve energia a partir das comunidades que a precedem e torna disponível aos próximos a não utilizada, porém sempre em menor quantidade do que o apropriado. Cria-se, assim, um fluxo que percorre as diferentes comunidades.

Conti & Furlan acrescentam a idéia de que o ambiente é um sistema de fluxos de energia.

A vida prepara o meio e este seleciona o que vai viver. Quando se estuda um lago, uma floresta, uma praia, uma montanha ou mesmo uma cidade, percebe-se que na natureza tudo está interligado. Mesmo que tenha sido transformada pelo homem, ela continua sendo um sistema de fluxos de energia. Todas as nossas ações são realizadas em interação com um conjunto de sistemas naturais abertos e hierarquizados. (CONTI & FURLAN, 2001, p. 126)

São sistemas abertos e hierarquizados porque sofrem as influências por parte dos outros sistemas que a eles são relacionados. Alterações climáticas, por exemplo, promovem mudanças bastante profundas, quer na vegetação, quer na drenagem, que por sua vez se refletem na adaptação das demais esferas do ecossistema, podendo inclusive levar ao desaparecimento e à extinção de espécies animais e/ou vegetais, quando não de comunidades⁶ inteiras.

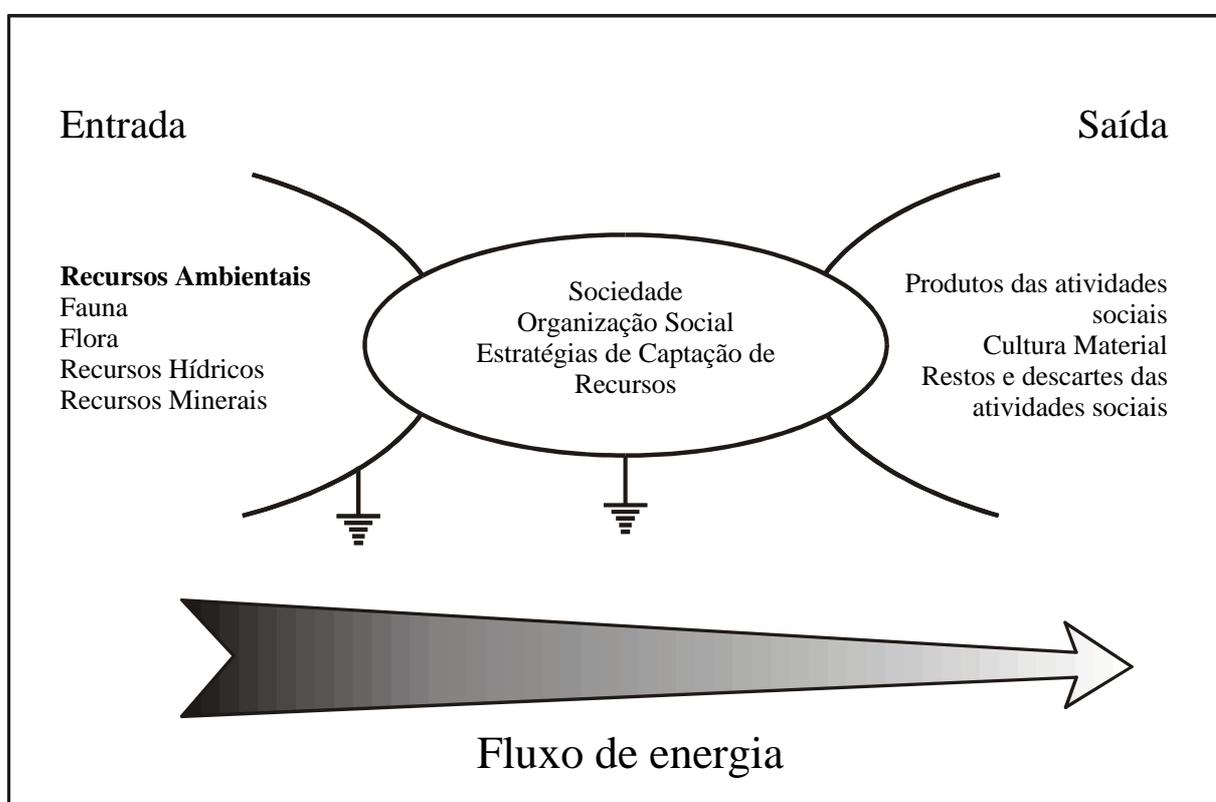
O ambiente é entendido então como sistema aberto, em que o homem interage e participa do fluxo de energia. A sociedade humana, nessa ótica, é um sistema que está em interação com os demais. As estratégias de subsistência representam a entrada de energia para o sistema "sociedade", e são, por um lado, definidas pela sua bagagem cultural e, por outro, pelas disponibilidades do meio. Assim, as comunidades humanas são limitadas pelas condições ambientais que as superam e/ou contornam esses limites.

Enquanto fluxo de energia, parte dela retorna ao meio, porém processada, quer na

⁶ Estamos entendendo comunidade no sentido ecológico, como definido por Odum: *a comunidade, no sentido ecológico do termo, inclui todas as populações que ocupam uma dada área.* (ODUM, 1988, p. 3)

forma de dejetos, quer através de artefatos ou produtos abandonados. Um exemplo disto são as manchas de terra preta em que se encontram fragmentos de cerâmica Tupiguarani: nada mais são do que os restos de uma antiga aldeia ou casa, que em função da grande concentração de matéria orgânica proporciona excelentes solos para a agricultura. Neste caso, o que deve ser relevante é o fato de serem o produto final de uma atividade humana que devolve ao meio parte da energia que dele obteve, através do aumento da fertilidade do solo.

FIGURA 20 Modelo sistêmico de interação sociedade–meio ambiente.



Adaptado de ODUM, Eugene F. Ecologia. Rio de Janeiro, Editora Guanabara Koogan S.A. 1988.

Entende-se então o sistema ambiental, ou simplesmente ambiente, como um sistema com o qual as sociedades humanas interagem. Essa interação está pautada não apenas pelas necessidades de subsistência, mas também pelas exigências de caráter cultural e simbólico, tais como festas e complexos templários. Essas atividades demandam um grande investimento de energia que não influencia diretamente na produção de alimentos, mas possui um valor simbólico que muitas vezes supera as necessidade de subsistência.

Percebemos, portanto, a cultura como um sistema que se apropria do meio, interage com ele, alterando-o e sendo alterada. Este, o ambiente, é um recurso manipulado, onde cada sociedade o organiza, não apenas em razão das disponibilidades existentes, mas também em função das suas necessidades simbólicas.

Exemplos disso podem ser encontrados tanto em relatos etnográficos como nas sociedades modernas. Os Kayapó, segundo Posey (1987), dividem o meio ecológico em dez níveis verticais, de acordo com as disponibilidades de recursos oferecidos por cada um. São cinco níveis aquáticos e mais cinco terrestres-arbóreos, divididos em categorias funcionais, no *locus* onde se encontram os diferentes recursos naturais.

O espaço adquire, assim, um valor simbólico que define a forma como uma dada população que dele se apropria, e essa não está pautada apenas pela distribuição dos recursos, mas também pelos significados que lhe são atribuídos. Muitas vezes, um cemitério ou uma gruta são tão importantes quanto um ponto de pesca ou uma área de caça.

2.3 O PLANALTO: SUA FORMAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO

O termo planalto caracteriza muito mais a morfologia do que os aspectos estruturais⁷ ou geomorfológicos, como a litologia. Define as terras situadas acima dos 200m de altitude com uma superfície aproximadamente plana. Outra característica importante é o fato de apresentar, em uma de suas bordas, escarpas que são circundadas por áreas mais baixas. O termo em si não caracteriza sua estrutura.

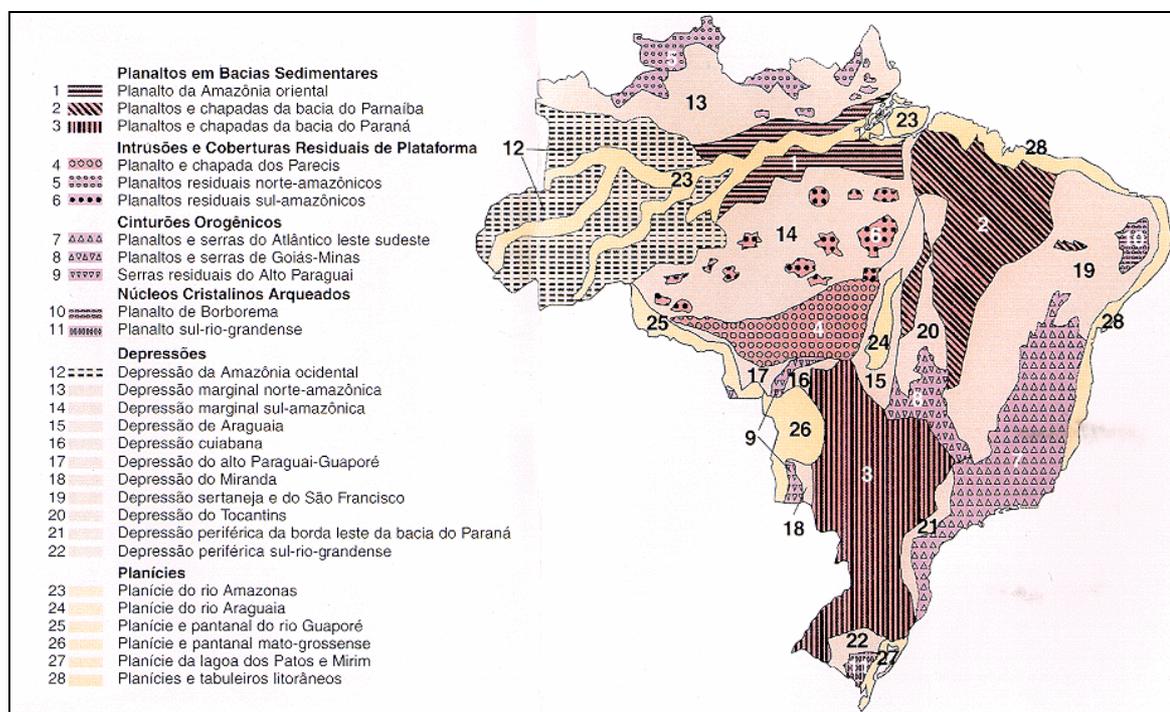
Segundo Ross (2001), o território brasileiro possui uma formação geo-histórica bastante interessante. A formação das estruturas geológicas é antiga. Apesar de as bacias de

⁷ *A estrutura do ponto de vista geológico e geomorfológico é o estado estático das rochas, tais como as que observamos nos diversos cortes. É, em última análise, a disposição da arquitetura do subsolo.* (GUERRA, 1978 p. 171)

sedimentação serem recentes, como nos trechos do litoral nordeste e sul da parte ocidental da Bacia Amazônica e do Pantanal Mato-grossense, que se configuraram no Terciário e Quaternário (Cenozóico), ou seja, nos últimos 65 milhões de anos. As outras áreas foram conformadas entre o Paleozóico e Mesozóico, com idades entre 130 e 570 milhões de anos para as grandes bacias sedimentares como a Amazônica, a do Maranhão e a do Paraná. Por último, os terrenos cristalinos, formados no Pré-Cambriano, que atingem a idade de cerca de 4 bilhões de anos.

Outro ingrediente do processo de formação do relevo é a tectônica de placas, que elevou a Cordilheira dos Andes e a Plataforma Sul-Americana, especialmente a Bacia Sedimentar do Paraná, durante o Mesozóico. Estas duas últimas mantiveram, ao seu redor, depressões e planícies, como pode ser visualizado no mapa a seguir.

FIGURA 21 Unidades do relevo brasileiro.



Fonte: ROSS, Jurandyr L. S. Os Fundamentos da Geografia da Natureza. In: ROSS, Jurandyr L. S. (org.) *Geografia do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2001.

O que estamos entendendo como Planalto Sul-Brasileiro caracteriza-se como a

porção sul da unidade que Ross define como *planaltos e chapadas da bacia do paraná*, que, devido ao seu processo de formação, é composta tanto por rochas sedimentares antigas como por rochas vulcânicas mais recentes.

Os *planaltos e chapadas da bacia do Paraná* englobam terrenos sedimentares com idades desde o Devoniano até o Cretáceo e rochas vulcânicas básicas e ácidas do Mesozóico. Todo contato dessa unidade com as depressões circundantes é feito através de escarpas que se identificam como frentes de *cuesta* única ou desdobradas em duas ou mais frentes. Do Rio Grande do Sul a São Paulo a escarpa é sustentada quase que exclusivamente por rochas efusivas. Já em Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul as frentes de *cuesta* são desdobradas e sustentadas pelas rochas do Devoniano, do Carbonífero e do Jura-cretáceo. É freqüente nas bordas norte e noroeste a presença de extensas superfícies altas e planas que atingem entre 900 e 1000m de altitude e são denominadas chapadas, como a dos Guimarães e a de Taquari, no Estado do Mato Grosso do Sul. (ROSS, 2001, p. 55)

O Planalto Sul-Brasileiro compreende parte dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, e trata-se da porção sul dos planaltos e chapadas da Bacia do Paraná.

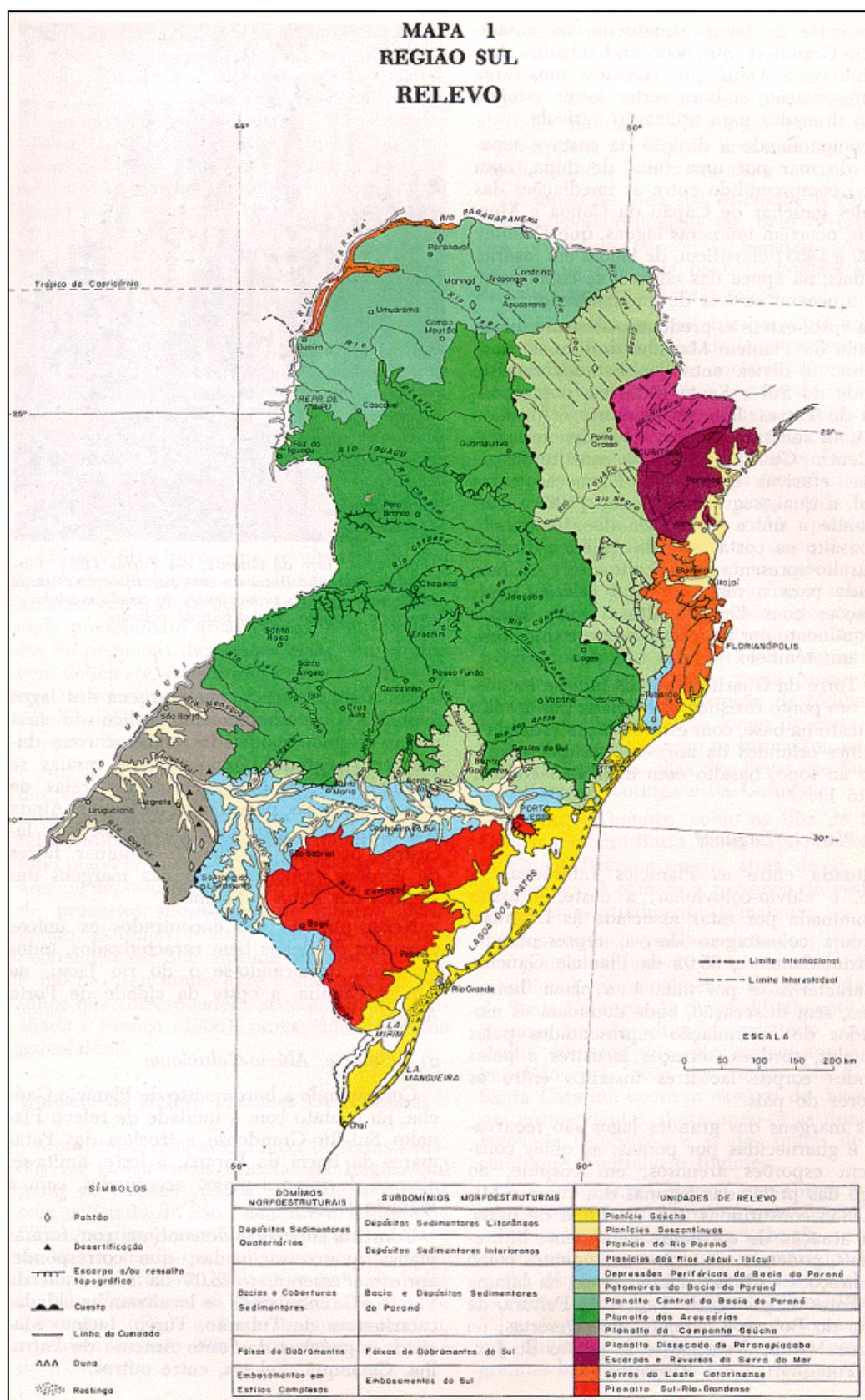
Não se pretende aqui uma caracterização exaustiva dos aspectos morfológicos do planalto, tão somente uma definição do que seja esse fenômeno para que se possa descrever o palco em que se descortinou a experiência humana das populações pré-coloniais. Maiores detalhes quanto à caracterização geomorfológica do planalto podem ser obtidas na bibliografia específica.

2.3.1 Relevo

Hermann & Rosa (1990) dividiram o relevo da região sul em quatro domínios morfoestruturais: Depósitos Sedimentares Quaternários, Bacias e Coberturas Sedimentares, Faixas de Dobramentos e Embasamentos em Estilos Complexos.

O Planalto Sul-Brasileiro corresponde ao subdomínio das Bacias e Coberturas Sedimentares do Paraná, compreendendo cinco unidades de relevo: Depressões Periféricas da Bacia do Paraná, Patamares da Bacia do Paraná, Planalto Central da Bacia do Paraná, Planalto das Araucárias e Planalto da Campanha Gaúcha.

FIGURA 22 Relevo da região sul



Fonte: HERMANN, Maria Lúcia & ROSA, Rogério de Oliveira. Relevo. In: *Geografia do Brasil, Região Sul*. Rio de Janeiro: IBGE, 1990, p.57.

Abrangendo terras pertencentes aos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, esse domínio morfoestrutural corresponde ao de maior extensão espacial da região sul, cobrindo mais de 70% de sua área total.

Corresponde em termos geológicos à Província do Paraná, que engloba litologias sedimentares de idades paleozóicas e mesozóicas que afloram nas partes mais orientais, efusivas jurocretáceas que representam mais da metade de sua extensão, bem como arenitos supraderrames em pequenas extensões de seus setores noroeste e sudoeste. (HERMANN & ROSA, 1990, p. 62)

As maiores altitudes estão na porção leste desse domínio, onde as cotas altimétricas podem atingir desde mais de 1.200m até pouco menos de 150, na vertente ocidental. Os pontos máximos podem chegar a 1.922m de altitude no Pico do Paraná, localizado na Serra da Graciosa, no Estado do Paraná, e 1.822m no Pico da Igreja na Serra Geral, no Estado do Rio Grande do Sul.

A região possui uma inclinação negativa no sentido leste-oeste, terminando na calha do Rio Paraná, no Estado do Paraná, no Rio Peperi-Guaçu, afluente do Rio Uruguai, no Estado de Santa Catarina e no Rio Uruguai, no Estado do Rio Grande do Sul.

Para o leste, em direção ao Oceano Atlântico, a limitação entre o planalto e o mar se dá pela existência de um degrau bastante acentuado, que forma uma estreita faixa litorânea, especialmente nos Estados do Paraná e em Santa Catarina. No Rio Grande do Sul, há a interiorização da borda cristalina do planalto que possibilitou a formação de uma faixa litorânea mais extensa.

2.3.2 Clima

Com relação ao clima, a região sul do Brasil está inscrita no domínio subtropical. Esse, estende-se abaixo do Trópico de Capricórnio que coincide com a linha divisora entre os Estados do Paraná e São Paulo. Fundamentalmente, o que influencia no clima na região é a ação da massa polar atlântica e dos sistemas atmosféricos extratropicais, o que não significa que não sejam sentidos os efeitos da massa equatorial continental carregada de umidade, e da massa tropical continental seca, que se manifesta sob a forma de linhas de instabilidade.

Nos meses de outono e inverno, quando são registradas as temperaturas mais baixas, a região é afetada pelo anticiclone polar que provoca a formação de geadas e, nas áreas mais altas, a precipitação de neve. A média das temperaturas situa-se logo abaixo dos 18°C, variando em função da altitude e da distância do mar.

Para Nimer (1977), a região sul do Brasil apresenta uma uniformidade climática com o predomínio do clima mesotérmico superúmido sem estação seca, com ritmo de regiões temperadas. A sua localização em uma zona de passagem de frentes polares implica a possibilidade de mudanças bruscas de temperatura em qualquer época do ano.

No que se refere aos índices pluviométricos, a região sul se caracteriza por uma distribuição homogênea das chuvas, não havendo uma concentração ou carência em nenhum setor (NIMER, 1977).

Segundo o mesmo autor, a precipitação anual é bastante homogênea não variando mais do que 30% nos meses mais chuvosos, de tal forma que é difícil de se prever o mês com maior intensidade de chuvas. Segundo Nimer:

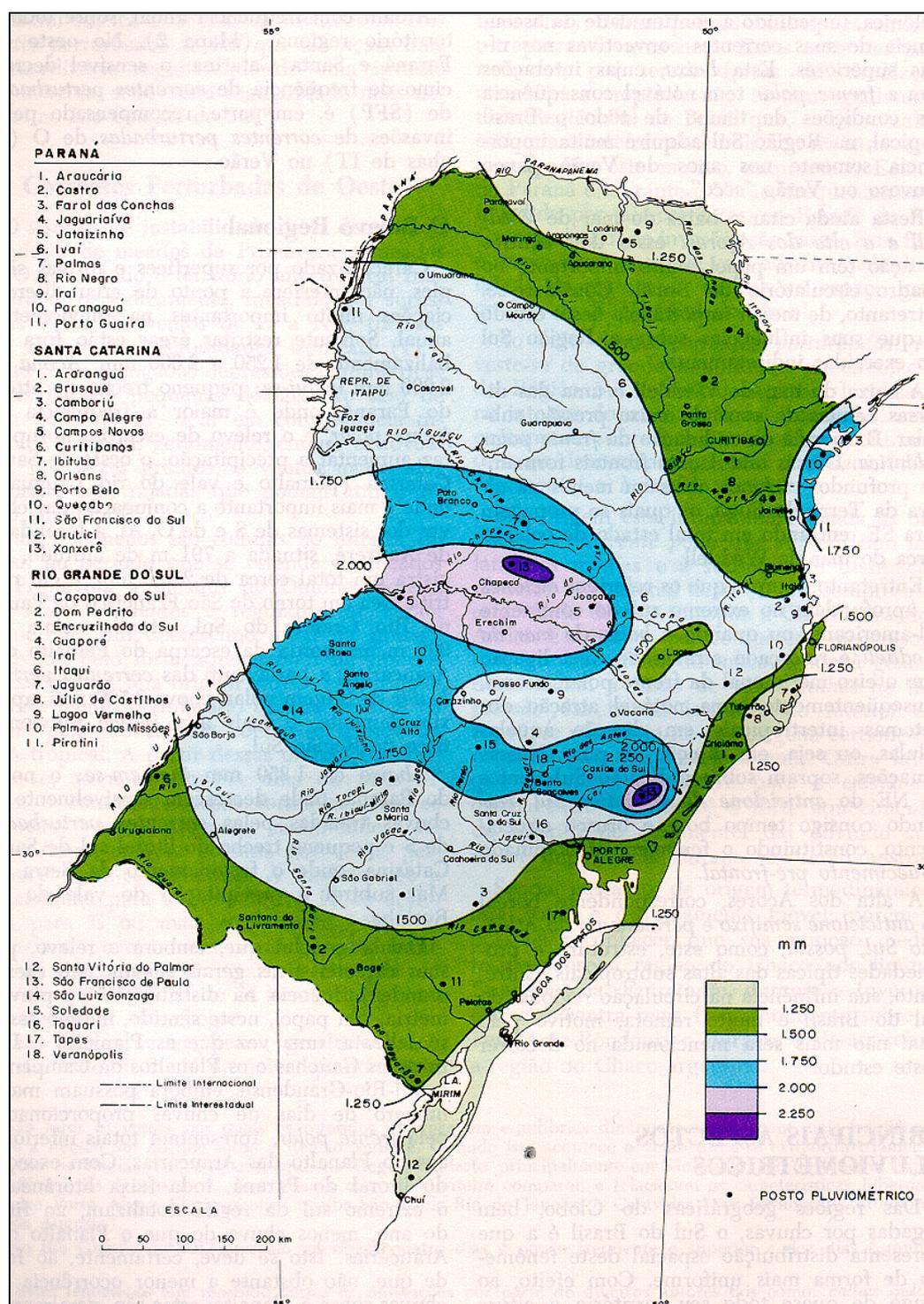
Como se trata de região de clima temperado, cujo regime de precipitação se caracteriza pela distribuição quase equitativa ao longo do ano, é absolutamente impossível prever, pela climatologia, a época ou trimestre do ano em que as máximas ou as mínimas concentrações irão se verificar, uma vez que estas dependem mais do grau de intensidade das chuvas proporcionadas pelas correntes perturbadoras de S do que da maior ou menor frequência de invasões de tais correntes. Por sua vez, a intensidade depende da estrutura da frente polar, do índice de umidade absoluta contida na massa de ar tropical no momento que precede a chegada dessa descontinuidade, e da velocidade desta frente. Por esta razão, tanto o máximo como o mínimo de chuvas podem ocorrer em qualquer estação do ano. (NIMER, 1977, p. 45-46)

Ainda que seja impossível determinar o período de maior pluviosidade, algumas tendências podem ser percebidas. Para o Estado do Paraná, o máximo de chuvas ocorre no verão e o mínimo no final do outono ou início do inverno. Na faixa litorânea dos Estados do Paraná e Santa Catarina, o maior volume de chuvas ocorre no verão e o mínimo geralmente no inverno. No resto dos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, a máxima tende,

quanto mais ao sul da região, a concentrar-se no inverno e as mínimas no verão.

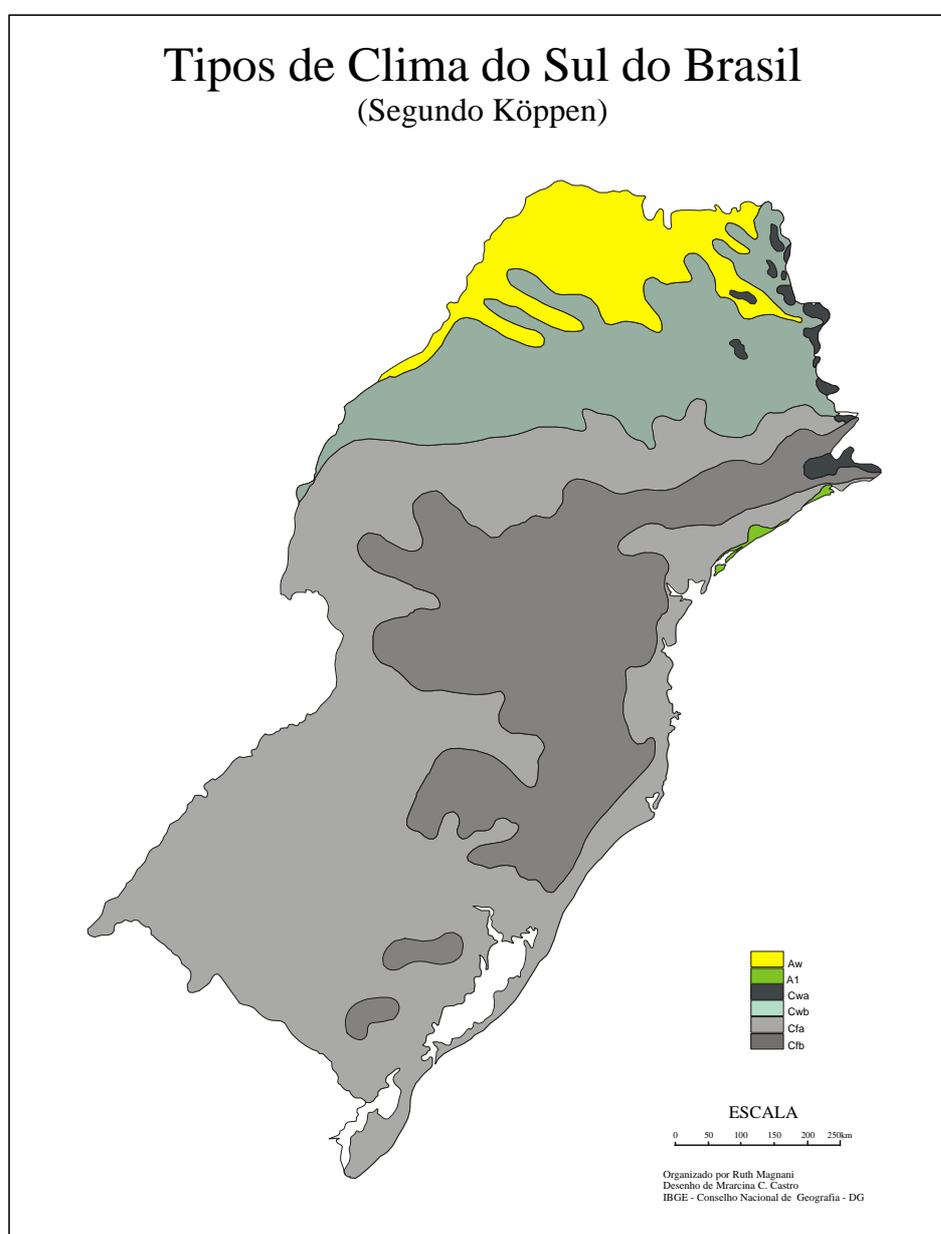
Os índices de pluviosidade da região variam entre 1.250 e 2.000mm anuais e a sua distribuição pode ser observada na Figura 23.

FIGURA 23 Mapa da altura média da precipitação durante o ano



Segundo a classificação de Köppen, o Planalto Sul-Brasileiro está tanto sob o domínio do Clima Cfb como do Cfa. O primeiro se caracteriza como um clima temperado moderado chuvoso, com as precipitações distribuídos durante todo o ano. O mês mais frio apresenta temperaturas médias entre -3° e 18°C , e no mês mais quente as médias estão abaixo dos 22°C . No caso do Clima Cfa, o mês mais quente possui temperaturas médias de mais de 22°C , que na região sul domina todo o restante do território (MONDIN, 1996).

FIGURA 24 Tipos de clima da região sul



2.3.3 Flora

A vegetação da região sul do Brasil apresenta uma variação correspondente às diferentes realidades geológicas, geomorfológicas e climáticas, que condicionaram diferentes formações vegetais.

Nessa região foram identificadas 10 regiões fitoecológicas, sendo que no planalto predominam, entre as formações florestais, a Floresta Ombrófila Mista e, entre as formações não-florestais, a Savana.

FIGURA 25 Quadro sintético da vegetação da região sul

FLORESTAL	OMBRÓFILA	HIGRÓFITA	DENSA (atlântica)
			MISTA (de araucária)
	ESTACIONAL	HIGRO-XERÓFITA	SEMIDECIDUAL (subcaducifólia)
			DECIDUAL (caducifólia)
NÃO-FLORESTAL	ESTACIONAL	XEROMORFA	SAVANA (cerrado, campo)
		XERÓFITA	ESTEPE (campanha gaúcha)
			SAVANA ESTÉPICA (campanha gaúcha)
	PIONEIRA (em fase sucessional)	HIGRÓFITA	FLUVIAL
			MARINHA (restingas, dunas)
		DE AMBIENTE VASOSO SALOBRO	FLUVIOMARINHA (mangue)

Fonte: LEITE, Pedro F. & KLEIN, Roberto M. Vegetação. In: *Geografia do Brasil, Vol. 2 – Região Sul*. Rio de Janeiro: IBGE, v. 2, 1990, p. 116.

A cobertura vegetal do Planalto Sul-Brasileiro é formada predominantemente pela mata com araucária, sendo que a denominação atualmente utilizada é a de Floresta Ombrófila Mista.

Essa é composta por um conjunto de espécies além da própria araucária. Para sua caracterização, valemo-nos de Mauhs:

A Floresta Ombrófila Mista constitui-se de uma sobreposição de floras com origens e exigências ecológicas diferentes [...]. As associações que caracterizam a Floresta Ombrófila Mista são, na maior extensão desse sistema, resultado da coexistência de várias espécies originárias da Floresta Estacional da Bacia Paraná-Uruguaí, com espécies de origem andina e australantártica, entre as quais a própria araucária é o elemento mais emblemático [...].

Pinhal e pinheiral são denominações mais populares para a Floresta Ombrófila Mista, estando nelas o reconhecimento da importância, ao menos fisionômica, que a araucária empresta às florestas. Isto se deve à alta densidade e ao grande porte das araucárias, cujas copas corimbiformes constituem um estrato emergente e contínuo nas formações maduras. Sob a uniformidade deste estrato contínuo, encontra-se uma grande variedade de espécies, constituindo uma floresta em diversos estratos [...]. A composição e estrutura variam conforme os estádios sugestionais e as regiões de ocorrência da Floresta Ombrófila Mista [...]. (MAUHS, 2002, p.10-11)

A espécie mais representativa da Floresta Ombrófila Mista é sem dúvida a *Araucaria angustifolia* (Bertol) Kuntze. Para Rambo (1994) essa espécie determina a fisionomia da região dominando o estrato superior da vegetação. Sua importância deve-se também à qualidade de sua madeira, à sua abundância e à sua semente, a qual, combinada com a densidade da espécie, torna-se um importante alimento para toda a fauna, além de ser um elemento significativo na produtividade primária dessa formação⁸.

Um dos condicionantes da distribuição da mata com araucária é a altitude e o clima. Segundo Leite e Klein (1990), a Floresta Ombrófila Mista pode ser dividida em três formações em função da altitude: Floresta Submontana – até 400m; Floresta Montana – entre 400 e 800m e Alto Montana – acima dos 800m.

As formações submontana e montana sofrem influências das formações florísticas vizinhas, especialmente da Floresta Estacional e da Floresta Ombrófila Densa:

Do ponto de vista florístico, poder-se-ia identificar nas superfícies abaixo dos 800m três grupos de comunidades com araucária: o primeiro, compreende a faixa próxima à região da Floresta Estacional Semidecidual, onde o pinheiro formava um estrato emergente de um bosque de folhosas, com cerca de 70 a 80% de: peroba-rosa (*Aspidosperma polyneuron*), espécie mais comum, angico-vermelho (*Parapiptadenia rigida*) e palmitreiro (*Euterpe edulis*); o segundo, compreendendo

⁸Produtividade primária é a taxa com que os organismos produtores, geralmente as plantas verdes, convertem a energia solar em substâncias orgânicas (ODUM, 1988). Este processo é realizado, em geral, através da fotossíntese, mas pode também ser realizado por organismos quimiossintetizantes. (MAUHS, 2002, p. 9)

os terrenos periféricos da região da Floresta Estacional Decidual, onde a araucária estava consorciada ao angico-vermelho (*Parapiptadenia rigida*) e à grápia (*Apuleia leiocarpa*), ambas espécies constituindo cerca de 70 a 80% do estrato imediatamente inferior ao do pinheiro; o terceiro grupo de comunidades abrange os terrenos circunvizinhos à região da Floresta Ombrófila Densa. Nela, a araucária ocorria em comum com a canela-sassafrás (*Ocotea pretiosa*), a canela-preta (*Ocotea catharinensis*), pau-óleo (*Copaifera trapezifolia*) e a peroba-vermelha (*Aspidosperma olivaceum*), folhosas que compunham entre 60 e 70% do estrato superior da floresta.

[...]

Os terrenos entre aproximadamente, os 500 e os 800m de altitude estão enquadrados na formação montana (Leite e Sohn) e caracterizam-se por um clima sem época seca, com período frio (Temperatura média (Tm) 15°C) curto ou ausente e período quente (Tm 20°C). Compreendem, principalmente, parte das Bacias dos Rios Tibagi e Ivaí (afluentes do Rio Paranapanema), Piquiri e Iguaçu (afluentes do Rio Paraná) e do Rio Uruguai, acima dos 500m de altitude (limite regional). (LEITE & KLEIN, 1990, p. 123)

A partir dos 800m, conforma-se a típica Floresta Ombrófila Mista:

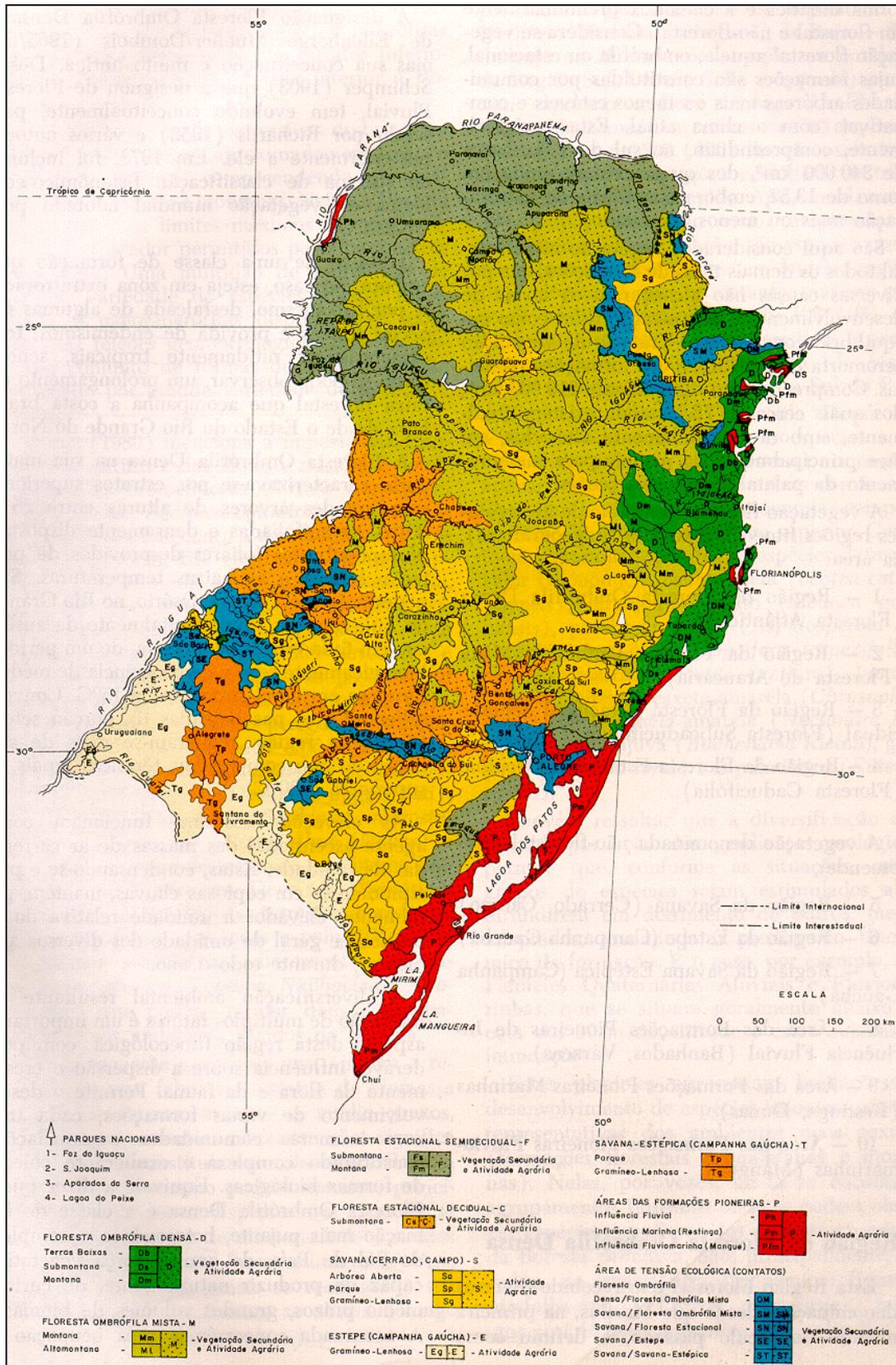
A área mais típica e representativa da Floresta Ombrófila Mista, como aqui se conceitua, é aquela das altitudes superiores aos 800m, porém, principalmente, dos terrenos altomontanos. Seu clima é o mais frio da região e com os maiores índices de geadas noturnas. Caracteriza-se pela ausência de período seco e ocorrência de longo período frio (Tm 15°C). O período quente anual (Tm 20°C) é geralmente curto ou ausente.

[...]

Sob essas condições climáticas e de acordo com a diversificação de outros parâmetros ambientais, poder-se-ia determinar, na área de típica da Floresta Ombrófila Mista, dois grupos distintos de comunidades com araucária e lauráceas: um, onde o pinheiro se distribuía de forma esparsa por sobre bosque contínuo, no qual 70 a 90% das árvores pertenciam às espécies: imbúia (*Ocotea porosa*), espécie mais representativa, canela-amarela (*Nectandra lanceolata*), canela-preta (*Nectandra megapotamica*), canela-fogo ou canela-pururuca (*Cryptocarya aschersoniana*) acompanhadas de sacopema (*Sloanea monosperma*), por vezes bastante freqüente, da guabirobeira (*Campomanesia xanthocarpa*) e erva mate (*Ilex paraguayensis*); outro grupo, onde a araucária formava um estrato superior bastante denso sobre um estrato de 60 a 80% das folhosas, principalmente das espécies: canela-lageana (*Ocotea pulchella*), espécie dominante, canela-amarela (*Nectandra lanceolata*), canela-guicá (*Ocotea puberula*), canela-fedida (*Nectandra grandiflora*), camboatá-vermelho (*Cupunia vernalis*) e camboatá-branco (*Matayba elaeagnoides*), acompanhadas de casca-d'anta (*Drimys brasiliensis*), do pinheirinho (*Podocarpus lambertii*), de pimenteira (*Capsicodendron dinisii*), guabirobeira (*Campomanesia xanthocarpa*) e de diversas mirtáceas e aquifoliáceas. (LEITE & KLEIN, 1990, p. 123)

Além das matas, ocorrem formações menos densas com vegetação de pequeno porte e/ou arbustiva, conhecidas como faxinais ou cantanduvras e taquarais.

FIGURA 26 Distribuição vegetal da região sul do Brasil



FONTE: LEITE, Pedro F. & KLEIN, Roberto M. Vegetação. *Geografia do Brasil*, Vol. 2 – Região Sul. Rio de Janeiro: IBGE, 1990. p. 117.

A cobertura atual da Floresta Ombrófila Mista alcança apenas 20.000km² contra 175.000km² da cobertura original, o que equivale a pouco mais de 11%. Essa devastação se deu em razão da derrubada da araucária para dar lugar à agricultura e aos campos de pastagens a partir da colonização do Planalto Sul-Brasileiro por imigrantes europeus, na segunda metade do século XIX, e também porque sua madeira foi intensamente exportada em meados do século XX.

A *Araucaria angustifolia*, enquanto espécie, ocorre em solos de boa fertilidade e temperaturas moderadas. Está distribuída nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo e em algumas áreas dos Estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais.

É condicionada pela altitude, pelo regime de chuvas e pela temperatura. Quanto à altitude, está localizada a partir dos 500m, mas predomina a partir dos 800m; quanto à pluviosidade, deve ser superior aos 1.400mm anuais e a temperatura deve apresentar média das mínimas abaixo dos 11,5°C e média das máximas em torno dos 22°C (BACKES, 1999).

Quanto à fenologia, a maior disponibilidade do pinhão ocorreria nos meses de abril e maio, entretanto, Reitz & Klein (1966) reportam a existência de quatro variedades diferentes de Araucária, baseados na época de frutificação. São elas:

Araucaria angustifolia santi josephi, vulgarmente conhecido como Pinheiro-São-José, Pinhão-São-José, identificada no Planalto de Santa Catarina, Municípios de São Joaquim e Bom Jardim; os frutos amadurecem nos meses de fevereiro e março;

Araucaria angustifolia angustifolia ou Pinheiro-Brasileiro; diferencia-se por apresentar os pinhões vermelhos; frutifica nos meses de abril e maio;

Araucaria angustifolia caiova, também chamada de Pinheiro-Caiová, Pinheiro-Cajová e Pinheiro-Cajuvá. identificada no Município de Canoinhas, Santa Catarina; tem seus frutos nos meses de abril e maio;

Araucaria angustifolia indehiscens, denominada popularmente de Pinheiro-

Macaco, identificado no Município de Curitibanos, Santa Catarina; seus frutos estão maduros entre os meses de setembro e janeiro. O que diferencia essa variedade das demais é o fato de sua pinha não se desagregar, sendo comum os macacos arrancarem os pinhões diretamente no topo das árvores, provindo daí seu nome popular de Pinheiro-Macaco.

A araucária apresenta ainda mais cinco variedades, quais sejam: *Araucaria angustifolia nigra* (pinheiro preto), *Araucaria angustifolia striata* (pinheiro rajado), *Araucaria angustifolia semi alba* (pinheiro de ponta branca), *Araucaria angustifolia alba* (pinheiro branco) e *Araucaria angustifolia monoica* (pinheiro monoico). Para maiores detalhes consultar Reitz & Klein, 1966.

TABELA 3 Época de frutificação das diferentes variedades de *Araucaria angustifolia*

	mês de maturação do pinhão											
	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez
<i>Araucaria angustifolia santi josephi</i>		x	x									
<i>Araucaria angustifolia angustifolia</i>				x	x							
<i>Araucaria angustifolia caiova</i>						x	x					
<i>Araucaria angustifolia indehiscens</i>	x							x	x	x	x	x

Fonte: Reitz & Klein, 1966.

A composição florística da mata com araucária apresenta uma variedade de espécies, além da própria araucária. Conhecer sua fenologia permite inferir a oferta de recursos disponíveis para o homem. Contamos aqui com o levantamento florístico realizado por Mauhs (2002) em um fragmento de Floresta Ombrófila Mista, marcadamente montana, complementado com dados de fenologia e o uso feito pelas populações modernas.

A partir da tabela 8 (Anexos), que não reflete a disponibilidade original, mas um fragmento da floresta com araucária fortemente antropizado, percebemos uma carência dos recursos, especialmente no inverno, nos meses de junho, julho e agosto. Entretanto, devemos considerar a degradação do ambiente que alterou sensivelmente a disponibilidade dos mesmos. Por outro lado, a disponibilidade de pinhão e a possibilidade de armazenamento

poderiam fornecer estoques alimentares para superar o período de carência até que o advento da primavera aumentasse a gama de recursos disponíveis.

Além das matas com araucária, o planalto é recoberto por formações não-florestais denominadas de Savanas.

As Savanas apresentam na região sul, três formações: Savana Arbórea Aberta, Savana-Parque e Gramíneo-Lenhosa.

A Savana Arbórea Aberta concentra-se, principalmente, nos terrenos aplainados areníticos, nas proximidades de Itararé (SP) e de Jaguariaíva e Tibagi, no Paraná. São formações típicas de Savana (Cerrado) constituindo disjunções ou áreas de contato com as regiões das florestas Mista e Estacional Semidecidual. Apresenta, normalmente, um estrato arbóreo-arbustivo esparso, perenifolia e com características de escleromorfa oligotrófica [...], sob o qual se desenvolve num descontínuo estrato de plantas hemicriptófitas, caméfitas e geófitas. No primeiro estrato encontram-se frequentemente: o barbatimão (*Strophnodendron barbadetiman*), o angico (*Anadenanthera peregrina*), o barbatimão-da-folha-miúda (*Dimorfandra mollis*), o mercúrio-do-campo (*Erythroxylum suberosum*), o pau-óleo (*Copaifera lonsdoffii*), o cinzeiro (*Vochysia tucanorum*) e o saco-de-boi (*Kielmeyera coriacea*), além de outras. O estrato inferior compõem-se principalmente de *Andropogon* spp., *Aristida* spp., *Briza* spp., *Poidium* spp., *Axonopus* spp., *Tristachya* sp (capim-limão) e representantes das liliáceas, amarilidáceas, iridáceas e compostas [...]. (LEITE & KLEIN, 1990, p. 133)

Essa formação vegetal tem sido substituída pelo avanço da agricultura.

A Savana Parque apresenta uma uniformidade florística e fisionômica em que predominam dois estratos: um arbóreo-arbustivo esparso e outro rasteiro. Foram identificadas duas formações características:

A primeira situa-se em terrenos ondulados localizados em cotas altimétricas superiores a 1.000m:

Foram determinados dois tipos de Savana-Parque no Sul do País (...) compreendendo os campos de São Joaquim (SC) e Bom Jardim da Serra (SC) além de uma faixa irregular estendida para leste de São Marcos (RS), acompanhando a margem direita do Rio São Tomé (RS). Associa-se, em amplas áreas, aos derrames ácidos do Mesozóico e a solos litólicos ou rasos, com afloramentos rochosos. O terreno apresenta-se de ondulado a forte-ondulado com níveis altimétricos, em geral, superiores a 1.000m. A *Araucaria angustifolia* ocorria com esmagadora dominância fisionômica, isolada, em agrupamentos esparsos ou em florestas-de-galeria. O tapete Gramíneo-Lenhoso é formado em cerca de 50 a 60% de capim-caninha (*Andropogon lateralis*) associado a outras espécies cespitosas e rizomatosas. Além da Araucária, encontram-se nos capões e florestas-de-galeria diversas outras

espécies características da Floresta Ombrófila Mista. (LEITE & KLEIN, 1990, p. 133)

A outra formação característica da Savana Parque está no Planalto Sul-Rio-Grandense. A topografia do relevo é fortemente ondulada e até montanhosa:

A composição dos agrupamentos florestais inclui elementos comuns tanto à Floresta Estacional Decidual quanto à Ombrófila Mista, além de outros de origem não bem definida, em geral com dispersão e frequência bastante irregulares. Dentre eles destacam-se: aroeira-salsa (*Schinus molle*), molho (*Schinus polygamus*), taleira (*Celtis tala*), coronilha (*Scutia buxifolia*) e pinheirinho-brabo (*Podocarpus lambertii*). (LEITE & KLEIN, 1990, p. 134)

A fisionomia do planalto, portanto, caracteriza-se principalmente pela ocorrência de matas com araucária, dominando especialmente as encostas e bordas dos cursos d'água e pela ocorrência de campo, dominando as porções mais altas e planas.

Nesse sentido, Balduino Rambo já assinalava:

No estudo do mapa hidrográfico fazemos outra descoberta interessante: o mato ladeia todos os cursos de água, estando seu volume em proporção com o volume da água do vale e da proximidade de outros rios; o campo, pelo contrário, concentra-se nas partes mais altas dos divisores de água e suas vizinhanças. (RAMBO, 1994, p. 255)

Finalmente, nos ambientes onde houve retirada da cobertura vegetal original, percebe-se uma outra variedade de espécies, na qual predomina a bracaatinga (*Mimosa scabrella*), a canela-guaicá (*Ocotea puberula*), o vassourão-branco (*Piptocarpha angustifolia*), o angico-branco (*Anadenanthera colubina*), o vassourão-preto (*Vernonia discolor*), o café-do-mato (*Casearia sylvestris*), as vassouras (*Baccharis spp*) e a samambaia-das-taperas (*Pteridium aquilinum*). (LEITE & KLEIN, 1990)

2.3.4 Fauna

Além dos recursos vegetais, essas populações contavam ainda com a fauna (mamíferos, aves, peixes, répteis, anfíbios, insetos e larvas) como recurso disponível para

subsistência.

No Município de Vacaria, Planalto do Rio Grande do Sul, a fauna foi identificada em ao menos seis comunidades diferentes: a floresta com araucária, as áreas de mata ciliar, os campos abertos e macegas, os rios, os lagos e banhados e as áreas alteradas pela sociedade moderna (antropizadas).⁹

Nesse mosaico de ambientes foram identificadas 28 espécies de mamíferos, sendo 3 de pequeno porte (até 1kg de peso médio), 18 de médio porte (até 20kg de peso médio) e 5 espécies de grande porte (mais de 20kg de peso médio), além de 2 espécies de morcegos. Quanto às aves, foram identificadas ao menos 119 espécies. Quanto aos répteis, carecemos de um levantamento.

Na área de campo podem ser encontradas espécies de pequeno, médio e grande porte. Para as primeiras temos a preá (*Cavia aperea*) pesando apenas 0,63kg¹⁰; de médio porte temos o zorrilho (*Conepatus chinga*, 2kg), tatu-mulita (*Dasyplus hybridus* 2,1kg), tatu-de-rabo-mole (*Cabassous totouay*), o graxaim-do-campo (*Pseudalopex gymnocercus*, 6,1kg); para as de grande porte temos o veado-catingueiro (*Mazama gouazoubira*, 20kg) e o o lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*, 23kg). Atualmente ocorre ainda a lebre (*Lepus capensis*) que, entretanto, foi introduzida em período histórico.

Nos ambientes de mata encontramos espécies de pequeno porte – como o ratinho-do-mato (*Oligoryzomys nigripes*, 50g), de médio porte – como o ouriço-cacheiro (*Coendou villosus*, 2,5kg), a cotia (*Dasyprocta azarae*, 4kg), o graxaim-do-mato (*Cerdocyon thous*, 5kg), a irara (*Eira barbara*, 5kg), o coati (*Nasua nasua*, 6,6kg), o mão-pelada (*Procyon cancrivorus*, 7kg), o tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*, 7,8kg), o bugio-ruivo

⁹ O levantamento faunístico foi realizado pelo Biólogo André Osorio Rosa que prepara uma publicação específica sobre o assunto, os dados parciais estão nas tabelas 10 e 11 que encontram-se nos anexos.

¹⁰ Indicamos após a identificação da espécie seu peso médio.

(*Alouatta guariba*, 11,5 kg), a paca (*Agouti paca*, 11,5kg), a jaguatirica (*Leopardus pardalis*, 14,5kg); de grande porte – como o veado-mateiro (*Mazama americana*, 48kg), o puma (*Puma concolor*, 60kg), a capivara (*Hydrochaeris hydrochaeris*, 67,5kg).

Já o morcego-vampiro (*Desmodus rotundus*, 50g), o gambá-de-orelha-branca (*Didelphis albiventris*, 1,5kg), o tatu-galinha (*Dasypus novemcinctus*, 5,8kg) e o tatu-peludo (*Euphractus sexcinctus*, 6,5kg) podem ser encontrados tanto em ambientes de mata como de campo.

Nas áreas úmidas, como banhados ou beiras de rio, teríamos o morcego-pescador (*Noctilio leporinus*, 64,5g), o rato-do-banhado (*Myocastor coypus*, 11,5kg) e a lontra (*Lutra longicaudis*, 12,4kg).

Além dessas ocorriam os porcos do mato (*Tayassu tajacu* e *Tayassu pecari*) que podem atingir até 30kg de peso, no caso do primeiro, e 40kg o segundo.

Entre as aves, são ao menos 119 espécies, ocupando as comunidades identificadas.

Quanto às áreas onde ocorre o maior número das espécies de aves, temos a mata com araucária, com 54,55% (60) de espécies identificadas; a mata ciliar, com 39,39% (43); os campos abertos e macegas, com 33,64% (37); os banhados, com 10% (11); as áreas antropizadas, com mais 10% e, finalmente, os rios, com 1,82% (2). Outras 11 espécies foram identificadas quando sobrevoavam a região, sem ter como definir seu ambiente específico na área em estudo.

Dessas, 62,72% (69) espécies foram identificadas em apenas um dos ambientes, 22,72% (25) em dois deles, 12,72% (14) em três e 1,81% (2) em quatro, sempre envolvendo a floresta com araucária.

Ainda que tenhamos um grande número de espécies de aves a grande maioria delas são passeriformes, com 65% das espécies identificadas. Seu tamanho não supera os 50g de peso e os 20cm de comprimento. Acredita-se que não devem ter representado um recurso

alimentar significativo. O habitat da maioria são as zonas de mata, tanto as com araucária quanto as ciliares dos cursos d'água.

As espécies com peso superior a 50g e inferior a 250g representam pouco mais de 22% e ocupam preferencialmente a floresta com araucária, a mata ciliar e as áreas de campo. Seu aproveitamento como recurso alimentar pode ser considerado.

Temos por último as espécies cujos tamanhos superam os 250g e podem chegar a 2kg, raramente ultrapassando isso. Representam apenas pouco mais de 12% das espécies, ocupando as áreas de campo e matas.

Neste grupo temos: garça-branca-grande (*Casmerodius albus*), urubú-de-cabeça-vermelha (*Cathartes aura*), urubú-de-cabeça-preta (*Coragyps atratus*), curicaca (*Theristicus caudatus*), perdigão (*Rhynchotus rufescens*), inambuguaçu (*Crypturellus obsoletus*), saracura-do-brejo (*Aramides saracura*), pombão (*Columba picazuro*), tucano-de-bico-verde (*Ramphastos dicolorus*), mergulhão (*Podilymbus podiceps*), marreca-pardinha (*Anas flavirostris*), maria-faceira (*Syrigma sibilatrix*), martim-pescador-grande (*Ceryle torquata*), perdiz (*Nothura maculosa*), gavião-carijó (*Buteo magnirostris*), quero-quero (*Vanellus chilensis*), carrapateiro (*Milvago chimachima*), chimango (*Milvago chimango*) e frando-d'água-azul (*Porphyryla martinica*).

A ictiofauna¹¹, juntamente com os mamíferos e as aves, representa igualmente um recurso disponível. Em levantamento realizado no alto curso do Rio Uruguai, Bertoletti et al. (1989) identificaram 74 espécies. Entre elas destacam-se: traíra (*Hoplias malabaricus*), jundiá (*Rhmdia sp*) e cascudo (*Rhinelepis sp*, *Hypostomus sp*, *Hypostomus luteus*).

¹¹ Para maiores detalhes ver Tabela 12, nos anexos.

2.4 O AMBIENTE E A DISPONIBILIDADE DE RECURSOS

O que conhecemos como Planalto Sul-Brasileiro caracteriza-se como um mosaico de ambientes. Esse mosaico é fruto justamente do fato de o planalto corresponder a um grande maciço, mais elevado que seu entorno.

A variação da altitude é importante: na borda leste possui uma altitude média por volta dos 1.000 a 1.200m e pontos extremos até quase 2.000m; na borda oeste pode alcançar pouco mais de 200m. Uma das decorrências dessa variação reflete-se no clima da região, que se torna mais frio nos pontos altos e mais ameno à medida que vai diminuindo a altitude.

Evidentemente, além das variações de altitude e clima, a cobertura vegetal também se altera, e, junto com ela, a fauna responde igualmente, proporcionando um mosaico, que longe de ser homogêneo possui variações em toda a área, mas que mesmo assim, caracteriza uma unidade.

Os dados de que dispomos são relativos à situação presente da flora e da fauna, de um fragmento de floresta com araucária. A caracterização que procuramos fazer aqui teve o objetivo de chamar a atenção para variabilidade e a diversidade de recursos disponíveis nesse ecossistema, pois é sobre ele que as populações humanas se debruçam.

As disponibilidades observadas evidenciam a realidade atual pois, passados quase 200 anos de ocupação intensa e sistemática da população nacional, boa parte dos ambientes sofreram forte descaracterização. Podemos então supor que, quando ocupado pelas populações pré-coloniais, esses ambientes seriam bem mais ricos, no que se refere tanto à diversidade quanto à quantidade de espécies.

A consequência disso reflete-se na dificuldade de se obter dados conclusivos, que permitam ao menos inferir o rendimento dos diferentes recursos, e, conseqüentemente, os limites de sustentabilidade de uma área. Entretanto, o que sabemos permite algumas conclusões quanto à disponibilidade desses para as populações humanas.

No que se refere à vegetação, percebemos a pouca quantidade de espécies que frutificam no final do verão e início do outono, época que corresponde aos meses de março e abril. Outro período crítico são os meses do inverno e do início da primavera, especialmente neste último, quando a vegetação está apenas iniciando seu ciclo reprodutivo.

Com isso, os recursos vegetais estão concentrados no final da primavera, no início do verão e no final do outono, sendo neste último mais forte. Observe: do final de março até meados de junho temos a frutificação da *Araucaria angustifolia*; os meses seguintes – julho, agosto e setembro – são os que apresentam a menor oferta, a partir de fins de setembro começam a ficar acessíveis os frutos das mirtáceas que garantem suprimento de alimento no final da primavera e início do verão.

Considerando agora os dados apresentados por Reitz & Klein (1966), teríamos a oferta de pinhão durante o ano inteiro. Entretanto, não possuímos dados quanto à densidade de cada variedade em uma porção de mato. Essa carência, impossibilita identificar a disponibilidade quantitativa das sementes em cada mês e o quão representativas poderiam ter sido para as populações humanas do passado. Mesmo assim, não podemos deixar de considerar esse recurso, ainda que em menor quantidade. Nesse caso, estratégias de estocagem, como sugerem os dados etno-históricos, ou mesmo de cultivo devem ter sido utilizadas para superar esses períodos de carência.

Não se pode deixar de considerar o fato de que o pinhão está na base de toda cadeia alimentar que envolve aves, mamíferos, répteis, enfim, serve de alimento para a fauna, que por sua vez propaga-se por toda a cadeia trófica, coincidindo o período de frutificação do pinhão com um incremento da disponibilidade dos recursos da caça.

Esses últimos seriam importantes também por fornecerem proteína, gordura e peles no caso dos mamíferos; ovos, penas e plumas para adornos, no caso das aves; além de dentes e os próprios ossos para confecção de instrumentos.

Os dados levantados ilustram a disponibilidade de recursos das matas com araucária. Não se dispõem ainda de dados quanto ao rendimento energético, especialmente relativo a quantidade de biomassa disponível, e conseqüentemente os limites de sustentabilidade de dada área, mas os que temos apontam uma oferta que não pode ser desprezada.

A floresta com araucária sempre foi indicada como uma fonte importante de recursos, especialmente pela predominância da *Araucaria angustifolia* e do seu fruto, o pinhão, como fonte de energia para as populações humanas e animais. Para as primeiras, Schmitz (1988b, p. 118) aponta a utilização do pinhão e Mabilde (1988, p. 165) faz a mesma afirmação com referência aos Kaingáng históricos do século XIX. Em sítios arqueológicos foram encontradas evidências de nós e pinhões calcinados durante os trabalhos de escavação.

Outra utilização importante da vegetação é a madeira para a confecção de artefatos, como arcos e hastes de flechas, os nós-de-pinho como combustível para fogueiras, além das próprias habitações nas quais as palhas das palmeiras serviriam como cobertura.

A fauna, por sua vez, está distribuída entre as duas grandes unidades: o campo e as matas.

No campo encontram-se espécies de mamíferos de médio e grande porte, como gambás, tatus, preás, graxains-do-campo, lobos-guará, zorrilhos e veados; entre as aves destacam-se também as de tamanhos médios e grandes como a garça, a curicaca, o perdigão, a maria-faceira, a perdiz, o gavião-carijó, o quero-quero, o carrapateiro, o chimango, a coruja-buraqueira, a juriti-pupu, o pica-pau-do-campo, o anu-branco, a pomba-de-bando, o quiri-quiri, o anu-preto, o chopim-do-brejo, o sabiá-do-campo, o chopim, o bem-te-vi, o João-de-barro, a primavera; todos de tamanhos médios a grandes.

Nas matas há ocorrência de mamíferos, como gambás, bugios, tamanduás, tatus, capivaras, cotias, pacas, ouriços, graxaim-do-mato, coati, mão-pelada, irara, jaguatirica,

puma, veados; e de aves, como: alma-de-gato, anambé-branco-rabo-preto, anu-branco, anu-preto, bacurau, bacurau-tesoura, bem-te-vi, carrapateiro, chimango, chopim, chopim-do-brejo, coruja-buraqueira, corujinha-do-sul, curicaca, frando-d´água-azul, garça-branca-grande, gavião-carijó, inambuguaçu, jaçanã, joão-de-barro, juriti-pupu, maria-faceira, marreca-pardinha, martim-pescador-grande, mergulhão, nei-nei, perdigão, perdiz, pernilongo, pica-pau-do-campo, pica-pau-dourado, pica-pau-verde-barrado, pomba-de-bando, pombão, primavera, quero-quero, quiri-quiri, sabiá-do-campo, sabiá-laranjeira, saracura-do-banhado, saracura-do-brejo, socozinho, surucuá-variado, tiriva, tovaca, tucano-de-bico-verde, urubú-de-cabeça-preta, urubú-de-cabeça-vermelha; espécies toda de tamanhos médios e grandes.

Algumas espécies ocorrem em mais de um ambiente, outras como o caso das capivaras, lontras, ratão-do-banhado, são encontradas nas proximidades dos banhados, lagoas e cursos d´água que se formam nas partes mais baixas.

Não se pode esquecer ainda o fato de que os recursos da fauna não seriam utilizados apenas como fonte de proteína e gordura; seus subprodutos – peles, ossos e penas – também devem ser considerados.

Para os artefatos líticos, os afloramentos de basalto e especialmente a existência de seixos nos rios e arroios, representam importantes fontes de matéria-prima.

As bordas dos capões e das matas, além dos seus recursos naturais, seriam as áreas preferenciais para a implantação de hortas. Essas garantiriam os recursos para os meses em que naturalmente não há grande oferta de alimentos.

A proximidade com o campo e o mato concentraria, ainda, ao menos três fontes importantes de recursos: o campo, o mato e água. Especialmente essa última, afinal, os assentamentos humanos não poderiam ficar distantes dela, o que implicaria a necessidade de transporte. Como veremos mais adiante, os sítios arqueológicos estão localizados próximos a um córrego ou banhado, garantindo o suprimento de água potável.

À medida que os cursos d'água vão sulcando o solo e encaixando seu leito abrindo vales encaixados, as encostas desse vales são tomadas pela floresta com araucária. O aspecto que mais chama a atenção nesse fenômeno é o fato de que conforme as camadas do basalto são expostas por possuírem diferentes consistências, formam-se pequenas grutas e abrigos.

As grutas, que se abrem próxima à parte mais alta do planalto, são utilizadas pelas populações pré-coloniais como jazigos funerários, especialmente as que possuem em sua frente um curso d'água.

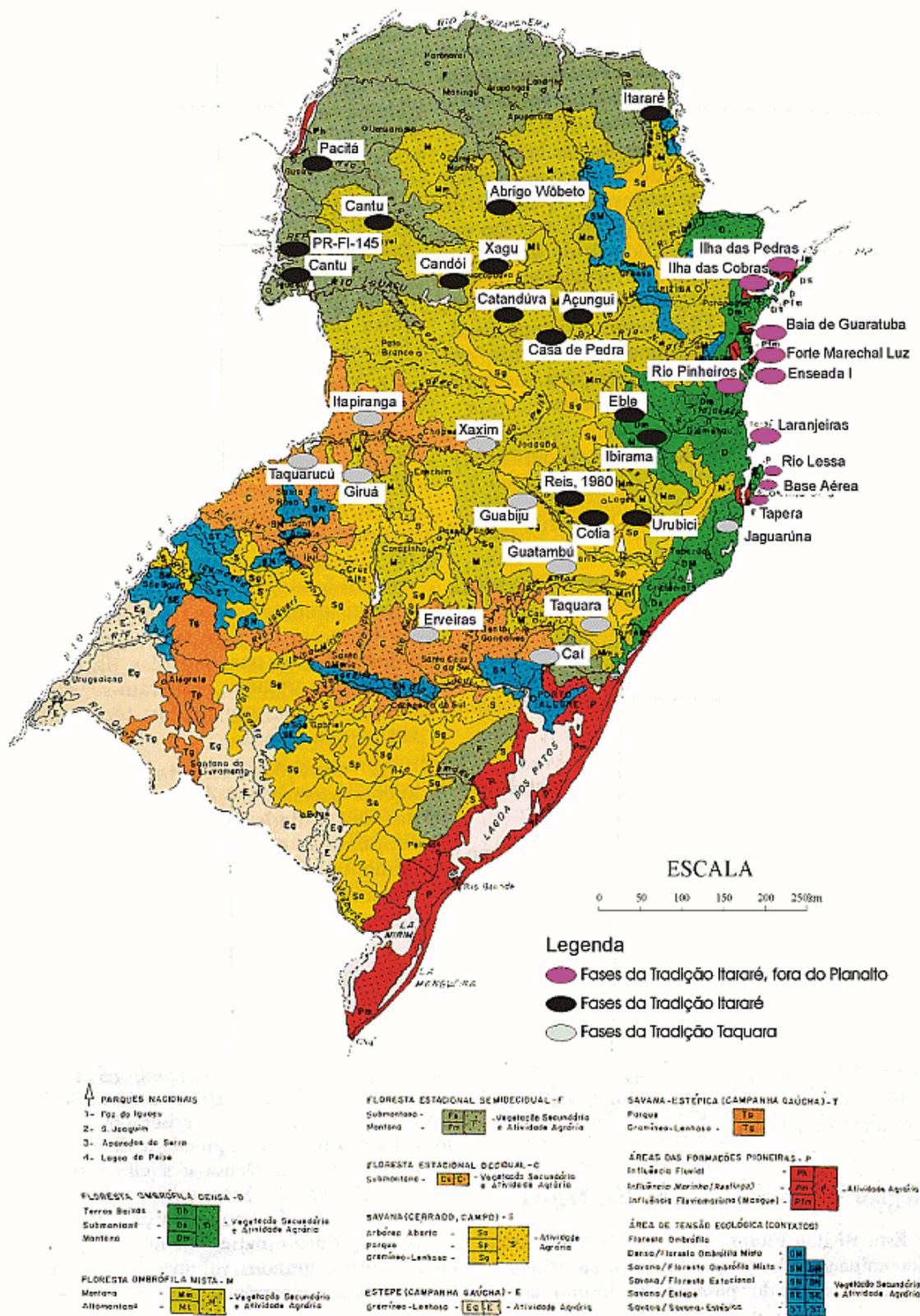
É nesse ambiente da Floresta Ombrófila Mista, rico e diversificado, que as populações humanas desenvolveram sua cultura, criaram uma nova estratégia com as casas subterrâneas, exploraram sistematicamente os pinheirais, enfim, criaram uma cultura adaptada a essa realidade ecológica.

Nesse sentido, concordamos com Schmitz quando afirma:

A riqueza fundante do sistema, que não permitiria trocá-lo por outro, era a semente do pinheiro (o pinhão), que está madura no outono e pode ser comida ao natural, cozida, assada, conservada por meses e transformada em pão. Complementada por cultivos tropicais, como milho, feijão e abundante caça, poderia abastecer, sem maiores crises estacionais, a população instalada. (SCHMITZ, 2001-2002, p. 91)

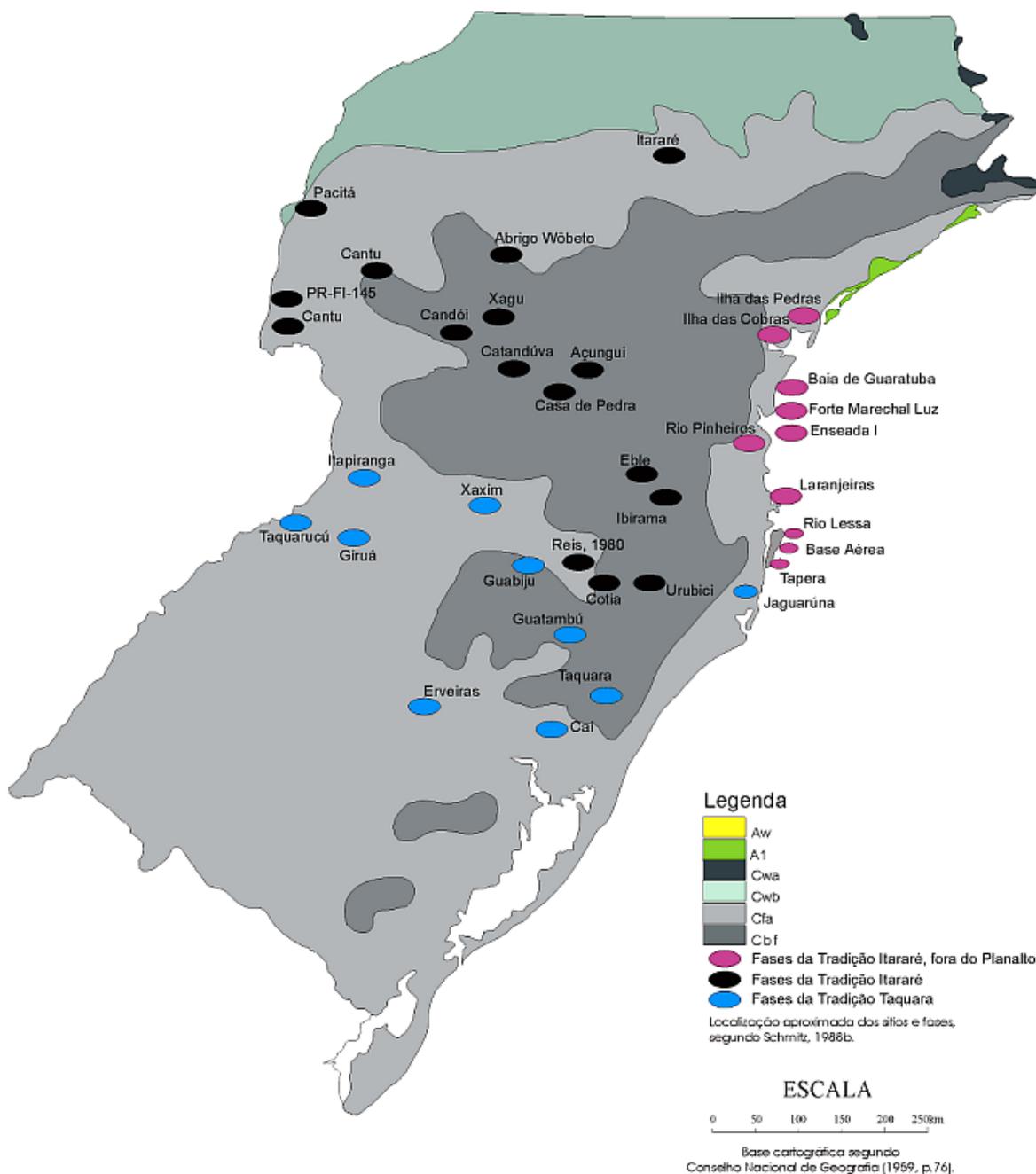
Nos anexos, listamos as espécies vegetais identificadas na Floresta Ombrófila Mista por ocasião do Projeto Radam Brasil, bem como o levantamento de fauna elaborado por ocasião do Projeto Vacaria.

FIGURA 27 Mapa da vegetação com as Fases da Tradição Taquara/Itararé



Adaptado a partir de: LEITE, Pedro F. & KLEIN, Roberto M. Vegetação. *Geografia do Brasil, Vol. 2 – Região Sul*. Rio de Janeiro: IBGE, 1990. p. 117. e de SCHMITZ, Pedro I. As Tradições Ceramistas do Planalto Sul-Brasileiro. *Documentos 02: Arqueologia no Rio Grande do Sul, Brasil*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas – UNISINOS, 1988 p.78.

FIGURA 28 Mapa do Clima (segundo Köppen) com as Fases da Tradição Taquara/Itararé



Adaptado a partir de: CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA. *Atlas do Brasil: Geral e Regional*. [S.l.], 1959, p. 76 e de SCHMITZ, Pedro I. *As Tradições Ceramistas do Planalto Sul-Brasileiro. Documentos 02: Arqueologia no Rio Grande do Sul, Brasil*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas – UNISINOS, 1988 p.78.

3 EM BUSCA DE UM PADRÃO DE ASSENTAMENTO

Neste capítulo reunimos as informações disponíveis dos diferentes projetos que foram desenvolvidos no Planalto Sul-Brasileiro. A finalidade disso é justamente aglutinar os dados referentes aos diferentes tipos de sítios que compõem os padrões, a partir dos quais poderemos estabelecer o sistema de assentamento.

O nosso ponto de partida são os trabalhos já realizados. São eles que permitiram a identificação de ao menos cinco tipos de sítios bem claros, a saber: as casas subterrâneas, os sítios superficiais litocerâmicos, os montículos, os abrigos com sepultamentos e as áreas entaipadas.

Os sítios arqueológicos são nossas unidades mínimas de análise. É a partir deles que construímos o conhecimento sobre as populações pré-coloniais. São entendidos aqui da mesma forma como Chang define assentamento:

An archeological settlement is the physical locate or cluster of locals where the members of a community lived, ensured their subsistence, and pursued their social functions in a delineable period.¹ (CHANG, 1968, p. 3)

O conceito de Padrão de Assentamento foi amplamente discutido e utilizado na literatura arqueológica a partir dos trabalhos de Gordon Willey (1953) no Vale do Virú, no Peru. Desde então tem sido discutido por vários autores, levando ao desenvolvimento de

¹ O assentamento arqueológico é o espaço físico ou conjunto de espaços, onde os membros de uma comunidade

múltiplas definições que acabam por conferir diferentes conotações.

Para Alcina Franch (1989) o estudo dos padrões de assentamento deve ser percebido como um método que está ligado tanto à Ecologia Cultural quanto ao Funcionalismo. A partir da Ecologia Cultural procura, entender a distribuição dos assentamentos e suas mútuas relações no que se refere à subsistência, tecnologia e meio ambiente. Para o Funcionalismo, o estudo busca entender a distribuição espacial dos artefatos dentro dos sítios arqueológicos e daí realizar inferências sobre organização social, política e religiosa do grupo humano que ocupou aquele sítio. Por fim, propõe como definição aquela oferecida por Trigger:

Propongo definir la arqueología de asentamiento como el estudio de las relaciones sociales, utilizando datos arqueológicos. Este estudio incluye una investigación profunda tanto sobre los aspectos sincrónicos o estructurales, como diacrónicos o de desarrollo de estas relaciones. Se diferencia de la **arqueología cultural** común en que no pretende considerar los diferentes aspectos de las relaciones sociales simplemente como unos rasgos más a enumerar dentro del complejo de rasgos de las culturas arqueológicas.² (TRIGGER, 1989, p. 160, grifo do autor)

Outro aspecto importante quanto à caracterização de um assentamento é o fato de que o sítio arqueológico pode conter mais de um componente. Isso é fruto da sucessão de ocupações em um determinado espaço quer por sociedades diferentes quer pelas modificações que uma sociedade pode apresentar no seu padrão de assentamento, fruto das alterações no seu modo de vida. Assim, um dado sítio pode representar tanto um momento único, resultado de uma única ocupação delimitada no tempo e no espaço, como a soma de diferentes ocupações diacrônicas e, portanto, está refletindo diferentes padrões de assentamento, sem

vivem, garantem sua subsistência e desenvolvem suas funções sociais em um determinado período de tempo. (tradução nossa)

² Proponho definir a arqueologia dos assentamentos como o estudo das relações sociais, utilizando dados arqueológicos. Esse estudo inclui uma investigação profunda tanto sobre os aspectos sincrônicos ou estruturais, como diacrônicos ou de desenvolvimento dessas relações. Se diferencia da arqueologia cultural comum porque não pretende considerar os diferentes aspectos das relações sociais simplesmente como um traço mais a enumerar dentro do complexo de traços das culturas arqueológicas. (tradução nossa)

que isso implique necessariamente, em continuidade temporal ou cultural.

A compreensão das diferentes formas de assentamento em uma determinada área permite vislumbrar as articulações que se estabelecem entre eles. Dessa forma, esta perspectiva não fica restrita à idéia de um sítio isoladamente, mas procura entender de que forma os vários tipos de sítios estão articulados, fazendo parte de um todo, constituindo portanto, um Sistema de Assentamento.

A definição do que seja um Sistema de Assentamento tomamos emprestado de Forsberg, para quem:

In other words, at least three dimensions can be used to visualise the variation and type of the settlement system. The system can be viewed as points in a three-dimensional space defined by the axes seasonally, function and social aggregation. Each site forms a point in this space, and the whole configuration of points forms the distinct structure of that settlement system.³ (FORSBERG, 1985, p. 9)

O conceito de sistema de assentamento fornece uma ilustração bastante precisa e, mais ainda, permite perceber a interdependência entre os três elementos – sazonalidade, função e agregação social – da mesma forma como X, Y e Z são a definição Matemática das três dimensões de um ponto no plano cartesiano no qual a ausência de um deles permite apenas uma localização aproximada.

Seguindo ainda nessa mesma linha de pensamento, não se pode perder de vista que o sistema de assentamento é formado pelo conjunto dos diferentes padrões que dele fazem parte. Retomamos Forsberg.

Settlement patterns can be said to exist on different levels:

- 1) Pattering can occur within a house structure which bears social meaning.
- 2) Pattering can also occur on the site level, where different social units are dispersed on a site according social or other rules

³ Em outras palavras, pelo menos três dimensões podem ser utilizadas para visualizar a variação e os tipos de um sistema de assentamento. O sistema pode ser visto como pontos em um espaço tridimensional, espaço definido pelos eixos sazonalidade, função e agregação social. Cada sítio forma um ponto neste espaço, e toda a configuração de pontos forma as distintas estruturas desse sistema. (tradução nossa)

3) Patterns also exist on the regional scale as described above.⁴
(FROSBURG, 1985, p. 9)

Trabalhar com um modelo de sistema de assentamento para as populações ceramistas implica reavaliar as evidências arqueológicas, procurando elementos de uma integração entre os diferentes assentamentos; mas não apenas isso, implica que tenhamos claro que esse sistema faz parte de um sistema cultural que transcende as formas de assentamento e integra diferentes esferas da cultura.

Nossa intenção é fornecer uma visão sistêmica com os dados disponíveis para o Planalto Sul-Brasileiro. Estamos entendendo por visão sistêmica a articulação que ocorreu entre os diferentes tipos de assentamentos.

Evidentemente a sistematização que nos propomos é nada mais do que a construção de um modelo decorrente dos dados disponíveis, e enquanto modelo, não pode se propor definitiva, mas sim tão fiel quanto os dados o permitam.

Assim, a compreensão dos sítios arqueológicos como parte de um sistema de assentamento implica que sejam entendidos como parte de uma dinâmica que pode ser considerada tanto sincrônica como diacrônica. A consideração sincrônica percebe os diferentes sítios como respostas adaptativas de uma cultura em função das necessidades que se impõe, criando múltiplos tipos de assentamento. A consideração diacrônica refere-se às modificações que esses assentamentos apresentam no tempo através das alterações dos padrões de implantação dos sítios, que podem estar refletindo novas formas de adaptação cultural.

Assim a compreensão dos diferentes padrões de assentamento define uma linha

⁴ Padrões de assentamento podem ser descritos em diferentes níveis:

- 1) podem ocorrer em na estrutura de uma casa que pode possuir significações sociais;
- 2) podem ocorrer em nível de sítio, onde diferentes unidades sociais estão dispersas em um sítio de acordo com regras sociais ou mesmo outras;
- 3) podem existir em uma escala regional como foi descrito anteriormente. (tradução nossa)

mestra deste trabalho, e mais ainda, pretende-se compreender como esses diferentes padrões se relacionam definindo um Sistema de Assentamentos.

É por isso que buscamos entender a relação dos diferentes padrões. Por ora, procura-se resgatar os dados básicos produzidos pelos projetos já desenvolvidos, tanto os mais antigos, do final dos anos de 1960 e nas décadas de 1970 e 1980, como os recentes, dos últimos 10 anos.

A visão de conjunto desses diferentes projetos, concebidos em consonância aos modelos teórico-metodológicos vigentes em suas épocas, proporciona uma nova perspectiva da ocupação do Planalto Sul-Brasileiro.

3.1 PROJETOS DESENVOLVIDOS ATÉ 1980

A compreensão dos dados disponíveis é fundamental para delimitação do problema que se procura solucionar. Compreender a ocupação do Planalto Sul-Brasileiro sem olhar os sítios propriamente ditos dificultaria a percepção do conjunto de informações disponíveis, bem como os seus limites.

A sistematização é feita a partir dos projetos desenvolvidos no Planalto Sul-Brasileiro. Procura-se apresentá-los em ordem cronológica de execução, salientando suas contribuições.

3.1.1 Pesquisas Arqueológicas do Rio Grande do Sul

Os trabalhos iniciam-se na década de 1960 com uma equipe formada pelos arqueólogos Pedro Ignácio Schmitz, Fernando La Sálvia, Guilherme Naue, Ítala I. Basile Becker, José J. J. Proenza Brochado, João A. Rohr, Pedro A. Mentz Ribeiro, em paralelo às pesquisas desenvolvidas por Eurico Muller no contexto do PRONAPA

(SCHMITZ, 1967, p.5).

Essa equipe realizou, a partir do ano de 1966, levantamentos arqueológicos nos Municípios de Caxias do Sul, São Francisco de Paula e Flores da Cunha, sendo registrados 53 sítios e um total de ao menos 167 casas medidas e outras identificadas, nas quais apenas o sítio foi registrado. Os resultados desses trabalhos foram publicados em 1967 (SCHMITZ, 1967) e 1988 (SCHMITZ, 1988b). Esses levantamentos tiveram continuidade até o ano de 1977 e foram financiados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.

Além dos trabalhos de localização foi realizada a escavação de um sítio com 36 casas, no interior de um capão de mato. O sítio possuía uma casa grande ao centro, cercada por outras menores, além de 39 pequenos “*cômoros artificiais*”.⁵

Os sítios levantados estão arrolados por município:

No Município de Caxias do Sul foram identificados 36 sítios, sendo que em 29 deles ocorrem estruturas subterrâneas; podem apresentar entre 1 e 11 casas subterrâneas no mesmo sítio. Quanto ao tamanho⁶, as maiores possuem 10,1m de comprimento, 8,4m de largura e 1,3m de profundidade, e as menores possuem 2m de diâmetro e 1m de profundidade. Foram registrados mais 3 sítios superficiais com cerâmica Taquara. Ocorrem ainda 2 grutas com sepultamentos. Das 84 estruturas⁷ medidas, apenas 10,71% (9) foram indicadas como elipsóides.

A maioria dos sítios (28) foi classificado como prejudicado ou destruído e apenas 8 considerados conservados. Devemos considerar que na ampla maioria devem estar ainda mais prejudicados agora, já que os dados que estamos manejando, ao menos para o Município de

⁵ Os trabalhos realizados neste sítio estão descritos no item 3.1.1.1 deste capítulo.

⁶ Sempre que não houver nenhuma referência em contrário a profundidade informada refere-se à encontrada pelos pesquisadores, sem considerar a camada arqueológica.

⁷ Conforme mencionamos na Introdução (nota 2) estamos utilizando aqui o termo estrutura como sinônimo de casa subterrânea.

Caxias do Sul, são das fichas de registro dos levantamentos realizados pelo IAP em 1966. Passados mais de trinta anos, e considerando ainda o intenso desenvolvimento urbano que o município vem tendo, podemos acreditar que boa parte dos sítios já tenha seu potencial de informação prejudicado, senão destruído.

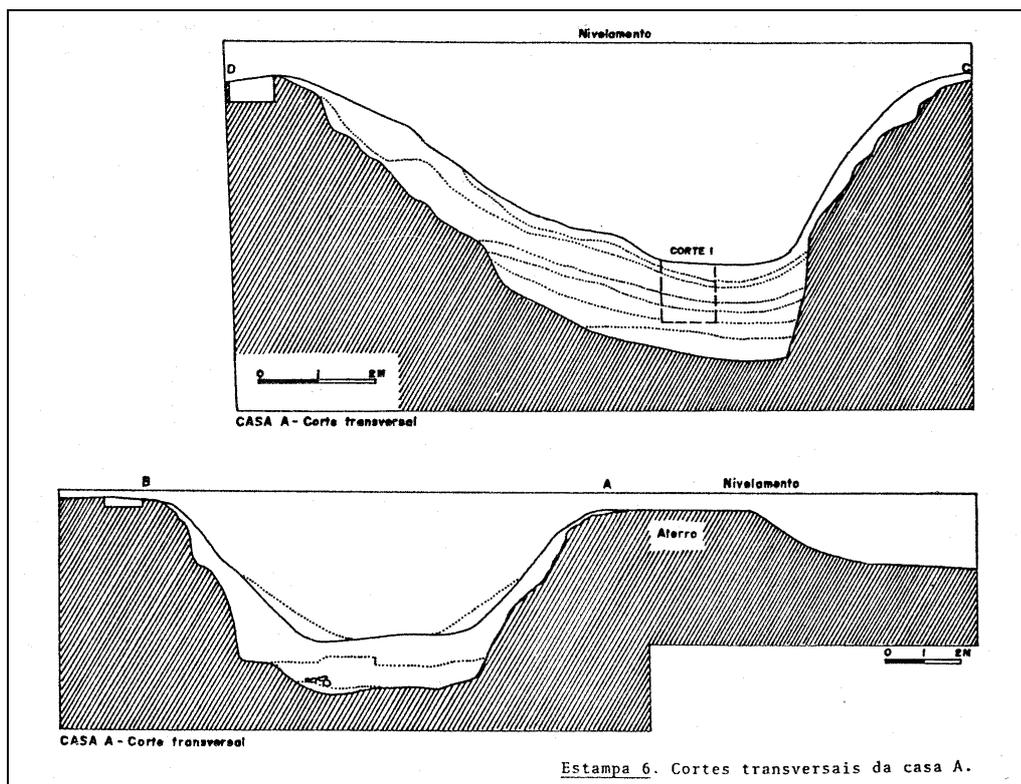
3.1.1.1 Escavações em Caxias do Sul

O sítio melhor conhecido é o RS-37/127, publicado por Schmitz e equipe em 1988 (SCHMITZ, 1988b). Apresenta um conjunto de 36 casas, tendo 1 ao centro com grandes dimensões e outras ao redor de tamanhos menores. Compõem ainda o sítio 39 pequenos montículos. Desses 3 foram escavados, incluindo 4 casas, dentre as quais está a maior delas.

Das casas de grandes dimensões foram escavadas a A e a B. A casa A possuía antes da escavação 10,4m de diâmetro no sentido A-B e 10,1m no sentido C-D, além de 3,6 m de profundidade. Depois de concluídos os trabalhos apresentava uma profundidade de 4,84m, o sentido A-B 11,08m e o C-D 11m. A camada arqueológica apresentava uma espessura máxima de 1,48m. Nos pontos D, C e B havia entulho proveniente do desmoronamento das paredes com espessura de 30, 50 e 55cm, respectivamente. Observou-se na borda do ponto A um acúmulo de terra, indicando nivelamento intencional da altura das paredes, conforme pode ser percebido na Figura 29.

A escavação foi realizada em níveis artificiais de 20cm até a profundidade de 148cm, onde encontrou-se a base da estrutura. O perfil apresenta variações de cor do solo de um pardo avermelhado até o marrom composto por grânulos de rocha em decomposição, raízes e carvão; ora compacto ora friável, em alguns espaços restritos o solo apresenta teor elevado de cinza indicando fogueiras, em outros, aglomerados de seixos indicando, possivelmente, suportes para os esteios do telhado.

FIGURA 29 Perfil da casa A do sítio RS-37/127



Fonte: SCHMITZ, Pedro I. et al. Pesquisas sobre a Tradição Taquara no Nordeste do Rio Grande do Sul. In: *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil*. São Leopoldo, IAP/UNISINOS, Documentos 02, 1988, p. 33.

Nesta estrutura foi identificada uma fogueira com 90cm de largura, 130cm de comprimento e 92cm de altura, que indica uma ocupação bastante estável no sítio, com uma certa duração. Foram encontrados fragmentos de cerâmica entre 20 e 40cm, e entre 60 e 148cm de profundidade. Dignos de nota são os fragmentos de cerâmica com decoração pinçada encontrados entre 60 e 80cm, associados a grânulos de carvão e fragmentos calcinados de pinhão. Aos 80cm há bastante carvão, com 2 nós-de-pinho carbonizados, mãos-de-pilão de seção triangular e fragmentos de cerâmica, tendo uma data de 1.480 ± 70 A.P. (SI-603) Cal. 529-726 A.D.⁸ Ao longo de toda a escavação é indicada a existência de artefatos em quartzo, além de terem sido registrados artefatos em basalto. (SCHMITZ, 1988a)

Resumindo as evidências, podemos dizer que essa casa foi escavada parcialmente

⁸ Datas calibradas com 2 sigmas através do Programa CALIB de Stuiver, M. and Reimer, P.J., Rev. 4.3, baseado em Stuiver, M. and Reimer, P.J., 1993, *Radiocarbon*, 35, p. 215-230.

em rocha pouco alterada, parcialmente em rocha fortemente decomposta, num terreno um pouco inclinado. Uma parte da parede, no setor junto ao ponto A, resultou de aterro largo e alto proveniente da própria escavação e que visou compensar a inclinação do terreno.

De forma aproximadamente circular, tinha um diâmetro de mais de 10m na boca e mais de 6m na base. Apesar de alguns indícios sugerirem a estrutura básica da cobertura (um telhado levemente cônico, apoiado sobre as bordas da escavação ou suavemente levantado sobre ela), as evidências foram insuficientemente documentadas para a composição de um modelo. (SCHMITZ, 1988a, p. 35)

A casa B do mesmo sítio (RS-37/127), também escavada, apresenta características semelhantes, entretanto possuía tamanho menor: 5,2m de diâmetro por 2,1m de profundidade antes da escavação.

A visão inicial da casa era a de uma depressão conoidal, de paredes mais ou menos verticais. Por cima das camadas arqueológicas havia entulho com 30 a 80cm de espessura, proveniente em parte do desmoronamento das paredes e em parte de restos orgânicos em decomposição. O interior estava coberto por vegetação rala, além de fetos e arbustos. (SCHMITZ, 1988a, p. 24)

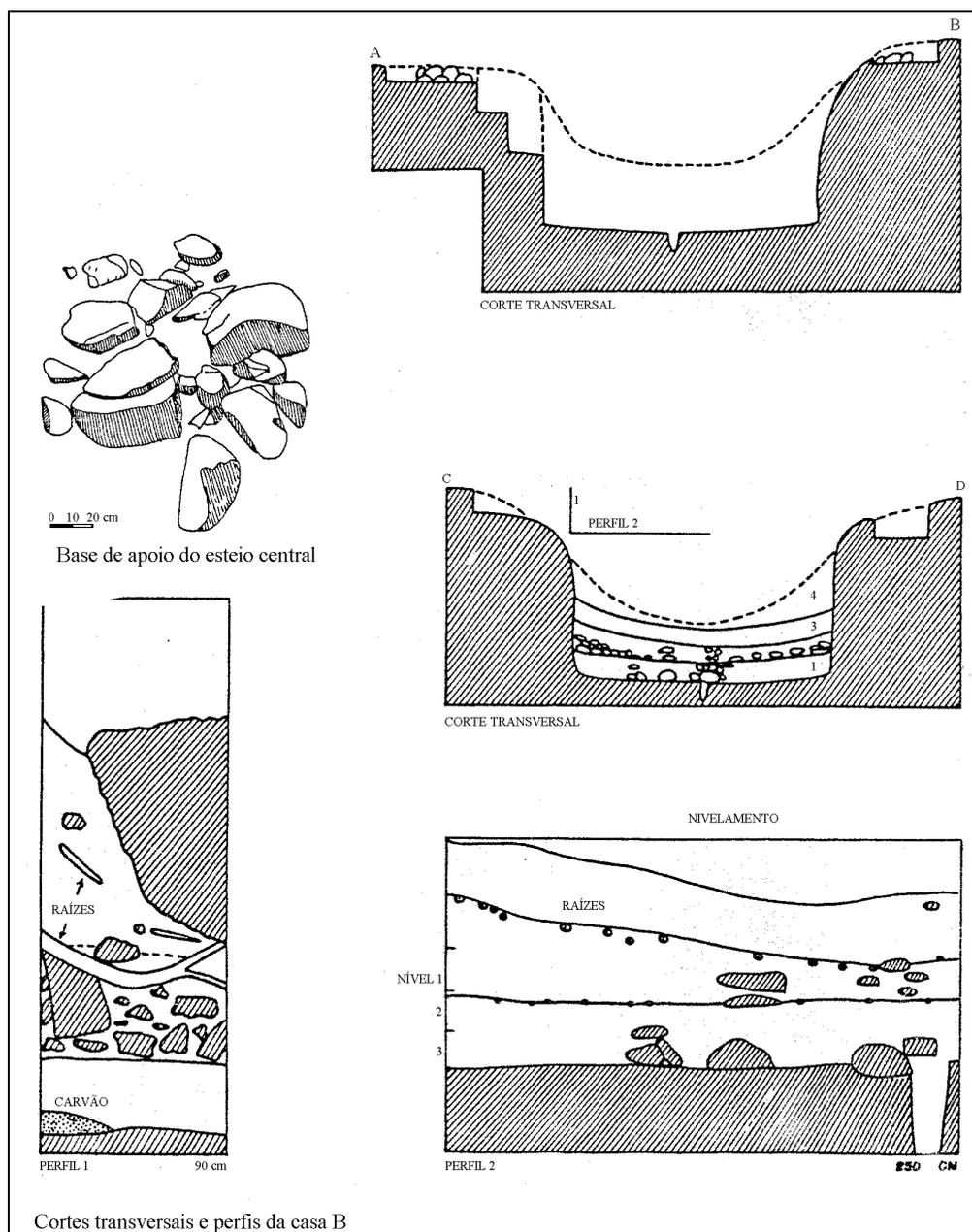
As paredes dessa estrutura eram quase perpendiculares (Figura 30) com apenas uma leve inclinação na base em direção ao centro. Na escavação realizada também em níveis artificiais de 20cm foram identificados 4. No primeiro nível, entre a superfície e os 20cm de profundidade, foram encontrados blocos de rocha da decomposição do basalto, uma concentração de carvão e grânulos esparsos. No segundo, entre 20 e 40cm, foi encontrado um tronco queimado que foi datado em 840 ± 60 A.P. (SI-606) Cal. 1.155-1.300 A.D. No centro da estrutura foi identificado um aglomerado de blocos que podem ter sido o apoio do esteio central (Detalhe da Figura 30).

O terceiro nível, de 40 a 60cm, foi o mais rico em termos de material. Foi identificado, próximo à parede, um fogão composto por blocos e bastante carvão. Junto a ele, lascas, implementos líticos e fragmentos de cerâmica. Foi encontrado ainda um segundo tronco carbonizado, que forneceu uma data de 1.330 ± 100 A.P. (SI-605) Cal 616-982 A.D.

Nessa casa B foram identificadas duas ocupações. A primeira camada de ocupação,

e mais antiga, possuía próximo de 40cm de espessura e apresentava um sedimento vermelho medianamente compactado e com pouco carvão. Possuía um fogão e as marcas de um poste no centro; fragmentos de cerâmica e lítico, além de pedras dispostas como lajotas. Essa camada foi datada em 1.330 ± 100 A.P. (SI-605) Cal 616-982 A.D.

FIGURA 30 Perfil da casa B do sítio RS-37/127



Fonte: SCHMITZ, Pedro I. et al. Pesquisas sobre a Tradição Taquara no Nordeste do Rio Grande do Sul. In: *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil*. São Leopoldo, IAP/UNISINOS, Documentos 02, 1988, p 26.

A segunda camada apresenta entre ela e a anterior um horizonte de raízes que deve

ter correspondido a um período de abandono. O nível de ocupação propriamente dito apresenta uma cor marrom avermelhada. Próximo à parede havia pequenos blocos que pareciam frutos de desmoronamento. Chama a atenção a existência de troncos queimados que poderiam fazer parte da superestrutura que formava o telhado. A data dessa camada foi de 840 ± 60 A.P. (SI-606) Cal. 1.155-1.300 A.D.

Ainda na casa B, a espessura da camada arqueológica foi de 1,2m.

Na borda da casa, já na parte externa, foram realizadas trincheiras que identificaram evidências de postes, dispostos paralelos à borda da casa, em intervalos de 1,5m e dois deles a 80cm. Isso associado ao acúmulo de blocos no centro, parece indicar um telhado, com esteio central e traves radiais, que deveriam sustentar uma cobertura.

A casa 4 compõe um conjunto com as casas 2, 3 e 9, que estão próximas às casas A e B. Suas dimensões são, depois da escavação, 3,3m de diâmetro e 2m de profundidade. Perto de sua borda apresenta uma banqueteta. Os trabalhos arqueológicos indicam que tenha ao menos dois momentos de ocupação. O material encontrado constitui-se basicamente por seixos de basalto, artefatos líticos, fragmentos e lentes de carvão.

Concluindo, podemos dizer que a casa foi cavada no solo, decomposição de rocha basáltica. A estrutura restante se compõe de uma depressão central, cercada por uma banqueteta alta, que poderia servir para dar acesso à casa e ser usada como assento. Na parte central existem blocos firmadores do esteio principal e na sua proximidade fragmentos de rocha organizados como fogão; sobre a banqueteta notam-se também alguns firmadores de esteios, mas não sabemos para o que serviriam estes esteios. Não temos condições de reconstruir concretamente o telhado, mas ele deveria ser cônico e levantado do chão. (SCHMITZ, 1988a, p. 36)

A última estrutura escavada, foi a casa 9, com dimensões de médio porte, 5,62m no maior diâmetro e 5,06 no menor, com cerca de 1,2m de profundidade antes do trabalho. Ao concluir, sua profundidade alcançou 2,10m.

Essa estrutura foi escavada em níveis de 20 cm, como as anteriores. Foi dividida em 4 setores, os quais 3 deles foram escavados. Antes da camada arqueológica propriamente dita foi removido o entulho composto de folhas e outros detritos. O resultado da escavação foi

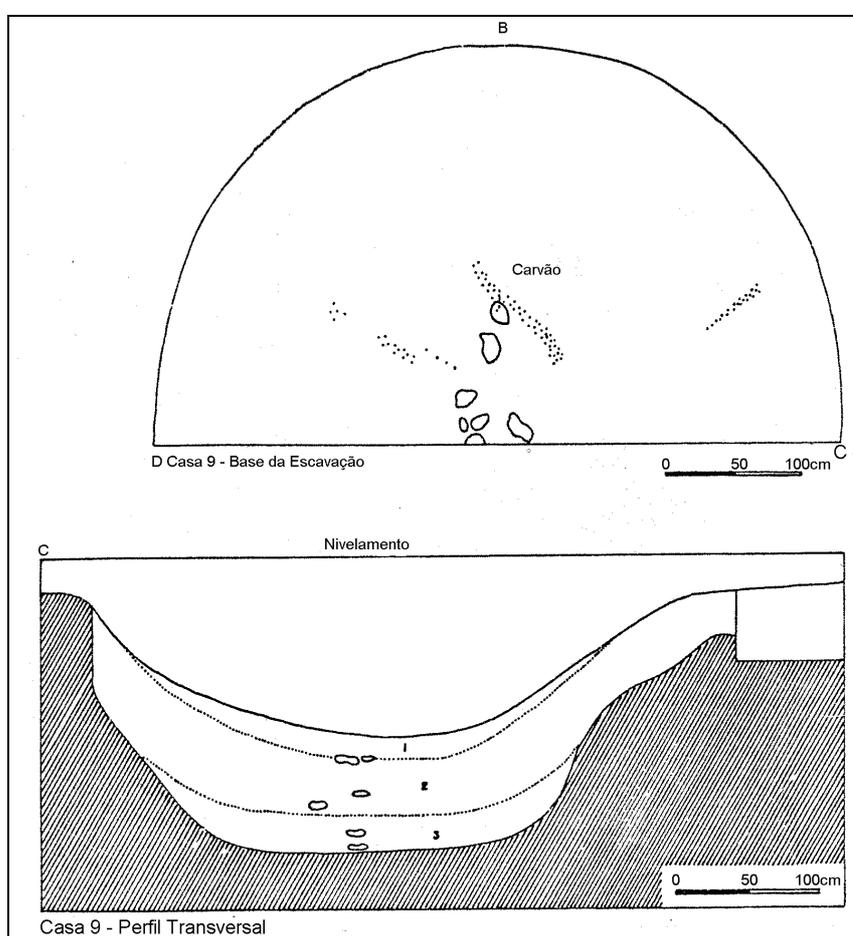
sintetizado assim por Schmitz.

A base da casa foi escavada em rocha decomposta e totalmente meteorizada, formando uma depressão concoidal, com banquetas altas ao redor da borda. Esta banquetas poderia servir tanto para facilitar o acesso à casa, como proporcionar assento junto do fogo.

No centro da casa parece ter havido um esteio do telhado, firmado com fragmentos de rocha; ao redor do centro havia um fogão constituído de fragmentos de rocha e onde os sedimentos ficaram compactados e misturados com muito carvão; além desse parece ter havido outros pequenos locais de fogueiras.

A pequena casa parece ter sido ocupada em diversas oportunidades, como as outras, permitindo o crescimento de um fogão central com 74cm de altura e ao menos dois pisos de chão. (SCHMITZ, 1988a, p. 39)

FIGURA 31 Perfil da casa 9 do sítio RS-37/127



Fonte: SCHMITZ, Pedro I. et al. Pesquisas sobre a Tradição Taquara no Nordeste do Rio Grande do Sul. *Documentos 02: Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas – UNISINOS, 1988, p. 41.

Segundo os autores, essa casa deve ter sido ocupada por bastante tempo, atestado pelo fogão que se estenderia por vários níveis alcançando 74cm de altura. A casa foi datada

em 960 ± 60 A.P. (Beta 153841) Cal 993-1.236 A.D.

Na borda externa foram feitas mais 5 trincheiras que permitiram visualizar aglomerados de fragmentos de rocha, que podem ter servido como apoio para os postes do telhado, a julgar pela sua distribuição regular ao redor da casa. A opinião dos autores é de que teriam servido como apoios dos postes ou esteios de sustentação do telhado.

Do conjunto de 39 montículos que ocorrem nesse sítio, 3 foram escavados. Os montículos 1, 2 e 3.

O montículo 1 está localizado próximo à casa B. Possui contorno elipsoidal com 6m de diâmetro maior e 5 de diâmetro menor. Sua altura máxima é de 1,32m. Seu conteúdo era terra, sem seixos e apresentava no seu entorno uma valeta rasa. Foi escavado em quase 50% de sua área.

Sua estratigrafia pode ser decomposta da seguinte forma:

Camada 1 (superior): sedimento marrom levemente avermelhado e solto, com uma espessura que vai de 16 a 40cm, conforme a posição no montículo

Camada 2: sedimento marrom, solto, com grânulos de carvão, com uma espessura menor nos extremos (36 e 24cm) e maior no centro (60cm)

Camada 3: encontra-se no centro do montículo, sendo constituída de sedimentos vermelhos compactos de distribuição lenticular, com 20cm de espessura no centro.

Camada 4: solo amarelado, compacto, estéril e não tocado. (SCHMITZ, 1988a, p. 42)

Na escavação foram registradas 4 marcas de postes ou estacas, alguns fragmentos rochosos, que poderiam ser implementos, e um caco de cerâmica. Foi recolhido carvão para datação que permitiu as seguintes datas: na camada 2 a 55cm de profundidade, 630 ± 70 A.P. (SI-604) Cal 1.288-1.437 A.D.; na camada 3, entre 80-100cm, 1.140 ± 80 A.P. (SI-602) Cal 890-1.020 A.D.

Segundo os autores:

Pensando na interpretação do fenômeno, podemos dizer que certamente se trata de uma estrutura artificial. As datas conseguidas são coerentes com as outras do sítio. Embora não tenhamos encontrado restos de esqueleto(s) podemos pensar que se trata de sepultura(s), como os outros montículos, que se encontram espalhados no

meio das casas. As diferentes camadas poderiam ser resultantes da renovação da sepultura, o que é comum entre os grupos Kaingáng, que em tempos históricos, e até hoje, vivem na área, como se pode ver no texto de Mabilde sobre os Coroados. Ou de novos sepultamentos. As camadas de carvão poderiam indicar cremação de cadáver? Os indícios são insuficientes para uma conclusão segura. (SCHMITZ, 1988a, p. 42)

O montículo 2, próximo à casa B e os montículos 1 e 3, tem formato elipsoidal com 4,5m de diâmetro maior e 2,05 de diâmetro menor e 1,4m de altura. Na sua composição encontrou-se fragmentos de rocha e um pouco de terra. Apresenta duas camadas:

A primeira mais alta varia de 60 a 112cm. Está constituída, em sua quase totalidade, pelo acúmulo formado por blocos de rocha de tamanhos variados, entremeados de terra e pequenas pedras em decomposição, que dão à terra a cor mais avermelhada. O acúmulo, que persiste até a profundidade total da escavação, termina na rocha original. Aproximadamente no centro do acúmulo e por baixo do mesmo, aparece algo como um nicho de 70 x 30cm de largura por 37cm de altura máxima; nele a terra é mais solta. A outra camada é constituída por terra marrom, com raízes de tamanhos diversos e pequenas pedras esparsas. Num setor de 80cm de comprimento por 40cm de espessura a terra tem cor mais avermelhada pela decomposição de grânulos de basalto.

Na planta da base da escavação se vêem duas fossas, uma no setor B1 e outra no B2, que também aparecem nos perfis; são pequenos nichos montados com pedras justapostas e que formam um espaço cheio de terra solta e poderiam indicar lugares de deposição de mortos, ou de cinzas dos mesmo. (SCHMITZ, 1988a, p. 44)

O último montículo escavado foi o 3, localizado próximo ao montículo 2. O seu formato é circular com um diâmetro de 4m e uma altura de 1,4m. Foi escavado em 50%.

Foram identificadas 2 camadas naturais. A primeira até 43cm de profundidade com um sedimento de cor avermelhada e com poucas pedras. A segunda camada tem cor marrom avermelhada, o sedimento é solto com raízes e fragmentos rochosos em decomposição, pedregulhos e blocos que podem formar concentrações. Uma dessas concentrações é circular e no interior os sedimentos são escuros e com bastante carvão. Não temos indicação de cerâmica associada.

3.1.1.2 Levantamentos em outras localidades

No Distrito de Ana Rech, Município de Caxias do Sul, foram encontrados 17 sítios,

totalizando 53 estruturas, que oscilam entre 1 e 9, com média de 3,11 casas por sítio. Quanto às dimensões dessas, variam de 2,2 até 13,2m de diâmetro, com média em 6,3m, sendo todas descritas como circulares. Com relação à profundidade, a menor é igual a 0,4m e a maior 4,9m; a média é de 1,42m. As casas estão localizados preferencialmente na meia encosta, nunca no topo, nem tampouco no fundo do vale. Estão sempre em meio ao mato de pinheiros ou em áreas que foram desmatadas, segundo informações dos proprietários.

O sítio RS-40, localizado no distrito de Vila Seca, Município de Caxias do Sul, foi visitado por Alan L. Bryan no início da década de 1960. Possui 2 casas, sendo que em uma delas foi aberta uma trincheira de 5m de comprimento.

RS-40. Foi o sítio visitado por Alan L. Bryan. Tem 2 casas; numa das mesmas foi aberta uma trincheira de 5m de comprimento, com as seguintes camadas: dos 0,35 aos 0,75m sedimento de cor cinza escuro com grande quantidade de cinza contendo seixos em decomposição (muitas vezes eram completamente vermelhos, queimados pelo fogo) e grânulos grandes de carvão. A 1m apareceu muito carvão granulado, sobre pequenos círculos de sedimento vermelho, compactado, queimado, indicando terem sido fogões; seus diâmetros eram de aproximadamente 0,50m. Na mesma profundidade apareceram seixos maiores, formando uma espécie de pavimento que poderia ter servido como base para os fogões. Também, a partir de 0,75m, apareceram núcleos de rocha. (SCHMITZ, 1988a, p. 9)

Nesse sítio foi obtida a data de 1.520 ± 90 A.P. (SI-607) Cal 415-723 A.D. na profundidade de 1m.

O sítio RS-68 é composto por 3 estruturas em uma área plana no alto de uma colina: a primeira tem 4,9m de diâmetro por 2,4m profundidade; a segunda tem 2,20m por 0,50m; e a terceira tem 3m por 0,7m. Na estrutura maior foi realizado um corte estratigráfico de 1 x 1m.

O corte apresentou quatro camadas, sendo que a primeira, da superfície até 40cm, era de entulho composto por galhos e ramos de árvores depositados recentemente. Na segunda camada, que se estendeu até 55cm, foram encontrados fragmentos de carvão, nós-de-pinho e restos de queimada. A terceira camada, que atingiu 1,05m, apresentou um nível com

predominância de tabatinga e pedras em decomposição. A quarta e última camada apresentou um nível com bastante cinza e grânulos de carvão. Num dos pontos pode ser observado que o carvão provinha de um tronco queimado com aproximadamente 15cm de diâmetro.

A data obtida a 1,15m de profundidade foi de 620 ± 90 A.P. (SI-608) Cal 1.261-1.485 A.D.

No Município de São Francisco de Paula foram registrados 4 sítios com a ocorrência de casas subterrâneas. Desses, 1 possui apenas 1 casa, 2 possuem 2 e o último deles 3. Em termos de diâmetro, essas estruturas variam entre 5,5m a menor e 9,5m a maior; em profundidade entre 1,2 e 3m. Das 8 estruturas, 37,5% (03) são consideradas elipsóides.

No Município de Flores da Cunha foram levantados 9 sítios, sendo 7 deles com casas subterrâneas. Apenas 1 sítio possui 21 delas; os demais apenas 1. Das 27 estruturas medidas: 10 (ou 43,47%) apresentam uma variação de até 50% em uma das duas medidas.

Os dois sítios restantes são grutas, sendo que uma apresenta carvão, carapaças de caracóis terrestres e pequenos ossos de roedores, e não tem evidências de ocupação.

No Município de Bom Jesus (LAZZAROTO et al., 1971) foram identificados 5 sítios, sendo 3 deles com casas subterrâneas, um abrigo sob rocha denominado "*Gruta do Matemático*" e um sítio a céu aberto.

O primeiro sítio, denominado Cipriano Silveira (RS-309), é composto por um conjunto de 23 casas que circundam uma elevação e formam pequenos núcleos com até 6 casas distantes até 600m entre si. O tamanho das casas está entre 5 e 8m de diâmetro e algumas delas são ditas pequenas. Possui ainda dois montículos: um com 10m de diâmetro e o outro com 5m.

Esse sítio tem ainda dois cordões de terra que circundam, pelo lado sul, a elevação onde estão as casas subterrâneas. Essas possuem 1,5m de largura por 0,5m de altura.

O segundo sítio encontrado é composto por 6 casas subterrâneas, sendo a primeira

delas com 18m de diâmetro por 6m de profundidade. As outras 3 têm cerca de 5m de diâmetro. Aproximadamente 400m desse conjunto foram identificadas mais 2 casas com 5m de diâmetro, identificadas como Sítio Cláudio Friggeri.

No terceiro sítio com casas subterrâneas, denominado Capão do Pinheiro, são encontradas 2 casas com 7m de diâmetro, circundadas com os mesmos cordões de terra que os encontrados no Sítio Cipriano Silveira.

Aproximadamente 3.000m a sudoeste do sítio Capão do Pinheiro foi encontrado um sítio litocerâmico que apresentou pouco material. Alguns fragmentos de cerâmica da Fase Guatambu e 3 raspadores em basalto.

A Gruta do Matemático foi descrita por Danilo Lazzarotto; maiores detalhes ver item 2.4.11 no qual se encontra a descrição da referida gruta.

No Município de Canela, pesquisado por Schmitz e Becker, no ano de 1972, foi registrado um sítio arqueológico localizado no Parque Nossa Senhora do Caravágio do Saiqui (RS-348). Compõe-se de 4 casas subterrâneas sem indicação das dimensões, sendo apenas 1 identificada como elipsoidal e outra circular. Ocorrem ainda 3 montículos: o primeiro com 3,5 x 2,5 x 0,6m e o segundo com 2,5 x 1,7 x 0,6m (largura, comprimento e altura, respectivamente). Não foram realizadas intervenções de maior porte.

No Município de Nova Petrópolis, Pedro A. Mentz Ribeiro, no ano de 1968, localizou mais 4 sítios. 3 são superficiais, sendo um deles filiado à Tradição Taquara e os 2 restantes à Tradição Tupiguarani. O 4º possui apenas lítico e foi relacionado à Tradição Umbú. O sítio com casas subterrâneas – aquele filiado à Tradição Taquara – possui 2 estruturas, ambas com 15m de diâmetro e profundidade não informada, identificadas como sendo circulares.

No Município de Alpestre, que se localiza no noroeste do Rio Grande do Sul, foram encontrados 23 sítios arqueológicos, sendo 2 com cerâmica de Tradição Taquara e os

demais com cerâmica de Tradição Tupiguarani. Todos são superficiais. As pesquisas foram realizadas por Danilo Lazzarotto entre os anos de 1972 e 1973. Os sítios com cerâmica Tupiguarani estão localizados próximos aos cursos d'água, no Vale do Rio Uruguai e seus afluentes locais como o Rio Farinhas. Não se tem registro até o momento de casas subterrâneas no dito município.

O primeiro sítio, com elementos associados à Tradição Taquara, caracteriza-se por uma mancha esparsa de cerâmica e artefatos típicos Alto-Paranaenses, a 100m do Rio Farinhas. O segundo dista 20m do primeiro e identifica-se pela ocorrência de manchas de terra escura com cinzas, acompanhadas de conchas e poucos fragmentos de cerâmica (LAZZAROTO, 1975).

Em Iraí, também no ano de 1972, Danilo Lazzarotto identifica mais 7 sítios arqueológicos superficiais, sendo 6 deles associados à Tradição Tupiguarani e apenas 1 à Tradição Taquara.

Nesse conjunto de pesquisas no Rio Grande do Sul as áreas foram trabalhadas a partir de uma estratégia oportunística de levantamento, na sua imensa maioria contando com as indicações dos proprietários.

O conjunto dos trabalhos primam pela coleta das evidências cerâmica e/ou líticas e descrição dos sítios. Entretanto, a coleta é assistemática, o que impossibilita perceber a espacialidade. Não se encontra – ao menos nas publicações – mapas de distribuição espacial do material que permitam inferir comportamentos culturais associados à apropriação do espaço.

Dado o caráter oportunístico das pesquisas não foram realizadas escavações sistemáticas nos conjuntos de estruturas. Na sua grande maioria são coletas superficiais que não permitem perceber o funcionamento e estruturação de uma aldeia, nem tampouco inferir sua espacialidade, exceção feita à escavação realizada em Santa Lúcia do Piaí, no Município

de Caxias do Sul.

Nesse sentido podemos perceber que:

A dimensão das estruturas varia de pequenas, com cerca de 2m até outras que podem atingir 21m de diâmetro. Quanto à profundidade, podem variar de pouco mais de 30cm até próximo dos 8m.

Com relação à forma, são, em sua grande maioria, caracterizadas como circulares, mas podem ocorrer estruturas elípticas ou mais de uma que se interseccionam. Prevalecem amplamente as circulares. Podem ocorrer isoladas ou agrupadas, em conjuntos de 2 até 36 casas, podem ter apenas casas subterrâneas ou casas subterrâneas e montículos.

A grande contribuição das escavações realizadas em Caxias do Sul foi permitir avançar na compreensão de um conjunto de casas subterrâneas. Fica claro, especialmente a partir das datas obtidas, que os conjuntos são o fruto de reocupações sistemáticas de uma mesma aldeia ao longo do tempo, e em alguns casos das próprias casas subterrâneas, caracterizando esses sítios como resultado de uma sucessão de reocupações diacrônicas, levando inclusive à formação de extensos sítios com até 36 estruturas subterrâneas e 39 montículos.

Esse conjunto de pesquisas foi fruto de um esforço concentrado dos pesquisadores em atividade no Estado do Rio Grande do Sul para obter uma amostragem das culturas pré-coloniais. Além do planalto, cujos dados foram aqui privilegiados, desenvolveram pesquisas nas outras regiões do Estado, sempre fazendo levantamentos e descrições primárias dos fenômenos encontrados, tanto que de alguns sítios nos restam hoje apenas essas descrições. Quanto à região do planalto, as pesquisas concentraram-se entre os anos de 1966 e 1970 e foram executadas em paralelo aos trabalhos que Eurico Miller e José Justiniano P. Brochado desenvolviam por conta do PRONAPA.

Os avanços dessas pesquisas foram imensos. Em primeiro lugar criaram um

conhecimento básico sobre a arqueologia do planalto, sobre a qual até o ano de 1965 nada se sabia. Descreveram vários sítios e diferentes realidades; algo até então inexistente para o planalto do Rio Grande do Sul.

Além dos trabalhos de levantamento que permitiram compreender melhor a distribuição das populações pré-coloniais e seus diferentes tipos de assentamentos representados pelas diferentes categorias de sítios identificados, avançaram ainda na interpretação dessas categorias. As escavações de 4 casas subterrâneas e 3 montículos em Caxias do Sul permitiu vislumbrar o funcionamento de uma aldeia. As datas por radiocarbono criaram um primeiro esboço cronológico que ainda hoje embasa as pesquisas.

A necessidade de compreender este mundo novo que se desfraldava levou esses pesquisadores a inaugurarem novas frentes de análise como a etno-história. Não se poderia deixar de falar nos trabalhos de Ítala I. Basile Becker ao buscar informações sobre as populações indígenas na documentação histórica, produzindo um conjunto de dados que ainda hoje servem de base para muitos pesquisadores.

Esse primeiro conjunto de pesquisas foi um projeto de pioneiros que juntamente com os dados produzidos pelo PRONAPA permitiram o nascimento de uma arqueologia científica no Sul do Brasil. Os trabalhos estavam permeados pelo modelo teórico histórico-cultural também usado pelo PRONAPA e procuravam obter um primeiro esboço da ocupação pré-colonial.

3.1.2 Pesquisas Arqueológicas em Santa Catarina

A pesquisa Arqueológica no Estado de Santa Catarina deve muito à figura do Padre Jesuíta João Alfredo Rohr. Foi sem dúvida um dos arqueólogos que mais contribuiu para a pesquisa e defesa do patrimônio arqueológico daquele Estado.

Pe. Rohr desenvolveu seus trabalhos no planalto entre os anos de 1966 e 1971.

Localizou ao menos 67 sítios nos Municípios de Petrolândia, Urubici, Rancho Queimado, Atalanta, Imbuia, Ituporanga, Bom Retiro, Alfredo Wagner, Lages e São Joaquim.

No Município de Bom Retiro, Pe. Rohr (1984) levantou 16 sítios, sendo 5 deles com casas subterrâneas, totalizando 26 estruturas; em Alfredo Wagner foram levantados mais 6 sítios, sendo 2 com 2 estruturas em cada sítio. O primeiro apresenta casas de formato circular e o segundo formato "*algo ovalado*", ou seja, elipsóide. Em Urubici levantou mais 39 sítios, sendo que em 6 deles foram encontradas 29 estruturas. No seu trabalho Pe. Rohr define as estruturas como crateras e apresenta sempre uma medida como diâmetro, das quais se conclui que as considerava circulares.

Desses sítios escava duas casas subterrâneas. O sítio SC-Urubici-11, que chama a atenção pela quantidade de cerâmica encontrada no interior da uma das casas – 2.235 fragmentos –, o sítio é composto por duas casas subterrâneas: uma pequena de 2m de diâmetro por 1m de profundidade e a outra com 8m de diâmetro e 4m de profundidade, além de uma quantidade fora do comum de cerâmica. A camada arqueológica é rasa, com uma profundidade máxima de 15cm e é composta por carvão, cinza, seixos parcialmente alisados e lascados.

Esse sítio, embora escavado pelo Pe. Rohr, não foi publicado por ele. Temos apenas uma análise produzida por Schmitz a partir do material depositado nos laboratórios do Colégio Catarinense, a qual transcrevemos:

A cerâmica é predominantemente simples, sendo 4,4% decorados. A coloração externa e interna dos vasilhames é de cor cinza e preta ou marrom. As paredes são consideravelmente espessas, de 4 a 18mm. As bordas são inclinadas para fora, retas ou levemente inclinadas para dentro; os lábios arredondados ou estreitados; as bases são convexas. O diâmetro da boca vai de 8 a 38cm. As formas abrangem tigelas, cuias, pratos, jarros, e panelas, de globulares a tubulares, os modelos básicos são em meia calota, hemisférica, piriforme e ovóide.

As peças decoradas são geralmente pequenas, com o diâmetro máximo ao redor de 14cm. A decoração não cobre toda a superfície externa dos vasilhames, mas a metade do corpo, ficando as bordas e as bases simplesmente alisadas. A superfície alisada foi incisa, ponteadada, ungulada, inciso-ungulada, inciso-ponteadada, banhada em vermelho, ou brunida sobre uma fina camada negra, igual à Fase Guatambu.

O material lítico consiste de raros artefatos polidos, alisadores e percutores de diabásio e silito, raspadores, picões, percutores, furadores, facas, talhadeiras

cuneiformes em diabásio, siltito, quartzo, riolito ou sílex. O material lítico é variado: polido aparece em lâminas de machado, mão-de-pilão, talhadeiras, facas, pingentes; usado sem modificações intencionais aparece em percutores, bigornas, alisadores; lascado em raspadores, facas, picões, furadores, talhadeiras cuneiformes. A matéria-prima é variada, podendo ser basalto, diabásio, siltito, quartzo, riolito ou calcedônia. Embora não tenham sido encontradas pontas de projétil, as lascas de redução de bifaces sugerem a possibilidade de sua produção. (SCHMITZ, 1988b, p. 92)

Uma das observações feitas por Pe. Rohr é o fato desse sítio estar a 100m de uma galeria subterrânea, na qual foram encontrados fragmentos cerâmicos com as mesmas características das descritas para o sítio. Essa mesma associação foi comentada ainda para o sítio SC-Urubici-20.

O sítio SC-Urubici-23 chama a atenção por estar a 100m de um sítio litocerâmico superficial. Nas palavras de Rohr um terreiro de antiga aldeia, que é na verdade uma área entaipada. Vale salientar que Pe. Rohr não explora essa associação, apenas comenta sua existência.

Identificou ainda outros tipos de sítios:

Sítios com inscrições rupestres, mais precisamente 4, nos Municípios de Urubici e Petrolândia, sempre em paredões de arenito. Os sulcos possuem no máximo 4cm de profundidade e outros 4cm de largura. Os motivos são figuras geométricas como triângulos, paralelogramos, retas, retas paralelas e oblíquas.

Sítios com sepultamentos junto a cascatas. Foram ao todo 15 abrigos todos eles com uma cascata em frente ou ao menos muito próxima. Encontram-se distribuídos entre os Municípios de Urubici, Petrolândia, Rancho Queimado, Atalanta, Imbuia, Ituporanga, Bom Retiro e Alfredo Wagner. Em alguns desses foram encontrados contas em osso, trançados, fragmentos de cerâmica, pontas de flecha, adornos em conchas, além de ossos humanos. O detalhe recorrente em todos os sítios é o fato de que sempre há uma cascata caindo diante da boca do abrigo ou ao menos um pequeno curso d'água.

Galerias Subterrâneas, que são galerias que penetram solo a dentro até profundidades de 40m, ramificando-se. Podem ter entre 1,5 e 2m de diâmetro, porém sua

entrada é normalmente pequena e de difícil acesso, quando não camuflada pela vegetação. Em algumas delas foram encontrados fragmentos de cerâmica, artefatos líticos e também petroglifos. Foram identificadas aos menos 19 galerias.

Segundo Pe. Rohr:

A nossa suspeita (de serem antrópicas) tornou-se certeza, quando, no município vizinho de Urubici, tivemos ensejo de visitar toda uma série de galerias, escavadas da mesma forma cilíndrica, em rocha mole de arenito, geralmente com braços laterais e possuindo bocas em extremidades opostas; algumas até com salas maiores e teto apoiado em colunas, deixadas em pé para este fim. Todas apresentam os mesmos sinais de picareta e de cavadeira pectiforme, deixando marcas, como que de garras de animais. Em algumas delas encontramos sinais de petróglifos e cacos de cerâmica indígena. Outras acham-se em comunicação com casas subterrâneas, sugerindo a hipótese de serem da mesma cultura das casas subterrâneas. (ROHR, 1984, p. 84)

Para o Pe. Rohr não havia dúvidas de que as galerias subterrâneas fossem fruto do trabalho indígena. Uma das funções apontadas por ele seria a de que, em casos de ataque, seriam excelentes esconderijos com possibilidade de fuga por outra abertura, até porque a grande maioria delas possui mais de uma entrada.

Por último, identificou as áreas entaipadas em um total de 8.

Com o fim de elucidar a natureza daqueles pretensos "Terreiros de Dança" foram feitas escavações em dois deles, escolhidos a esmo, pela ordem cronológica de sua descoberta. O primeiro terreiro escavado foi o acima descrito, situado em Petrolândia, em terrenos de Dorvalino Momm, que possui 20m de diâmetro. O segundo situa-se a 50km do primeiro, no Município de Bom Retiro, em terrenos de João Menegaz. Possui 40m de diâmetro e localiza-se nas imediações de uma série de casas subterrâneas. Nas trincheiras abertas foram encontradas, até a profundidade de 70cm, fogueiras com abundante carvão vegetal, cerâmica indígena e material lítico trabalhado. A cerâmica é do tipo liso, sem decoração alguma. Inclui pequena tigela, conservada pela metade, muito bem cozida, com paredes brilhantes.

Em virtude dos resultados obtidos nas escavações, chegamos à conclusão que aqueles supostos terreiros de dança de bugres, na realidade, são terreiros de antigas aldeias. Achavam-se localizadas em pontos altos e estratégicos e estavam guarnecidas por uma paliçada protetora, que se manifesta, ainda hoje, pela coroa de terra circular ao redor do topo do morro. (ROHR, 1971, p. 19)

Além dessas aldeias, ocorrem ainda o que chamamos de sítios litocerâmicos. Destes, 2 são cerâmicos; 1 apresenta artefatos líticos, como lâminas de machados, batedores e amoladores além de alguns fragmentos de cerâmica; outro está próximo a uma casa

subterrânea e possui cerâmica lisa e decorada, material lítico lascado e carvão vegetal até uma profundidade de 30cm.

Ocorrem ainda 5 sítios nos quais foi encontrado apenas material lítico como machados polidos, batedores, pontas de flecha, amoladores, mãos-de-pilão, seixos lascados, lascas e carvão vegetal.

Os trabalhos desenvolvidos pelo Pe. Rohr foram fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa arqueológica em Santa Catarina. Ainda que ele tenha se destacado pelo sua atividade junto aos sambaquis, no planalto ele foi o precursor e o primeiro a trazer excelentes colaborações. Levantou questões importantes, como a das Galerias Subterrâneas e sua origem antrópica e, fundamentalmente, alargou o conhecimento sobre o planalto, como o caso das casas subterrâneas, aumentando a visibilidade do fenômeno no Estado de Santa Catarina.

Sua maior contribuição talvez seja o caso dos abrigos com sepultamentos que até então estavam pouco claros nas pesquisas do Rio Grande do Sul e Paraná. O conhecimento sobre o assunto é ampliado com a grande quantidade de dados levantados e com a confirmação de um padrão, ou seja, enterramentos em grutas e todas elas com uma queda d'água, normalmente na frente. Outro avanço foi a descrição das áreas entaipadas, que foram interpretadas por ele como aldeias cercadas com uma paliçada de taquara, considerando o material encontrado nas escavações.

3.1.3 Pesquisas Arqueológicas no Paraná

No Paraná, Chmyz (1969b), trabalhando no médio Rio Iguaçu, descreve dois conjuntos de estruturas, em dois sítios (PR-UV-06 e PR-UV-12). Essas formam grupos com no mínimo quatro e no máximo dez estruturas, sendo que as maiores possuem 10m de diâmetro e 3m de profundidade e as menores 2m de diâmetro.

Próximo ao primeiro sítio, a cerca de 4km, foram identificados conjuntos de montículos (PR-UV-7) situados no cume das elevações mais altas. Estes mediam próximo a 1,7m de comprimento por 0,6m de largura por 0,4m de altura, sempre na parte mais alta das elevações naturais. Percebe-se, circundando-os, uma pequena vala de onde deve ter sido obtida a terra para sua construção. Em um dos montículos escavados foram encontradas lascas e núcleos de diabásio, sendo que em alguns deles havia marcas de utilização. Não foram encontrados vestígios de sepultamentos (CHMYZ, 1968b).

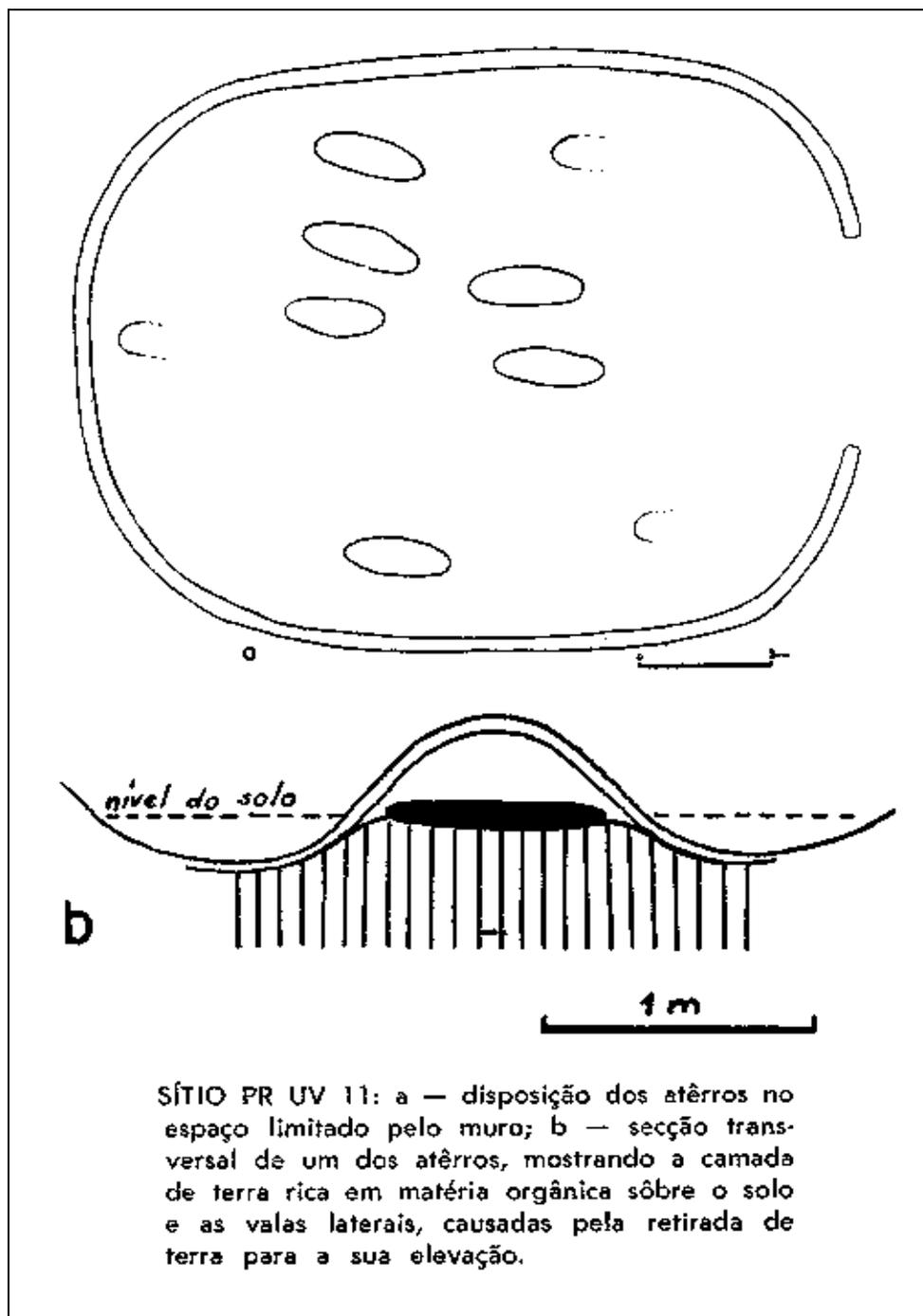
Outro conjunto de montículos (PR-UV-11) identificados, agora próximo ao segundo sítio, chama a atenção pela existência, além das características mencionadas, de uma taipa ligeiramente retangular aberta em um dos lados, que delimitava esses aterros.

Dois deles foram escavados, sendo seus resultados descritos assim por Chmyz:

Escavamos, na ocasião, dois aterros. Verificamos que abaixo da elevação não havia sinal de cova. A terra fora amontoada sobre a superfície do solo. Não encontramos restos do enterramento, embora constatássemos sobre a superfície uma camada diferente, com cerca de 8 cm de espessura, que acompanhava o formato alongado do aterro. Esta camada de cor marrom escura, era rica em fragmentos de carvão vegetal. (CHMYZ, 1968b, p. 46)

Segundo o croqui a seguir, percebe-se claramente a taipa circundando o conjunto de aterros. Da mesma forma, é ilustrativo no perfil do aterro a existência de uma camada densa mais escura, na sua base, rica em carvão vegetal. Note-se, ainda, a informação de que não foram encontrados quaisquer indícios de sepultamentos ou restos humanos no referido montículo. Apenas foi encontrada grande quantidade de cristais de rocha, núcleos, lascas de diabásio, lascas de sílex alteradas por intemperismos e um batedor. Foram encontrados, também, fragmentos de cerâmica, sendo um com decoração digitada e os outros simples.

FIGURA 32 Aterros circundados por taipa – sítio PR-UV-11



Fonte: CHMYZ, Igor. Subsídios para o estudo arqueológico do Vale do Rio Iguaçu. In: *Revista do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas*. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, n. 1, 1968. p. 47.

3.2 OS PROJETOS DESENVOLVIDOS APÓS 1980

Considerando exclusivamente as capitulações aqui adotadas, até 1980 consegue-se distinguir os trabalhos dentro dos Estados e, em alguns casos, respectivos municípios, decorrência da pouca quantidade de arqueólogos em atuação – conforme pode ser observado no item 3.1 subdividido em 3.1.1, 3.1.2 e 3.1.3, cada qual refletindo uma unidade da federação. A partir de 1980, com o aumento das pesquisas, os trabalhos multiplicam-se e muitas vezes envolvem vários municípios, e mesmo Estados. Dessa forma, apresentamos a seguir os projetos, tendo como foco seus resultados e não necessariamente sua abrangência territorial.

3.2.1 O Trabalho de Maria José Reis nos anos de 1980

Enquanto conjunto de sítios, para o Estado de Santa Catarina, um dos melhores estudos é o de Maria José Reis (1980).

Em seu trabalho de mestrado levanta 104 sítios nos Municípios de Lages, Bom Retiro, São José do Cerrito, Ponte Alta do Sul, Concórdia, Chapecó, São Carlos, Palmitos, Pinhalzinho, Ipumirim, Joaçaba, Lacerdópolis, Ouro, Capinzal e Água Doce.

O critério para definir os sítios foi a distância entre seus componentes. Esta, não poderia superar os 80m, de tal forma que as estruturas que estivessem próximas, porém além dessas distâncias, seriam consideradas como sítios independentes. Ao observar os mapas de distribuição dos sítios oferecidos naquele trabalho, percebe-se que esses estão localizados nas áreas mais altas nos divisores de águas entre os diferentes cursos d'água formadores dos rios principais, especialmente o Rio Canoas, o Rio Caveiras e o Rio dos Índios.

Na região dos campos de Lages, Maria José Reis levanta um total de 354 casa subterrâneas, 96,89% (343) consideradas circulares e 3,10% (11) elipsóides.

Na região de Chapecó, trabalhada pela mesma autora, de um total de 85 casas subterrâneas registradas, 5,88% (5) são consideradas como elipsóides e 94,11% (80) como circulares.

Os sítios formam conjuntos e estão separados por espaços vazios. Ao redor da sede do Município de São José do Cerrito temos um conjunto de 15 sítios em um raio de aproximadamente 2.000m, com 69 casas subterrâneas e 4 aterros. Os sítios têm desde 1 casa subterrânea até 18.

Fenômeno semelhante foi observado no Município de Vacaria, no Estado do Rio Grande do Sul (ver item 3.2.5 adiante nesse capítulo).

O trabalho de Maria José Reis representa uma retomada das pesquisas no Planalto Sul-Brasileiro, isso porque após o primeiro grande conjunto de trabalhos desenvolvidos nos três estados do sul as equipes procuraram desbravar novas áreas em outros estados, na tentativa de ampliar o conhecimento arqueológico em regiões até então desconhecidas pelos arqueólogos. Cabe lembrar também que os trabalhos de campo do PRONAPA encerram-se em 1970, restando apenas a análise e publicação dos seus resultados.

Nesse contexto Maria J. Reis procura novos indicadores para abordar o problema das casas subterrâneas. Busca uma nova orientação teórica, fundamentada em um misto de levantamento oportunístico com sistemático. Produz a documentação de cada sítio de forma bastante precisa, descrevendo cada um, e, dentro do possível, realiza o mapeamento topográfico das casas subterrâneas.

O resultado dessa estratégia foi um levantamento sistemático de uma área limitada, com mapas de distribuição dos sítios e uma documentação invejável. O seu principal mérito está em permitir uma visão do conjunto de uma área, obrigando a repensar a questão da distribuição espacial desses sítios, a diacronia e/ou sincronia das casas na mesma aldeia, suas funcionalidades e o processo de formação. O trabalho não resolve estas questões mas

contribui para que avance na busca de respostas. Resta ainda por fazer um conjunto de escavações e a criação de um quardo cronológico baseado em datações absolutas.

3.2.2 Pesquisas Arqueológicas no Vale do Rio Pelotas/RS

No ano de 1984, Arno Kern, José O. de Souza e Fernando Seffner realizam levantamento arqueológico no Vale do Rio Pelotas, abrangendo os Municípios de Vacaria e Bom Jesus, no Estado do Rio Grande do Sul. O objetivo foi o salvamento dos sítios da área a ser inundada pela represa da hidroelétrica de Barra Grande. O trabalho desenvolveu-se na margem esquerda do Rio Pelotas, a partir de 4 áreas selecionadas em função da facilidade de acesso por via rodoviária.

Foram localizados 14 sítios sendo 1 considerado fonte de matéria-prima, 11 possuíam casas subterrâneas e 2 foram considerados acampamentos. O sítio caracterizado como fonte de matéria-prima é um banco de seixos à margem do Rio Pelotas onde as populações pré-históricas obtinham basalto e riolito. Essa possibilidade é atestada pela existência de núcleos com negativos de lascamento com bulbos e pontos de percussão nítidos, com arestas vivas sem desgaste.

Dois matacões apresentam sinais de abrasão, tendo sido utilizados como polidores de artefatos grandes. Os sulcos côncavos possuem até 10cm de largura e uns 25cm de comprimento.

Este tipo de sítio parece ser, tendo em vista as demoradas observações feitas, um local para obtenção de matérias-primas ou para acabamento de utensílios. Tanto núcleos, como alguns seixos com indício de trabalho, parecem indicar isto. Não seriam nem sítios-acampamento nem sítios-habitação, pois não se encontram outras evidências. Os artefatos devem ter sido elaborados em outra parte ou levados embora. (KERN, SOUZA & SEFFNER, 1989a, p. 120)

Os sítios com casas subterrâneas foram divididos em dois grupos: o primeiro grupo apresenta apenas uma casa cada com tamanhos de 6 e 10m de diâmetro, respectivamente (RS-UP-251 e RS-UP-269); o segundo possui mais de uma casa as quais formam conjuntos. O tamanho da maioria dessas situa-se entre 2 e 6m de diâmetro, e em um dos sítios ocorre uma

estrutura com 10m de diâmetro. Cabe ressaltar que em dois casos os sítios estão distantes não mais que 1000m de um outro com uma casa de grandes dimensões.

Outro detalhe importante levantado pelos autores é o fato de que sítios com casas subterrâneas estão situados na parte alta dos morros, em locais que permitem uma boa visibilidade do entorno.

Os sítios considerados acampamentos são o que definimos como sítios litocerâmicos. Estão implantados tanto em terraços na encosta como no topo dos platôs, e são inclusive bons lugares para a agricultura, segundo os moradores atuais.

O trabalho desenvolvido nesses sítios foi de inspeção visual, coleta de superfície e em alguns foram realizados cortes estratigráficos nas casas subterrâneas. Nessas sondagens encontrou-se: restos de carvão, pedaços de nós-de-pinho carbonizados em pouca quantidade, fragmentos de cerâmica e pedras alteradas pelo fogo. Estas últimas devem ter sido apoio para as panelas nas fogueiras. Não há indicações de postes ou mesmo sinais de estacas.

O material lítico⁹ consiste em instrumentos com entalhes, lâminas de machado lascado com entalhes laterais para encabamento, instrumentos com gume em bisel, lascas e núcleos de quartzo e blocos com alteração térmica. Foram encontrados ainda fragmentos de mãos-de-pilão.

A cerâmica apresenta em alguns fragmentos a pasta bem misturada, compacta e areno-argilosa; em outros está mal misturada, friável com fissuras e bolhas de ar. O antiplástico é composto por calcário, quartzo leitoso, mica, quartzo hialino e raramente óxido de ferro. A cor da superfície varia do negro até o vermelho.

Os fragmentos sem decoração possuem evidências de alisamento interno e externo. A cerâmica com decoração plástica é rara no conjunto analisado, e compreende o digitado leve, o ungulado arrastado. A decoração denominada de digitado leve é caracterizada por diversos fragmentos que compõem um único recipiente e cuja superfície externa apresenta marcas da polpa dos dedos, com pequena profundidade. Um fragmento apresentou decoração caracterizada por

⁹ A análise do material tanto lítico como cerâmico foi publicada em: Kern, Souza, & Seffner, 1989b.

marcas prováveis de unha ou de um instrumento de igual forma e espessura (meia lua), arrastado, em séries paralelas, mas cujo sentido muda a cada seqüência de maneira alternada. O fragmento se encontra alisado de maneira a possuir uma forma arredondada irregular. [...] Outro fragmento isolado apresentou uma decoração aparentemente realizada com um instrumento duplo, composto por duas pequenas espátulas colocadas lado a lado, medindo aproximadamente 2mm cada uma, que produziram marcas paralelas e arrastadas em seqüências igualmente paralelas, não alternadas. (KERN, SOUZA & SEFFNER, 1989b, p. 291)

Quanto às formas, são semi-cilíndricas e globulares, e são filiadas à Tradição Taquara.

3.2.3 Pesquisas Arqueológicas no Município de Esmeralda/RS

No Município de Esmeralda, Estado do Rio Grande do Sul, as pesquisas arqueológicas foram desenvolvidas por Pedro Augusto Mentz Ribeiro, no ano de 1984, e retomadas por Silvia Copé, nos anos de 2001 e 2002. Parte do que era o Município de Esmeralda emancipou-se e hoje é Pinhal da Serra.

Mentz Ribeiro, nos trabalhos de 1984, fez um levantamento e identificou 27 sítios a céu aberto, 39 sítios de casas subterrâneas, 3 áreas entaipadas, 3 galerias, 3 cavernas e 2 abrigos sob rocha. Nos trabalhos de 2001 e 2002 Copé estende o levantamento e localiza 31 sítios, sendo 20 com casas subterrâneas, 5 com áreas entaipadas e 6 sítios a céu aberto.

Os sítios a céu aberto foram divididos em líticos e litocerâmicos. Ambos diferenciam-se das áreas entaipadas pela ausência de estruturas construídas, como montículos ou taipas, delimitando áreas. Caracterizam-se pela distribuição do material arqueológico pela superfície.

Os sítios líticos ocorrem predominantemente em locais de declive acentuado e sobre afloramentos rochosos. Os artefatos encontrados são característicos da Tradição Pré-Cerâmica Humaitá, fato que Mentz Ribeiro & Ribeiro (1985) já haviam notado no levantamento de 1984 e associaram dois sítios àquela tradição.

Chama a atenção dos autores a baixa quantidade de instrumentos e a alta

concentração de restos de debitage como lascas, fragmentos e núcleos, que totalizam 93,86%. Entre os instrumentos foram encontrados raspadores, talhadores bifaciais e unifaciais, além de outros não padronizados.

A própria debitage nos leva a acreditar na pouca pluralidade de atividades no sítio, pois a maior parte das lascas evidencia os estágios finais do lascamento: considerando os dados relativos à superfície dorsal das lascas, 78% possuem menos da metade desta superfície com córtex, e 80% delas possuem duas ou mais cicatrizes de lascamento anteriores à sua retirada. (COPÉ, SALDANHA & CABRAL, 2002, p. 125)

Os sítios litocerâmicos, apresentam lascas unipolares, lascas por espatifamento térmico e blocos de rocha, formando estruturas como fogueiras e pisos de habitação.

Através da observação do plano de escavação, que mostra a distribuição dos artefatos no espaço escavado, é possível vislumbrar o piso de uma antiga cabana pré-histórica, delimitada por uma maior concentração de artefatos grandes, formando um semi-círculo ao redor da fogueira identificada. Entre o semi-círculo de artefatos e a fogueira observamos a existência de artefatos de menores dimensões (lítico e cerâmica). Estamos inclinados a interpretar esta maior concentração de artefatos como proveniente da limpeza da área central da estrutura. (COPÉ, SALDANHA & CABRAL, 2002, p. 127)

Nos sítios com casas subterrâneas foi realizada a escavação de um deles, o RS-PS-11. Este é composto por 8 casas, sendo que 2 delas estão geminadas. Foram escavadas as casas A, B e C, onde foi possível identificar dois momentos de ocupação.

Portanto verificamos que as estruturas subterrâneas foram ocupadas em dois momentos: a primeira ocupação e portanto mais antiga, apresenta um rebaixamento do piso no centro, onde foram constatadas densas lentes de carvão, formando estruturas de combustão cercadas por rochas. Ao redor destas estruturas foram encontradas concentrações de artefatos líticos, além de muitas termóforas. Apenas 3 fragmentos cerâmicos de uma mesma vasilha foram encontrados nesta primeira ocupação, junto à fogueira na estrutura B. A estrutura C forneceu apenas artefatos líticos.

Segunda ocupação (re-ocupação), mais recente, apresenta microestruturas como o rebaixamento central e, na estrutura B, foi identificado um conjunto de rochas dispostas em círculo, exatamente no centro da estrutura, que interpretamos como sendo fixadores do esteio central que suportava o telhado da estrutura original. A reocupação das estruturas apresentou uma abundância de artefatos líticos (instrumentos de debitage), mas poucos fragmentos cerâmicos (1 na estrutura C e 3 na estrutura B). Não foi verificada a existência de microestruturas de combustão, apenas muitas termóforas no interior das estruturas. (COPÉ, SALDANHA & CABRAL, 2002, p. 129)

Os sítios que denominamos como áreas entaipadas são chamados pela equipe de

Silvia Copé como *estruturas circulares em alto relevo*. Na sua área de trabalho identificou 5 sítios desta natureza e 1 deles, RS-PS-21, foi alvo de uma pesquisa mais aprofundada do que apenas a inspeção visual e uns poucos cortes estratigráficos.

Aproveitamos a descrição do trabalho da publicação:

O sítio denominado RS-PS-21 consiste numa área de concentração de artefatos líticos e cerâmicos em superfície, com cerca de 1.400m², associada à duas estruturas circulares em alto relevo que medem 20 e 15m de diâmetro máximo, respectivamente. Elas estão em uma área de relevo plano, logo antes de uma escarpa do morro, o que proporciona uma vista panorâmica privilegiada a partir das estruturas. (COPE, SALDANHA & CABRAL, 2002, p. 130)

O trabalho consistiu na coleta sistemática em quadrículas de 5 x 5m em quase toda a superfície do sítio, o que permitiu evidenciar áreas de concentração de material e a seleção de áreas para a realização de cortes estratigráficos. Em uma das estruturas foi realizada uma trincheira que a cortou no sentido norte-sul. O objetivo foi evidenciar o anel externo que compõe a estrutura, o espaço interno e um montículo que se localizava no seu centro.

Na coleta superficial foram encontrados fragmentos de cerâmica bastante desagregados, bolotas e roletes de argila queimada, além de artefatos líticos. Na área de maior concentração de material foi realizada uma sondagem de 1 x 1m que permitiu a visualização das camadas arqueológicas. Essas atingiram apenas 20cm de profundidade e apresentaram pouco material, apenas dois fragmentos cerâmicos e dois artefatos líticos.

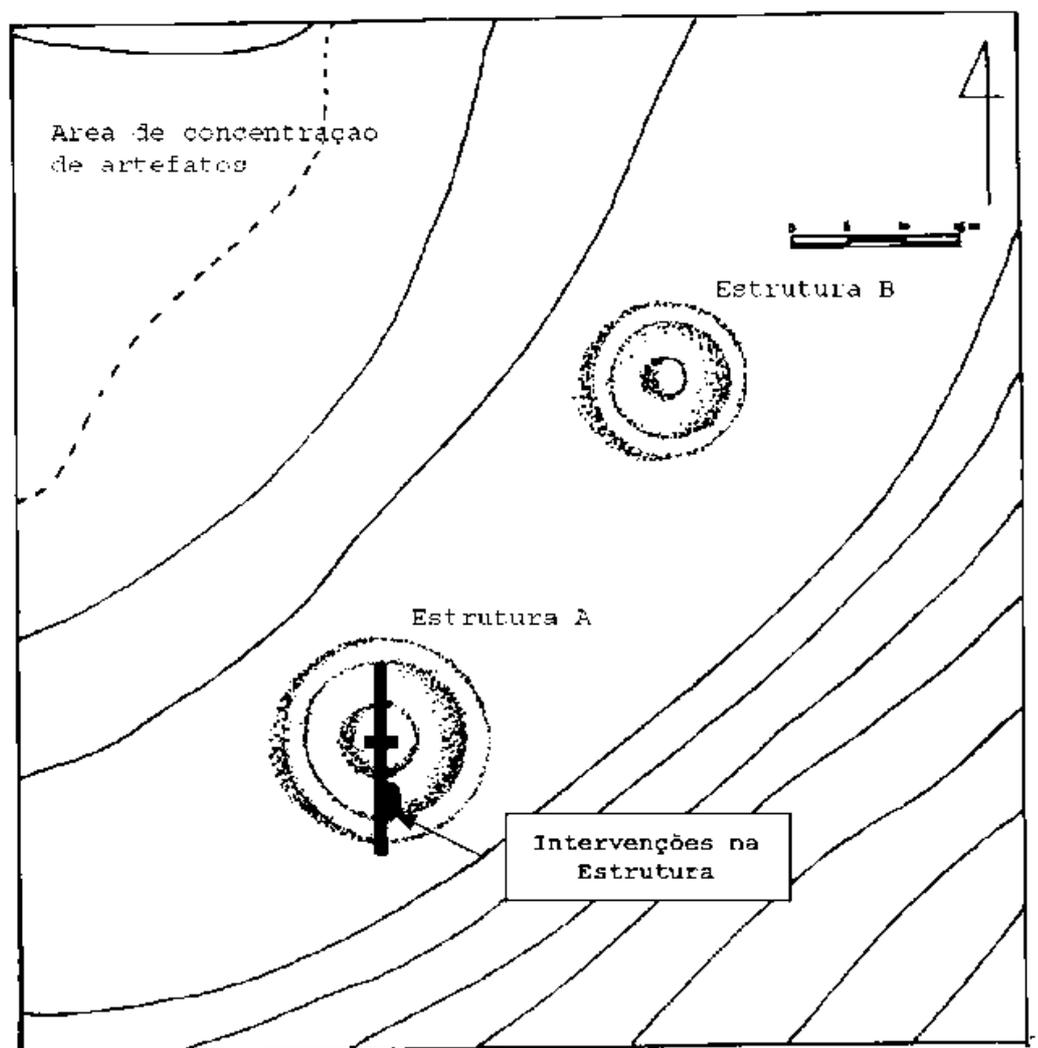
Já a escavação da trincheira:

A partir da trincheira demarcada anteriormente, foram abertas primeiramente as quadrículas que correspondem à área interna da estrutura. Nos primeiros 5cm escavados nas quadrículas internas, principalmente na camada húmica, foram encontrados muitos fragmentos de carvão que, por suas formas e disposições, são raízes queimadas, possivelmente resultantes da derrubada e queima da mata ocorridas na abertura das frentes de colonização branca durante o século XX. Abaixo da camada húmica, até os 10cm, segue uma camada marrom escura com pouco carvão. Apenas uma quadrícula forneceu material arqueológico: 3 cacos cerâmicos de uma mesma vasilha, encontrados exatamente no contato entre a primeira camada abaixo da camada húmica e a uma segunda, marrom clara, derivada do basalto decomposto.

Nas quadrículas sobre o centro do montículo foi possível delimitar uma micro-estrutura complexa, aos 45cm de profundidade, delimitada ao sul e ao norte por aglomerados de concreções avermelhadas e escuras, possuindo no centro muitos

fragmentos de ossos pequenos, alguns deles bastante calcinados, além de duas fogueiras, contendo no seu interior também ossos misturados (alguns carvões recolhidos das fogueiras podem ser ossos queimados). Esta microestrutura estende-se a leste e oeste. Foi delimitada a fogueira contendo muitos ossos (um deles foi identificado como uma vértebra humana). Os ossos encontram-se bastante remexidos em meio à fogueira, estando bastante friáveis. Em volta da fogueira foi notada uma concreção escura que julgávamos ser um basalto em decomposição. Ao decaparmos totalmente a fogueira notamos que esta concreção era na verdade o sedimento calcinado pela fogueira, indicando que esta atingiu uma temperatura muito alta. (COPE, SALDANHA & CABRAL, 2002, p. 131)

FIGURA 33 Croqui do sítio RS-PS-21



Fonte: COPÉ, Silvia M., SALDANHA, João D. de M. e CABRAL, Mariana P. Contribuições para a Pré-História do Planalto: Estudo da Variabilidade dos Sítios Arqueológicos de Pinhal da Serra, RS. *Pesquisas Antropologia*, São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas – UNISINOS, n. 58, 2002, p. 138.

Esse sítio parece ser a combinação de dois tipos de sítios; ou seja, 2 áreas entaipadas ao lado de 1 sítio litocerâmico como fica claro a partir do croqui (Figura 33). A

questão que se coloca é se essa proximidade faz parte de uma integração entre esses dois tipos de assentamentos, ou seja, os sítios litocerâmicos estão próximos das áreas entaipadas por fazerem parte de um mesmo momento de ocupação, ou, ao invés disto, é uma associação fruto da sobreposição diacrônica de ocupações.

Dada a proximidade, a densidade e a necessidade de esforço cooperativo para construção das áreas entaipadas estamos admitindo que a primeira alternativa seja a mais apropriada.

Mentz Ribeiro comenta ainda que foram encontrados 3 cavernas e 2 abrigos sob rocha. Estes sítios foram apenas visitados e não foram alvo de intervenções de maior porte, nem tampouco foi identificada a ocorrência de qualquer material arqueológico nos ditos sítios. Menciona apenas a informação prestada pelos informantes de que em um deles teriam sido encontrados dois sepultamentos estendidos lado a lado, sobre uma esteira de taquara, acompanhado por um "cálice" que, segundo Mentz Ribeiro, deveria ser um pote cerâmico.

Em termos de contribuição, esses dois trabalhos avançam bastante na compressão das áreas entaipadas, até porque os autores sugerem que esse tipo de sítio desempenhe funções cerimoniais e não sejam aldeias cercadas por paliçadas. A produção de cerâmica e o consumo e processamento de alimentos, que ocorrem do lado das áreas entaipadas a ponto de, se isolados, caracterizarem sítios litocerâmicos superficiais, demonstram a existência de atividades cotidianas associadas à essas estruturas que podem estar refletindo não só uma ocupação regular, mas momentos de concentração do grupo, reforçando a interpretação de que esses sítios são espaços cerimoniais.

Entretanto, ressenete-se a falta de datas para situá-los em um contexto cronológico, até para saber se as diferentes áreas são contemporâneas ou momentos diferentes na utilização do espaço.

3.2.4 Pesquisas Arqueológicas no Município de Bom Jesus/RS

No Município de Bom Jesus, Estado do Rio Grande do Sul, foi escavado o sítio RS-AN-03, primeiro por Mentz Ribeiro e equipe (MENTZ RIBEIRO et al., 1994) e depois retomado pela equipe da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, coordenada por Silvia Copé (COPE & SALDANHA, 2002).

O sítio em questão localiza-se hoje no perímetro urbano da cidade de Bom Jesus, na propriedade do Sr. Darci Grazziotim. As casas subterrâneas e o montículo que o compõem estão implantados em um declive que até determinado ponto é suave e depois apresenta uma inclinação mais significativa. Quanto à vegetação, está em um capão de mato de *Araucaria angustifolia*. A água pode ser obtida em um riacho próximo, a uma distância não superior a 20m.

É composto por 5 casas. A maior recebeu a denominação de casa A. Possui 16,5m no seu menor diâmetro e 18m no maior. A casa B com dimensões de 4 e 5m; a casa C com 6 e 7m; e a casa D com 6 e 7m; não temos as indicações de profundidade, sendo essas medidas de menor e maior diâmetro respectivamente. Completa o conjunto um aterro que mede 31 x 13m. Disso todo, a casa A, a C e o aterro foram alvo de escavações arqueológicas.

A casa A foi trabalhada tanto pela equipe de Mentz Ribeiro como pela equipe de Silvia Copé. O primeiro realizou um corte de 3 x 3m no centro da estrutura, entre os anos de 1991 e 1992. Copé¹⁰ procedeu à escavação de uma trincheira no sentido norte/sul da casa, englobando a escavação de Mentz Ribeiro. A intenção foi identificar os limites entre o piso e a parede (MENTZ RIBEIRO et al., 1994; COPE & SALDANHA, 2002).

No lado sul da trincheira foi possível identificar a parede da casa, aberta em basalto decomposto e levemente inclinada. No lado oposto o piso não foi encontrado. No centro um aglomerado de grandes pedras circunda uma marca de estaca que parece ser o esteio central

da estrutura. A fogueira apresenta-se como um conjunto de pedras com fragmentos de cerâmica e carvão no seu interior. Essa primeira fogueira, localizada entre 70 e 80cm de profundidade, foi datada por C¹⁴ em 370 ± 50 A.P (Beta 166584). Foram encontrados junto a essa fogueira um núcleo de basalto lascado e um fragmento de mão-de-pilão. Além disso, 62 peças líticas, 33 fragmentos cerâmicos, 87 pedaços de vidro, 24 fragmentos de louça, 5 peças de ferro e 50 nós-de-pinho, sendo que essa casa serviu como depósito de lixo para os proprietários atuais, o que explica o vidro, a louça e o ferro.

A casa C foi escavada em quase sua totalidade. Nela foi possível identificar 3 camadas arqueológicas. A primeira é composta por sedimento argiloso, bastante perturbado por raízes de árvores, sua espessura é de 80cm e corresponderia ao entulho da casa. Foram encontrados fragmentos cerâmicos, artefatos líticos dispersos, sem formarem conjuntos. Conforme seus escavadores, foram depositados após o abandono da estrutura. O que chama a atenção são toras queimadas encontradas a 40cm da superfície, que foram interpretadas como o madeirame do telhado.

A camada seguinte, correspondendo ao telhado, possui apenas 15cm de espessura e apresenta um sedimento argiloso, marrom escuro; nela são encontrados troncos parcialmente carbonizados, possivelmente parte da estrutura do telhado, e esparsos materiais líticos e cerâmicos. A partir dos troncos carbonizados foi obtida uma data entre 80 e 90cm, de 80 ± 50 A.P. (Beta 166586)¹¹.

A terceira camada, que seria a ocupação da estrutura, apresenta um sedimento marrom escuro, argilo-arenoso, iniciando a 1,1m de profundidade. No seu interior foram identificadas várias concentrações de carvão vegetal, compondo estruturas de combustão, 134 artefatos líticos, compostos por lascas, fragmentos de lascamento, lascas fraturadas por aquecimento além de núcleos. Os fragmentos cerâmicos totalizam 123 peças, tendo uma

¹⁰ A autora e equipe desenvolvem um projeto na área desde 1998, que encontra-se em andamento (março de 2003).

vasilha inteira; foram identificadas 6 formas diferentes, sendo que 2 delas pertenceriam à Tradição Tupiguarani. Essas vasilhas seriam utilizadas na transformação e/ou processamento e no consumo de alimentos.

Ocorrem ainda aglomerados de pedra que poderiam ser estruturas de sustentação do telhado. Essa camada foi datada em dois locais: um no início, entre 1,2 e 1,3m de profundidade que resultou na data de 550 ± 40 A.P. (Beta 166585) Cal 1.310-1.370 A.D; outra na profundidade entre 1,8 e 2m, fornecendo a data de 2.180 ± 40 A.P. (Beta 166587) Cal 2.330-2.100 A.P.

Em relação a áreas de atividade:

A partir das densidades apresentadas pelas diferentes classes de artefatos foi possível sugerir três áreas de atividade no interior da estrutura: 1. uma área de refugio: um local com densidade de carvão sem formar arranjo definido (fogueiras), com presença de blocos térmicos e poucas porém grandes peças líticas e alguns fragmentos cerâmicos; 2. uma área de trabalho: local com evidências expressivas de produção e uso de artefatos líticos, e processamento e consumo de alimentos, através das vasilhas cerâmicas; e 3. uma possível área de descanso: local com menor densidade de objetos, sem concentração de carvão nem blocos térmicos, ou seja, uma área limpa, além de possuir bancadas mais amplas. (COPE & SALDANHA, 2002, p. 113)

Na escavação do aterro foram identificadas 3 camadas arqueológicas, correspondendo a estratigrafia inversa se comparada às casas A e C, sugerindo que se trata do acúmulo da terra proveniente da construção daquelas casas.

A primeira camada possui uma profundidade entre 15 e 50cm com um sedimento marrom escuro, argilo-arenoso; nela percebe-se grânulos de carvão, fragmentos cerâmicos e algumas lascas de basalto, sem formar arranjos definidos que poderiam indicar áreas de atividade, podendo ter exercido a função de lixeira para as populações pré-coloniais.

A segunda camada, mais espessa, com 2m, tem em sua composição lentes arenosas, oriundas do basalto em decomposição, e com a mesma característica das paredes e pisos das casas, sendo portanto o depósito contemporâneo à construção dessas. Não foi encontrado

¹¹ Devido ao fato da data ser recente, não foi realizada sua calibração (de 2 sigmas).

material arqueológico nessa camada.

A terceira camada assenta-se sobre o solo natural e possui entre 5 e 15cm de espessura. Em termos de composição possui a mesma do solo natural, correspondendo, assim, à camada superior do início da construção das casas subterrâneas. Em termos de cultura material foi encontrada uma abundância de carvão vegetal, material lítico e cerâmico. Quanto ao material lítico, foram identificadas lascas, preferencialmente unipolares (59%), lascas térmicas (36%), fragmentos de lascas (5%) e um instrumento bifacial, totalizando 23 artefatos. Quanto à cerâmica, foram identificados 3 fragmentos decorados com a técnica do ponteadado pertencentes a uma vasilha apenas. Foi obtida uma data de 1.000 ± 40 A.P. (Beta 166588) Cal 990-1.160 A.D., que deve representar o início da construção das casas.

Como balanço dos trabalhos neste sítio:

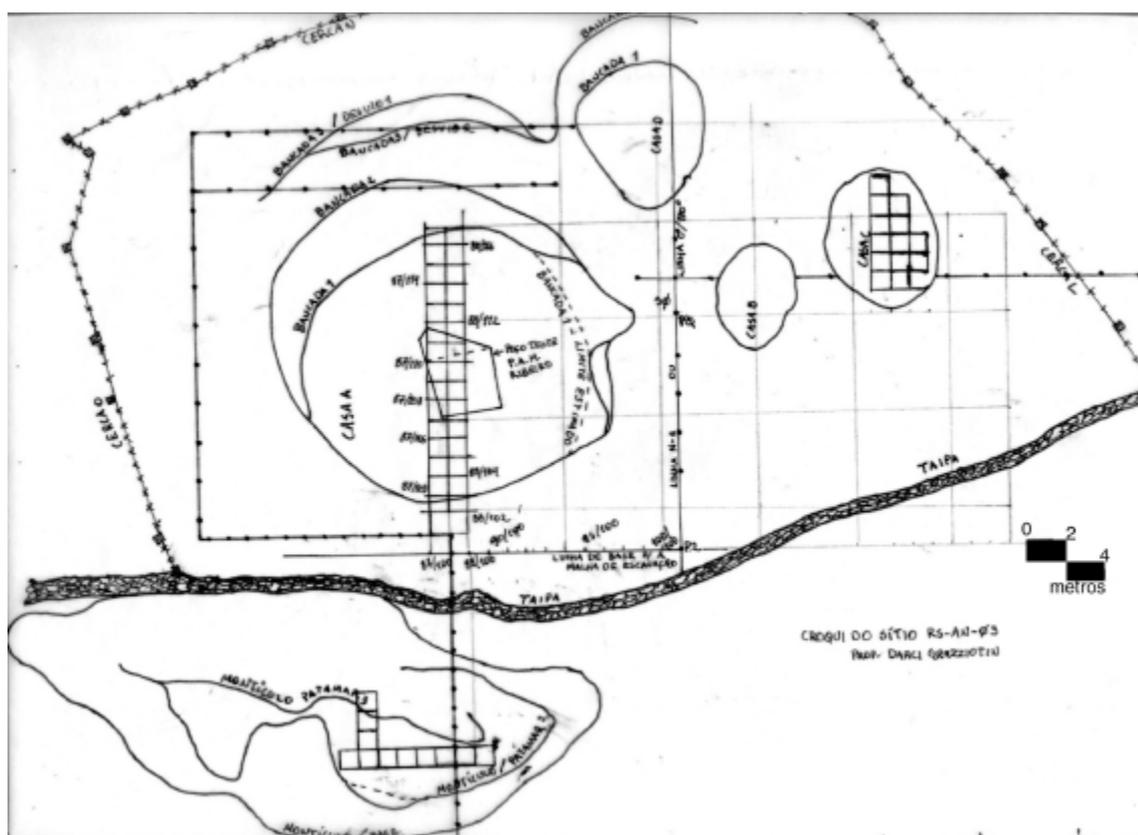
As trincheiras escavadas que cortam as estruturas A e C revelaram que o processo construtivo das paredes Norte e Sul das estruturas são dissemelhantes dentro da própria estrutura (uma parede inclinada e/ou com bancadas e outra abrupta e reta eventualmente com bancadas) e de uma estrutura para a outra (na "Casa A" a parede inclinada está no Norte e na "Casa C" está no posição Sul apresentando bancada com marcas de esteios do telhado).

Uma constatação interessante é o longo período de ocupação da "Casa C" verificado através dos 1,3m de espessura da camada arqueológica na área central da estrutura. As duas fogueiras não apresentam interrupção ao longo de toda a camada, fornecendo indicações que a estrutura não passou por re-arranjos ou abandonos durante o período de ocupação. Poucos artefatos foram localizados nos níveis inferiores, fenômeno que interpretamos como uma limpeza sistemática da estrutura durante a ocupação e somente nos 30cm superiores da camada foi constatada uma abundância de material, incluindo uma vasilha completa. Estas constatações parecem indicar que os artefatos localizados nos níveis superiores entraram para o registro arqueológico durante o processo de abandono da estrutura. A escavação completa desta estrutura nos permite afirmar que ela foi uma unidade residencial e, portanto, não é inapropriado denominá-la de casa. (COPE & SALDANHA, 2002, p. 116)

Cabe salientar que os trabalhos neste sítio não estão encerrados e sua escavação deve continuar nos próximos anos, o que servirá para clarear algumas questões pendentes, especialmente relativas às datas, tais como a cobertura da casa ser bastante recente – 80 ± 50 A.P; a ocupação propriamente dita – entre 550 ± 40 A.P e 2.180 ± 40 A.P.; e o início da construção das casas – 1.000 ± 40 A.P.

As datas nesse sentido levantam ao menos duas questões importantes: primeira indicam uma reocupação bastante recente – 80 A.P. correspondente ao barrotes do telhado carbonizados – com pouca ocupação, ou, então, os troncos queimados não são parte da estrutura do telhado e sim apenas troncos carbonizados, até porque a camada na qual parte dos troncos foi encontrada é considerada entulho; a segunda questão refere-se à data de 2.180 que contradiz a data de 1.000 do montículo. A última data deveria marcar o início de ocupação da casa, já que o montículo é indicado como o depósito dos sedimentos da construção das estruturas. A continuidade dos trabalhos deve trazer novos dados para o equacionamento dessas dúvidas.

FIGURA 34 Planta do sítio RS-AN-03



Fonte: COPÉ, Silvia M. & SALDANHA, João D. de M. Em busca de um Sistema de Assentamento para o Planalto Sul-Rio-Grandense: Escavações no Sítio RS-AN-03, Bom Jesus, RS. *Pesquisas. Antropologia*, São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas – UNISINOS, n. 58, 2002, p. 117.

Não podemos deixar de ressaltar as contribuições desse projeto, já que permitiu um

avanço considerável na identificação de áreas de atividade a partir da distribuição dos artefatos. Outra contribuição importante foi a definição da função dos montículos como depósito de sedimentos da construção das casas subterrâneas.

3.2.5 Projeto Vacaria/RS

O Município de Vacaria no nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, tem sido alvo de pesquisas arqueológicas desde o final da década de 1960, quando Eurico Miller faz levantamento de sítios por conta do PRONAPA. Posteriormente Arno Kern e equipe, na década de 1980¹² e, finalmente, o IAP desde 1998, desenvolve um projeto no Município.

O Projeto Vacaria, desenvolvido pelo IAP, compreende a Folha Vacaria SH.22-X-A-IV (MI-2937/1), abrangendo uma área de aproximadamente 25km de diâmetro, com altitudes entre 600m para a cota mais baixa e pouco mais de 1.000m para a mais alta; os sítios estão concentrados abaixo dos 800m. Nessa área foram identificados 21 sítios arqueológicos, sendo que 20 possuem casas subterrâneas e 1 é um abrigo com sepultamentos.

A partir da identificação dos sítios, 3 foram escolhidos para aprofundamento dos trabalhos. O primeiro foi o RS-A-27, um conjunto de 13 casas subterrâneas, 1 montículo grande e 1 médio. O segundo é o RS-A-29 que possui 40 casas e 1 montículo grande. Por último, o RS-A-28, que consiste em um abrigo com restos ósseos humanos. Os dois primeiros não distam entre si mais que 500m e o terceiro está a cerca de 5000m em linha reta deste conjunto.

O objetivo do projeto:

Dentro do objetivo geral, que é a caracterização do sistema de assentamento, os resultados alcançados são parcelas iniciais de conhecimento sobre a distribuição dos sítios no espaço delimitado e sua implantação no ambiente; a composição de três sítios escolhidos como primeiras amostras; a caracterização das estruturas

¹² As pesquisas desenvolvidas por Arno Kern e equipe já foram discutidas no item 3.2.2, neste capítulo, e as desenvolvidas por Erico Miller, no capítulo 1.

construídas e de seus espaços internos e externos de atividades; a caracterização dos artefatos líticos e cerâmicos e a distribuição dos refugos. (SCHMITZ et al., 2002, p. 12)

O Projeto Vacaria representa, na Arqueologia do Planalto Sul-Brasileiro, um dos poucos, senão único, conjunto de sítios que dispõem de dados relativos às casas subterrâneas, aos entornos e aos montículos. Isso permite uma visão mais abrangente de como os diferentes espaços de um conjunto se relacionam, e nesse sentido, cobrem uma das grandes lacunas da arqueologia do planalto, que é justamente a falta de uma visão de como se estruturam esses conjuntos. Em função disso, nos deteremos um pouco mais na sua descrição, valendo-nos da publicação dos seus resultados e do diário da última expedição realizada em janeiro de 2003.

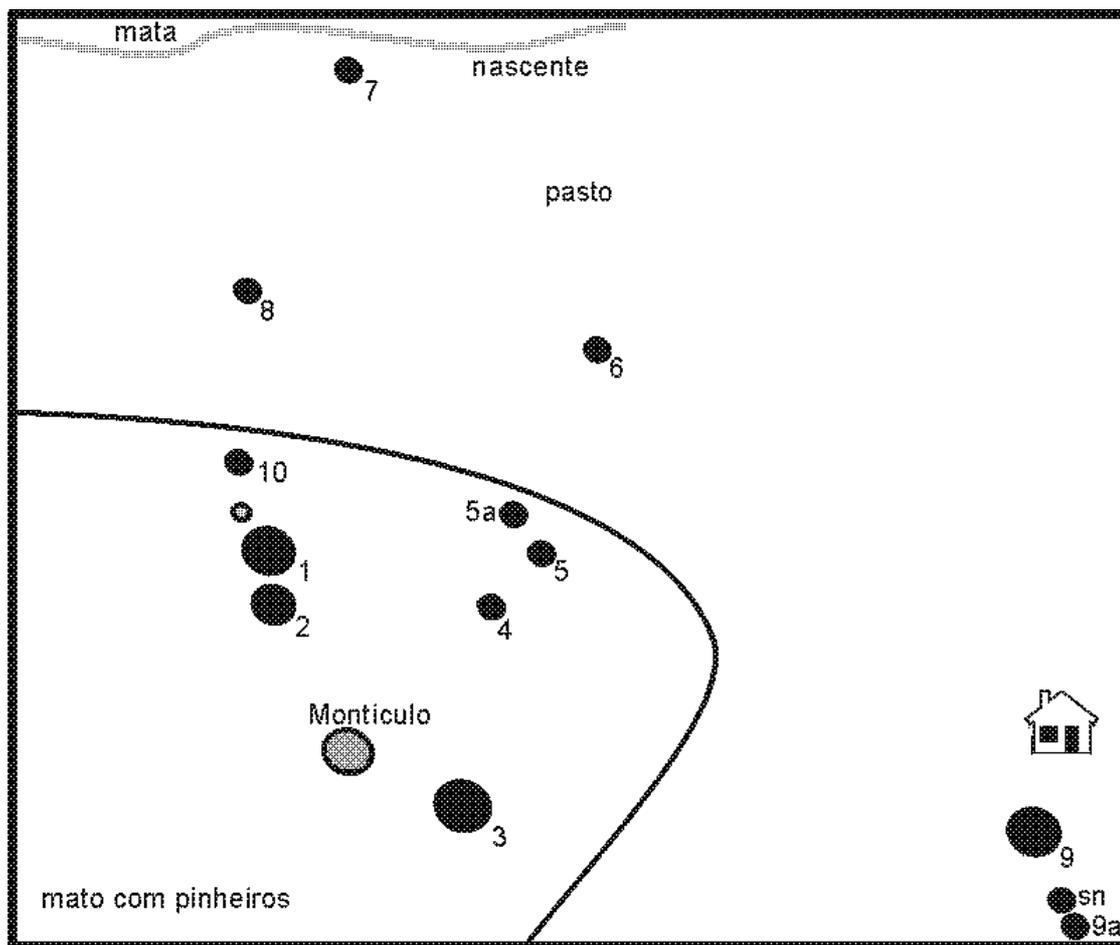
O primeiro sítio foi o RS-A-27 que está localizado em uma cota de 800m de altitude, sobre o divisor de águas dos Rios Quebra-Dentes e Refugiado. Parte do sítio está em uma área de campo e parte está no interior de uma mata, que deveria cobrir todo o sítio, mas as frentes de expansão colonial do século XIX a transformaram em pastagens.

O sítio, com uma superfície de aproximadamente 500m de extensão, possui 13 casas subterrâneas, um montículo grande e um médio.

Desse sítio, sofreram intervenções as casas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e o montículo maior; além de coleta de superfície, especialmente no entorno da casa 9. Ademais, foram feitos cortes estratigráficos com 1 x 1m nos espaços entre as casas subterrâneas, em intervalos regulares que receberam a denominação de *janelas*. Ao todo foram abertas 98 janelas.

As *janelas* mostram que existe material lítico e cerâmico disperso ao redor das casas e do montículo, sem haver um lugar específico para deposição secundária de lixo. Como os restos se foram acumulando dentro das casas sem removê-los, assim também eles foram abandonados nos lugares em que eram manipulados ou caíram, o que nos dá oportunidade de recompor, parcialmente, as atividades desenvolvidas nos arredores das casas e nos espaços entre elas. (SCHMITZ et al., 2002, p. 20)

FIGURA 35 Planta do sítio RS-A-27



Fonte: SCHMITZ, Pedro Ignácio. et al., O Projeto Vacaria: Casas Subterrâneas no Planalto Rio-Grandense. *Pesquisas. Antropologia*, São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas – UNISINOS, n. 58, 2002, p. 37.

A casa 3, em ambiente de mato, tem 14m de diâmetro e 2 de profundidade. Seu formato é o de uma depressão em calota de esfera. Na sua escavação foram constatados 7 níveis da superfície ao fundo.

O nível 1 é composto por sedimentos que se acumularam após o abandono da casa, concentrando-se o pouco material litocerâmico no centro. O nível 2 apresenta maior quantidade de material em comparação ao nível anterior e representa o final da ocupação da casa. No nível 3 percebe-se um aumento considerável de material, principalmente da cerâmica. Desse nível foram obtidas duas datas por termoluminescência: 673 ± 55 A.P. (LVD-625) e 900 ± 72 A.P. (LVD-624). O quarto nível apresenta maior quantidade de restos,

especialmente lítico. No quinto nível começa a declinar a quantidade de artefatos, especialmente os cerâmicos. Os dois últimos níveis apresentam pouco material, especialmente de cerâmica.

A quantidade de material recolhida nessa casa foi de 797 peças líticas e 887 fragmentos de cerâmica. Em termos de matéria-prima, predomina o basalto e, em menor quantidade, o quartzo cristalino ou amorfo, provindos da decomposição do próprio basalto, que deveria ser obtido localmente. A cerâmica pode ser simples, brunida, pinçada, ponteadada, unzulada, incisa, com impressão de cestaria, com impressão de corda, acanalada ou vermelha.

Especialmente no centro da casa o material está de tal maneira acumulado que não se consegue isolar fogueiras ou fogos individuais, porque elas se teriam repetido no mesmo lugar. Nas camadas mais superficiais da periferia a distribuição da cerâmica e a presença de cinzas com alguns grânulos de carvão são testemunhos ainda visíveis de fogueiras ou fogões. Essas fogueiras ou fogões geralmente eram armadas com alguns pequenos blocos ou seixos de basalto local, cujos restos, quebrados pelo fogo, constituem a maior parte do material lítico recuperado (pedras-de-fogão). Nos mesmos locais, sem indicar pontos específicos de trabalho, estão lascas unipolares, resíduos bipolares, fragmentos de lascamento e, em escala consideravelmente menor, núcleos, seixos, lascas com retoques ou marcas de uso, percutores, talhadores, raspadores, prismas trabalhados ou usados, raros artefatos polidos ou seixos com faces alisadas e, minimamente, estilhas.

A distribuição do material mostra que as atividades que deixaram restos (ligados principalmente à preparação de alimentos, como pedras-de-fogão e fragmentos cerâmicos) se acumularam, inicialmente, na parte central rebaixada; na medida em que esta ficou entulhada e se nivelou com a parede/piso descendente, estas atividades atingiram também o lado sul, onde a parede/piso é um pouco mais empinada. Ficaram desimpedidos, para circulação, os lados norte e leste, onde a inclinação da parede/piso é suave e a borda da casa mais baixa. (SCHMITZ et al., 2002, p. 22)

O sedimento obtido durante a construção dessa casa serviu, em uma pequena parte, para levantar a borda leste da estrutura e para construção do montículo maior, distante 45m.

O montículo, com dimensões de 12m de comprimento por 11m de largura e uma altura de 1,1m, apresentava no seu entorno uma depressão em quase todo o seu perímetro. Nele foi escavada uma trincheira de 1m de largura que percorreu do topo até a base. Os sedimentos encontrados são de cor avermelhada, compactos e com pouco material arqueológico, algumas poucas peças líticas (22) e apenas 4 fragmentos cerâmicos simples.

O que chama a atenção na escavação do montículo é que na sua base, sobre o solo

natural, foram encontrados restos de uma fogueira grande e circular com bastante carvão e 4 fragmentos cerâmicos de uma mesma vasilha. O bom estado de conservação da fogueira sugere que essa seja contemporânea do início da construção do próprio montículo, caso contrário as chuvas a teriam destruído. Dessa fogueira foi coletada uma amostra do carvão a partir da qual obteve-se a data de 870 ± 60 A.P. (Beta-144247), indicando a idade máxima do montículo, coerente com as datas obtidas na casa 3.

A casa 2, com dimensões de 10,5m de diâmetro e 2,33m de profundidade, foi escavada no basalto em decomposição com um sedimento bastante cascalhento, facilmente desmoronando suas paredes. Essas são bem mais inclinadas em relação à casa 3, especialmente nas paredes norte, oeste e sul. A parede leste, menos inclinada, deveria ser o ponto de acesso. Está a menos de 10m da casa 1 e a cerca de 33m do montículo.

Os trabalhos nessa casa foram duas trincheiras: a primeira do centro em direção à parede leste e a segunda, também do centro, em direção à parede sul, ambas com 1m de largura; a primeira trincheira com 5m de extensão e a segunda com 5,5m, ambas atingindo a borda da casa. Além dessas, foram feitos mais 2 cortes de 1 x 1m contíguos às trincheiras.

O comportamento das camadas dessa casa obedece à seguinte seqüência: uma primeira composta por húmus recente; uma segunda com menos matéria orgânica e mais cascalho; a terceira camada é predominantemente escura, na qual são encontradas pequenas fogueiras organizadas com pedras para suportar panelas, pouco carvão, nós-de-pinho, artefatos líticos como um talhador e uma lasca. Em uma dessas fogueiras, no centro da casa, foi encontrada uma vasilha inteira. Abaixo dessa camada, apenas a base do sítio.

Para essa casa foram obtidas duas datas. Uma logo acima da camada sobre o piso de ocupação é de 520 ± 60 AP (Beta-144245) Cal 1.381-1495 A.D., associada à camada 3. Uma segunda associada à segunda camada, entre 30 e 40 cm de profundidade de 30 ± 50 A.P. (Beta-144246), que significa uma ocupação recente do sítio, por volta de meados do século

XIX.

A casa 1 está localizada próxima à casa 2, possui 12m de diâmetro por 1,7m de profundidade. Nela foi feita uma trincheira que a cortou de lado a lado, no sentido oeste-leste.

O perfil da trincheira mostra uma fina camada húmica com algum material, que pode indicar uma passagem recente; uma camada subsuperficial com saibro, sem material (rolada do aterro da borda direita, ou colocada intencionalmente antes de reocupação?); uma camada escura com abundante material; o solo original de saibro solto e cascalhento.

O material lítico e cerâmico, de forma geral, foi encontrado sobre o piso, bastante inclinado e menos nas camadas que, por acumulação, se foram horizontalizando; mais no centro da casa, onde a camada de ocupação é espessa. Ali há bastantes pedras, artefatos líticos, cerâmica e carvão. (SCHMITZ et al., 2002, p. 28)

Da camada inferior, rica em material, foi retirada uma amostra para datação da qual obteve-se a data de 298 ± 30 anos A.P. (LVD-621).

O sedimento retirado da sua construção foi depositado em parte na própria borda da casa, tanto no lado mais alto, para evitar a entrada da água, como na parte mais baixa, para deixá-la nivelada com a parte alta, formando assim um anel junto à parte mais alta. O restante foi acumulado em um pequeno montículo a cerca de 7m de distância com 4m de diâmetro por 0,42m de altura.

A outra casa escavada foi a 4. Uma casa menor com 4 m de diâmetro e 30cm de profundidade. Está a 43m da casa 1, da casa 2 está a 50m e da casa 3 são 60m.

Está escavada no basalto decomposto, o que confere uma cor vermelha e consistência compacta ao sedimento. A escavação dessa casa foi uma trincheira de 4m de extensão, cortando-a de lado a lado, e 1m de largura, permitindo perceber o centro da estrutura e suas paredes.

Na sua escavação foram constatadas 4 camadas. A primeira são sedimentos escuros, húmicos, com muitos restos orgânicos e nada de material arqueológico. Na segunda camada os sedimentos são areno-argilosos, marrom escuros, com pouco material arqueológico. A terceira camada são sedimentos argilosos avermelhados em forma de uma

lente, sem apresentar material arqueológico. A quarta e última delas é escura e apresenta material arqueológico.

No centro da casa foi encontrado um aglomerado de pedras, que foi interpretado como o apoio de um esteio central para uma cobertura, que deveria ser maior que a casa pois senão deixaria a casa demasiadamente pequena, e no centro desse aglomerado havia um espaço suficiente para acomodar um poste. O material arqueológico recuperado foram 62 artefatos líticos entre lascas, núcleos, fragmentos, bipolares, percutor, pedras-de-fogão, seixos, raspadores, além de 8 fragmentos cerâmicos, sendo 3 simples e 5 pinçados. Chama atenção ainda que em uma janela escavada na borda desta casa, janela 1, foi encontrado um pequeno disco cerâmico, 2cm de diâmetro por 0,9 de espessura com 2 furos lembrando um botão.

Nessa casa foi obtida a data 116 ± 15 A.P. (LVD-620).

A casa 5 possui 5m de diâmetro e uma profundidade de aproximadamente 40cm. O trabalho nessa casa foram dois cortes, um com 1 x 2m e outro que foi um prolongamento deste por mais 70cm, chamado de corte II. No centro foi encontrada uma depressão de 30cm de diâmetro, cercada por pedras, que deve corresponder ao esteio central, e no entorno dessa depressão concentra-se o material arqueológico, que são 139 artefatos líticos entre núcleos, lascas, percutores, pedras-de-fogão, talhadores, raspadores; e 25 fragmentos cerâmicos, sendo 5 simples, 3 pinçados, 2 ponteados, 13 ungulados, 1 com impressão de cestaria e 1 massa preparada.

A estrutura propriamente não foi datada, apenas uma amostra de cerâmica obtida em uma janela que estava no seu entorno, a qual serve como referência para a casa. A data foi 336 ± 31 anos A.P. (LVD-627).

A casa 6, com 3,5m de diâmetro e 0,30cm de profundidade, estava na verdade bastante entulhada, tanto que após a escavação atingiu 1,40m de profundidade, contra os

30cm iniciais, até porque está em um campo que foi cultivado. Em termos de localização, está mais distante do núcleo central da aldeia, na encosta que termina em um pequeno córrego, e a distância da casa 5 é de 125m.

A casa foi construída como as outras, que estão em terreno com uma declividade maior. Primeiro se criou uma superfície aplanada no declive, com uns 8 m de diâmetro, retirando a terra do lado mais alto e depositando-a no lado mais baixo; dentro deste espaço, aproximadamente circular, criou-se, como centro da habitação, uma depressão semi-esférica, bastante menor (3,50m de diâmetro e 1,40m de profundidade), ficando o todo como um chapéu invertido, com aba e copa. (SCHMITZ et al., 2002, p. 32)

A escavação da casa evidenciou ao menos 4 camadas. A primeira corresponde ao solo atual, com a respectiva quantidade de humus. A segunda é mais escura com indícios de queima, que pode ser originária da transformação do mato em roça ou campo pelos colonos luso-brasileiros. A terceira camada é bastante compacta, com carvão que deve corresponder à ocupação da casa. A quarta é areno-argilosa com material lítico e um fragmento de cerâmica lisa, grânulos grandes de carvão e dois pinhões calcinados. Junto à fogueira, no centro da casa, foi encontrado um núcleo de lascamento com cerca de 30cm de diâmetro, assentado sobre um bloco de tamanho médio rodeado por outros menores e acompanhado por bastante carvão. O fundo da casa alcançou 140cm.

Em toda a escavação foram encontrados 6 fragmentos cerâmicos (2 simples e 4 ponteados) e 228 líticos (lascas, núcleos, fragmentos, pedras-de-fogão, seixos, talhador, raspadores, polidores). Na profundidade entre 80 e 100cm foi retirada uma amostra de carvão que permitiu uma data de 870 ± 50 A.P. (Beta-144244) Cal 1.030-1.265 A.D.

A casa 7 está próxima ao córrego a uma distância de menos de 10m e portanto distante das demais casas desse sítio. Ela se apresenta como uma pequena depressão semi-esférica, com 2,7m de diâmetro e 80cm de profundidade que se estende por um alongamento mais raso e estreito, terminando em outra depressão semi-esférica, porém menor que a anterior. O sedimento retirado da escavação dessas casas foi depositado no entorno mais

baixo das depressões, formando uma plataforma que nivela ambos os lados.

O trabalho realizado consistiu na limpeza de uma área quadrada com 8,5m de lado, procurando evidenciar as estruturas que compõem essa casa.

A casa fora feita num pequeno espaço menos inclinado, ao pé de um declive acentuado, perto do córrego, que nasce de alagados próximos. A leste da casa está uma depressão bastante úmida, por onde deságua um alagado; do lado oeste um declive pedregoso. O espaço era suficiente somente para a casa, mas estava mais perto de água corrente que as outras.

No fundo da depressão maior, que representava o piso rebaixado da casa, havia uma camada de carvão e madeira não totalmente carbonizada, com uns 10 cm de espessura, delimitada por algumas pedras que tinham sido para ali trazidas. Ao lado da fogueira havia um depósito de alguns nós-de-pinho, bastante conservados, claramente ali deixados como reserva de combustível. Parte do carvão da fogueira também provinha deste tipo de material. Dentro da fogueira foram achadas duas lascas grandes, comprovando sua origem indígena.

No corredor, que ligava a depressão maior à menor, também havia carvão, porém mais espalhado, além de nós-de-pinho dispersos, uma lasca de basalto e dois cacos de vidro verde de um pequeno recipiente, semelhante a um vidro de remédio.

Na depressão menor, no fim do mencionado corredor, havia algum carvão espalhado, ao menos uma lasca legítima e um depósito maior de nós-de-pinho (ao menos 15, de diversos tamanhos), bastante conservados. (SCHMITZ et al., 2002, p. 33-34)

O material encontrado no interior da casa foi uma pedra com superfície alisada, 4 lascas e 2 fragmentos de vidro; na periferia foram achadas 11 lascas, 10 núcleos, fragmentos, pedras-de-fogão, blocos, raspadores e talhadores. Não foram encontrados fragmentos de cerâmica. Na depressão maior foi obtida uma data a partir de amostras de carvão, de 40 ± 60 anos A.P. (Beta-144243).

A casa 8 localiza-se a cerca de 123m da casa 1 e a 130m da 6. Atualmente é difícil de ser identificada em função do intenso assoreamento que sofreu, ficando visível pela diferença da vegetação ou quando essa está baixa, de maneira que fica difícil determinar suas dimensões. Dessa forma, a área trabalhada tem cerca de 12m de diâmetro, o que corresponde ao espaço que deve ter abrigado a casa.

Conforme já mencionamos, este sítio (RS-A-27) possui 13 casas; 8 sofreram intervenções e seus dados foram aqui descritos. Quanta as outras (em número de 5), apresentamos suas dimensões: casa 5a com 2m de diâmetro e 40cm de profundidade; casa 9

com 17m no diâmetro maior e 10m no menor e 1m de profundidade; casa 9a com 2m de diâmetro e 20cm de profundidade; Casa 9b com 2m de diâmetro e 20cm de profundidade e, finalmente, a casa 10 com 6m de diâmetro e 20cm de profundidade.

Para se obter uma visão clara do sítio como um todo, além da escavação do montículo e das 8 casas subterrâneas, foram realizados mais 98 cortes estratigráficos (as janelas) no entorno das casas (conforme foi citado anteriormente). Passemos agora a descrever estas janelas.

Ao redor da casa 3 e do montículo foram abertas 30 janelas, todas de 1x1m com uma distância regular de 5m entre elas. A partir dessas escavações foi identificada uma área de intensa atividade com bastante cerâmica – 1.494 fragmentos –, e lítico – 932 fragmentos –, ambos restritos a uma área de 23m² ao lado da casa. Os restos de fogueiras e o material associado não sugerem tratar-se de uma lixeira, mas de um espaço de atividades cotidianas no lado externo.

Em uma dessas quadrículas (C2002A) foi coletada uma amostra de cerâmica para datação: 780 ± 64 anos A.P. (LVD-623), o que sugere que a ocupação do espaço externo é contemporâneo da casa, a qual apresenta duas datas: uma de 673 ± 55 A.P. (LVD-625) e 900 ± 72 A.P. (LVD-624).

Demais quadrículas não repetem a mesma quantidade de material, apenas alguns fragmentos. A que tem maior quantidade possuía 27 fragmentos cerâmicos.

A mesma estratégia foi adotada ao redor das casas 1 e 2, nas quais foram escavadas mais 36 janelas. Dessas, apenas 4 não tinham material arqueológico. As demais sempre apresentaram ora cerâmica ora lítico, e em 4 (janelas 4, 6, 7 e 10) foram encontrados materiais que evidenciaram atividades específicas, como produção de artefatos e preparo/processamento de alimentos.

Na janela 4, que foi expandida em área para 4m², foram encontrados 58 artefatos

líticos e 109 fragmentos cerâmicos, muito provavelmente de apenas 2 painéis que se partiram. A janela 6 evidenciou um espaço de retalhamento e produção de artefatos líticos, testemunhado pela quantidade de 279 peças em apenas 3m² e mais 2 fragmentos de cerâmica. Na janela 7 evidenciou-se outro espaço de produção de artefatos com mais 242 peças líticas em apenas 1,5m². A janela 10 por sua vez testemunhou uma fogueira entre dois blocos de basalto, acompanhado por 10 artefatos líticos e 1 fragmento de cerâmica.

Ao redor da casa 4 foram feitas mais 5 janelas. Na janela 1 foi encontrado um fragmento simples e um botão (um disco com 2 furos, 2cm de diâmetro e 0,9cm de espessura), ambos feitos de cerâmica; na janela 2 foram encontrados 2 fragmentos líticos; na janela 3 identificou-se uma área de lascamento com 61 fragmentos líticos mais 1 fragmento de cerâmica; nas janelas 4 e 5 foram identificados 4 e 3 fragmentos líticos, respectivamente, além de um fragmento de cerâmica simples na primeira.

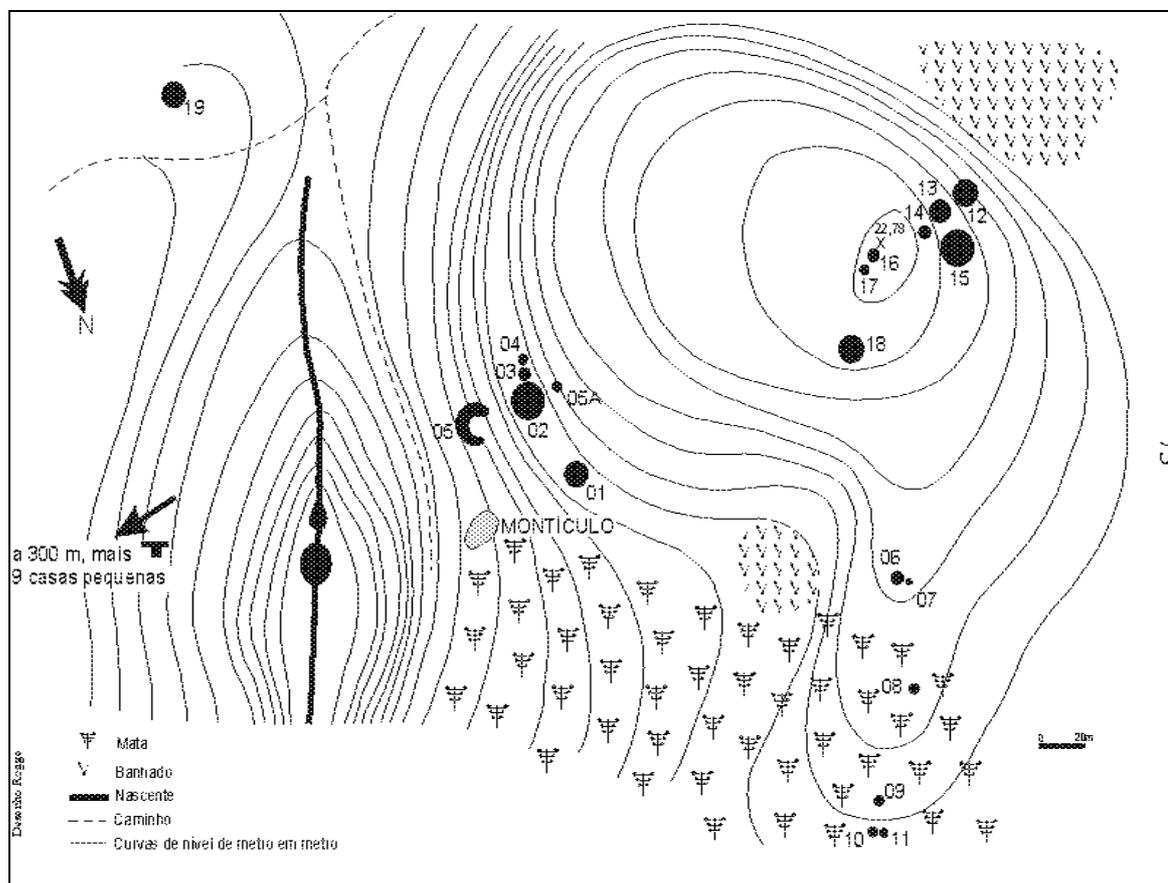
No entorno da casa 5 foram escavadas mais 3 janelas que permitiram vislumbrar parte das atividades externas à casa. A janela 1 teve um fragmento de cerâmica simples, uma massa preparada também de cerâmica, além de 14 artefatos líticos. A janela 2 foi mais rica ainda, tinha 12 fragmentos de cerâmica (1 simples, 1 brunido, 6 ponteados e 4 unguilados) e 17 artefatos líticos. Nela obteve-se ainda uma data de 336 ± 31 anos A.P. (LVD-627). A janela 3, por sua vez, evidenciou um local de lascamento com 198 artefatos, tanto que foi estendida para mais 1m².

O segundo sítio escavado nesse projeto foi o RS-A-29, que se localiza na propriedade do Sr. Pedro Vieira e dista do RS-A-27 (o primeiro) não mais de 500m, e do RS-A-28 (terceiro) 5.000m em linha reta.

Esse segundo sítio está parte em campo aberto parte em mata com araucária. Toda a área deve ter sido coberta por mata, entretanto uma porção foi desmatada, tanto para pastagens como para áreas de cultivo. A mata remanescente está fortemente alterada pela

exploração das espécies nobres de madeiras e pela extração de lenha.

FIGURA 36 Planta do sítio RS-A-29



Fonte: SCHMITZ, Pedro Ignácio. et al. O Projeto Vacaria: Casas Subterrâneas no Planalto Rio-Grandense. . *Pesquisas. Antropologia*, São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas – UNISINOS, n. 58, 2002, p. 71.

O sítio ocupa um espaço de uns 500m de extensão, com perto de quarenta casas e um montículo. As casas estão distribuídas em conjuntos.

Conjunto 1, localizado na pendente leste da colina, compõe-se de três casas grandes, três pequenas e o montículo. São as casas 1, 2 e 5 (grandes) e 3, 4 e 5a (pequenas), e o montículo. As casas estão no pasto e o montículo na borda do mato. As casas estão próximas da nascente e de um fundo banhado permanente.

Conjunto 2, localizado na alta pendente da mesma colina, no pasto, junto a pequeno banhado temporário, hoje drenado; dista do anterior uns 160m; compõe-se das seguintes casas: 12, 13 e 15 (grandes), 14, 16 e 17 (pequenas), sobre o topo; 18 (grande), na pendente em direção ao mato.

Conjunto 3, localizado na proximidade da casa do proprietário; compõe-se de 6 casas pequenas, no topo de uma derivação da colina em que está o conjunto 2. Casas 6 e 7 estão no pasto; 8 a 11 estão no mato; na proximidade existe pequeno espaço alagado durante chuvas prolongadas.

A 179m do conjunto 1, em direção oeste, dentro de um pequeno bosque de pinheiros novos, junto a uma mata, existe uma casa isolada (19), aparentemente pequena ou média, em suave declive, perto da nascente e do banhado permanente.

Conjunto 4, em direção leste com relação ao conjunto 1, do qual dista aproximadamente 300m, num declive bastante acentuado e pedregoso, em campo aberto, foram localizadas numerosas casas pequenas; numa inspeção visual, 9 foram consideradas certas e 11 duvidosas por dependerem de sondagens para confirmar sua

origem. Estão bastante perto do pequeno curso de água que surge da nascente. (SCHMITZ et al., 2002, p. 63-64)

Passemos a descrever a casa 1, o montículo, a casa 2, a casa 3, a casa 4, a casa 8, a casa 13, a casa 12 e a casa 16.

A casa 1 possui um diâmetro de 11,7m e uma profundidade de 1,75m, que após a escavação revelou uma camada arqueológica de 50cm. Sua forma é a de uma semi-esfera. Está na área de campo, recoberta por grama; localizada na meia encosta, tendo uma diferença de altura entre as bordas, na qual a inferior é obviamente mais baixa, apesar do acúmulo intencional de sedimentos que não foi suficiente para nivelar com a borda de cima.

O trabalho nessa casa foi um corte de 2,5 x 2,5m. A escavação identificou 4 camadas. A camada 1, superficial, continha capim e raízes, poucos artefatos líticos e uma fina camada de carvão. A camada 2 é composta por um sedimento preto sem carvão granulado e com pouco material. A camada 3 é de cor preta com carvão e cinzas. A última é composta por uma argila vermelha compacta, e na parte mais baixa já percebe-se o piso rochoso. Sobre ele foi encontrada uma fogueira de 50cm de diâmetro e 1,5cm de espessura, com bastante carvão granulado, do qual foi retirada uma amostra que resultou na data de 680 ± 80 AP (Beta-153842) Cal 1.238-1425 A.D.

Nessa mesma casa 1 foram encontrados: fragmentos cerâmicos (77 simples, 16 pinçados, 2 ponteados, 6 ungulados, 1 com impressão de cestaria), 1 pé de boneca de barro, 122 artefatos líticos (19 lascas – 2 com marcas –, 30 núcleos, 28 fragmentos, 4 bipolares, 3 raspadores, 1 seixo com alisamento).

O montículo constante nesse sítio está na borda do mato. Sua construção deve ter sido feita com os sedimentos provenientes da escavação da casa 1, visto que sua estratigrafia aparece invertida se comparada com a daquela casa. Dessa forma, suas idades devem ser as mesmas. Sua dimensão é de 17,5m no maior comprimento e 11,5m no menor; sua altura máxima alcança 1,55m.

No seu topo foi feito um corte estratigráfico com níveis artificiais de 10cm, que atingiram a profundidade de 1,4m, sendo identificadas 3 camadas naturais. A primeira é composta por grande quantidade de fragmentos de basalto em decomposição, com muitas raízes, coloração escura e com uma espessura máxima de 50cm. A segunda camada é de cor marrom mais clara com muitos pedregulhos e lentes de sedimentos mais escuros; sua espessura máxima é de 90cm. A terceira camada corresponde ao embasamento natural e assemelha-se ao entorno, devendo portanto ser a base do montículo.

Em termos de material não foram encontradas evidências de artefatos, quer cerâmicos, quer líticos, e nem tampouco carvão, de tal forma que a melhor hipótese é a de que se trate realmente de depósito dos sedimentos originários da construção da casa 1, conforme mencionamos acima.

A casa 2, maior que a casa 1, está no campo, recoberta com gramíneas. Seu diâmetro é de 14,5m e sua profundidade é de 2,04m. Parte dos sedimentos retirados foram depositados na borda inferior da casa com o objetivo de nivelar ambos os lados.

O trabalho realizado foi a escavação de 3 trincheiras posicionadas no centro: a primeira com 3m, a segunda e a terceira com 4m cada; todas com 1m de largura.

Nessas escavações percebeu-se 4 camadas. A primeira é o entulho correspondente à ocupação recente, associada às frentes de colonização; possui muitas raízes e carvão das queimadas recentes. A segunda camada é argilosa de cor marrom escuro. A terceira é escura, mais espessa no centro, com muita cinza misturada e alguns artefatos concentrados no centro. A quarta camada é marrom escuro, com a quase totalidade de material, composto de fragmentos de cerâmica (103 fragmentos, a maioria simples), artefatos líticos (36, sendo 30 deles pedras-de-fogão).

O piso da casa, bastante amplo, era um pouco inclinado, acompanhando o declive geral do relevo. No lado do aclave a parede sobe mais lentamente que no lado oposto, onde ela é mais empinada. As camadas de ocupação acompanham a inclinação de piso/parede e afinam na medida em que essa se vai levantando,

formando como uma lente espreada. O material é escasso. Na trincheira C a camada escura se torna mais preta, tem mais carvão e um resto de fogueira, armada com dois seixos de basalto (um de uns 20, outro de uns 10 cm), ao redor e por baixo do qual existia cerâmica e material lítico de boa matéria-prima. (SCHMITZ et al., 2002, p. 67)

A casa 3 está localizada ao lado da casa 2, separada desta última apenas por uma parede. Possuía 4,5m de diâmetro e 30cm de profundidade. A camada arqueológica alcançou 1,15m. Foi cortada por uma trincheira de 1m de largura por 3m de comprimento.

A estratigrafia apresenta uma primeira camada superficial, humosa, com raízes e grânulos de carvão. Essa camada é sucedida por outra escura, com carvão granulado e nós-de-pinho parcialmente queimados. Até essa profundidade não foram encontrados artefatos indígenas, portanto os nós-de-pinho podem ser de queimadas recentes.

A terceira camada possui uma cor marrom escuro, argilosa, sem carvão. Na sua base encontram-se os artefatos arqueológicos e lentes de carvão que deveriam ser fogueiras pequenas, formando concavidades levemente abauladas, com 30 a 50cm de diâmetro. Dessas fogueiras foi recolhido carvão para datação, do qual foi obtida a data de 380 ± 60 AP (Beta – 153843) Cal 1.442-1.645 A.D.

Quanto ao material arqueológico, foram 22 fragmentos de cerâmica e 14 artefatos líticos.

A casa 4 está no mesmo conjunto formado pelas casas 02 e 03. Trata-se de uma estrutura pequena com 36cm de profundidade e 4m de diâmetro, identificada pela grama mais verde e viçosa, fruto do maior acúmulo de matéria orgânica da depressão. A camada arqueológica alcançou 70cm de profundidade. Foi aberta uma trincheira de 3m de comprimento por 1 de largura, cortando a casa de lado a lado.

As camadas são as mesmas das outras casas: superficialmente mais húmus, depois uma lente escura com algum carvão esparsos e um pouco de cerâmica, especialmente na sua base, sobre uma parede lateral, onde também havia lítico. Apesar de rasa, via-se bem a depressão cavada na argila vermelha e seu recheio, com as camadas acompanhando a forma da depressão. A camada escura e a que está por baixo ocupam a parte central da casa.

Foram recuperados 29 fragmentos cerâmicos: 21 Simples, 5 Pinçados, 1 Pontado, 2 Ungulados. 5 líticos: 1 núcleo, 2 fragmentos, 1 bipolar, 1 seixo. (SCHMITZ et al., 2002, p. 69)

A casa 8 faz parte de um conjunto de outras 6, todas de pequeno tamanho. Essa possui 3,6m de diâmetro e 45cm de profundidade, mais 70cm de camada arqueológica. Devido as suas pequenas dimensões, foi escavada em sua totalidade.

A casa foi escavada em quatro quadrantes, cada um abrangendo o centro e a borda. O quadrante 1 tinha pouco material; o quadrante 2, oposto ao 1 [em posição], também; o quadrante 3 tinha uma certa quantidade de cerâmica e lítico (especialmente seixos) contra a parede e o piso, desde a borda superior até o centro do piso; o quadrante 4, oposto ao 3, tinha principalmente material lascado e uma certa quantidade de lascas pequenas provenientes de retalhamento local. Existe ainda um material de superfície. A oposição entre o quadrante 3 e o quadrante 4 poderia sugerir lugares de trabalho dentro da casa. (SCHMITZ et al., 2002, p. 69)

A partir do perfil foram identificados ao menos 2 camadas. A primeira húmica, com raízes; a segunda é argilosa, de cor marrom escura, com carvão e pouco material arqueológico. Abaixo dessa camada está a base formada pela argila vermelha, que é o basalto em decomposição. Nessa casa foram identificados 87 fragmentos de cerâmica, dos quais 81 possuem decoração simples. Além disso, 57 artefatos líticos, em sua maioria lascas e fragmentos.

A casa 13 perto do mato está junto de um conjunto de 3 outras casas pequenas e mais 3 grandes. Ocupa uma depressão que pode ter abrigado outras casas atualmente entulhadas.

O seu tamanho desta casa é de 9m de diâmetro com 35cm de profundidade, a espessura da camada arqueológica é de 1,1m na parte central. Para o levantamento, foi feito uma trincheira de 1m de largura por 5m de comprimento.

As camadas são as mesmas das outras casas: uma camada húmica com um pouco de lítico; sedimentos de coloração marrom claro; sedimentos escuros com carvões e cinzas nos quais se encontrava um bloco rochoso (transportado) de uns 50 x 30cm, que forma o centro do fogão, ao redor e por baixo do qual havia bastante material, tanto cerâmico quanto lítico; camada argilosa granulosa, com muito material lítico e cerâmico. O substrato é argila vermelha, decomposição do basalto. (SCHMITZ et al., 2002, p. 70)

Foram recuperados 25 fragmentos de cerâmica e 153 de lítico.

A casa 12 possui 6m de diâmetro e foi bastante perturbada pela ação das frentes de colonização, quando da implantação dos pastos de gramíneas que ainda hoje a recobrem. Foi também utilizada como depósito de lixo da população atual que lá depositou troncos de árvores semi-carbonizados e enterrou animais mortos (uma vaca e um bezerro).

O trabalho nessa estrutura foi a escavação de toda a sua superfície, procurando compreender a distribuição do material arqueológico e os processos pós-deposicionais.

A primeira constatação é de que a casa muitas vezes é vista como maior do que de fato teria sido. Na publicação de 2002 (SCHMITZ et al., 2002) a casa 12 é descrita com 11m de diâmetro e 1,3m de profundidade. Porém, quando escavada, percebe-se que parte de sua borda ou foi alterada ou fazia parte da depressão natural, de tal forma que o real diâmetro da estrutura era de 6m. Devido ao ineditismo dos dados, citamos o relatório da escavação:

A casa 12 teria aproximadamente 6m de diâmetro. Na superfície havia grandes blocos de pedra. Na primeira camada (três níveis), de coloração marrom escuro, havia também pedras grandes e médias, muitos nós-de-pinho jogados, outros de uma árvore aí nascida, tocos semi-carbonizados e alguns artefatos grandes (núcleos e talhadores), junto com raros fragmentos cerâmicos. Aproximadamente no centro da depressão havia sido enterrados, numa cova circunscrita, restos de animal vacum adulto e de um animal jovem (vaca e bezerro). Por baixo desta primeira camada de entulho existia um estrato argiloso escuro de uns 20cm de espessura no centro, que adelgava em direção às bordas; ela repousava sobre a camada de ocupação indígena e não possuía material arqueológico. Por baixo dela estava a camada arqueológica de um pouco mais de 20cm de espessura, que continha bastante material, que permanecera no lugar, quando a casa fora abandonada, e estava intacto, perfeitamente preservado. O substrato (piso da casa) era argila, que na profundidade do piso se torna mais saibrosa.

A superfície do entorno da casa 12 foi nivelado com o trator de tal forma que alguns artefatos são encontrados na camada superficial da casa que são provenientes deste trabalho de nivelamento. Esse nivelamento por sua vez, também destruiu os montículos e possíveis atividades de nivelamento que deixaram de ser evidentes.

A casa teve uma só ocupação, com uma certa permanência, e os materiais ficaram no lugar onde se encontravam quando a mesma foi abandonada.

Além de material que aparece disperso, há lugares com cerâmica agrupada e material lítico agrupado, indicando lugares de trabalho, ou de abandono de potes mais ou menos inteiros. Inicialmente se tinha a impressão de que, no caso da cerâmica, se tratava cada vez de uma só panela, mas ao recolher os cacos se percebeu que os conjuntos se compunham de fragmentos representativos de panelas diferentes, grandes e pequenas associadas, pertencentes a dois ou mais recipientes. O material está espalhado em quase toda a superfície, mas não com igual intensidade e significado. Junto a conjuntos líticos (do lado e por debaixo) há carvão granulado e camadas escuras de cinza. Pode ser que se trate de fogueiras individuais ligadas ao lítico, mas é mais provável que, por razões não conhecidas, o carvão e a cinza se tenham conservado melhor na proximidade das pedras (onde não seria pisoteado

nem mexido). No nível mais baixo e diretamente sobre o piso existem grânulos esparsos e lentes de cinzas.

Com uma exceção, não se vêem fogueiras organizadas com pedras-de-fogão como no RS-A-27 e no centro não há blocos para sustentar o telhado; o centro, pelo contrário, é bastante limpo e desimpedido. Existem ali duas manchas escuras circulares, de perto de 15cm de diâmetro, mas delas não se pode fazer inferência para esteios do teto por causa das raízes que penetraram no solo e deixaram marcas semelhantes.

A cerâmica é variada, aparecendo fragmentos alisados, ponteados, impressos diversos, brunidos. As formas parecem ser as comuns da tradição, como foram publicadas para Vacaria. Há formas simples grandes, como a peça encontrada inteira na casa 2 do RS-A-27 e pequenas; a cerâmica decorada normalmente é pequena. Também foram encontrados dois fragmentos grandes do que parece ser um prato, com borda bem rasa e base plana, de uns 20cm de diâmetro; esta forma que, até hoje, não tinha sido registrada. A presença de vasilhas grandes não tinha sido destacada até agora e precisa ser examinada em termos sociais.

O material lítico, em sua maior parte, é composto por lascas de tamanho médio, com gumes naturais cortantes e formato com certa padronização, além de raspadores, prismas naturais usados, percutores e até ao menos uma mó sobre um bloco de cristalização fina, com uma face alisada e um pouco deprimida. Pequenas lascas, correspondentes a redução de núcleos ou acabamento de peças, são muito raras, indicando que o retalhamento inicial e mesmo o trabalho secundário devem ter sido realizados do lado de fora da casa. As lascas médias, reunidas nos mesmos pequenos espaços, dão a impressão de que foram retiradas de um mesmo núcleo, sem maiores perdas e ali ficaram deitadas. Rejuntando as peças pode-se ter uma idéia da técnica usada e da perícia do talhador. Os locais de lascamento estão nos quadrantes 2 e 3, junto à borda mais baixa, onde deveria encontrar-se a abertura da casa e haveria mais luz. A matéria-prima lítica é consideravelmente melhor do que a do RS-A-27 e há muito pouco quartzo lascado. (SCHMITZ, 2003, p.10)

Para essa casa – a 12 – foi obtida uma data de 370 ± 50 A.P. (Beta 178089) Cal

1.440-1.650 A.D.

Com relação à casa 16, escavada na mesma oportunidade e com os mesmos objetivos, citamos também o relatório dos trabalhos:

A depressão da casa 16, com aproximadamente 5m de diâmetro, escavada no topo aplanado da colina, também estava fortemente entulhada. Nela foi mais difícil distinguir o entulho e as camadas arqueológicas originais, só no fim da expedição se conseguiu alguma clareza sobre sua história.

Nela, em grandes linhas, temos os seguintes momentos: a camada superficial (três níveis), saibrosa, marrom, depositada pelo trator por ocasião do nivelamento do terreno, se distribui irregularmente pela superfície. Dentro dela, numa das metades, há muitas pedras, desde blocos e pedras médias e na outra metade aparece material lítico pequeno, que se supõe arrastado pelo trator ao nivelar os calombos dos arredores, mas que também poderia estar na posição original, junto da borda, porque aparece em cima do substrato natural da mesma, indistinguível do entulho.

Na parte central da depressão uma grossa lente de carvão(uns 20 a 25cm de espessura no centro), tocos e nós-de-pinho, provenientes da queimada da área (seu Pedro informa que a vegetação dos arredores, no seu tempo, era um capoeirão); um dos tocos remanescentes, mesmo depois de concluída a escavação, ainda mostrava a base de uma árvore de uns 15cm de diâmetro, que fora cortada por ocasião da limpeza do campo. Nesta camada só havia material arqueológico esporádico.

Por baixo estava a camada arqueológica intacta, marrom escuro, tendendo a cinza, mostrando, primeiro, pouco material cerâmico e lítico e, nos níveis 11 a 13 ,

mais material e, no fim, uma estrutura de pedras, que formava um pavimento bastante fechado, coberto por uma camada escura de carvão e cinza, muita cerâmica e lítico lascado.

A casa era mais funda e as paredes mais empinadas que na 12, ocupando o fogão central todo o espaço, como nas outras casas pequenas, especialmente a de número 6 do RS-A-27.

A casa teve uma só ocupação, durante certo tempo e os restos estavam preservados no lugar. (SCHMITZ, 2003, p.12)

Para essa casa foi obtida uma data de 710 ± 60 A.P. (Beta 178090) Cal 1.224-1.402

A.D.

O terceiro sítio trabalhado no projeto foi o RS-A-28, que corresponde a um abrigo com sepultamentos humanos, conhecido como "Perau das Cabeças". É formado por 3 pequenas grutas que serviram de jazigo para os habitantes das casas subterrâneas.

Com a finalidade de facilitar a identificação e a análise, as grutas foram denominadas como A, B e C. A maior e mais rica em restos esqueléticos foi designada gruta B, estando à sua esquerda a gruta A com quantidade reduzida de ossos e à sua direita a gruta C com um número significativo de remanescentes, as quais medem, respectivamente 60, 90 e 50cm de altura máxima e 6-8, 4-5 e 2-3m de espaço interno. Entre a queda d'água e a gruta C foi encontrado um aglomerado de ossos, situado abaixo da plataforma geral, junto ao paredão, sendo o local identificado pela letra D, porém, apesar de não ser uma gruta, foi considerado como tal, a fim de padronizar a descrição. (KREVER & HAUBERT, 2001, p. 29)

Com relação ao material, foram encontrados restos esqueléticos humanos e alguns ossos de animais, como veado campeiro (*Ozotocerus bezoarticus*), veado mateiro (*Mazama americana*), graxaim do campo (*Ouzycin thous*) e ossos de uma ave, possivelmente jacú (*Penelope obscura*), conchas de bivalves de água doce e marinhos, fragmentos de hastes de taquara e fragmentos de casca de pinhão calcinadas.

Os ossos de veado chamam a atenção pelo fato de estarem trabalhados, tendo inclusive uma ponta produzida em um metatarso; as contas de colar foram confeccionadas com os bivalves de água doce.

Quanto aos sepultamentos:

Dos 719 ossos estudados, 106 estão inteiros, 287 quebrados e 326 fragmentados. Não foi recolhido nenhum crânio inteiro.

[...] Nas grutas A, B, C e D foram somados 5, 39, 11 e 10 exemplares, totalizando 65 indivíduos depositados, levando em consideração o elemento anatômico mais representativo. Estes indivíduos estão distribuídos em 47 adultos, 1 adulto jovem, 5 jovens, 10 crianças, 2 lactentes, sendo determinados 2 adultos do sexo masculino e 5 do feminino. A idade biológica aproximada foi estimada apenas em 2 crianças (8 e 9 anos) e 1 lactente (1 ano). (KREVER & HAUBERT, 2001, p. 35)

A última observação diz respeito às conchas marinhas. Essas indicam alguma forma de contato entre o planalto e o litoral, que, entretanto, não temos condições de discutir de que forma se daria, mas cuja a presença esta sendo indicativa.

O balanço que pode ser feito dos dados produzidos pelo Projeto Vacaria, está no acentuado aumento dos elementos que permitem compreender a dinâmica de um sítio com casas subterrâneas. Um desses elementos é a compreensão de que as casas subterrâneas não são todas contemporâneas, mas uma sucessão de diferentes momentos de ocupação durante um milênio pelo menos. Esse padrão de assentamento demonstra a importância desses espaços para um grupo humano, que retorna a uma mesma área, reocupando e reaproveitando as casas ou então construindo novas.

Permite ainda vislumbrar, a partir das janelas realizadas no sítio RS-A-27 – o primeiro aqui descrito –, uma intensa atividade do lado de fora das estruturas, obrigando-nos a considerar os espaços intermediários como áreas de ocupação.

3.2.6 Projeto UHE Barra Grande

Essa área foi pesquisada pela equipe da Scientia Ambiental S/C Ltda, pelo Núcleo de Pesquisas Arqueológicas/UFRGS e pela ITACONSULT Consultoria e Projetos em Arqueologia Ltda. Foi dividida em duas áreas, uma relativa à margem esquerda e outra à margem direita do Rio Pelotas, divisa entre os Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

(SCIENTIA AMBIENTAL; NUPArq/UFRGS & ITACONSULT, 2002)¹³

As primeiras pesquisas realizadas pela ITACONSULT, encontraram 92 sítios arqueológicos, sendo 47 no lado catarinense do Rio Pelotas e 35 no lado gaúcho. No lado de Santa Catarina foram testados 50% dos sítios registrados e no lado do Rio Grande do Sul 100%, através de coletas de superfície, poços-teste, trincheiras e tradagens, dependendo do tipo de sítio encontrado.

Os sítios arqueológicos foram divididos em: ocorrências discretas, ocorrências isoladas, sítios líticos superficiais, sítios litocerâmicos e grutas (ou seja, também grutas).

Quanto às ocorrências discretas, foram identificados 6 casos, que são locais nos quais foram encontrados menos de 20 artefatos, quer em coletas de superfície, quer em cortes e/ou escavações. Nessa categoria estão arroladas casas subterrâneas e montículos, além de sítios superficiais.

A categoria de ocorrências isoladas refere-se aos locais onde foi encontrado apenas um artefato: foram anotadas 91 ocorrências.

Quanto aos sítios, caracterizados como tais, (os líticos superficiais, os litocerâmicos e as grutas), foram em número de 19. Destes, 12 são líticos, 2 são litocerâmicos com casas subterrâneas e montículos, 1 é uma gruta e finalmente o restante são estruturas anelares com montículos ao centro.

Esse projeto trás duas contribuições bastante importantes. A primeira delas refere-se à identificação das casas subterrâneas, visto que muitas foram descartadas porque as sondagens não encontraram vestígios arqueológicos. A segunda está na compreensão dos sítios entaipados os quais correspondem a 4.

O primeiro deles, o SC-AG-95, é uma taipa circular com 42m de diâmetro e um

¹³ Os dados relativos ao lado gaúcho estão descritos nos itens 3.1.6 e 3.2.2, neste capítulo, os quais referem-se ao mesmo empreendimento.

montículo ao centro com 6,4m de diâmetro e 60cm de altura. No poço-teste realizado na taipa foi encontrado um fragmento de cerâmica. O montículo ao centro não foi testado, porque o proprietário não permitiu o acesso.

O segundo, Sítio João Roque Vingla VII (nº 98)¹⁴, é um sítio anelar com as mesmas características do anterior. Neste foram realizadas sondagens e escavações no montículo central que evidenciou duas fogueiras funerárias.

Após a conclusão da escavação e análise dos croquis (...), pode se dizer que se tratavam de duas estruturas de combustão funerárias distintas não sobrepostas, isto é, localizava-se em áreas distintas, uma ao lado da outra, e principalmente em níveis estratigráficos distintos: a primeira entre 10 e 40cm e a segunda entre 50 e 65cm de profundidade. Na estrutura de combustão II, observou-se o processo de formação da fogueira: primeiro, uma camada de solo argiloso compacto e provavelmente solidificado pelo calor das brasas. Ao que tudo indica, as brasas foram cobertas por terra quando ainda estavam incandescentes, pois pelo estado dos carvões inteiros, parece que a queima foi feita sem oxigênio, isto é, coberta, pois quando a fogueira é exposta, em geral restam cinzas. (SCIENTIA AMBIENTAL, NUPArq/UFRGS & ITACONSULT, 2002, p. 73)

Nesse montículo foram encontrados fragmentos cerâmicos (11) e artefatos líticos.

Na taipa que circulava o montículo foram realizadas ainda duas trincheiras, com o objetivo de identificar sua composição. Nelas foram encontrados dois fragmentos cerâmicos e um artefato lítico, e pelo perfil pode-se constatar que o anel foi construído antropicamente. No lado externo do anel foram feitos testes com a enxada, porém não foram identificados vestígios de atividade humana.

No espaço entre o montículo e a taipa foi realizada uma sondagem para verificar a existência de material arqueológico. Foram encontradas apenas 2 peças líticas. A conclusão mais importante foi a identificação de que a depressão entre o montículo e a taipa forneceu o sedimento para construção da estrutura anelar externa.

O terceiro sítio trabalhado foi o Sítio Silvio Fernandes I (nº 99):

¹⁴ No trabalho não possui a sigla do PRONAPA, razão pela qual usamos a identificação dos autores.

Trata-se de um aterro de forma complexa, composto por dois círculos de terra ligados, com 03 montículos no seu interior (...). Está situado a 20m da estrada para o canteiro de obras da margem direita. Localiza-se em topo de colina, com vegetação do tipo gramínea e algumas árvores. Sua porção norte e leste foram cortadas por estrada de acesso à propriedade.

Foram realizados 02 poços teste de 1 x 1m, assim distribuídos: “A” em um dos montículos no centro, “B” no interior da estrutura oval. (SCIENTIA AMBIENTAL, NUPArq/UFRGS & ITACONSULT, 2002, p. 75)

Nesses dois poços-teste, foram encontrados 9 fragmentos cerâmicos na sondagem A e apenas 1 fragmento lítico na sondagem B.

O quarto, e último sítio trabalhado foi o Sítio João Roque Vingla VIII (nº 100).

Resgatamos sua descrição:

Trata-se de uma estrutura de aterro com forma oval, com 04 montículos no centro (...). Localiza-se às margens da estrada do eixo, em topo de colina coberto com gramíneas. Sua porção norte é cortada pelo atual leito da estrada de chão, que segue para o eixo da barragem.

Inicialmente, havia muitas dúvidas quanto ao aterro tratar-se de um sítio arqueológico. Antes de se proceder ao seu cadastro, resolveu-se avaliá-lo, executando cortes na provável estrutura. Foram realizados 02 poços teste de 1 x 1m, assim distribuídos: “A” em um montículo central, “B” sobre o muro de terra (estrutura oval).

O poço teste “A” foi escavado até 80cm de profundidade. A partir do nível 20-30cm começaram a aparecer grânulos de carvão. A 45cm de profundidade, na extremidade leste da quadrícula, apareceu parte de uma estrutura de combustão (fogueira) com grande quantidade de carvões, que permaneceu até 54cm (...). Foi possível identificar 04 cepos de lenha queimados, pelos veios da madeira que permaneceram intactos no carvão. Realizaram-se 02 amostras de carvão para datação por C14: 40-50cm e 50-60cm. Foi coletado somente 01 fragmento cerâmico, entre 40-50cm.

O poço teste “B” também foi escavado até 80cm; no entanto, nenhuma peça arqueológica foi localizada. O solo manteve-se homogêneo, sem distinção na coloração (...).

O solo em ambos os cortes é argiloso marrom avermelhado friável, sem raízes ou rochas. Não se apresentou compacto, mas sim solto, facilitando a escavação dos poços. Isto nos indicou que o mesmo fora artificialmente colocado. (SCIENTIA AMBIENTAL, NUPArq/UFRGS & ITACONSULT, 2002, p. 77)

Um dos grandes méritos do Projeto UHE Barra Grande está em oferecer uma visão clara destas estruturas complexas, com um conjunto de dados novos, além de reafirmar algumas questões que estão correntes na arqueologia do planalto, a função funerária destes montículos, especialmente em áreas entaipadas.

3.2.7 Projeto UHE Quebra-Queixo

No Município de Chapecó, Caldarelli & Herberts (2002) identificaram 33 sítios arqueológicos, sendo que 4 apresentaram casas subterrâneas e 29 não. Estes últimos são caracterizados como superficiais litocerâmicos. Todos eles foram bastante alterados pela utilização do solo para fins agrícolas, sendo os 29 sítios litocerâmicos bastante prejudicados pela ação do arado, quer de disco – que inverteram estratigraficamente as camadas – quer de grade – que movimentaram-nas horizontalmente.

Nos 4 sítios que foram encontrados casas subterrâneas – e que, por sua vez, estas apresentam tamanhos entre 3 e 6m de diâmetro –, o sítio QQ-22 recebeu uma atenção mais detalhada. Foram realizadas escavações no interior das casas e trincheiras (4) no entorno.

No caso da Estrutura A, o material estendia-se da boca até cerca de 5,50m, no sentido Norte e Oeste. Após intervalo de cerca de 2m, sem vestígios, apareceram concentrações de material entre 7,5 e 11m a partir da borda. No caso da Estrutura B, o material estendia-se da boca até cerca de 5m de distância, sentido Sul e Oeste.

[...]

A estrutura maior (Estrutura A) possuía inicialmente 9,50 x 8,50m de boca, mas foi afunilando à medida que se aprofundava, chegando a cerca de 50% da área inicial, em sua profundidade máxima (2,40m). Dois tipos de solo foram evidenciados: um mais profundo, argiloso avermelhado (tabatinga), estéril, e um superior, marrom escuro, resultante do soterramento da estrutura.

Uma mancha escura com carvão foi evidenciada a 0,95m de profundidade, próxima à parede Oeste da estrutura, desaparecendo por volta de 1,43m. A sudeste, essa mancha escura atingiu 2,38m de profundidade. Entre 2,26 e 2,38m, foi evidenciada uma espessa concentração de nós-de-pinho calcinados.

A estrutura menor (Estrutura B) possuía inicialmente boca com 3m de diâmetro, a qual afunilou-se para cerca de 1,8m. Não foi possível precisar exatamente o grau de afunilamento porque uma das paredes havia desabado. Sua profundidade máxima de 1,60m.

Poucas foram as peças encontradas no interior da Estrutura B, estando a maioria também concentrada nos níveis superficiais, ao redor da borda provavelmente carregada do exterior para dentro da estrutura. No seu interior, foram localizados 36 nós-de-pinho, mapeados numa coluna que desde 0cm até -1,50m de profundidade, estando alguns queimados e os mais profundos com mofo. (CALDARELLI & HERBERTS, 2002, p. 141-143)

Estas casas subterrâneas – ou estruturas, como denominam as autoras – foram

datadas¹⁵ em 144 A.P. (Beta 165798) na casa A; 122 A.P. (Beta 165800) na casa B e 100 A.P. (Beta 165798) no entorno da casa A. As datas demonstram uma ocupação tardia do sítio, em meados do século XIX, além do que indica que essas devem representar um momento de ocupação.

Uma das principais conclusões das autoras é a associação dos (a) sítios com casas subterrâneas e (b) sítios litocerâmicos. Segundo elas, a associação entre ambos é evidente a julgar pela ocorrência de cerâmica Taquara/Itararé nos sítios litocerâmicos e pela recorrência do material lítico nos sítios litocerâmicos (é claro) e nos sítios com casas. Indicando, dessa forma, uma circulação dinâmica dentro do ambiente.

Atualmente os trabalhos de levantamento no Planalto Sul-Brasileiro vem sendo impulsionados pelos projetos de salvamento de grandes obras de engenharia, como barragens, estradas e linhas de transmissão, que vêm aportando novos problemas, até porque muitos deles são realizados em vales delimitados – como uma barragem por exemplo – ou são grandes “transects” como estradas e linhas de transmissão. Entretanto a maioria destes trabalhos ainda encontra-se em execução e seus dados ainda não estão disponíveis.

3.3 OUTRAS PESQUISAS NO PLANALTO SUL-BRASILEIRO

No Município de André da Rocha, Estado do Rio Grande do Sul, a convite do proprietário da Fazenda Paradeiro dos Índios, uma equipe do IAPesteve realizando uma visita com o objetivo de confirmar a existência de estruturas subterrâneas. A fazenda situa-se no Km 164 da Rodovia RS 470.¹⁶

No local, foram encontradas 6 casas, tendo a menor 3 e a maior 20m de diâmetro.

¹⁵ No trabalho de Caldarelli & Herberts (2002) não são informadas as margens de erro das datas, o que impossibilita a calibração das mesmas.

A primeira encontra-se totalmente assoreada, de difícil identificação. A segunda atinge 5m de profundidade. As demais oscilam entre 0,6 e 2m de profundidade. Quanto à forma, são todas consideradas circulares. O que mais chama a atenção é um montículo, localizado em meio ao campo atual, com 14m de diâmetro num eixo e 14,3m no outro. Esse montículo é circundado por uma valeta de 2,5m de largura que forneceu o sedimento para sua construção. Dessas 6 casas, 4 estão dentro da mata de pinheiros e 2 delas localizam-se no campo, assim como o montículo.

No Município de São Marcos, Estado do Rio Grande do Sul, também estão sendo identificados sítios, tanto com casas subterrâneas quanto com grutas que contêm sepultamentos. Esse projeto está em fase inicial de execução, no entanto os dados já disponíveis corroboram o padrão de sepultamento em grutas

¹⁶ Os dados relativos a este sítio não foram ainda publicados pela equipe do IAP. Valemo-nos portanto dos relatórios de campo depositados na instituição.

4 OS SÍTIOS, SEUS PADRÕES E O SISTEMA DE ASSENTAMENTO

Os trabalhos recentes forneceram um conjunto de novas informações sobre a organização dos sítios, sobre sua composição e sobre sua sucessão cronológica, o que vem a consolidar o conhecimento existente e permitir novas interpretações. Assim, já não há mais dúvidas de que estes sítios façam parte de uma tradição cultural. Essa tradição foi identificada, inicialmente, pela cerâmica Taquara/Itararé que ocorre desde o litoral atlântico até os Planaltos do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, ocupando sítios a céu aberto, sítios compostos por casas subterrâneas e, atualmente, compreende também montículos, sítios litocerâmicos e abrigos com sepultamentos. Finalmente, essa mesma tradição está relacionada com as populações humanas descritas na documentação histórica como Kaingáng, que ainda hoje vivem nas reservas indígenas na região sul do Brasil.

A partir do capítulo anterior foi possível delinear de forma mais objetiva os diferentes tipos de assentamento que envolvem a ocupação pré-colonial do Planalto Sul-Brasileiro. Temos condições, agora, de articular um sistema que dê conta dessas diferentes realidades.

Uma das deficiências notadas é justamente a ausência de uma visão sistêmica que perceba os diferentes padrões como parte de um sistema de assentamento, que, na sua diversidade, fazem parte de um todo, como peças de um quebra-cabeças. E ainda que muitas das peças estejam faltando, já se pode construir um primeiro modelo que permite pôr ordem

nesses fragmentos.

Nossa intenção está em ordenar esses diferentes padrões. Nosso pressuposto é de que os diferentes padrões (casas subterrâneas, montículos, sítios litocerâmicos, abrigos com sepultamentos e áreas entaipadas) correspondem a um único sistema de assentamento adaptado ao Planalto Sul-Brasileiro.

4.1 CONSTRUÍNDO UM SISTEMA DE ASSENTAMENTO

4.1.1 Implantação

A localização dos sítios com casas subterrâneas obedece a características bem marcadas, no que se refere a sua implantação na paisagem. Estão situados próximos ao topo dos morros, junto aos divisores de águas das bacias hidrográficas que conformam a rede de drenagem. A cobertura vegetal pode ser a mata com araucária, o campo ou mesmo as áreas de cultivo das populações atuais.

Em alguns poucos casos estão situados exatamente no topo das elevações. Entretanto, a grande maioria dos assentamentos situa-se na encosta alta de forma que a declividade do terreno contribui para a drenagem. Aqui entende-se o porquê dessa opção: já que os sítios são compostos por casas subterrâneas, uma das grandes preocupações é justamente a de evitar a entrada da água das chuvas, que inevitavelmente a inundaria. A opção pela encosta deve-se também à necessidade de uma camada de solo suficientemente espessa que permita a escavação da casa na profundidade desejada.

Essa característica é defendida por Schmitz durante o Projeto Vacaria, no qual foram identificados 20 sítios, todos localizados sobre os divisores de águas (SCHMITZ, 2002b, p. 98). O mesmo é reiterado por Maria José Reis que afirma que os sítios por ela

estudados no Estado do Santa Catarina estão todos localizados nas encostas e topos de elevações (REIS, 1980, p. 172).

Outro aspecto distintivo é a localização em termos de altimetria. Dos sítios que possuímos essa informação, esses encontram-se em diferentes cotas, iniciando nos 12m¹ e alcançando altitudes superiores a 1196m. Percebe-se que são mais abundantes a partir dos 400m, concentrando-se entre os 600 e 1200m, conforme pode ser percebido na tabela abaixo:

TABELA 4 Freqüência dos sítios com casas subterrâneas em função da altitude²

Intervalo das altitudes (em metros)		Quantidade de sítios identificados	
0	100	1	0,46%
101	200	0	0,00%
201	300	1	0,46%
301	400	0	0,00%
401	500	10	4,61%
501	600	7	3,23%
601	700	4	1,84%
701	800	11	5,07%
801	900	63	29,03%
901	1000	109	50,23%
1001	1100	9	4,15%
1101	1200	2	0,92%

99% dos sítios com casas subterrâneas estão situados a partir dos 400m de altitude, concentrando-se em sua esmagadora maioria (89,4%) entre os 700 e 1.200m. Abaixo dos 400m ainda ocorrem casas subterrâneas, mas são casos isolados, com apenas 2 sítios conhecidos.

Essa distribuição coincide com a da Floresta Ombrófila Mista, que na região sul predomina acima dos 500m de altitude na sua Formação Submontana e a partir dos 800m são

¹ Referente às casas subterrâneas no Morro da Cruz, Município de Jaguaruna, Estado de Santa Catarina, levantadas por João Alfredo Rohr. A altitude de 12m refere-se à altitude do município; o Morro da Cruz possui uma altura de 50m e a altura do ponto mais alto do município é de 120m.

² Consideramos esses dados uma amostra, pois em alguns casos não foi possível determinar a altitude dos sítios.

as Formações Altomontantas que tomam conta³. Na primeira formação predomina a influência das espécies da Floresta Estacional Semidecidual, da Floresta Estacional Decidual e da Floresta Ombrófila Densa. Já na segunda formação, a Floresta Ombrófila assume sua formação característica.

Com relação à distância da água, os sítios estão afastados dos cursos principais, mas sempre próximos a uma fonte, seja esta um pequeno riacho, banhado ou mesmo nascente. A distância mínima registrada é do sítio PR-FI-42, no Estado do Paraná, com 6,5m; a máxima é de 1000m, no sítio SC-CL-41, no Município de São José do Cerrito, Estado de Santa Catarina. A média⁴ é de 215,65m.

4.1.2 Composição

Nos sítios identificados foram encontradas tanto casas isoladas como conjuntos com várias dessas, acompanhadas ou não de montículos. Os maiores agrupamentos podem ter até 68 estruturas, como o sítio SC-CL-71, no Município de Lages, Estado de Santa Catarina, acompanhado por mais 10 montículos. Entretanto, sítios com tantas casas são raros.

Quanto aos conjuntos: predominam aqueles sítios cujo conjunto possui até 3 casas em 67,49% dos casos; a seguir temos sítios com no mínimo 4 e no máximo de 10 casas em quase 23,31% dos casos; agrupamentos com 9 ou mais, apenas cerca de 9,20%.

Esse dado caracteriza uma das estratégias de ocupação do território: sítios com até 3 casas, preferencialmente 1 ou 2, representam 67,49% dos sítios identificados, já os compostos por mais de 3 e menos de 10 representam outros 23,31%. Sítios com mais de 10 casas são apenas 9,20% das ocorrências. Portanto, o padrão de implantação dos sítios com casas subterrâneas são sítios com até 3 casas, podendo ocorrer, em menor quantidade,

³ Maiores detalhes quanto a caracterização da Floresta Ombrófila Mista, ver capítulo 2.

⁴ Utilizamos os dados de José A. Reis, (1997), quadro 2, p. 71-72 e os quadros 3 e 4, p. 73.

agrupamentos com até 10 casas e raramente conjuntos maiores que isto.

TABELA 5 Quantidade de casas subterrâneas por sítio

Número de Estruturas	Sítios	
	Quantidade	Porcentagem
1	38	23,31%
2	46	28,22%
3	26	15,95%
4	7	4,29%
5	6	3,68%
6	7	4,29%
7	5	3,07%
8	7	4,29%
9	3	1,84%
10	3	1,84%
11	1	0,61%
12	1	0,61%
13	1	0,61%
14	2	1,23%
15	2	1,23%
17	1	0,61%
18	2	1,23%
19	1	0,61%
21	1	0,61%
23	1	0,61%
36	1	0,61%
68	1	0,61%

4.1.3 Construção das casas subterrâneas

As casas estão sempre construídas no solo composto por sedimentos nas camadas superiores e por basalto em decomposição nas camadas inferiores. Pelo menos é o que se observa nas escavações em Vacaria, Caxias do Sul, Bom Jesus e Pinhal da Serra, todos municípios do Rio Grande do Sul.

No sítio RS-A-27, em Vacaria, as casas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8 terminam todas em uma camada de argila vermelha ou saibro. No sítio RS-A-29 (também em Vacaria/RS) foram

escavadas as casas 1, 2, 3, 4, 8, 12, 13 e 16, e apresentam a mesma característica, ou seja, a mesma camada de argila vermelha.

Em Caxias do Sul percebe-se o mesmo fenômeno. Lá foram escavadas 4 casas: A, B, 4 e 9. O sedimento da base é vermelho, medianamente compacto na maioria, sendo que na casa A um dos lados apresenta uma rocha pouco alterada.

O sítio RS-AN-03, no Município de Bom Jesus, teve as casas A e C escavadas e alcançaram a camada natural que é formada pelo basalto amarelado decomposto (COPÉ & SALDANHA, 2002).

Nos trabalhos de salvamento realizados por Copé, Saldanha & Cabral (2002) no Município de Pinhal da Serra, Estado do Rio Grande do Sul, foi identificado como piso original das casas subterrâneas o basalto decomposto.

Na Bacia do Rio Chapecó, Caldarelli & Herberts (2002) escavaram um sítio com 2 casas subterrâneas (ver item 3.1.10 no Capítulo 3) e identificaram como camada estéril, após a retirada da camada arqueológica, um solo avermelhado.

Acreditamos que as ferramentas utilizadas para a escavação das casas subterrâneas foram especialmente as lascas líticas de maiores dimensões, os talhadores facilmente obtidos a partir do basalto, além de instrumentos feitos em madeira que por sua natureza perecível não deixaram evidências no registro arqueológico. Podemos inferir seu uso com base nos relatos históricos sobre os Kaingáng.: "*Com estacas de pau, em forma de cavadeira, fazem uma cova ...*" (MABILDE, 1988, p. 110).

Quanto aos artefatos líticos, são recuperados nos sítios, lascas de basalto, que podem ser facilmente obtidas em todas as áreas do planalto. As lascas de maiores dimensões, são extraídas a partir de lascamento unipolar e possuem comprimento maior que 8cm, mas também poderiam ser usadas lascas de menor tamanho, possivelmente até 3cm.

Para o transporte dos sedimentos devem ter sido utilizados cestos em cipó e

taquara, amplamente utilizados em período histórico e registrados por Mabilde (1988) para o transporte de alimentos, de água e de terra nos rituais de sepultamento, mas de que igualmente não temos registro arqueológico:

Os cestos usados pelos selvagens, para carregar os mantimentos para seu sustento, são feitos com cipó, geralmente com o cipó chamado de "São João". Empregam, também, a cana fina de cresciúma, que fendem pelo meio. (MABILDE, 1988, p. 127)

(...) porque além de carregarem a terra em uma espécie de cabaz (feito de taquara e cipó) de pequenas dimensões, pouco maior do que uma quarta de alqueire (das nossa antigas medidas) vão buscá-la, em geral à grande distância, à margem de algum arroio ou sanga com barranco que desmorone e donde a fazem sair com estacas de madeira. (MABILDE, 1988, p. 154)

O sedimento retirado da sua escavação teve ao menos 2 destinos identificados: ou foi amontoado próximo à casa formando um montículo; ou então era utilizado para elevar o entorno, especialmente no caso em que o terreno é mais inclinado, utilizando-o para elevar a borda baixa.

4.1.3.1 Dimensões das casas subterrâneas

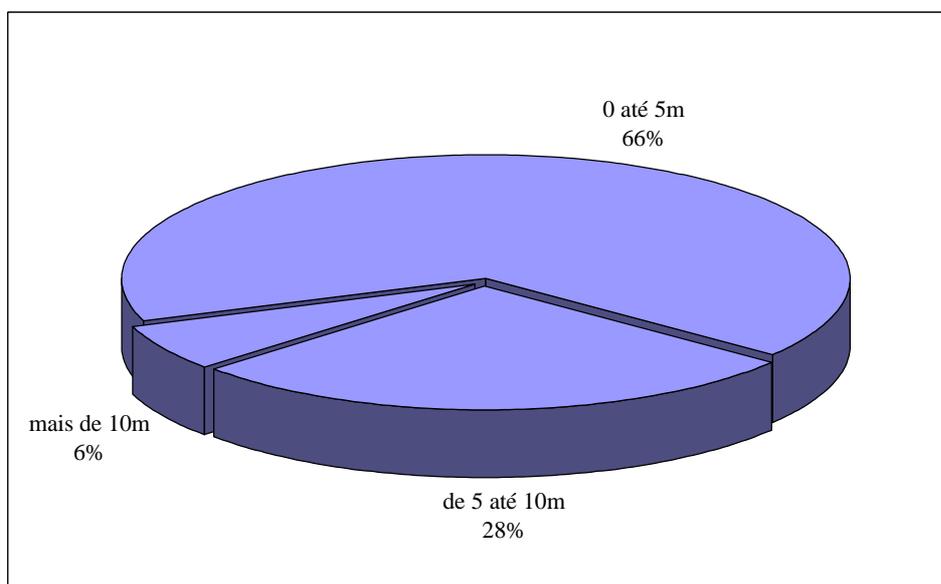
As dimensões variam de pouco mais de 2 até perto dos 20m de diâmetro. Predominam as casas com até 5m de diâmetro, as quais correspondem a cerca de 66,03% dos casos. Vem seguidas pelo intervalo entre 5 e 10m com 27,97%, restando apenas 6,00% para as casas a partir dos 10m de diâmetro.

Assim, podemos dividir as casas subterrâneas, quanto ao tamanho, em três grupos: casas pequenas, compreendendo diâmetros até 5m; casas médias entre 5,1 e 10m e casas grandes a partir de 10m de diâmetro.

TABELA 6 Diâmetro das casas subterrâneas

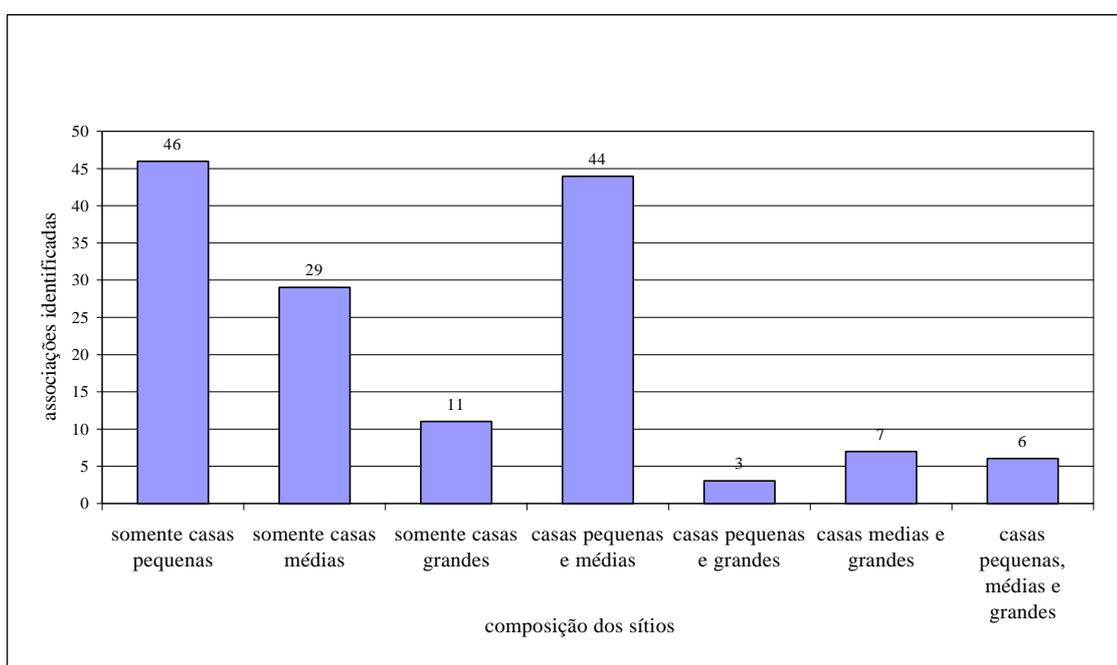
Intervalo dos diâmetros (em metros)		Quantidade de casas identificadas	
0	1	0	0,00%
1	2	32	4,86%
2	3	108	16,39%
3	4	142	21,55%
4	5	136	20,64%
5	6	61	9,26%
6	7	41	6,22%
7	8	43	6,53%
8	9	16	2,43%
9	10	16	2,43%
10	11	6	0,91%
11	12	8	1,21%
12	13	6	0,91%
13	14	4	0,61%
14	15	3	0,46%
15	16	3	0,46%
16	17	2	0,30%
17	18	5	0,76%
18	19	0	0,00%
19	20	1	0,15%

GRÁFICO 1 Tamanho das casas subterrâneas



Apenas para fornecer mais ênfase a nossa constatação, observe-se os sítios em relação à composição: podem estar compostos por casas pequenas (31,51%); médias (19,86%) e grandes (7,53%). Os conjuntos de casas no mesmo sítio podem ser de pequenas e médias (30,14%); pequenas e grandes (2,05%); médias e grandes (4,79%) e pequenas, médias e grandes (4,11%). Percebe-se portanto, a predominância das casas pequenas, médias e pequenas e médias na composição dos sítios.

GRÁFICO 2 Composição dos sítios em função do tamanho das casas



Com relação à profundidade, este indicador é um dos mais problemáticos dentre todos os apresentados. A profundidade indicada nos trabalhos refere-se à observada na época das pesquisas, a partir da observação direta e raras vezes embasada em uma sondagem ou prospecção que determine a real profundidade da casa. Essas depressões têm sido sistematicamente entulhadas pelos moradores – em função do incômodo que representam para a agricultura e a pecuária –, ou mesmo por outros processos pós-deposicionais como a erosão.

Os dados de que dispomos são:

TABELA 7 Profundidades observadas nas casas subterrâneas

Intervalo da profundidade (em metros)		Quantidade de casas identificadas	
0	0,5	101	16,06%
0,5	1	336	53,42%
1	1,5	79	12,56%
1,5	2	55	8,74%
2	2,5	13	2,07%
2,5	3	19	3,02%
3	3,5	1	0,16%
3,5	4	14	2,23%
4	4,5	1	0,16%
4,5	5	3	0,48%
5	5,5	1	0,16%
5,5	6	1	0,16%
6	6,5	0	0,00%
6,5	7	3	0,48%
7	7,5	0	0,00%
7,5	8	1	0,16%
8	8,5	0	0,00%
8,5	9	0	0,00%
9	9,5	0	0,00%
9,5	10	1	0,16%

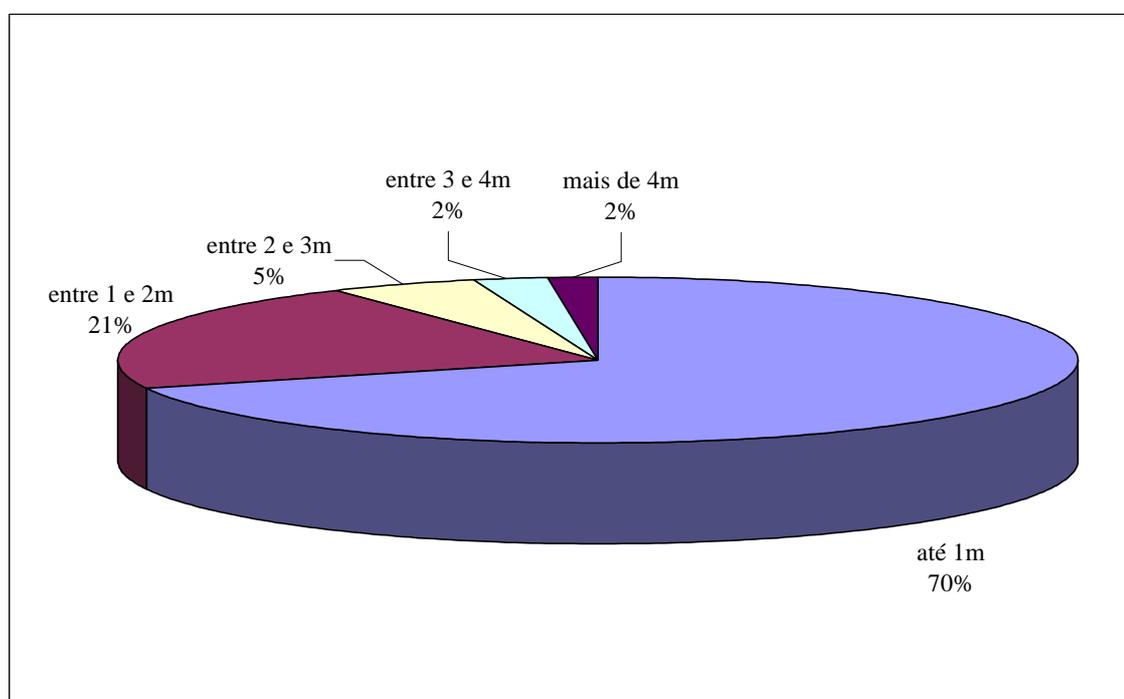
Percebe-se que as casas apresentam predominantemente profundidades até 1m com 69,48% dos casos; entre 1 e 1,5 são 12,56% e entre 1,5 e 2m são 8,74%. Portanto, até 2m de profundidade temos 90,78% das casas medidas. Reiteramos que essas são profundidades tomadas pelos pesquisadores, considerando o estado atual de conservação dos sítios. A profundidade das casas no momento de ocupação era ao menos maior.

Nos casos em que foram escavadas, a espessura média observada das camadas arqueológicas fica em torno de 1m. O entulho posterior varia em função das condições de conservação do sítio e do uso do solo. Se foi destinado à agricultura, a camada de entulho pode atingir espessuras da ordem de 50cm, como na casa 12 do sítio RS-A-29 (em Vacaria),

no qual foram achados os restos de uma vaca e de um bezerro enterrados pelo proprietário, que aproveitou a depressão. O entulho ainda varia em função de estratégias adotadas no momento de arar o solo: segundo o mesmo proprietário, deixa-se a última volta do arado jogar a terra para o interior da casa.

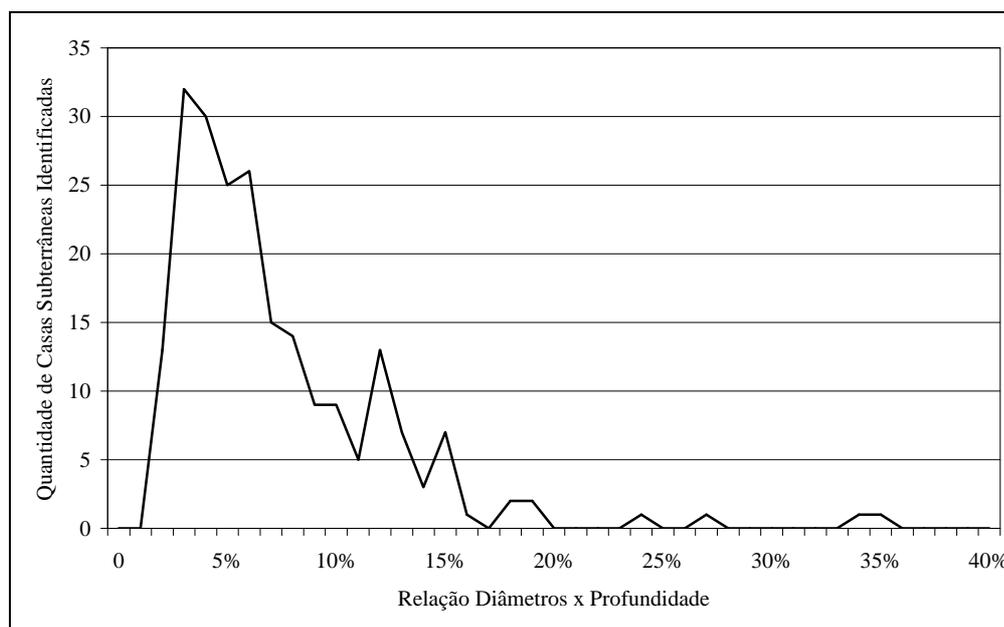
As casas também sempre têm servido como depósito de lixo, de pedras e de entulho em geral. Uma casa atualmente rasa não significa que assim tenha sido quando ocupada pelos seus construtores.

GRÁFICO 3 Profundidade das casas subterrâneas



Para a relação entre essas duas medidas, diâmetro x profundidade, possuímos as dimensões de 217 casas subterrâneas: nessa amostra a profundidade não é maior que 10% do diâmetro em 79,72% dos casos (173 casas); entre 10 e 20% do diâmetro, 18,43% (40 casas); entre 20 e 30%, 0,92% (duas casas) e entre 30 e 40%, 0,92 (2 casas), conforme podemos observar no gráfico abaixo.

GRÁFICO 4 Relação entre diâmetro e profundidade das casas subterrâneas



Não se deve esquecer de que não estamos considerando a espessura da camada arqueológica, a qual depende da história de cada sítio, pois, somente após obtermos uma amostra significativa poderemos ter algum teste estatisticamente válido.

4.1.3.2 Formas das casas subterrâneas

Com relação à forma das casas, tomando como modelo as escavações em Santa Lúcia do Piaí, Município de Caxias do Sul, Estado do Rio Grande do Sul, La Sálvia (1983) as tinha dividido em: habitações grandes com um telhado apoiado sobre três esteios (que normalmente apresentam uma banqueta na base), habitações médias com o telhado apoiado sobre um esteio central (também apresentando banquetas) e habitações semi-subterrâneas que podem ou não ter uma banqueta no fundo da casa.

As casas subterrâneas grandes e médias foram assim definidas:

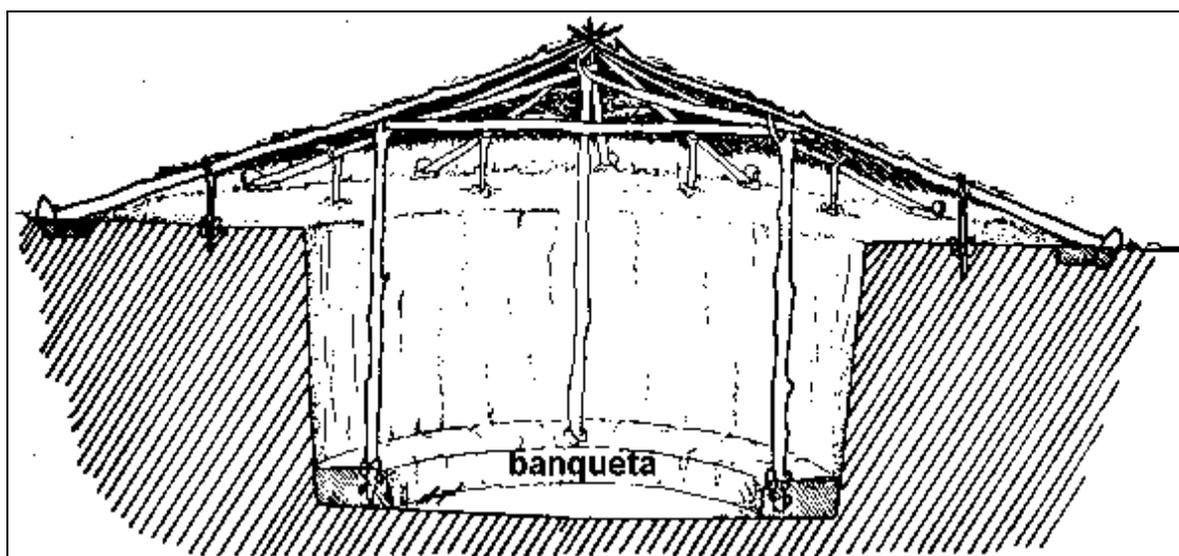
As habitações médias caracterizam-se pela presença de um telhado sobre uma estrutura de um único esteio, colocado sobre o centro ideal da habitação ou, em

alguns casos, um pouco deslocado sem que este movimento represente algo na estrutura ou finalidade. (...)

As habitações grandes apresentam uma normalidade maior: o telhado está sobre uma estrutura de três esteios, paredes retas ou ligeiramente inclinadas terminadas sobre uma banquetta que circunda a habitação. O posicionamento, sempre ao centro do aglomerado habitacional, deve ser levado em consideração pois aí estará sua função e o elemento distintivo dos demais. (LA SALVIA, 1983, p. 18)

Enquanto forma, essas estruturas grande e médias seriam aquelas que apresentam paredes perpendiculares ou levemente inclinadas. Com relação ao piso, no fundo das casas, contornando a parede poderiam existir banquetas que seriam acúmulos de terra, com medidas entre 40 e 60cm de altura por uma largura entre 80 e 130cm, dependendo das dimensões da casa.

FIGURA 37 Forma de uma casa subterrânea grande

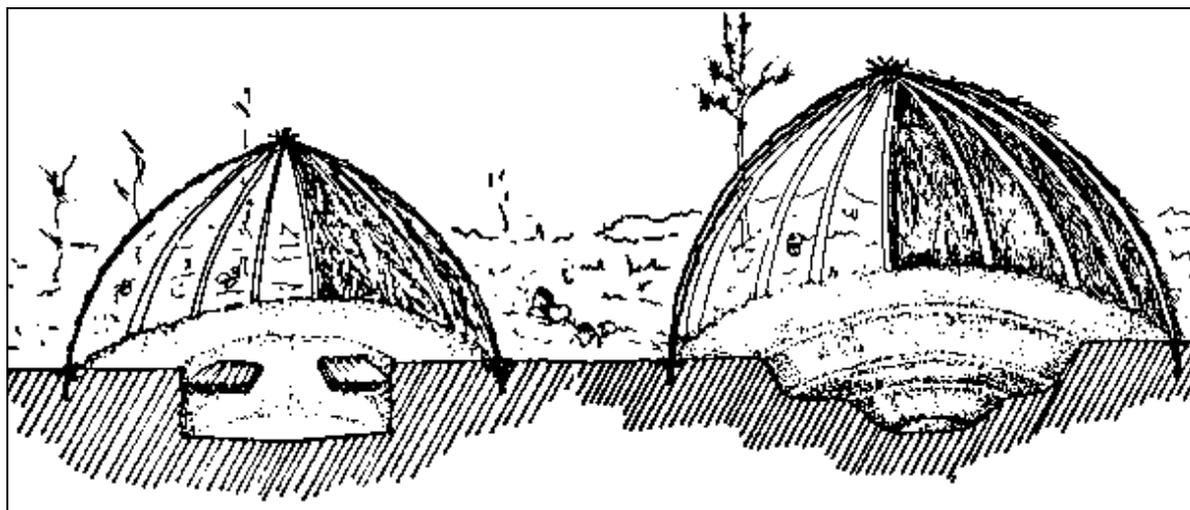


Fonte: LA SALVIA, Fernando. A Habitação Subterrânea: Uma Adaptação Ecológica. In: *A arquitetura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983, p. 18.

As casas semi-subterrâneas, segundo La Sálvia, foram assim definidas.

Dentro deste tipo de habitação, encontramos dois: um formando um conjunto concoidal, com uma banquetta e paredes inclinadas, normalmente de tamanho médio; o outro, sem banquetta e com paredes perpendiculares ou levemente inclinadas em relação ao piso, possuindo, incrustados na parede, troncos de madeira que a atravessa, formando como que um estrado. Estas normalmente são pequenas não ultrapassando 3,0m de diâmetro. (LA SALVIA, 1983, p. 20)

FIGURA 38 Formas de casas semi-subterrâneas

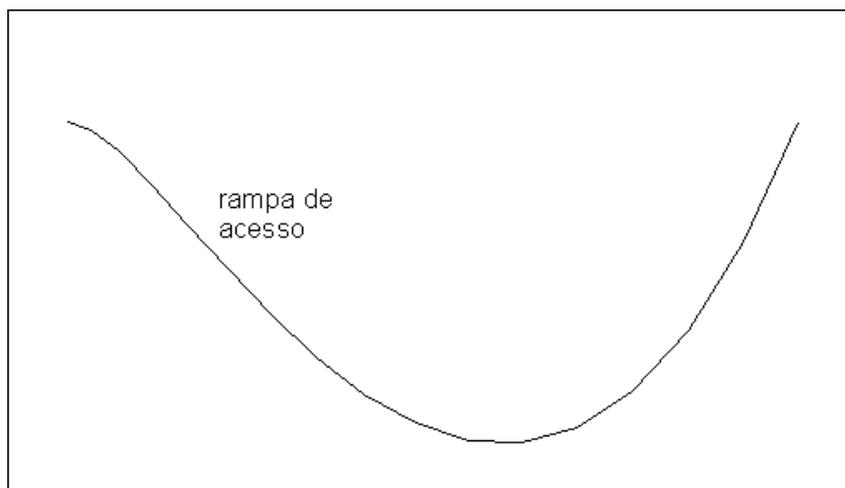


Fonte: LA SALVIA, Fernando. A Habitação Subterrânea: Uma Adaptação Ecológica. In: WIEMER, Nelson S. Günter (org). *A arquitetura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983, p. 20-21.

Schmitz e equipe (2002b) observaram variações na forma das casas a partir das escavações realizadas durante o Projeto Vacaria.

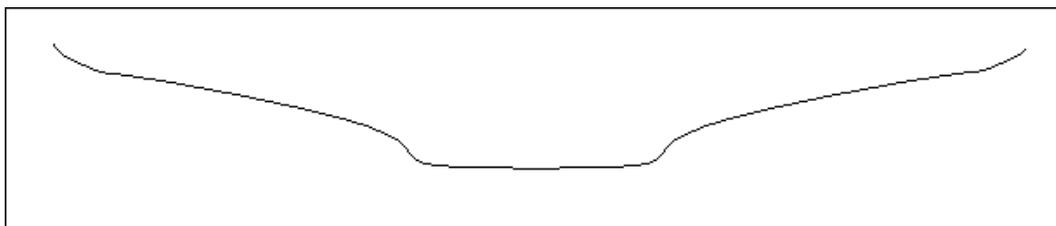
A primeira é uma meia-esfera ou calota de esfera, com as paredes inclinadas e uma rampa de acesso mais suave, conforme a Figura 39.

FIGURA 39 Formato Meia-Esfera



A segunda forma lembra um chapéu invertido, pois as paredes apresentam-se como depressões suaves, não muito inclinadas, e ao centro há uma depressão, conforme a Figura 40.

FIGURA 40 Formato Chapéu Invertido



Com relação à tipologia das casas proposta por La Sálvia seria temeroso adotá-la como regra para toda a área de ocorrência do fenômeno, visto que as formas identificadas em Caxias do Sul não foram identificadas em Vacaria, com exceção talvez das casas semi-subterrâneas e, ainda assim, não da forma como propôs La Sálvia. Por isso, a definição de tipos somente será possível quando um conjunto maior de casas subterrâneas tiver sido escavado na sua totalidade. No atual estado do conhecimento definir uma tipologia seria um tanto prematuro.

Com relação à área de piso disponível após a abertura da casa, isto depende da forma. No caso das casas com paredes perpendiculares ao piso e com banquetas no fundo, o piso possuiria tamanho semelhante à abertura superior da casa; entretanto, nos formatos onde existe uma inclinação da parede como as casas em Meia-Esfera e Chapéu Invertido, o fundo fica mais restrito, equivalendo a algo em torno de $1/3$, $1/2$ da abertura superior da casa, decorrência justamente do grau de inclinação das paredes. Como o centro da casa possui um fogão e/ou um esteio de suporte do telhado o espaço disponível torna-se bastante limitado.

Nos sítios com casas subterrâneas grandes ocorrem ainda montículos que são o depósito do sedimento retirado por ocasião da construção da casa. Este fato foi documentado em ao menos três sítios: RS-A-27, RS-A-29 (Vacaria/RS) e RS-AN-03 (Bom Jesus/RS).

Os montículos de acúmulo de terra são identificados especialmente pela sua estratigrafia que, se comparada a de uma casa subterrânea, aparece inversa, com os sedimentos superficiais da casa compondo as camadas inferiores dos montículos, e com as

camadas inferiores da casa compondo a superfície desses montículos.

O montículo grande do sítio RS-A-27 foi construído com o sedimento da casa 03 do mesmo sítio. Nas palavras de Schmitz:

Por que afirmamos que o montículo foi construído com a terra da casa 3? A terra, argilosa, tem a mesma composição, cor e consistência. A outra casa, que poderia ter fornecido volume semelhante de sedimentos, seria a casa 2, mas seu substrato é saibro desagregado e cascalhento, que absolutamente não combina com os sedimentos do montículo. Também a data combina com as da casa 3 e com nenhuma outra. (SCHMITZ, 2002b, p. 24)

Da mesma forma, a casa 1 do sítio RS-A-29 serve como exemplo: o sedimento proveniente de sua escavação foi acumulado no montículo que está a 40m dela. Uma parte menor foi utilizada para nivelar a borda baixa da mesma casa. Retomamos o relatório da escavação sobre o montículo:

O material dos primeiros 50cm originou-se da remoção do basalto decomposto no fundo da casa 1; e o material argiloso da outra camada da escavação dos primeiros níveis da mesma casa 1. Perto da superfície aparecem algumas lascas que podem ser verdadeiras e podem ter-se originado no momento da escavação e remoção do material da casa 1, ou da quebra fortuita da rocha ao ser removida. O montículo é tipicamente o acúmulo da terra e rocha retiradas da casa 1, que sobrou depois de feito o nivelamento da borda mais baixa da casa. Nele não há carvão, cerâmica ou instrumentos, nem sinal de sepultamentos. (SCHMITZ, 2002b, p. 66)

Além desses dois casos, temos ainda o montículo do sítio RS-AN-03 escavado no Município de Bom Jesus, Estado do Rio Grande do Sul, que segundo seus autores:

A escavação realizada no Aterro nos apresenta uma estratigrafia exatamente inversa das encontradas nas estruturas escavadas "A" e "C", demonstrando tratar-se o Aterro de acúmulo de terra proveniente do processo construtivo das estruturas escavadas. (COPE & SALDANHA, 2002, p. 116)

Temos aqui a primeira função dos montículos associados às aldeias com casas subterrâneas, ou seja, depósitos dos sedimentos provenientes da construção das casas, tanto que estão próximos as mesmas, fazendo parte do assentamento. Outra função que identificamos, são os montículos funerários, dos quais trataremos mais adiante.

4.1.3.3 Cobertura da casas subterrâneas

Com relação à cobertura, esta seria composta por uma armação de madeira. Não temos ainda elementos suficientes para recompor com precisão a forma geral, mas o fato de contar com um esteio central, especialmente nas casas médias e grandes, sugere uma armação apoiada nesse poste e nas bordas da casa. Sobre a armação deveria haver uma camada de palha.

As casas menores poderiam ou não contar com um esteio central, porque a cobertura poderia estar apoiada apenas nas bordas formando uma cúpula; esta se estenderia não só sobre a depressão mas também cobriria parte do entorno; assim, o centro da casa teria mais espaço para abrigar uma fogueira, ao redor da qual se desenvolveriam as atividades. Nos casos em que teria havido um esteio central a cobertura deveria ser bastante extensa.

No registro arqueológico, temos várias ocorrências que atestam a existência de um esteio central: nos sítios RS-A-27 e RS-A-29 (ambos em Vacaria/RS) são ao menos 6 casas com sinais muito claros de sua existência. Este indício é normalmente uma concentração de pedras com um espaço ao centro onde ficaria o esteio.

Um caso ilustrativo é o da casa B do sítio RS-127 no Município de Caxias do Sul, que possui evidências de um poste central e dos seus respectivos apoios na borda da casa:

No exterior da casa foram abertas trincheiras tangenciais à borda, objetivando constatar a presença e a disposição de eventuais suportes de telhado, da possível entrada e dos dispositivos de arejamento. Com isso foram encontradas nove evidências de postes, dispostas em distâncias regulares de aproximadamente 150cm, exceto duas, separadas de apenas 80 cm. Estas evidências, como a do poste no centro do piso da casa, se constituíam de acúmulos de pedras de tamanhos variados compactadas com terra, ao redor de um pequeno espaço central vazio, que seria ocupado pelo poste. (SCHMITZ, 1988a, p. 24)

Copé & Saldanha (2002) crêem ter identificado no sítio RS-AN-03 (Bom Jesus/RS), o que seria a armação do telhado, composta por troncos carbonizados, depositados sobre a camada de ocupação. Chama a atenção entretanto, o fato de a ocupação estar datada

entre 550 ± 40 A.P. (Beta 166585) Cal 1.310-1.430 A.D e 1.000 ± 40 A.P. (Beta 166588) Cal 990-1.160 A.D., e o pretense madeirame do telhado em 80 ± 50 AP (Beta 166586) Cal 1673-1955. Implicaria que o telhado seria quase 500 anos mais recente, ou que a ocupação, ou então estaria indicando uma reocupação muito recente da casa além de uma utilização bastante continuada do espaço.⁵

No sítio QQ-22 (Chapecó/SC), onde foram pesquisadas 2 casas lado a lado, Caldarelli & Herberts (2002) sugerem que a cobertura seria maior que elas, cobrindo ambas. Quanto à sua forma, não oferecem alternativas, mas, baseando-se nos dados da distribuição espacial e de uma possível marca de esteio a 5m da borda externa da estrutura A, afirmam que a cobertura deveria ser de grandes dimensões.

Buscando inspiração nos relatos históricos, temos Mabilde (1983) que descreve os alojamentos dos Kaingáng:

Os seus alojamentos são formados de ranchos com vários tamanhos e configurações. Todos são cobertos com as folhas de gerivaseiro (*Arecastrum (cocos) romanzoffianum*) ou com fetos arborescentes (*Alsophyla arborescens*). Fazem ranchos de forma prismática a que, entre nós, chamamos de "ranchos de beira de chão". Estes, em geral, são os ranchos dos caciques e dos selvagens que têm mulher em sua companhia. Os ranchos de beira do chão, cuja construção é conhecida, são de tamanhos diversos e proporcionados ao número de indivíduos que deve conter. Em geral, têm mais ou menos de 15 a 25 palmos de comprimento, 10 palmos, mais ou menos, de altura, e de 10 a 12 palmos de largura na base.

Os coroados, que ainda não tem mulher, habitam – cada um só – um rancho formado com um toldo que tem a forma de um quarto de esfera, aproximadamente. Para construí-lo fincam no chão, perpendicularmente, três varas compridas, no mesmo alinhamento e na distância de cinco palmos, uma das outras. Contra estas três varas, assim fincadas, e pelo lado que, depois de pronta a obra, deve servir de coberta, atam com cipó. Horizontalmente, de dois em dois palmos de distância, pela altura das varas acima, colocam umas varas mais finas ou taquaras, sobre as quais estendem e atam, com as pontas para baixo, as folhas ou palmas de gerivaseiro, para servir de cobertura ao toldo.

Concluída esta primeira parte do rancho, em distância de sete palmos, na frente das primeiras varas fincadas, fincam outras três varas e, às vezes, duas somente, sendo então uma em cada extremidade, igualmente em posição perpendicular, e paralelas às primeiras. Depois de bem seguras no chão, umas e outras recurvam aquele toldo feito sobre as três primeiras varas, até que venha a alcançar as varas fincadas na frente, nas quais é atada com cipó, de modo a formar um toldo de quase um quarto de esfera, aproximadamente.

⁵ Quanto às datas deste sítio, veja a discussão que apresentamos no capítulo 3, item 3.1.7

Assim têm estes ranchos 10 palmos de comprimento, 7 palmos de largura na base e de 7 a 9 palmos de altura, isto é, do chão até alcaçar o ponto em que se acha atada a parte superior que forma o toldo. (MABILDE, 1983, p. 39)

Atualizando as medidas de Mabilde, à razão de um palmo igual a 0,22m, temos algo entre 3,3m e 5,5m de comprimento, aproximadamente 2,2m de altura e entre 2,2 e 2,46m de largura da base, dimensões compatíveis com o tamanho das casas subterrâneas, pelo menos das pequenas e médias.

Segundo Mabilde (1983), a cobertura sobre as traves de madeira poderia ser feita com as folhas do gerivaseiro – *Arecastrum romanzoffianum* – ou com as folhas da *Alsophila arborescens*⁶, que deveriam ser diferentes variedades de samambaias (espécies da família Cyatheaceae) ou mesmo folhas do xaxim-verdadeiro (*Dicksonia sellowiana*)

Buscando inspiração nos dados etnográficos, temos como sugestão para a construção da cobertura, especialmente das casas menores, na tecnologia de construção utilizadas pelos Xavante que oferece uma imagem bastante ilustrativa:

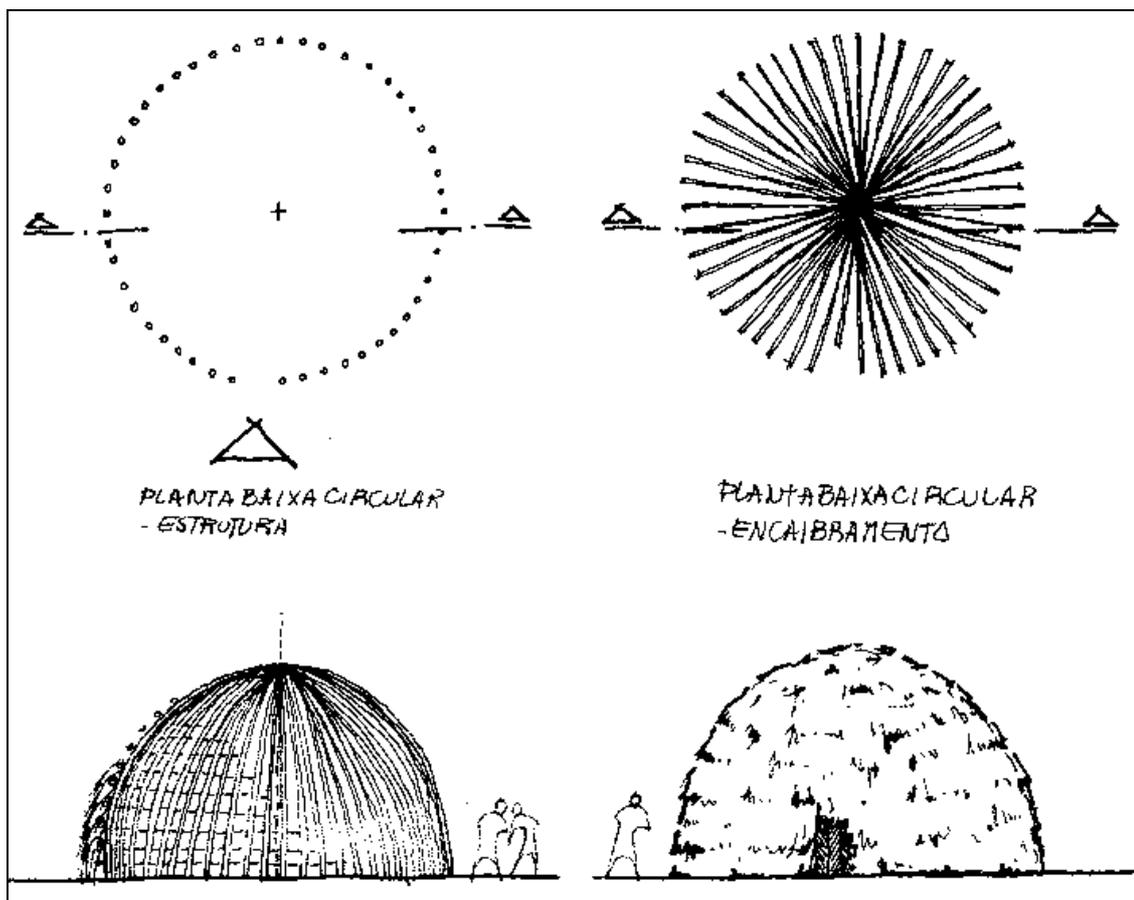
Inicialmente, fincava-se no chão um esteio de 5 a 6m de altura, que marcava o centro da construção. Vários outros esteios maiores e mais finos (cerca de 15cm de diâmetro) eram fincados ao redor do esteio central, distando dele 3,50 ou 3,80m, mantendo entre si cerca de meio metro de intervalo. Esses esteios laterais deveriam ser flexíveis, posto que eram fletidos para dentro do pequeno círculo e amarrados entre si ao centro, a cerca de 4,5m de altura, formando uma cúpula de 7,5m de diâmetro na base. Após essa amarração, o esteio central podia ser retirado para obterem espaço interno desimpedido de esteios, sem que ocorressem danos na estabilidade da construção.

A estrutura de vedação era efetuada com taquaras colocadas na horizontal (ripas) e amarradas aos esteios na superfície externa da estrutura de sustentação; serviam também para a fixação do revestimento em folhas de palmeira. Estas eram colocadas na vertical sobre cada ripa, onde eram dobradas para dentro da construção e amarradas à ripa imediatamente inferior.

Uma única entrada era aberta para o interior da aldeia. Tinha pouca altura, o que obrigava os moradores a se curvarem para nela penetrar. Durante a noite, ou na ausência da família, essa entrada era fechada por uma porta de folhas de palmeira entrelaçadas. (FENELON COSTA & MALHANO, 1986, p. 86)

⁶ A espécie *Alsophila arborescens* não consta na bibliografia especializada. Provavelmente o termo *arborescens* tenha sido empregado para designar o hábito da planta (arborescente). É provável também que os indígenas utilizassem diferentes espécies da família Cyatheaceae, uma vez que todas apresentam frondes (folhas) grandes. Na encosta do Planalto a espécie mais comum é *Alsophila setosa*. Na região da Floresta com Araucária a espécie mais comum é a *Dicksonia sellowiana* (Dicksoniaceae), o xaxim-verdadeiro, do qual se tem notícia do uso do caule em construções. Informação verbal fornecida por Julian Mauhs, em agosto de 2003.

FIGURA 41 Casa Xavante – planta baixa e fachada



Fonte: SÁ apud FÉNELON COSTA, Maria H. & MALHANO, Hamilton B. Habitação Indígena Brasileira. In: RIBEIRO, Berta. (Coord). Suma Etnológica Brasileira 2 ed. Petrópolis: Vozes, v. 1, p. 89, 1986.

Cobertura semelhante poderia ter sido utilizada para as casas até 7,5m de diâmetro.

Note-se que nela há a colocação de um esteio central para a montagem da cúpula que depois é retirado para liberação do espaço. Pode-se então considerar que os blocos utilizados para a sustentação desse esteio seriam depois utilizados como apoios que demarcariam o fogão.

Já nas casas de maiores dimensões, a presença do esteio central torna-se necessária como apoio para o peso da estrutura do telhado, que deveria cobrir uma área maior e que poderia obrigar a utilização de apoios extras. Nesse sentido, o registro arqueológico nos permite concluir que as marcas no centro das casas sejam de fato o indício da existência de um esteio central.

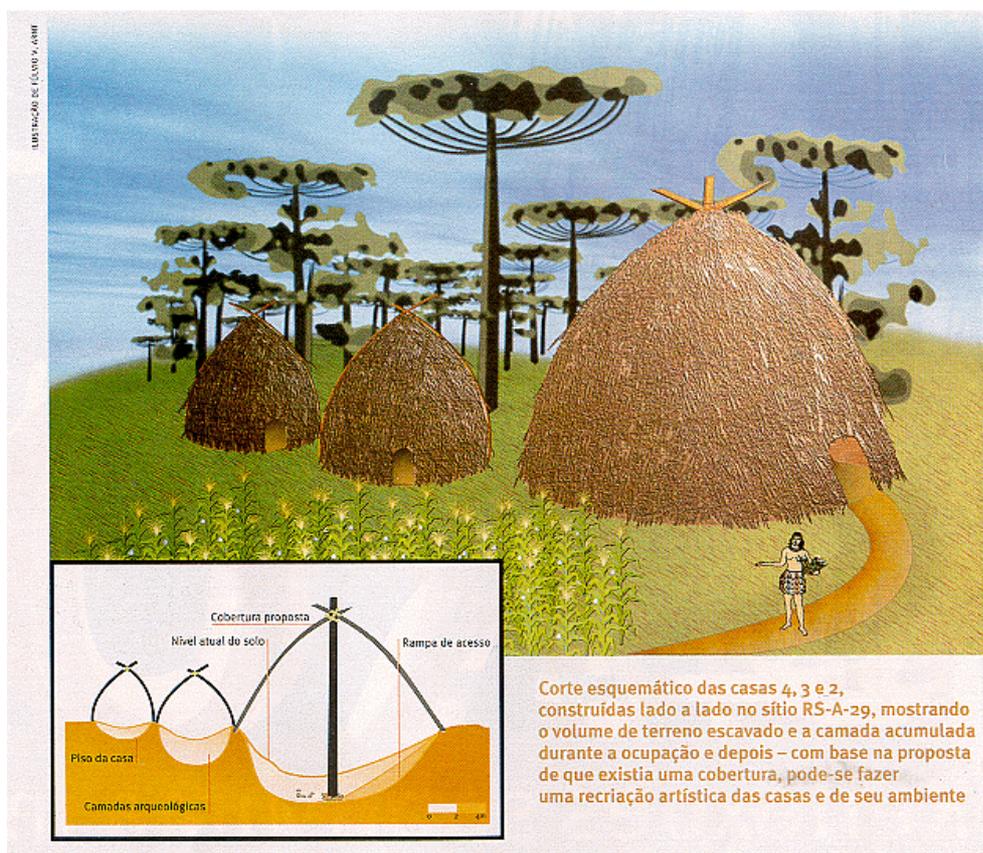
Tomando por base a existência desse esteio central, Fénelon Costa & Malhano

(1986) apresentam ao menos mais duas possibilidades de construção do telhado, nas quais uma poderia ser elíptica e a outra poligonal com oito águas.

No mesmo artigo, os autores descrevem casas não-circulares, mas elípticas e semi-elípticas, com 2 ou mais esteios centrais que poderiam cobrir áreas bem maiores, casas construídas lado a lado ou mesmo casas geminadas. Esse tipo de cobertura teria até 25m de comprimento por 13 de largura.

Além das reconstruções propostas por La Sálvia (1983)⁷, Schmitz (2002a) sugere uma reconstrução para a cobertura com uma cúpula, sem esteio central para as casas de pequeno porte e com esteio nas de grande porte, semelhantes às descritas para as casas circulares utilizadas pelos Xavante.

FIGURA 42 Reconstituição da cobertura das casas subterrâneas



SCHMITZ, Pedro Ignácio. As 'Casas Subterrâneas': Fragmentos de História dos Índios Kaingang. In: *Ciência Hoje*. Rio de Janeiro, SBPC, v. 31, n. 181, abr/2002a, p. 29.

⁷ Ver Capítulo 3, item 3.2.1.

No planalto, cobrir as estruturas era imperativo, tanto para a proteção das baixas temperaturas como para evitar o alagamento das depressões em caso de chuvas. Portanto, as casas subterrâneas, com certeza, apresentavam uma cobertura que podia ou não contar com um esteio central, especialmente nas casas de maiores dimensões. Fundamentalmente era feita com material perecível: madeira para a estrutura e folhas de palmáceas e samambaias para a cobertura.

4.1.4 Cronologia

É fundamental considerar que estes sítios não representam uma única estada, mas são o somatório de diferentes momentos de ocupação das áreas onde estão inseridos. Os dados até aqui disponíveis, indicam uma exploração sistemática do território pelas populações portadoras da Tradição Taquara/Itararé.

A primeira forma de perceber a questão esteve ligada à definição das tradições e fases efetuadas por ocasião do PRONAPA⁸. Os últimos trabalhos permitiram avançar nessa compreensão, pois forneceram amostras datadas que possibilitaram compreender a sucessão cronológica das casas e como essas poderiam ser entendidas no contexto de um conjunto.

A principal conclusão possível é que as casas de um sítio não são todas contemporâneas, mas, representam uma sucessão de ocupações, podendo ocorrer a construção de novas casas ao lado das já existentes, e mesmo a reocupação das últimas. Este fato foi comprovado a partir das escavações e datações realizadas em Bom Jesus, Vacaria e Caxias do Sul, todos municípios do Estado do Rio Grande do Sul.

Nos sítios de Vacaria, a data mais antiga é de 950 A.P. e a mais recente de 30 A.P. Em Caxias do Sul as datas iniciam-se em 1.480 A.P para a mais antiga e 630 A.P. para a mais

⁸ Ver capítulo 1.

recente. Em Bom Jesus, as datas oscilam entre 80 e 1.000 A.P.⁹

No sítio RS-A-27 as datas de radiocarbono mostram que o início da ocupação do sítio foi com 2 casas: a casa 6 e a casa 03¹⁰; a primeira com 3,5m de diâmetro e a segunda com 14m de diâmetro. Do mesmo período ainda é o montículo maior do sítio, que na verdade é o rejeito da construção da casa maior; e o espaço contíguo à casa 3 que apresentou uma marcada atividade do lado de fora, concomitantemente à ocupação das casas. As datas estão entre 670 e 900 A.P.

A distância entre as duas estruturas é de 216m de centro a centro. O montículo está ao lado da casa 3 a 45m de distância. Um dos núcleos de atividades seria justamente a casa 3 com seu entorno, o montículo, a casa 06 e também o seu entorno.

O outro momento de ocupação que se percebe nesse sítio é composto pela casa 2 com uma data de 520 A.P. Esta é casa circular, tem 10,5m de diâmetro e 2,33m (antes da escavação) de profundidade.

O terceiro momento de utilização do sítio é composto pelas casas 1 com 12,5m de diâmetro, e 5 com 5m de diâmetro, ambas com datas ao redor dos 400 anos A.P.

Finalmente, o último momento, já concomitante ao período histórico, no qual se inicia a colonização dos Campos de Cima da Serra pelas populações de origem européia, com datas no século XIX, com a ocupação das casas 4 (4m de diâmetro), 7 (2,4m de diâmetro) e uma reocupação da casa 2 (10,5m de diâmetro). A casa 4 tem uma data de 116 ± 15 A.P. Com isso temos a reocupação de 1 casa grande – sem que tenha havido uma nova escavação ou limpeza dela, já que os níveis inferiores estavam preservados – e 2 casas de menores dimensões.

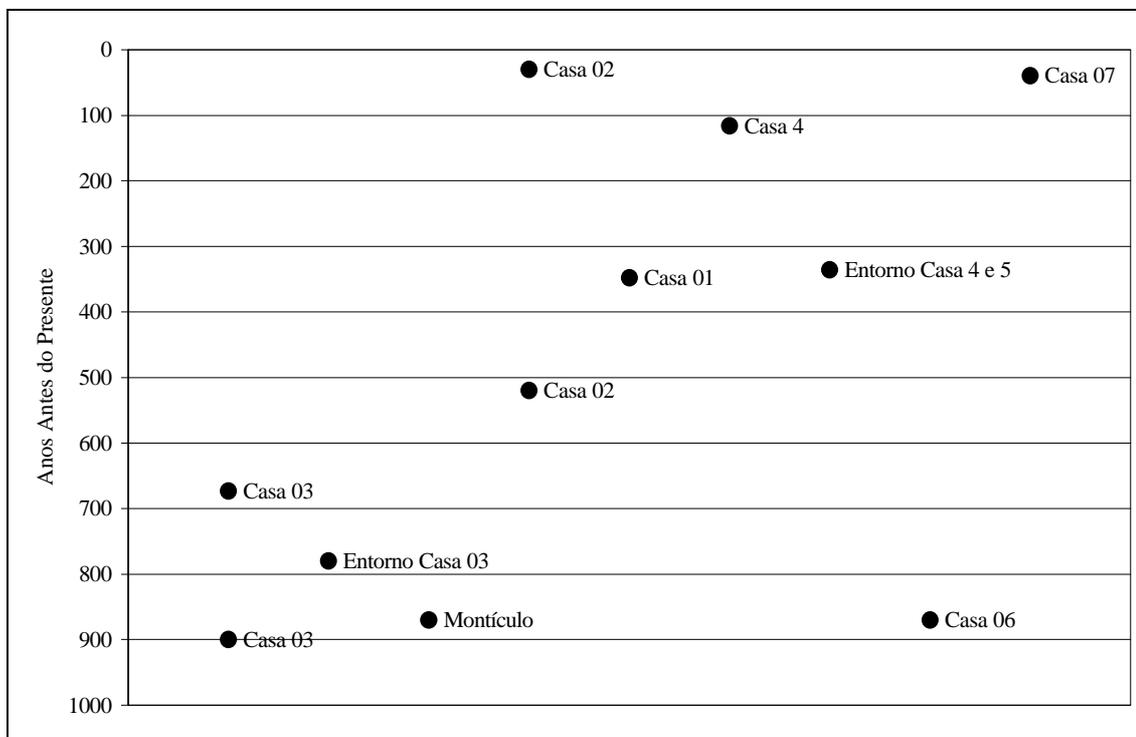
A distância entre essas casas não ultrapassa os 325m, sendo de 58m entre a 2 e a 4,

⁹ Existe ainda uma data discutível de 2.180 para este sítio de Bom Jesus/RS, detalhes, consultar o item 3.1.7 no capítulo 3 no qual apresentamos uma descrição destes trabalhos.

¹⁰ Vale salientar que a casa 3 apresenta 2 datas diferentes: 673 ± 55 A.P. e 900 ± 72 A.P.

325m entre a 2 e a 7 e 33m entre a 4 e a 7. Chama a atenção a localização da casa 7 que está próxima de um riacho e é a mais distante do conjunto do sítio¹¹.

FIGURA 43 Cronologia das ocupações do sítio RS-A-27



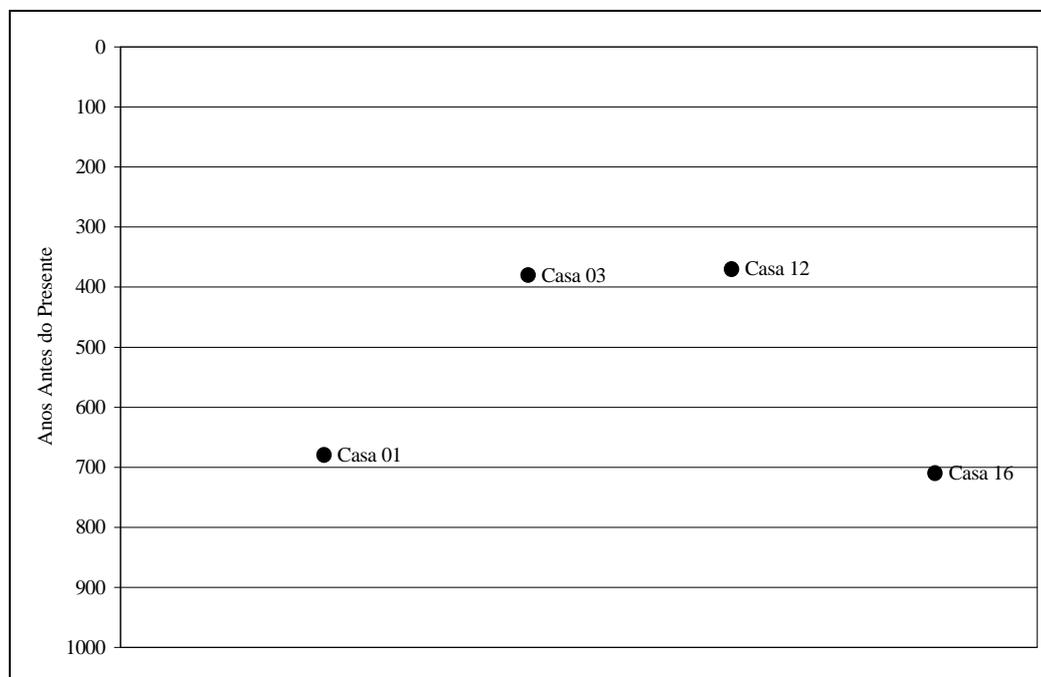
O outro sítio escavado, o RS-A-29 (Vacaria/RS), também fornece dados no mesmo sentido, ainda que possua menos datas que o anterior. O primeiro conjunto de datas é formado pelas casas 1 e 16, com datas ao redor de 700 A.P, mais o montículo, que é o acúmulo da casa 1. A casa 1 possui 11,7m de diâmetro por 1,75m de profundidade; a casa 16 possui 5m de diâmetro e 0,4m de profundidade. A distância entre as duas casas é de 315m de centro a centro.

A segunda dupla de datas que temos para este sítio está em meados do século XIV de nossa era, envolvendo as casas 3 e 12. A primeira possui 4,5m de diâmetro e 30cm de

¹¹ A casa 4 e a casa 5 foram datas em função do seu entorno. A casa 3 apresenta duas datas, por isso aparece em dois momentos – ver item 3.2.5 no capítulo 3.

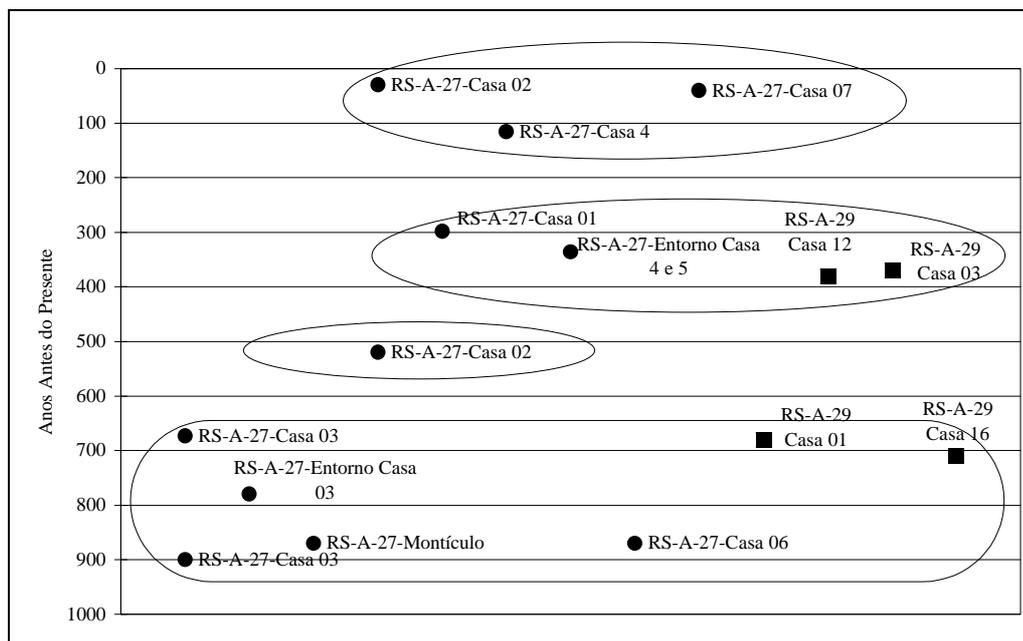
profundidade (a camada arqueológica é de 1,15m); a segunda possui 6m de diâmetro por 30cm. Estão distantes uma da outra pouco mais de 400m de centro a centro.

FIGURA 44 Cronologia das ocupações do sítio RS-A-29



Intercalando os gráficos das cronologias dos dois sítios, teríamos a seguinte sucessão:

FIGURA 45 Cronologia das ocupações dos sítios RS-A-27 e RS-A-29



É interessante observar que as datas dos dois sítios sugerem uma contemporaneidade das ocupações, ou, então, que os dois sítios estejam sendo ocupados alternadamente por um mesmo grupo.

Além das datas, temos como bom indicador de que se trate de uma mesma ocupação: a cultura material, especialmente a cerâmica; pois não são percebidas diferenças tanto entre os sítios como nas camadas. A cerâmica é a mesma nos dois sítios e também ao longo de toda a ocupação, já que não se percebe diferenças notáveis nas amostras retiradas de contextos estratigráficos, o que nos conduz a acreditar ser da mesma cultura, ou ao menos o mesmo modo de produzir cerâmica durante toda a ocupação do sítio. Reportamo-nos aos pesquisadores:

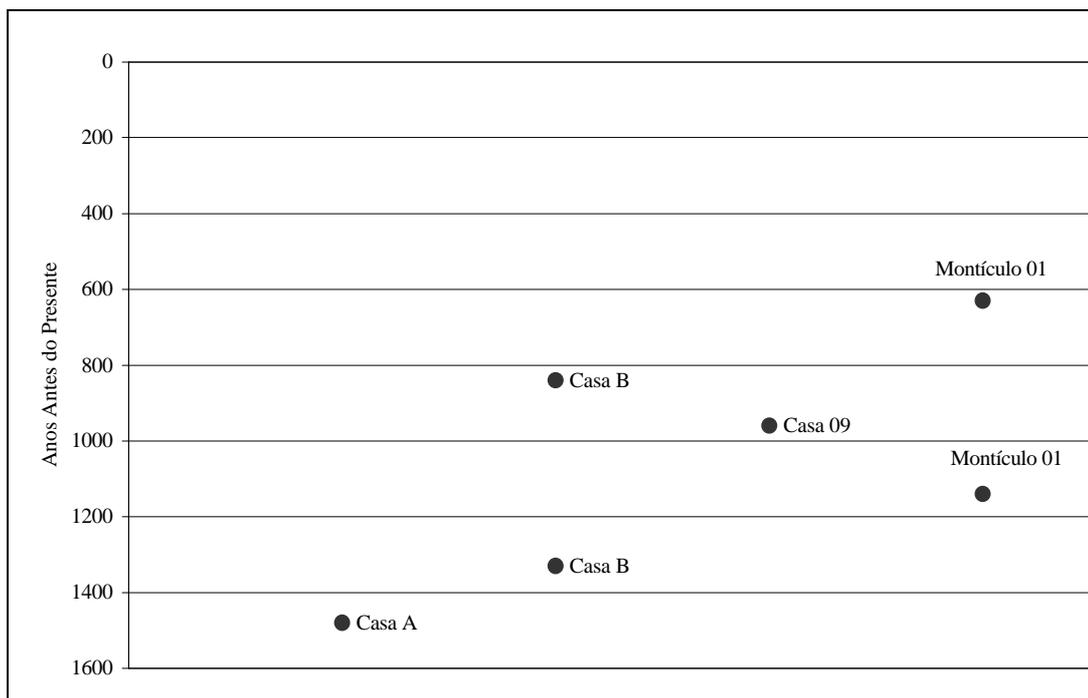
O resultado mostra claramente que a mesma cerâmica é usada nos dois sítios e nas diferentes amostras, tanto das estruturas construídas (casas subterrâneas), quanto dos espaços não construídos. (SCHMITZ, 2002b, p. 83)

O mesmo fenômeno repete-se no Município de Caxias do Sul, onde também existem casas subterrâneas escavadas e datadas. O conjunto é composto por 36 casas e 39 pequenos montículos. Deste conjunto, 4 casas subterrâneas foram escavadas, sendo uma grandes, duas médias e uma pequena.

Para as casas A (10,4m de diâmetro), B (5,2m de diâmetro) e 9 (5,62m de diâmetro) e o montículo foram realizadas datações. A casa 4 (3,3m de diâmetro) compõem um conjunto com mais a casa 2, 3 e 9; ela foi escavada mas não datada. O relatório da escavação (SCHMITZ, 1988a) informa que deve ter sido ocupada em momentos diferentes.

Para este sítio não possuímos nenhum croqui da distribuição das casas, mas os dados descritivos informam que estaria ocupando um capão de mato com cerca de 500m de diâmetro. No seu interior estaria a casa grande (a casa A), cercada pelas menores até uma distância máxima de 500m. Dispersos no mesmo espaço estariam 39 pequenos montículos.

FIGURA 46 Cronologia das ocupações do sítio RS-37/127



No Município de Bom Jesus, Copé & Saldanha (2002) trabalharam em um sítio (RS-AN-03) com 4 casas subterrâneas e 1 montículo. Nele, 2 casas foram alvo de intervenções arqueológicas, bem como o montículo. Ainda que os trabalhos não tenham sido concluídos, fornecem alguns bons indicadores.

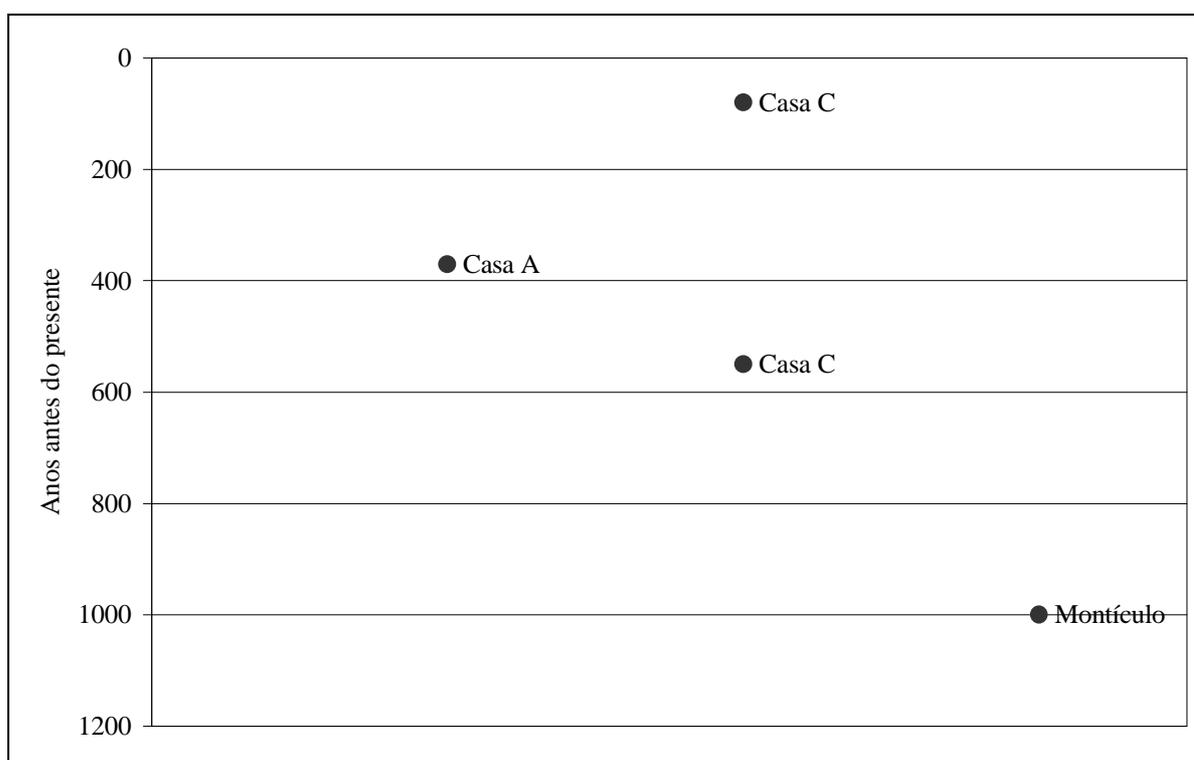
As datas indicam uma ocupação iniciando por volta de 1.000 antes do presente¹², com mais três em 550 e 370, e uma última em 80, todas antes do presente, demonstrando uma ocupação continuada ou repetida do espaço. A data de 1000 A.P. é da base do montículo, que foi acumulado com o sedimento proveniente da construção da casa A, o que por sua vez data a própria casa. Assim, o primeiro momento de ocupação situa-se em torno de 1000 A.P. com indícios apenas para a casa A. Um segundo momento deve ter sido entre 550 e 370, muito provavelmente envolvendo as casas A e C. Entretanto, como os trabalhos no sítio estão em andamento e ainda há mais 2 casas não trabalhadas, a casa D e a B, somente com o

¹² Maiores detalhes ver o capítulo 3, item 3.1.7.

prosseguimento dos trabalhos poderemos aprofundar essas interpretações.

O quadro cronológico desse sítio apresenta a seguinte conformação, a partir das datas disponíveis para as casas A e C, mais o montículo.

FIGURA 47 Cronologia das ocupações do sítio RS-AN-03



A partir desses dados podemos perceber que os sítios são compostos pela justaposição de casas subterrâneas. Essa justaposição ocorre tanto sincronicamente, com casas sendo ocupadas aos pares, como diacronicamente, com casas sendo reocupadas e/ou novas sendo construídas. Desta forma, os sítios com um grande conjunto de estruturas estão indicando muito mais uma persistência temporal no espaço, do que uma aldeia com várias casas.

4.1.5 Atividades relacionadas com as casas subterrâneas.

A existência de fogões, fragmentos cerâmicos, artefatos líticos e refugos de

lascamento nos permitem inferir sobre a natureza das atividades desenvolvidas no interior das casas. Os restos arqueológicos permitem afirmar que a preparação/consumo de alimentos e produção de artefatos foram praticadas intensamente no seu interior.

Nos diferentes sítios escavados foram identificadas fogueiras de diferentes tamanhos. Schmitz (1988a) identifica nas 4 casas que escava no sítio RS-37/127; Kern, Souza & Seffner (1989a), ao realizar sondagens em casas subterrâneas identifica camadas de carvão proveniente de fogueiras.

Tanto Mentz Ribeiro & Ribeiro (1985) quanto Copé & Saldanha (2002) promoveram escavações no Município de Bom Jesus e apontaram a existência de fogões nas casas subterrâneas. O segundo identifica ao menos três áreas de atividades envolvendo o consumo e/ou processamento de alimentos.

Schmitz et al. (2002b), escavando casas subterrâneas no Município de Vacaria, identifica em todas elas indícios de fogueiras como grânulos de carvão, quando não as estruturas das próprias fogueiras.

Copé, Saldanha & Cabral (2002), escavando casas subterrâneas no Município de Pinhal da Serra identificam densas lentes de carvão cercadas por rochas formando fogões. Esses sítios estão na margem esquerda do Rio Uruguai.

No Estado de Santa Catarina, Caldarelli & Herberts (2002), desenvolvendo pesquisas em casas subterrâneas na Bacia do Rio Chapecó, identificam camadas de carvão com concentrações de nós-de-pinho.

Ainda no Estado de Santa Catarina, João Alfredo Rohr (1971) realizou cortes estratigráficos em casas subterrâneas, no Município de Urubici, e identificou fogueiras acompanhadas de uma grande quantidade de cerâmica.

No interior das casas subterrâneas temos ao menos 3 tipos distintos de registros: estruturas de combustão, nós-de-pinho, fragmentos cerâmicos e líticos. Essas evidências

apontam tanto para as atividades de processamento e consumo de alimentos, quanto para a produção e uso de artefatos.

É importante salientar que as atividades de consumo e processamento de alimentos não estão restritas ao interior das casas. Ao menos 2 sítios dão mostras conclusivas de uma atividade intensa de processamento e consumo de alimentos do lado externo das depressões, em áreas que poderiam ou não estar cobertas.

Schmitz et al. (2002) identifica ao lado da casa 03 no sítio RS-A-27 (Vacaria/RS) uma área de atividade identificada pela quantidade bastante acentuada de cerâmica (2.494 fragmentos) e lítico (938 restos) em 23m². Entre o lítico predominam as pedras de fogão (44,67%), mas ocorrem também lascas e fragmentos (mais de 26%), além de núcleos, restos de retalhamento bipolar, percutores, seixos, estilhas, talhadores, prismas e lascas com algum indício de utilização. Esses restos atestam que nessa área deveria haver tanto a produção de artefatos líticos como o processamento e consumo de alimentos.

Além desse, outros cortes feitos entre as estruturas escavadas, permitiram identificar muitos testemunhos de atividades nas áreas externas.

Não se pode perder de vista a possibilidade de que outras tarefas tenham sido desempenhadas no interior das casas, nem tampouco que estas não desempenhassem outras funções. Pode-se tomar como sugestão os relatos históricos de Mabilde que afirma que o tamanho das casas seria proporcional ao tamanho do grupo, ou ao fato de ser solteiro ou casado. Ainda temos a proposta de Blitz (1999), para quem o tamanho dos *mounds* era um indicador de hierarquia. O atual estágio da pesquisa não nos permite avançar nessas interpretações, mas elas abrem perspectivas para trabalhos futuros.

Podemos supor que haveria alguma diferença de cunho funcional ou simbólico entre as casas, a julgar pelas diferenças de tamanho. Temos casas pequenas, com 2m de diâmetro, e outras grandes, com mais de 20m. Em termos de material arqueológico todas

apresentam elementos típicos de atividades cotidianas, que, entretanto, não permitem inferir diferenças funcionais.

4.1.6 Sítios superficiais

Os sítios superficiais, chamados também de litocerâmicos, são caracterizados como espaços a céu aberto nos quais podem ser encontrados apenas artefatos líticos ou líticos e cerâmicos. Temos casos bem conhecidos em Pinhal da Serra e Vacaria no Rio Grande do Sul, e em Chapecó, Estado de Santa Catarina.

Os sítios onde encontramos exclusivamente artefatos líticos foram sempre associados a uma ocupação pré-cerâmica, de grupos portadores da Tradição Humaitá, e atestariam uma ocupação antiga, pré-cerâmica. Chama a atenção a sua proximidade com assentamentos de casas subterrâneas, além da semelhança que pode ser percebida na indústria lítica.

Arno Kern e equipe já evidenciaram áreas de exploração de matéria-prima num banco de seixos na margem esquerda do Rio Pelotas, onde foram encontrados indícios da coleta de matéria-prima para confecção de artefatos.

Este tipo de sítio parece ser, tendo em vista as demoradas observações feitas, um local para obtenção de matérias-primas ou para acabamento de utensílios. Tanto os núcleos, como alguns seixos com início de trabalho, parecem indicar isto. Não seriam nem sítios-acampamento nem sítios-habitação, pois não se encontram outras evidências. Os artefatos devem ter sido elaborados em outra parte ou levados embora. (KERN, SOUZA & SEFFNER, 1989b, p. 120)

Os sítios onde encontramos seriam sítios acampamento e estão ocupando platôs e terraços na encosta. Esses locais, ainda segundo Kern, são os únicos possíveis para a horticultura, já que as várzeas são quase inexistentes, e há indícios de que tenham sido utilizados pelos grupos indígenas para atividades agrícolas.

As superfícies planas no topo do platô foram igualmente utilizadas para horticultura, tendo em vista uma informação recebida do proprietário local. Na barra do Rio Anta Pelada com o Rio Pelotas, em um terraço a meia altura da encosta, foi encontrada uma área com vegetação secundária (guanchuma) na roça antiga, dentro do mato, sem que as árvores tenham sido arrancadas. Segundo o informante, deveria ser uma roça antiga e não poderia ter sido de homem branco tendo em vista ter sido o primeiro a derrubar o mato no local. (KERN, SOUZA & SEFFNER, 1989b, p. 120)

Mentz Ribeiro & Ribeiro (1985) também corroboram esta interpretação nos seus trabalhos no Município de Esmeralda, sendo a única diferença perceptível o fato dos sítios exclusivamente líticos possuírem um diâmetro maior que os sítios com cerâmica, os primeiros com algo em torno de 100m de diâmetro, os últimos com algo entre 20 e 50m.

Copé, Saldanha & Cabral (2002), também tratando dos sítios líticos, afirma que seriam parte de um sistema de assentamento mais amplo do que sítios de grupos pré-cerâmicos e que devem representar áreas de atividades específicas dos grupos construtores das casas subterrâneas.

Esta baixa variabilidade dos sítios líticos no canteiro de obras, somada à posterior identificação de sítios litocerâmicos onde os fósseis-guias da Tradição Humaitá e da Tradição Taquara estavam associados, acabou por levantar o questionamento sobre a validade de utilizarmos o conceito de Tradição Humaitá, nesta região, como indicador da presença de grupos caçadores-coletores não-produtores de cerâmica. A hipótese então levantada foi a de que estes sítios líticos não representam uma outra ocupação humana no planalto anterior àquela que deu origem às estruturas escavadas, mas sim que tais locais seriam áreas de atividades específicas dos grupos ceramistas. (COPE, SALDANHA & CABRAL, 2002, p. 124)

Em um sítio litocerâmico os autores identificam o piso de uma cabana com artefatos líticos e cerâmicos, com as mesmas características dos encontrados nos sítios com casas subterrâneas; trata-se do sítio RS-PS-12.

O sítio ocupa uma área de cerca de 1.780m², apresentando-se como uma grande mancha de terra preta, O sítio mais próximo com casas subterrâneas está a cerca de 500m de distância.

Através da observação do plano de escavação, que mostra a distribuição dos artefatos no espaço escavado, é possível vislumbrar o piso de uma antiga cabana pré-histórica, delimitado por uma maior concentração de artefatos grandes,

formando um semi círculo ao redor da fogueira identificada. Entre o semi círculo de artefatos e a fogueira observamos a existência de artefatos de menores dimensões (lítico e cerâmica). Estamos inclinados a interpretar esta maior concentração de artefatos como proveniente da limpeza da área central da estrutura. [...] Partindo do plano de escavação podemos sugerir um modelo de estrutura: pela ausência de indícios de atividades ao sul da fogueira; esta estaria junto à entrada da estrutura. O telhado seria construído com madeirames dispostos radialmente e coberto com palha. Ao redor da fogueira se desenvolveriam as atividades domésticas, o que explica o estado fragmentado dos artefatos no entorno imediato. O detrito doméstico iria se acumulando junto as paredes da estrutura, na área onde o telhado impediria o tráfego das pessoas, explicando a presença de grandes fragmentos cerâmicos neste local. (COPE, SALDANHA & CABRAL, 2002, p. 127)

Temos nesses sítios superficiais litocerâmicos, ao menos nesse caso, um sítio de atividades domésticas, com a construção de uma casa de palha e madeira, com material cerâmico e lítico, porém sem a construção de um piso rebaixado (portanto não sendo subterrânea). O que falta aqui é uma datação para inseri-lo em uma perspectiva cronológica, além do que, segundo os próprios autores, o sítio apresenta a mesma cerâmica e o mesmo material lítico encontrado nas casas. Isso seguramente sugere que se trata de um mesmo grupo cultural ocupando a área. Sem esquecer que as casas próximas distam apenas 500m.

Essa hipótese de que os sítios litocerâmicos façam parte de um sistema de assentamento mais amplo, associado às casas subterrâneas, fica ainda mais evidente quando se observam os mapas de distribuição dos sítios (Figuras 48 e 49). Além disso, tomando como exemplo o levantamento realizado por Mentz Ribeiro & Ribeiro (1985), percebe-se a ocorrência dos sítios litocerâmicos próximos aos sítios com casas subterrâneas em distâncias que não superam os 1000m.

Com isso, podemos trabalhar com a hipótese, ao menos nas áreas de ocorrência de casas subterrâneas, de que os sítios líticos façam parte do sistema de assentamento, voltados à extração e processamento de matéria-prima.

Quanto aos sítios litocerâmicos, esses estão associados a atividades domésticas, da mesma forma que os sítios com casas subterrâneas, porém os litocerâmicos não possuem os pisos rebaixados. Muito provavelmente estão associados também a atividades agrícolas, como sugere Kern, fenômeno que observamos em outras áreas com altitudes mais baixas, onde se

encontram aldeias com cerâmica e lítico da Tradição Taquara/Itararé, porém as casas ali construídas não apresentam os pisos rebaixados.

Outros dados interessantes sobre áreas com altitudes mais baixas estão no Município de Taquara, Estado do Rio Grande do Sul, onde Eurico Miller identifica ao menos uma aldeia, com a marca de várias choupanas, localizadas pela concentração de cerâmica e pela mancha escura que marcava a sua ocorrência¹³. Esse sítio localizado na encosta da serra, abaixo da linha dos 600m de altitude e fora da área de maior concentração da araucária, seguramente marca o estabelecimento de uma aldeia. A descrição de Eurico Miller é esta:.

Sobre a encosta da serra, encontramos sítios desta fase (Taquara) nos patamares escalonados. Junto aos rios, estes sítios ocupam o topo de pequenas elevações e se constituem nos maiores sítios desta fase, atingindo até 400m². É possível determinar a localização dos antigos recipientes cerâmicos pela disposição dos cacos que se apresentam agrupados em focos distintos, isto é, não se encontram misturados e amontoados como se verifica no refugio dos sítios de Tradição Guarani. De suas habitações nada de concreto existe, a não ser pequenas lentes de carvão, não visíveis pela superfície para os sítios situados abaixo do planalto. Toda a área do sítio é mais escura do que a circunvizinha. (MILLER, 1967, p. 20)

Mentz Ribeiro & Silveira (1979) também abaixo dos 600m de altitude e Mentz Ribeiro (1991), no Vale do Rio Pardo, Estado do Rio Grande do Sul, descrevem a existência de sítios com casas subterrâneas associados a sítios superficiais com cerâmica da Tradição Taquara. Na mesma área ocorrem também: sítios com a cerâmica Taquara e Guarani associadas; sítios com cerâmica da Tradição Vieira e Taquara; sítios das Tradições pré-cerâmicas Umbú e Humaitá.

Neste vale foram indentificados 46 sítios das Tradições Taquara e Humaitá, dos quais 23 da Tradição Taquara, Fase Erveiras, destes 3 caracterizam-se como de casas subterrâneas; os demais são sítios superficiais. Estes últimos foram assim descritos:

Dos 46 sítios das Tradições Taquara e Humaitá do planalto, 15 (32,6%) apresentam manchas escuras (pretas) no solo. A forma é circular, o número de

¹³ Não possuímos uma descrição destes trabalhos. Esta informação foi fornecida por Pedro Ignácio Schmitz que visitou a área no ano de 1966. Informação verbal fornecida por Pedro Ignácio Schmitz em agosto de 2003.

manchas varia entre uma e cinco, predominando as primeiras com 8 casos (53,3%), seguindo-se locais com duas (26,7%), três (13,3%) e cinco (6,7%). A espessura dos sedimentos é relativamente delgada, mesmo nas manchas escuras, não ultrapassando os 20cm. A posição destas manchas, no terreno, vai desde locais planos até relativamente inclinados. (MENTZ RIBEIRO, 1991, p.185)

Segundo Mentz Ribeiro, os sítios da Tradição Humaitá (pré-cerâmica) e Taquara (cerâmica) somente se diferenciam pela cerâmica, tanto que o autor propõe que a última seja evolução da primeira.

Podemos perceber que os sítios litocerâmicos são mais abundantes na encosta do que no planalto propriamente dito, de tal forma que esses assentamentos caracterizam os sítios da Tradição Taquara fora do planalto, da mesma forma que sítios da Tradição Itararé, no litoral do Estado de Santa Catarina e do Paraná, estão associados a aldeias superficiais.

Uma dificuldade na pesquisa é o fato de os sítios superficiais serem mais difíceis de identificar, especialmente em áreas de cobertura vegetal densa, ou quando pastagens recobrem o solo. Além disso, a classificação de alguns sítios como pertencentes a uma tradição pré-cerâmica e a concentração dos esforços em identificar especialmente as casas subterrâneas dificultam a percepção dessa realidade.

4.1.7 Áreas entaipadas

As áreas entaipadas apresentam-se como cordões de terra, com cerca de 40 a 50cm de altura, delimitando uma área circular, retangular ou elipsóide. Normalmente apresentam uma abertura em um dos lados. Podem também conter, em seu interior, um ou mais montículos de terra. Casos como esses foram descritos por Chmyz (1968b) no sítio PR-UV-11, no Estado do Paraná. João Alfredo Rohr (1971) também identifica 8 destes sítios em Santa Catarina.

A característica desses sítios cercados por taipas é a de estar em áreas planas, no alto dos morros mais altos da região, próximos a pequenas lagoas ou nascentes de arroios,

cobertos atualmente por campos e capoeiras. A posição privilegiada permite que dominem visualmente áreas extensas.¹⁴

No Estado do Rio Grande do Sul, a equipe do IAP identificou um desses sítios no Município de André da Rocha¹⁵. Mentz Ribeiro & Ribeiro (1985) localizam vários no Município de Pinhal da Serra/RS, sendo que um deles foi escavado por Silvia Copé e equipe (COPE, SALDANHA & CABRAL, 2002).

Trabalhos anteriores como o de Rohr (1971), Chmyz (1968a), Menghin (1957) e Mentz Ribeiro & Ribeiro (1985) restringiam-se a descrever as áreas entaipadas e realizar pequenas intervenções, especialmente coletas de superfície e cortes estratigráficos. As escavações realizadas por Copé e equipe procuraram perceber a funcionalidade desse tipo de sítio.

Chamou a atenção desta última equipe o fato de uma área entaipada ter um montículo ao centro e neste haver indícios de sepultamento, ao menos uma vértebra humana calcinada. Tomamos aqui as suas conclusões.

A escavação do sítio RS-PS-21 trouxe muitas contribuições para a compreensão das estruturas circulares em alto relevo. A primeira delas refere-se à própria interpretação da estrutura: o montículo central certamente foi utilizado para encerrar os restos de fogueiras onde foi realizada a cremação de ossos, ligando a estrutura com uma função funerária. O espaço interno e imediato externo da estrutura circular foi mantido limpo, pois há pouca evidência de atividades ocorridas nestes locais (as evidências resumem-se a fragmentos de duas vasilhas cerâmicas). As atividades ligadas às estruturas parecem ter se desenvolvido num local um pouco afastado (cerca de 20m), onde foi localizada a concentração de artefatos em superfície. (COPE, SALDANHA & CABRAL, 2002, p. 132)

Outro trabalho de fundamental importância para a compreensão é o de Barra Grande (SCIENTIA AMBIENTAL; NUPArq/UFRGS & ITACONSULT, 2002), que identificou igualmente duas fogueiras funerárias e cerâmica da Tradição Taquara/Itararé no

¹⁴ Estes aspectos são apontados por Mentz Ribeiro & Ribeiro (1985) e por Chmyz (1968b).

¹⁵ Os dados relativos a este sítio não foram ainda publicados pela equipe do IAP. Valemo-nos portanto dos relatórios de campo depositados naquela instituição.

interior de um montículo circundado por uma área entaipada.

4.1.7.1 As áreas entaipadas e os montículos funerários

Os montículos associados com casas subterrâneas são apontados como funerários desde o início das pesquisas no planalto nos anos de 1960. Essa interpretação está alicerçada na leitura de relatos históricos sobre os Kaingáng, que davam conta do sepultamento de caciques principais cujos corpos eram depositados sobre o solo e recobertos por terra até formar um monte bastante grande. Entretanto nas escavações realizadas em montículos no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná não houve indícios conclusivos de enterramento nos ditos montículos.

Este panorama se alterou justamente com as escavações no Município de Pinhal da Serra /RS, quando Silvia M. Copé identifica, em um dos montículos, restos humanos. Tinha-se assim, a primeira comprovação arqueológica de que os montículos foram utilizados para fins funerários.

Nas quadrículas sobre o centro do montículo foi possível delimitar uma microestrutura complexa, aos 45 cm de profundidade, delimitada ao sul e ao norte por aglomerados de concreções avermelhadas e escuras, possuindo no centro muitos fragmentos de ossos pequenos, alguns deles bastante calcinados, além de duas fogueiras, contendo no seu interior também ossos misturados (alguns carvões recolhidos das fogueiras podem ser ossos queimados). Esta microestrutura estende-se a leste e a oeste. Foi delimitada a fogueira contendo muitos ossos (um deles identificado como uma vértebra humana). Os ossos encontram-se bastante remexidos, em meio à fogueira, estando bastante friáveis. Em volta da fogueira foi notada uma concreção escura que julgávamos ser basalto em decomposição. Ao decaparmos totalmente a fogueira notamos que esta concreção era na verdade o sedimento calcinado pela fogueira, indicando que esta atingiu uma temperatura muita alta. (COPÉ, SALDANHA & CABRAL, 2002, p. 131-132)

Na mesma área desse município, a equipe encontrou mais 5 sítios com montículos circundados por taipas.

Mentz Ribeiro & Ribeiro (1985) já haviam desenvolvido levantamentos na região, porém com uma abrangência territorial maior. Identificaram ao menos 3 sítios com as mesmas

características. Entretanto, sugeriam serem locais de antigas aldeias.

Esse fenômeno, ou seja, montículos circundados por taipas, é relatado também para a margem direita do Rio Pelotas, para o Estado de Santa Catarina, na área da UHE Barra Grande¹⁶, onde a equipe responsável pelos trabalhos identificou, em um mesmo montículo, duas fogueiras funerárias realizadas em momentos diferentes, a julgar pelo fato de estarem em posições estratigráficas diferentes. Além desse, foram identificados mais 04 sítios com as mesmas características, embora não tenham sido escavados para se comprovar os indícios de cremação.

Quem também descreve esse tipo de estrutura é Rohr (1971) com 8 casos nos Municípios de Petrolândia, Bom Retiro, Urubici e São Joaquim, todos no Estado de Santa Catarina, porém em apenas 2 casos foi mencionada a existência de um montículo¹⁷. Os demais, quando testados com sondagens, sempre revelaram a existência de uma camada de carvão, além de cerâmica e artefatos líticos.

Na Província de Misiones, Argentina, Osvaldo F. Menghin (1957) identificou o fenômeno, além da existência de carvão e cerâmica; entretanto, os sítios estavam perturbados pelo cultivo agrícola e pela ação de caçadores de tesouros.

No Estado do Paraná, Igor Chmyz (1968b) descreve dois sítios com montículos, sendo um deles circundado por uma taipa e o outro não. No sítio PR-UV-11 (CHMYZ, 1968b) identificou, na base do montículo, uma camada bastante densa de carvão, como descrevemos no Capítulo 3 (item 3.1.3). A julgar pela sua localização e características seguramente trata-se do mesmo fenômeno.

Com isso podemos distinguir claramente ao menos duas funções para os

¹⁶ Maiores detalhes são encontrados no item 3.1.9 no capítulo anterior.

¹⁷ Os montículos nesses casos podem estar ausentes em função dos trabalhos agrícolas que acabam por destruir as evidências.

montículos: a primeira como depósitos de sedimentos e a segunda como espaços funerários.

Enquanto depósitos de sedimentos, estão localizados sempre próximos às casas subterrâneas, o que não poderia deixar de ser, já que é delas que provêm sua matéria-prima. Entretanto, não podemos descartar que tenham exercido outras funções no contexto da aldeia. Há indícios de intencionalidade, pois acumulavam os sedimentos em um único ponto, e não espalhavam-no pelo entorno, como ocorre em alguns casos. Outro indício de intencionalidade do seu acúmulo é uma pequena depressão que se forma no seu entorno, circundando todo o montículo. Ora, se o montículo é só depósito de sedimentos, por que escavar o entorno formando uma pequena valeta ao redor? Outra questão ainda é o fato de terem sido identificadas na base de alguns desses montículos marcas de fogueiras. Assim, para identificar outras funções é necessário avançar nas pesquisas.

Já os montículos funerários não estão localizados, necessariamente, próximos às casas subterrâneas. Muitas vezes ocorrem isolados ou então estão circundados por taipas.

A descrição oferecida por Mabilde fornece uma boa ilustração do fenômeno:

No dia seguinte ao enterro do cacique principal e desde esse dia em diante todos os moços das tribos subordinadas voltam ao lugar da sepultura do cacique e sobre ela amontoam terra até formar um túmulo circular de não menos de 25 palmos de diâmetro (e às vezes mais) com 6 palmos de altura, serviço este no qual levam às vezes muitos meses, porque além de carregarem a terra em uma espécie de cabaz (feito de taquara e cipó) de pequenas dimensões, pouco maior do que uma quarta de alqueire (das nossas antigas medidas), vão buscá-la, em geral à grande distância, à margem de algum arroio ou sanga com barranco que desmorone, e donde fazem sair com estacas de madeira.

Esses túmulos dos Coroados, com tão grandes dimensões, têm sido para muitos um enigma, porque em suas imediações nunca se encontra lugar ou cova que indique a proveniência da quantidade de terra com que são feitos, sendo às vezes muito considerável a distância ao ponto em que a foram buscar. O túmulo é feito perfeitamente circular e com as dimensões referidas. A parte lateral faz ângulo reto com o solo e com a superfície superior que assim fica perfeitamente horizontal. Ao redor do túmulo limpam o terreno tirando-lhe toda a vegetação numa extensão de 8 (1,76m) a 10 (2,20m) palmos mais ou menos; calcam bem aos pés a terra dessa orla circular e então dão o trabalho por terminado. (MABILDE, 1988, p. 154)

A comprovação desta finalidade, enquanto espaços funerários, corrobora os dados históricos que serviram de base para as primeiras explicações do fenômeno. A existência de montículos, intencionais, com um fim exclusivamente funerário, implica uma série de outras

questões relativas às práticas de sepultamentos e à estrutura social desses grupos. A questão mais premente é: Quem era enterrado nesses locais? Qual a sua importância e significado dentro do grupo? Se aceitamos a descrição de Mabilde, temos aí os sepultamentos dos caciques principais.

As áreas entaipadas portanto, ao menos com os dados que temos até o momento, não são aldeias, mas espaços funerários, e porque não dizer cerimoniais, que desempenham uma função relacionada à socialização do grupo e ao cumprimento de obrigações cerimoniais. Ressente-se, entretanto, da ausência de datações para esse tipo de sítio, o que permitira inseri-los dentro da cronologia da Tradição Taquara/Itararé.

4.1.8 Grutas funerárias

As grutas são ainda pouco estudadas no contexto da arqueologia do planalto. Poucos sítios foram até agora identificados, e menos ainda foram estudados sistematicamente.

As grutas, ou abrigos como também são chamadas, são sítios voltados exclusivamente para o sepultamento, representando os jazigos mortuários dos indivíduos. Temos ao menos dois casos bem conhecidos: o Perau das Cabeças (sítio RS-A-28 em Vacaria/RS) e a Gruta do Matemático (em Bom Jesus/RS).

No conjunto dos sítios pesquisados em Vacaria pela equipe do IAP, foi identificado um abrigo com sepultamentos – RS-A-28 – que está localizado no topo da escarpa basáltica, nas nascentes do Arroio Boa Vista, que cai formando uma pequena cascata. São 3 pequenos abrigos com ao menos 65 indivíduos dispersos na superfície. Além dos esqueletos, foram encontradas contas de colar produzidas a partir conchas de espécies de água doce, ossos de mamíferos e conchas de moluscos marinhos.

Ademais, foram encontradas ainda mais 6 grutas com as mesmas características, quais sejam: água, pequenas dimensões e esqueletos humanos. Valemo-nos aqui das análises

dos remanescentes ósseos dessas grutas, que apresentam dados relativos aos sepultamentos, até então inexistentes (IZIDRO & HAUBERT, 2003).

No Município de Bom Jesus temos a Gruta do Matemático, descrita inicialmente por Miller (1971) e por Lazzarotto (LAZZAROTTO et al., 1971). A partir dos remanescentes ósseos foram identificados no mínimo 54 indivíduos, sendo 27 adultos, 14 crianças e 7 lactentes. No mesmo município, Mentz Ribeiro e equipe (MENTZ RIBEIRO et al., 1994) identificaram uma gruta em cuja superfície foram encontrados ossos humanos, que indicam ao menos um indivíduo, ossos de animais e fragmentos de cerâmica.

No sítio RS-P-21 – Morro da Igreja, descrito por Miller (MILLER, 1969a), no Município de Bom Jesus, foram identificados ao menos 53 indivíduos, sendo 36 adultos, 2 adultos jovens, 6 jovens, 7 crianças e 2 lactentes (IZIDRO & HAUBERT, 2003).

No Município de Jaquirana/RS, em um abrigo próximo ao Rio Camisas, afluente do Rio das Antas, em 2 grutas foram identificados aos menos 140 sepultamentos, sendo 102 adultos, 1 adulto jovem, 14 jovens 17 crianças e 6 lactentes (IZIDRO & HAUBERT, 2003).

No Vale do Rio Caí, Mentz Ribeiro (1975) localizou 3 abrigos, denominados Virador I, Virador II e Virador III, sendo que nos dois primeiros foram encontrados ossos humanos. No Virador I primeiro foram encontrados vários ossos dispersos, que podem ser individualizados como de, ao menos, dois indivíduos, e um deles pode ser identificado como sendo de uma mulher, a qual se encontrava estendida, em decúbito dorsal. Além dos esqueletos, Mentz Ribeiro (1975) informa a existência de várias fogueiras com muitos ossos de animais e possivelmente humanos (IZIDRO & HAUBERT, 2003).

No Virador II foram identificados ao menos 8 indivíduos, sendo 3 adultos do sexo feminino, 1 do sexo masculino e 4 crianças (IZIDRO & HAUBERT, 2003).

Para estes dois abrigos foram obtidas duas datas, uma delas é considerada moderna e a outra é de 630 ± 205 (SI-1201) (MENTZ RIBEIRO, 1975).

Para o Estado de Santa Catarina existem ao menos 15 sítios com informação de sepultamentos, localizados nos Municípios de Anita Garibaldi, Alfredo Wagner, Orleans, Urubici e Bom Retiro, todos identificados pelo Pe. João Alfredo Rohr.

Para o sítio de Vacaria (RS-A-28, Perau das Cabeças), fica clara a associação entre os sepultamentos e os grupos habitantes das casas subterrâneas. No caso desse sítio, foram os únicos sepultamentos encontrados em uma área em que marcadamente a ocupação é de populações do planalto. Não seria lógico presumir que os indivíduos sepultados nessa gruta fossem descendentes de grupos que não foram identificados na área. Ressente-se apenas de uma datação, ainda que bastante difícil de ser obtida, que permita uma associação cronológica com as outras datas que se possui para a área.

A Gruta do Matemático é bastante ilustrativa, visto que foram encontrados, além dos sepultamentos, áreas de fogueira, fragmentos de cerâmica, cascas de pinhão, palha de milho e taquaras cortadas. Chama a atenção ainda o fato de que os informantes afirmam que teria havido uma esteira de taquara fechando a frente da gruta que há muito teria desaparecido. Amostras de taquara encontradas parecem corroborar essa afirmação (LAZZAROTO et al., 1971, p. 81).

Um traço marcante em todos estes sítios é o fato de estarem associados a uma queda d'água. Todos os sítios descritos para o Estado de Santa Catarina estão atrás de uma queda d'água. A Gruta do Matemático e o Perau das Cabeças da mesma forma. Com isso, temos uma associação entre grutas com sepultamentos e cursos e quedas d'água. A razão disso, seguramente remete a questões de ordem mítica que ainda não temos condições de apreender.

Estes sítios demonstram uma utilização sistemática dos abrigos como espaços funerários. São normalmente sepultamentos sem cremação. Os mortos são depositados ou mesmo enterrados dentro dessas grutas, podendo possuir algum acompanhamento de contas e

de artefatos líticos, conforme foram identificados tanto no Perau das Cabeças como no Virador. No caso do primeiro, é importante assinalar a existência de conchas de moluscos marinhos. Esses ossos e conchas, muito provavelmente, seriam ou acompanhamento fúnebre ou talvez oferendas; não é nada plausível que as conchas marinhas sejam restos de alimentos, mas elementos que deveriam estar junto com o falecido ou a ele serem ofertados.

Outra indicação importante é a da existência de contatos entre as populações do planalto com o litoral, seja através de migrações, seja por redes de trocas, a julgar pela existência de conchas típicas do litoral em sítios tão distantes da costa. Existem aldeias estáveis típicas Taquara/Itararé no litoral do Estado de Santa Catarina e acampamentos característicos Taquara no litoral central e litoral norte do Estado Rio Grande do Sul. A forma e a articulação desses contatos ainda não temos condições de estabelecer, ficando a questão para ser testada em trabalhos futuros.

4.1.9 Grutas e montículos: dois padrões de sepultamento

Temos dois padrões de sepultamento – grutas e montículos – que podem ser entendidos de duas formas: diferenças sociais ou diferenças cronológicas. Não temos ainda dados suficientes para responder em definitivo qual delas seja a mais próxima da realidade, mas seguramente podemos lançar luzes sobre a questão.

No que se refere a diferenças de cunho social, o principal argumento são as descrições oferecidas por Mabilde (1988, p. 154) do sepultamento de um cacique principal, sobre cujo corpo amontoam ao menos 6 palmos de terra (algo em torno de 1,5m de altura), em formato circular. No mesmo texto menciona que para os demais caciques – não os principais – os enterramentos eram realizados em cova rasa acompanhada de choros de lamentos; para os demais membros da tribo o sepultamento diferenciava-se apenas pela ausência dos choros de lamentos.

A implicação, do ponto de vista arqueológico, desta diferença é justamente a ausência de marcadores materiais que expressem, nos sepultamentos, a diferenciação que existe no mundo dos vivos. Ou talvez Mabilde não a tenha percebido em suas observações.

Arqueologicamente, a pouca quantidade de vestígios de sepultamentos em montículos corrobora a hipótese de que estes sejam os sepultamentos de indivíduos diferenciados dentro do grupo, merecedores de um tratamento especial após sua morte. Por outro lado, a pouca quantidade de montículos funerários escavados impede que se faça uma generalização.

No que se refere a diferenças de cunho cronológico, parte-se da premissa de que estas duas formas de sepultamento estejam caracterizando momentos distintos da história dessas sociedades. Como não temos datas associadas às grutas, seria precipitado fazer uma inferência nesse sentido.

O que podemos afirmar, então, é que os montículos funerários e as grutas com sepultamentos representam dois padrões bem marcados de sepultamento, isto porque: ocupam as mesmas áreas em que ocorrem os sítios com casas subterrâneas; têm a mesma cerâmica, e portanto, os indivíduos ali depositados fazem parte da mesma sociedade que constrói as casas subterrâneas, os montículos, e que se utiliza das grutas como jazigo.

A densidade de sepultamentos nas grutas nos permite inferir que nelas era depositada a maior parcela dos indivíduos do grupo, e assim tornariam esses locais importantes e significativos, para não dizer sagrados, a ponto de retornarem sistematicamente para depositarem seus mortos, e, porque não dizer, lhes render homenagens.

Os montículos funerários representam uma inversão de tempo e esforço físico que não podem ser desprezados. Sendo assim, a construção de um montículo com quase 2m de altura permite que consideremos que esta pessoa possua um status diferenciado frente aos demais membros do grupo.

4.1.10 Os sítios e a ocupação do território

As grandes concentrações de casas subterrâneas, como encontramos na área do Projeto Vacaria, ou mesmo a grande densidade de sítios identificada por Maria José Reis (1980), indicam uma ocupação continuada do espaço, e muito provavelmente aqueles sítios com uma maior concentração de casas subterrâneas indicam locais preferenciais para o grupo que a ele retorna constantemente, reocupando as casas existentes ou construindo novas.

Tomando como exemplo o Projeto Vacaria (SCHMITZ, 2002b, p. 98), se traçarmos um raio de 4km, podemos abranger um conjunto de 8 sítios, entre eles o RS-A-27 e RS-A-29, além de uma gruta com sepultamentos humanos.

Dos sítios RS-A-27, RS-A-28 (Perau das Cabeças) e RS-A-29 já conhecemos a composição. Os demais apresentam as seguintes características:

Sítio RS-A-30: composto por 20 casas pequenas, entre 3 e 5m de diâmetro, e profundidade máxima de 55cm dentro da mata de pinheiros.

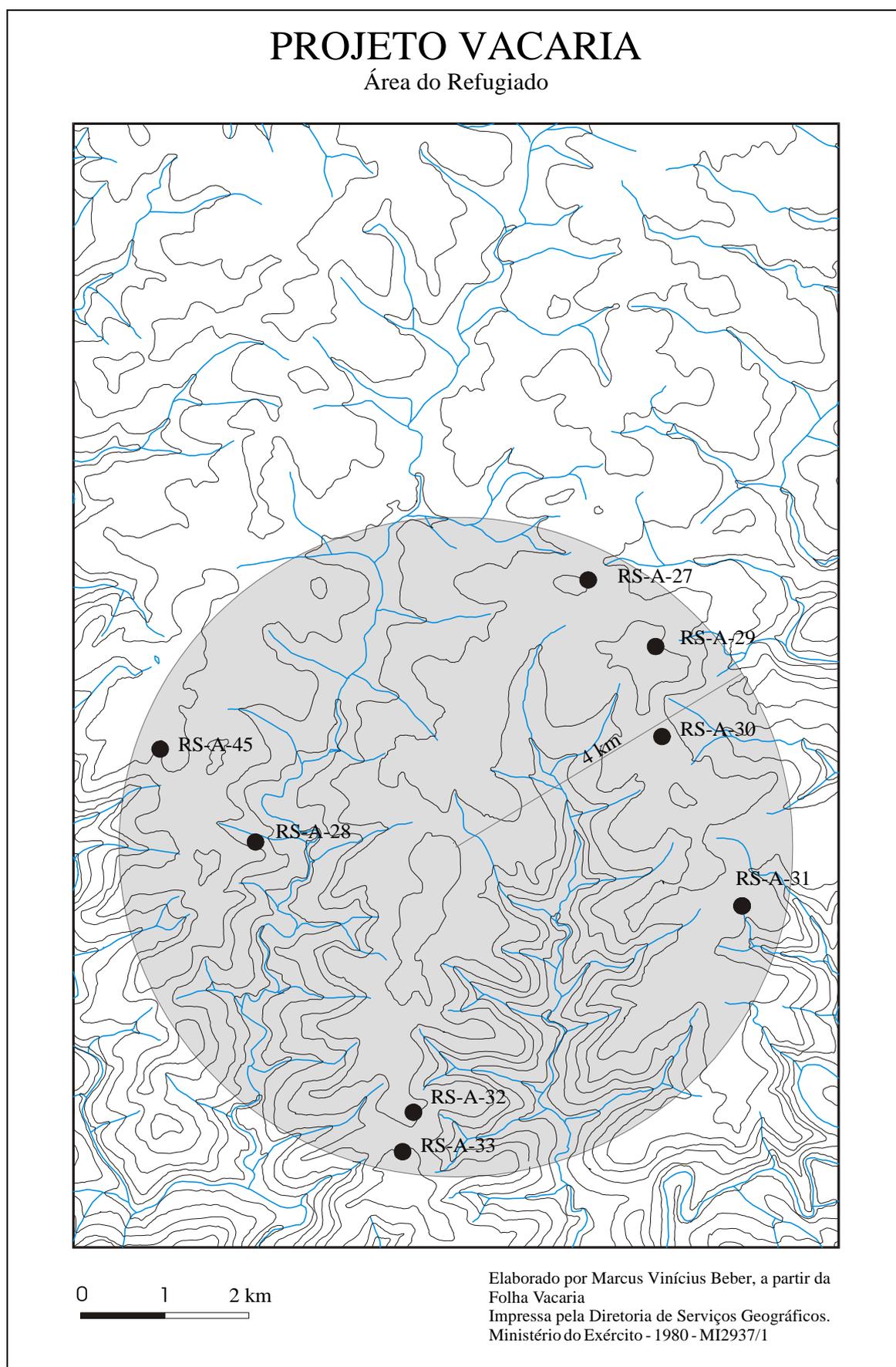
Sítio RS-A-31: composto por 3 casas, tendo a menor 4,5m de diâmetro e a maior 6,8m e a profundidade máxima de 1,64m.

Sítio RS-A-32: composto por 7 casas tendo a menor 3,4m de diâmetro e a maior 4,3m com profundidade máxima de 0,3m; várias delas foram entulhadas para construção de benfeitorias.

Sítio RS-A-33: composto por uma casa de pequenas dimensões, da qual não temos as medidas.

Sítio RS-A-45: composto por mais 3 pequenas casas tomadas pela capoeira que impossibilitaram a tomada de medidas.

FIGURA 48 Projeto Vacaria – distribuição dos Sítios Arqueológicos



Todo o conjunto dos 8 sítios ocupa uma área, considerando 4km de raio, não superior a 50km², o que significa pouco mais de 6,28km² para cada sítio. Contudo, não podemos considerá-los contemporâneos, já que as datas nos informam uma ocupação de pelo menos um milênio, como atestam os sítios RS-A-27 e RS-A-29, e, neste caso, devem representar momentos diferentes ao longo do tempo.

Além disto, o sítio RS-PS-21 (Pinhal da Serra/RS), descrito por Copé, Saldanha & Cabral (2002) permite mais algumas considerações relacionadas à articulação desses sítios com os demais assentamentos dos portadores da Tradição Taquara/Itararé. O referido assentamento está próximo a uma área de concentração de artefatos líticos e cerâmicos em uma superfície que se estende por cerca de 1.400m² (Copé, Saldanha e Cabral, 2002), conforme pode ser visualizado na Figura 33.

A cerâmica associada pertence sempre à Tradição Taquara. Como na área deste sítio, pelos levantamentos realizados, não há indícios de estruturas residenciais, sua população deveria estar ligada a sítios com casas subterrâneas próximos:

Apesar dos vestígios cerâmicos e líticos serem abundantes, a inexistência de uma camada arqueológica ou manchas pretas sugere que não havia estruturas residenciais neste local (de fato, existe um sítio com estruturas escavadas a 200m dali), ou seja, que as atividades ali evidenciadas pelos vestígios arqueológicos estão ligadas às estruturas circulares, que distam 20m desta área de concentração. (COPÉ, SALDANHA & CABRAL, 2002, p. 131)

Esse dado nos permite relacionar ao menos três tipos de sítios: as casas subterrâneas, as áreas entaipadas com montículos e os sítios litocerâmicos.

As casas subterrâneas são espaços habitacionais, pois nelas são encontradas densas lentes de carvão, formando fogueiras delimitadas por pedras, concentrações de artefatos líticos e pouco material cerâmico.

No lado externo das casas foram localizadas áreas de atividades, especialmente de lascamento, além de fragmentos cerâmicos, demonstrando a realização de atividades, fato que já havíamos demonstrado para o sítio RS-A-27 (Vacaria/RS).

Se admitimos (e não há razão para não fazê-lo) que os sítios litocerâmicos sejam áreas domésticas, chama a atenção a recorrência da proximidade entre os sítios de casas subterrâneas e os litocerâmicos.

Mentz Ribeiro também evidenciou essa relação em ao menos dois trabalhos: no Município de Bom Jesus/RS, (MENTZ RIBEIRO et al., 1994) e em Pinhal da Serra/RS. No primeiro identificou um sítio com casas subterrâneas e a menos de 1.000m de distância¹⁸ um sítio litocerâmico; propôs que estes seriam os locais de suas antigas aldeias. Entretanto, é no segundo que temos o melhor exemplo disso (MENTZ RIBEIRO, 1999-2001).

A partir de uma observação mais detalhada no mapa da distribuição dos sítios (MENTZ RIBEIRO & RIBEIRO, 1985), encontramos cerca de 20 sítios litocerâmicos, todos com cerâmica da Tradição Taquara, distantes não mais do que 2.400m de casas subterrâneas. Na verdade, muitos sítios, pela representação no mapa, estão encostados nas casas subterrâneas, com duas exceções que se encontram junto a um arroio. Compõem ainda o conjunto 5 sítios exclusivamente líticos, que, segundo os autores, seriam da Tradição Umbú ou Humaitá.

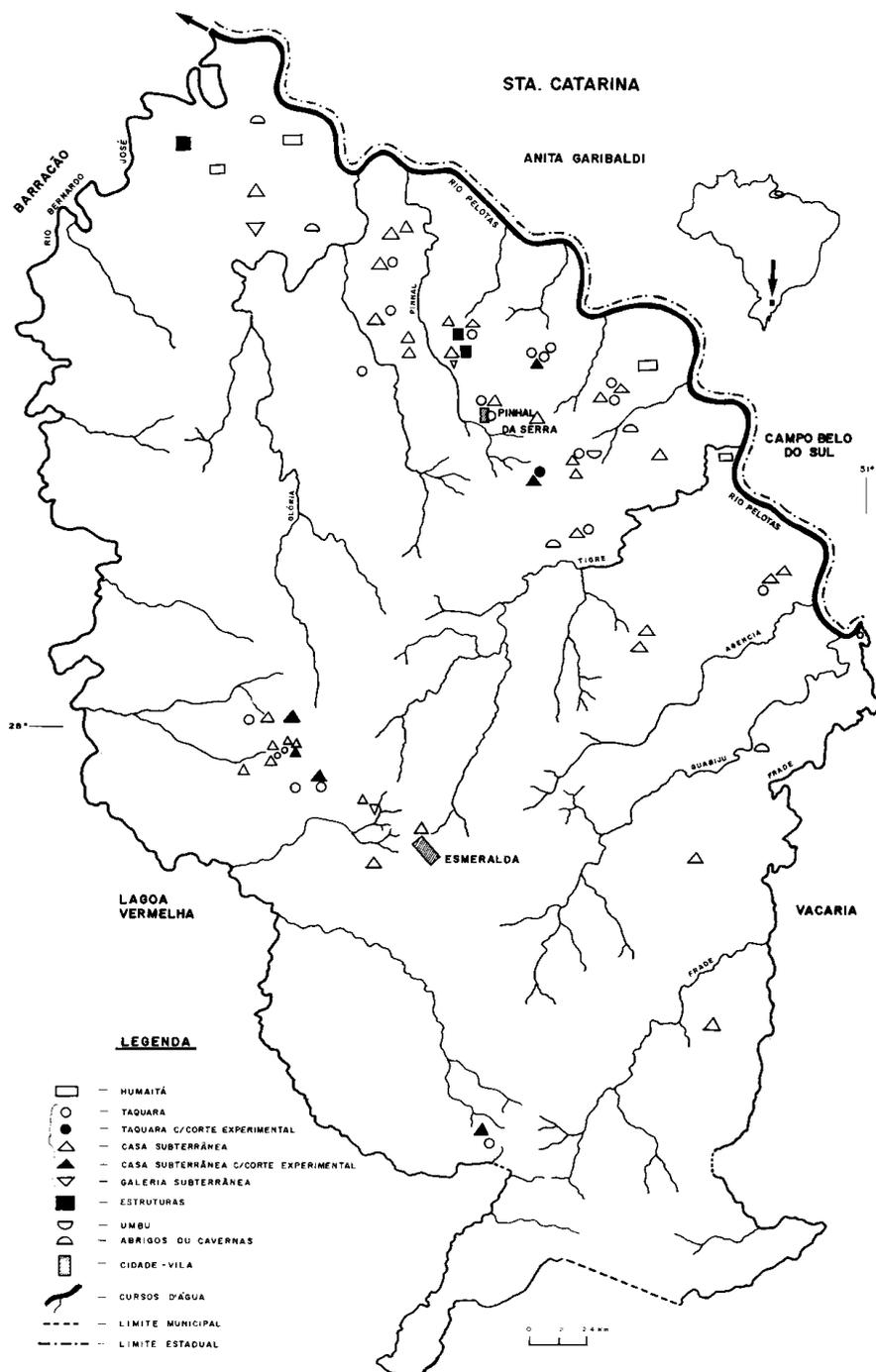
Quanto à localização, os litocerâmicos possuem as mesmas características dos compostos por casas subterrâneas e, quanto à cerâmica e ao material lítico, não foram percebidas diferenças entre os dois tipos de assentamentos, de tal forma que se trata de grupos, portadores da mesma indústria lítica e cerâmica, ocupando tanto os sítios litocerâmicos como as casas subterrâneas.

Quanto às grutas, foram apenas visitadas pelos pesquisadores que não encontraram evidências de sepultamentos na superfície. Contudo estas estão próximas a quedas d'água, além do que recolheram o seguinte relato:

¹⁸ As distâncias foram tomadas com base na escala do mapa que acompanha o trabalho.

Sobre uma caverna recolhemos, do proprietário das terras, a seguinte informação: foram encontrados dois sepultamentos, estendidos, lado a lado, sobre uma esteira de taquara. Um dos descobridores andava com um crânio, na cidade de Esmeralda, assustando outras pessoas. Também fora encontrado um "cálice" (vaso?) no seu interior conforme outro depoimento. Todo este material estava na superfície. (MENTZ RIBEIRO & RIBEIRO, 1985, p. 62)

FIGURA 49 Planta da situação dos sítios arqueológicos – Município de Esmeralda/RS



Fonte: MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto & RIBEIRO, Catharina Torrano. Levantamentos Arqueológicos no Município de Esmeralda, Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista do Cepa*. Santa Cruz do Sul, Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul, v. 12, n. 14, 1985, fig. 1.

Pela figura pode-se perceber a proximidade das casas subterrâneas e dos sítios litocerâmicos (ali denominados Taquara) além dos sítios compostos por montículos e taipas (que no mapa são identificados como estruturas). Chama a atenção a recorrente proximidade e a repetição. Todos os sítios litocerâmicos estão próximos às casas subterrâneas e em menor quantidade, aos sítios entaipados.

Kern, Souza & Seffner (1989a) ao trabalharem nos Municípios de Vacaria e Bom Jesus, identificaram também sítios litocerâmicos, que na sua interpretação seriam sítios de acampamentos.

Para a conclusão deste quadro, mencionamos ainda a ocorrência dos sepultamentos em grutas, que foram identificadas em vários municípios, tanto no Estado de Rio Grande do Sul como em Santa Catarina, e que possuem os sepultamentos dos moradores dos respectivos sítios.

4.2 O SISTEMA DE ASSENTAMENTO

Resumindo as evidências, temos a seguinte configuração: quatro tipos de assentamentos relacionados cultural e espacialmente: assentamentos litocerâmicos, casas subterrâneas, áreas entaipadas com montículos funerários e grutas com sepultamentos.

Algumas funções já podem ser estabelecidas com segurança. As casas subterrâneas são áreas domésticas, ocupadas em diferentes momentos. Quanto aos sítios litocerâmicos, também são áreas domésticas, porém não parecem ter sido reocupados como as casas subterrâneas, considerados os dados atualmente disponíveis. Os montículos cercados por taipas são espaços funerários da mesma forma que as grutas.

Os grupos que ocuparam as casas subterrâneas, foram sempre apontados como sociedades caçadoras-coletoras. Schmitz, em seus trabalhos de 1967 e 1968, sugere que seriam sociedades baseadas na coleta, na caça e em uma horticultura. (SCHMITZ, 1967,

1968). Já na síntese de 1988 propõe que a densidade destes sítios "*está indicando um povoamento estável, por uma população de certa densidade, que deveria ter superado o nível de integração de bando e alcançado o de tribo*" (SCHMITZ, 1988b, p. 121).

Para La Sálvia (1988) seriam grupos caçadores-coletores, e especialmente coletores de pinhão, no período anterior à conquista e, posteriormente, adquiridores de uma agricultura incipiente e complementar.

Mentz Ribeiro aponta que as casas subterrâneas seriam produto de um ... *grupo horticultor ou agricultor incipiente* (MENTZ RIBEIRO, 1980, p. 20), e, em trabalho posterior propõe que seriam grupos horticultores praticantes da caça e da coleta (MENTZ RIBEIRO & RIBEIRO, 1985). Como no Município de Esmeralda, Rio Grande do Sul, foram encontradas casas subterrâneas grandes e pequenas, e áreas entaipadas, sugere que as últimas seriam sítios acampamento e as primeiras sítios habitação. Quanto às áreas entaipadas, seriam espaços cerimoniais.

Como já mencionado, o pinhão seguramente seria um recurso importante na dieta alimentar destas populações, tanto em termos de quantidade como em termos de abundância. Considerando a cobertura e a expansão da mata com araucária – que no seu auge ocupou todo o Planalto Sul-Brasileiro em uma área estimada de 175.000km² contra os atuais 20.000km² –, isso faz desse recurso a principal riqueza deste ecossistema, tanto que é o seu elemento caracterizador.

Além do pinhão, a mata com araucária oferece ainda as aves e os animais que dele se utilizam, formando uma pirâmide alimentar muito significativa. No topo dessa pirâmide encontramos o homem, explorando não só o pinhão, mas caçando os animais e apropriando-se de todos os outros recursos presentes.

Considerando a disponibilidade do pinhão em um ciclo anual, acompanhado das disponibilidades em termos de fauna, temos na mata com araucária a possibilidade de

sustentação de uma população durante o ano inteiro, evidentemente que precariamente, se pensarmos nos meses da primavera e verão quando a oferta seria menor, mas, que poderia ser suprida com a dispersão do grupo, de forma a aumentar a área de exploração de recursos, ou mesmo com alguma horticultura.

Evidentemente as roças não seriam feitas no interior da mata, nem esta seria derrubada, pois não compensaria derrubar o pinheiro para plantar, o que implicaria a tarefa de derrubada e principalmente a renúncia do recurso fundamental – o pinhão. Assim, as borda dos matos seriam as opções preferencias para a implantação das hortas, pois não haveria a necessidade de derrubar o mato nem tampouco implicaria a extinção do pinheiral.

Por outro lado, se admitimos as áreas dos sítios litocerâmicos como propícias à agricultura, e esta como provedora nas épocas do ano menos frias como a primavera e o verão, poderiam então prescindir das casas subterrâneas, pois as temperaturas mais amenas dessas estações seriam vencidas com apenas choupanas feitas de madeira e palha.

Admitindo essa hipótese, podemos compreender, em parte, as casas subterrâneas que foram identificadas nas áreas de campo, no interior dos capões de mato: O fato de estarem no interior dos capões possibilita o abrigo da vegetação de grande porte, bem como o acesso ao pinhão, durante os meses frios.

No Projeto Vacaria foram identificados 3 sítios com essas características. Estão distantes do conjuntos mais densos de ocupação e implantados em capões de mato nas áreas de campo.

Outro tipo de sítio que atenderia bem a estas necessidades são os sítios litocerâmicos, especialmente os localizados próximos às várzeas dos rios. No Projeto Barra Grande (SCIENTIA AMBIENTAL; NUPArq/UFRGS & ITACONSULT, 2002) foram identificados ao menos 12 sítios apenas com material lítico, localizados em encostas ou próximos aos rios. A ausência de cerâmica talvez se deva à agricultura continuada que é

realizada nestas áreas.

A Tradição Taquara, enquanto tradição tecnológica cerâmica, foi dividida em fases. As duas fases identificadas no alto do planalto podem ser consideradas uma só, pois apresentam as mesmas características, tanto na localização dos sítios como na forma e decoração da cerâmica; são elas a Fase Guatambu e a Fase Guabiju. Foram localizadas nos Municípios de Vacaria, Bom Jesus, Esmeralda, Pinhal da Serra no Estado do Rio Grande do Sul, e se estendem para o lado Catarinense nos Campos de Lages, Município de Lages, e municípios próximos como São Joaquim e Campos Novos, onde foram identificados grandes sítios com casas subterrâneas.

A cronologia que possuímos destas fases, tanto as fornecidas pelo PRONAPA¹⁹, como as produzidas pelos trabalhos mais recentes, demonstra uma ocupação bastante consistente, iniciando-se ao menos em 1.000 A.P. (ou entre 990 e 1160 A.D. Cal.)²⁰ e estendendo-se até o século XIX.

Na região da encosta, onde predomina a Floresta Ombrófila Mista Submontana, região predominante das Fases Taquara, Erveiras e Caí, nas quais as casas subterrâneas são bem menos abundantes, os sítios superficiais seriam os assentamentos predominantes. Essa ocupação, a julgar pelas datas disponíveis, inicia-se mais recuada no tempo, por volta de 1.520 A.P. (415 – 723 A.D. Cal.) para a Fase Taquara, estendendo-se até cerca de 620 A.P. (1.261 – 1.485 A.D. Cal.)

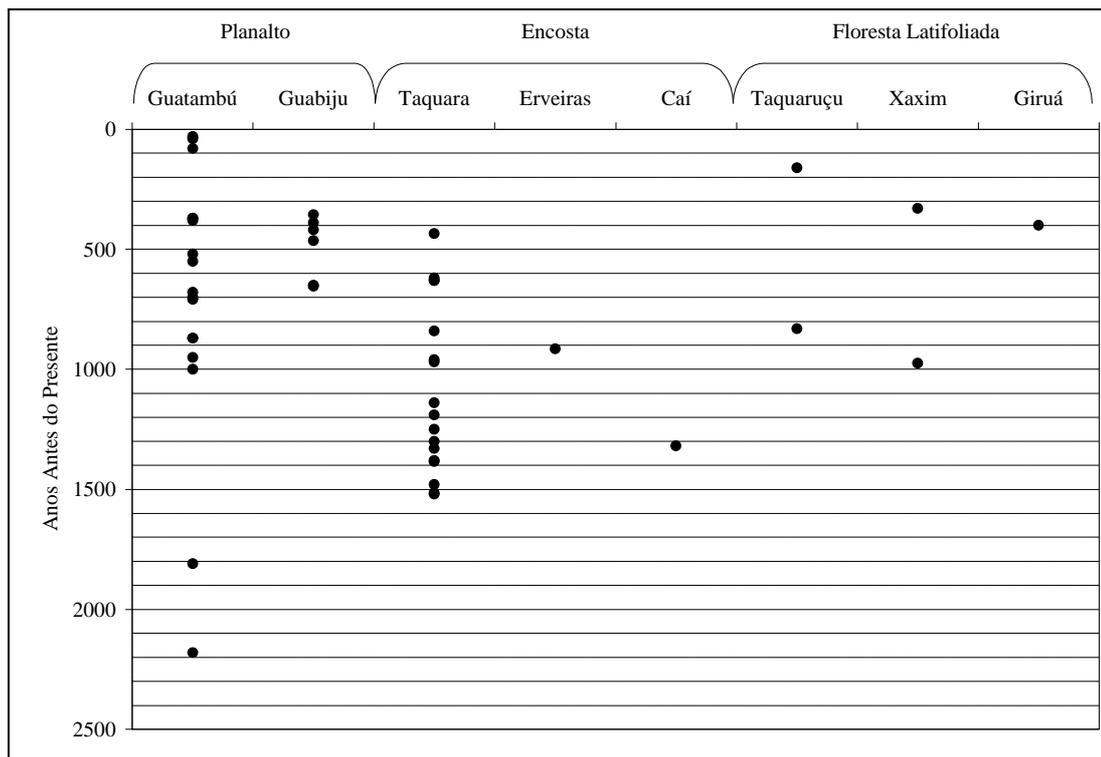
As Fases Taquaruçu, Giruá e Xaxim parecem caracterizar outro momento cronológico dessa tradição, ocupando preferencialmente a região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, a partir da transição entre a mata com araucárias e a Floresta Latifoliada Tropical, que se faz de forma branda se comparada com a vertente Atlântica. As datas

¹⁹ Ver capítulo 1, onde apresentamos as fases definidas pelo Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas.

²⁰ Existem duas datas fora deste período, uma em 1.810 A.P. e outra em 2.180 A.P. que fogem ao conjunto da ocupação, muito bem caracterizada a partir de 1.000 A.P., por isso foram desconsideradas.

associadas a essas fases estão entre 160 A.P. e 975 A.P., embora a quantidade de amostras disponíveis, e portanto de datas, seja bem menor: enquanto para o planalto temos ao menos 25 datas e para a encosta temos 13 e para o noroeste do Rio Grande do Sul são apenas 5 datas. No entanto, essas servem como referência.

FIGURA 50 Quadro cronológico das Fases da Tradição Taquara



O significado da diferença dos assentamentos de uma tradição tecnológica em ambientes distintos, especialmente a relação encosta – planalto, permite algumas interpretações de cunho adaptativo:

No que se refere ao planalto, conforme caracterizamos no Capítulo 1, o elemento chave daquele ecossistema é a *Araucária angustifolia*; sua abundância permite o desenvolvimento de outras espécies animais e vegetais que serviriam como importante recurso alimentar para os diferentes grupos humanos que lá se estabeleceram.

A utilização do pinhão como recurso alimentar foi recorrentemente citada na bibliografia, sendo constantemente encontrado carbonizado nas fogueiras. Esse fato foi

relatado nas escavações em Caxias do Sul, Vacaria, Bom Jesus, Pinhal da Serra, para citar apenas algumas. O pinhão deveria ser complementado com os outros recursos disponíveis, quer de caça quer de coleta, e sua abundância, ainda hoje verificada, permitiu o estabelecimento de aldeias com um traço distintivo em relação às da encosta do planalto: o rebaixamento do piso das casas, que aqui chamamos de casas subterrâneas.

Com isso, áreas onde existe uma grande densidade de sítios arqueológicos com casas subterrâneas, como a região de Lages, no Estado de Santa Catarina, descrita por Maria José Reis (1980), seguramente testemunham uma ocupação bastante durável, como pode ser observado tanto em Pinhal da Serra como em Vacaria, composta por aldeias que estão sendo ocupadas e reocupadas por um longo período de tempo. Com isso, a distinção feita por aquela autora, de que os sítios estariam divididos exclusivamente pela distância de apenas 80m, deve ter fragmentado em demasia o registro. Áreas como aquela exigem uma pesquisa que leve em consideração os conjuntos, e não apenas um ou outro sítio.

Finalmente, podemos caracterizar a ocupação do planalto como uma adaptação a um ambiente rico em pinhão, por grupos baseados na organização tribal, especializados na coleta e utilização do pinhão e muito possivelmente complementada com uma horticultura realizada principalmente na várzea dos rios. Possuíam casas subterrâneas. Produziam uma cerâmica de pequena dimensões e alguns artefatos líticos indispensáveis para o tratamento da madeira. Sepultavam seus mortos em abrigos e os indivíduos mais destacados em montículos.

À medida que o ambiente se modifica em função da menor altitude, configurando uma nova composição florística, especialmente na encosta do planalto, onde a temperatura torna-se mais amena e o frio deixa de ser tão intenso, os grupos portadores da Tradição Taquara adotam um tipo de assentamento sem os típicos pisos rebaixados, mas formando aldeias de grandes dimensões, nos quais são feitas cabanas, que foram identificadas pelos acúmulos dos fragmentos de cerâmica, além de suas fogueiras e artefatos líticos.

A subsistência neste ambiente, onde o pinhão é menos abundante, deveria ser baseada numa horticultura desenvolvida próxima à várzea dos rios que permitiria, aliada a uma coleta, a densidade demográfica da vida nas aldeias, atestada pela existência de artefatos polidos, como mãos-de-pilão, moedores, lâminas de machados polidos, além da própria cerâmica.

Evidentemente que muitas das considerações produzidas aqui são hipotéticas, mas permitem iluminar os dados de que dispomos. Seguramente, muitas delas serão substituídas, mas avançam em termos interpretativos e alavancam as novas pesquisas que delas decorrerem. À medida que novos dados surgirem, novas interpretações mais fiéis que as que aqui são depositadas, poderão ser formuladas. Portanto, mãos à obra. Muitas casas subterrâneas precisam ser escavadas para que possamos montar um quadro definitivo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As nossas considerações finais, como já mencionamos na introdução, procuram sintetizar as certezas e apontar as incertezas. A primeira certeza que temos é a de que as Populações Ceramistas da Tradição Taquara/Itaré caracterizaram um Sistema de Assentamento no Planalto Sul-Brasileiro. Esse sistema de assentamento envolve quatro tipos de sítios diferentes: as casas subterrâneas, os sítios litocerâmicos, as áreas entaipadas e as grutas com sepultamentos.

Quais então são as bases dessa integração? Primeiro: o fato de todos os sítios estarem próximos. E em vários casos são encontradas casas subterrâneas próximas a sítios superficiais e abrigos com sepultamentos em distâncias inferiores a 2.000m. Segundo: a cronologia que possuímos hoje em vários sítios com casas subterrâneas dá conta de ocupações sucessivas de pelo menos um milênio, demonstrando uma ocupação tradicional do espaço. Terceiro: os recursos disponíveis na floresta com araucária são bastante generosos e permitem a subsistência de populações humanas sem maiores dificuldades. Quarto: a cerâmica encontrada em todos os diferentes tipos de sítios é a mesma.

As casas subterrâneas podem ser de vários tamanhos, porém predominam as que têm até 5m de diâmetro. Os sítios são compostos pela justaposição dessas estruturas, que não implica a sua contemporaneidade, de tal forma que os grandes conjuntos parecem ser indicadores de uma persistência temporal mais do que uma alta densidade populacional.

Assim, as aldeias deveriam estar compostas, em cada período, por duas ou três habitações, podendo reocupar as que estavam abandonadas de temporadas passadas, ou especialmente construir novas. A cobertura dessas casas seria composta por uma estrutura de madeira e palha, podendo possuir um esteio central ou não.

Junto às estruturas maiores são encontrados, recorrentemente, montículos que são o depósito dos sedimentos retirados no momento de sua construção. Nestes casos, apresentam a estratigrafia invertida e um volume compatível. Outra utilização para esses sedimentos seria o nivelamento das bordas mais baixas das casas de forma a equiparar-lhes a altura.

Os sítios litocerâmicos estão apresentando duas configurações bem marcadas: na primeira, são encontrados apenas artefatos líticos e, nesses casos, podem estar voltados para a extração e para o processamento do material lítico. Já nos sítios em que se encontram artefatos cerâmicos e líticos, podem ser identificadas áreas de atividades domésticas, com fundos de cabanas e marcas de fogueiras. Teríamos, então, a aldeia com as unidades residenciais ou então acampamentos, porém sem os pisos rebaixados. Com isso, são duas realidades distintas: uma são os sítios exclusivamente líticos que parecem voltados para a obtenção e preparo de artefatos, e a outra são aldeias ou acampamentos mais permanentes.

As últimas podem estar próximas a sítios com casas subterrâneas, ou estar fora da área de ocorrência destas, e poderiam estar associadas a cultivos, que talvez seriam mais difíceis de serem executados no interior da mata com araucária. Esses cultivos seriam realizados a partir da primavera quando os recursos do pinheiral declinariam e a mata deixaria de ser o principal fornecedor de recursos.

As áreas entaipadas caracterizam-se como cordões de terra atualmente com aproximadamente 40 a 50cm de altura e que circunscrevem uma área maior. Em termos de localização, estão nas partes altas dos grandes morros, dominando visualmente grandes extensões. Quanto ao formato, podem ser circulares, retangulares ou elipsóides e possuem

uma abertura em um dos lados. No centro, podem ter um ou mais montículos. Nesses montículos, foram encontrados sepultamentos cremados, indicando uma função funerária e, portanto, ritual.

Com isso, os montículos podem desempenhar ao menos duas funções completamente diferentes. No caso em que estão associados a casas subterrâneas, são os depósitos dos sedimentos provenientes de sua construção. No caso em que estão isolados e/ou circundados por taipas, podem ser estruturas funerárias.

As grutas completam esse sistema. São utilizadas como espaços funerários. Os corpos sem cremação são depositados, ou mesmo enterrados, no seu interior. Os indivíduos podem estar acompanhados de contas e artefatos líticos, ossos de animais, vegetais ou mesmo conchas marinhas. Outro traço distintivo é o fato de as grutas utilizadas estarem sempre próximas de um curso ou queda d'água.

Quanto à funcionalidade, as casas subterrâneas seriam áreas domésticas, da mesma forma que os sítios litocerâmicos. Os montículos cercados por taipas e as grutas seriam os espaços funerários.

No que se refere à cronologia, temos uma ocupação duradoura no planalto, desde pelo menos o ano 1.000 de nossa era. Já as datas que possuímos para a encosta do planalto, que compreende municípios como Caxias do Sul, indicam uma ocupação cerca de 500 anos mais antiga, iniciando-se por volta de 500 A.D. O padrão de ocupação em ambas as áreas parece ser o mesmo.

Uma distinção perceptível está na cerâmica. No planalto, temos as Fases Guatambu e Guabiju, que possuem as mesmas características, tanto na implantação dos sítios como nas características morfológicas e decorativas da cerâmica. Já na encosta do planalto, são identificadas ao menos três fases: Taquara, Erveiras e Caí, com uma cerâmica diferente e especialmente com uma menor quantidade de casas subterrâneas para cada uma. O

assentamento preferencial parece ser os sítios litocerâmicos, ainda que continuem ocorrendo casas subterrâneas, porém em menor quantidade. A razão disso? Talvez uma adaptação mais eficiente ao ambiente de Mata Ombrófila Densa, onde os cultivos parecem assumir uma importância maior e a temperatura não exige tanto a construção das casas subterrâneas.

Com isso, temos o nosso primeiro objetivo concluído: demonstrar que as populações do Planalto Sul-Brasileiro conformaram um único sistema de assentamento. Para alcançá-lo, procuramos respostas a algumas questões que nos serviram de eixo norteador nessa caminhada.

A primeira delas procurou compreender a diferença de tamanho das casas subterrâneas: qual a função que poderiam desempenhar em termos de estrutura de assentamento do grupo?

Nossa reflexão consiste no fato de que variam de pouco mais de 2m até perto dos 20m de diâmetro, predominando as que têm até 5m de diâmetro, em 63,03% dos casos, entre 5 e 10m são 27,97% e os 6% restantes têm mais de 10m de diâmetro. Com relação à profundidade, predominam casas com menos de 2m em quase 90% dos casos que foram medidos.

Na composição dessas aldeias predominam os sítios com até 3 casas em 67% dos casos. Sítios com no mínimo 4 e máximo de 8 casas representam quase 19%, com 9 ou mais apenas 12,88%. Quando ocorrem agrupadas, são casas grandes rodeadas por casas pequenas. Em 30% dos casos, são casas pequenas e médias juntas, casas pequenas e grandes juntas somente em 2% dos casos; casas médias e grandes e casas pequenas, médias e grandes associadas ocorrem em pouco mais de 8% dos casos.

Essa justaposição ocorre tanto simultaneamente como em momentos diferentes, de tal forma que os sítios com maior número de casas subterrâneas são antes indicadores de uma persistência temporal do que uma grande densidade populacional. O conjunto de datas de que

dispomos nos permite levantar essa interpretação, pois são sempre encontradas duas casas com datas muito próximas, do que se conclui que as demais ou estão abandonadas, ou ainda não foram construídas. Com isso, esses sítios não representam um único momento de ocupação e, portanto, as casas não são contemporâneas, mas representam uma sucessão de ocupações distanciadas no tempo.

O sedimento retirado por ocasião da construção teve ao menos dois destinos conhecidos: ou foi amontoado próximo à casa formando um montículo, ou foi depositado no seu entorno e/ou na sua borda.

Em alguns sítios, percebe-se que a terra foi acumulada no entorno da casa formando pequenos terraços, que em certos casos são bem sutis e somente uma observação atenta revela. Em outras situações, especialmente naquelas em que a inclinação do terreno é mais acentuada, o sedimento proveniente da escavação das casas serviu para elevar a borda inferior da mesma, facilitando a construção e igualando a altura das bordas superior e inferior.

Quanto às paredes, estas podem apresentar tanto uma inclinação bastante suave, próxima dos 30°, ou mesmo mais forte, por volta dos 60°, ou ainda serem perpendiculares ao solo. Nos casos em que a inclinação é mais abrupta, podem apresentar um dos lados com uma inclinação mais suave para servir de acesso.

O piso disponível dependia da sua forma. Nas estruturas com paredes retas, o piso seria de tamanho semelhante à abertura superior; entretanto, nos casos em que as paredes inclinavam-se, o fundo seria mais restrito, equivalendo a algo em torno de 1/3, 1/2 da abertura superior da casa, dependendo justamente do grau de inclinação das paredes.

Com relação à cobertura, esta seria composta por uma armação de madeira recoberta de palhas. As casas menores poderiam ou não ter um esteio central, até porque a cobertura poderia ser apoiada apenas nas bordas, formando uma cúpula e cobrindo não só a depressão, mas também parte do entorno. Nas situações em que se identificou a ocorrência de

um esteio central, a cobertura deveria ser bastante extensa. Segundo dados etnográficos, casas com até 7,5m de diâmetros podem prescindir de um esteio central; maiores que isso, torna-se necessário para sustentar o peso da cobertura.

A existência de fogões e material lítico e cerâmico no interior das casas nos permitem inferir que ali se desenvolveram atividades cotidianas, como processamento e consumo de alimentos, além da produção de artefatos atestada pelos refugos de lascamento encontrados.

Entretanto, não se pode descartar que outras atividades também possam ter sido desempenhadas no interior destas casas e tampouco que não tenham desempenhado outras funções, mas que não deixaram marcas no registro arqueológico. Por outro lado, não podemos desconsiderar o fato de que existiu uma intensa atividade no lado externo das estruturas, nos espaços intermediários, com fogueiras e áreas de lascamento, de tal forma que as atividades cotidianas não estavam restritas ao seu interior.

Não existem evidências de que haja uma diferenciação funcional entre casas de pequenas, médias e grandes dimensões. Todas apresentam o mesmo tipo de atividade. Contudo, não podemos deixar de considerar que a construção de uma estrutura de grandes dimensões exige um esforço cooperativo maior que uma pequena.

Outra questão que nos instigou foi quanto aos conjuntos de casas e sítios identificados. Qual o significado desse tipo de organização em termos sociais, funcionais e cronológicos? Seria reflexo de uma persistência temporal ou uma grande densidade populacional?

A hipótese que encontramos é de que os espaços com uma grande quantidade de sítios são espaços privilegiados, que remetem a uma longa persistência temporal. O modelo de ocupação que identificamos é de sítios com uma média de duas casas, ocupando os mesmos espaços.

Os grandes conjuntos, por sua vez, são evidências de ocupações continuadas, que podem atingir até um milênio de duração na mesma área. Até o momento, não há indícios de que mais de duas ou três casas estejam sendo ocupadas simultaneamente. Desse modo, o padrão de ocupação do território está relacionado à persistência na área, muito provavelmente ocupando vários sítios dentro de uma região.

Quanto aos montículos e às áreas entaipadas, perguntamo-nos qual sua finalidade dentro da estrutura de assentamento: seriam espaços funerários como propôs Mabilde (1988), ou teriam alguma outra função?

Os dados de que dispomos deixam bem claro que os montículos associados às áreas entaipadas podem ser funerários; entretanto, os montículos que se encontram próximos às casas subterrâneas são acúmulos de sedimentos provenientes da construção destas. Se assumiram outras finalidades, não há ainda evidências empíricas; podemos apenas supô-las, a julgar pela posição dentro do conjunto e pela intencionalidade de sua construção, mas, reforçamos, não existem evidências nesse sentido. Montículos funerários somente nos casos de áreas entaipadas.

Foram alvo também de nossas preocupações os abrigos. Foram identificados no planalto um grande número de grutas com sepultamentos, com muitos indivíduos depositados lá. Inicialmente temos uma definição funcional: as grutas são espaços funerários, pelo menos não foram encontrados indícios de outras atividades além da deposição dos mortos.

A ausência de datações para as grutas não permite maiores considerações quanto à cronologia. Qualquer tentativa nesse sentido seria precipitada, até porque estes são espaços privilegiados para a preservação de restos ósseos, e qualquer inferência cronológica, a partir do grau de conservação dos esqueletos, seria intuitiva.

Quanto ao aspecto social, podemos acreditar que as grutas serviriam como jazigo funerário para o grupo, a julgar pelo acompanhamento funerário que não é destacado. O que

chama a atenção são os sepultamentos em montículos, de tal forma que o próprio montículo é o acompanhamento, fazendo eco às descrições de Mabilde sobre o enterramento dos caciques.

Quanto ao padrão funerário, teríamos o sepultamento das figuras destacadas em montículos e dos demais membros do grupo em grutas. Uma das evidências que apóiam essa conclusão é o fato de termos poucos casos do primeiro tipo conhecidos e uma grande quantidade de grutas com sepultamentos.

Uma última preocupação que tivemos foi quanto à organização social desses grupos. Os dados de que dispomos não nos permitem avançar em demasia nessa questão, mas permitem consolidar as interpretações já apontadas por autores como Schmitz (1988, 2002) que afirmam ter ultrapassado o nível de bando e atingido o de tribo.

Em que medida estariam em formas mais complexas de organização ainda não temos elementos suficientes para afirmar, mas permitem antever avanços nessa direção, especialmente considerando os sepultamentos em grutas e montículos e o esforço cooperativo exigido para a abertura das casas subterrâneas, sem contar os indícios existentes na bibliografia histórica.

Finalmente, gostaríamos de apontar algumas questões com que nos deparamos, mas para as quais não possuímos dados suficientes e que representam importantes direções para pesquisas futuras.

O aprofundamento das pesquisas abordando conjuntos é uma das direções que merece ser seguida. Atualmente, são poucos os casos em que conjuntos de casas subterrâneas são bem conhecidos. A continuidade da investigação nessa direção permitiria consolidar a forma de ocupação do território a partir dos sítios com duas ou três casas.

Da mesma forma, a compreensão das áreas externas e contíguas às casas subterrâneas é fundamental para o entendimento da dinâmica de ocupação dos sítios e a compreensão de como funciona o sítio como um todo.

Outra questão a ser explorada é a sazonalidade das ocupações. A disponibilidade dos recursos ambientais precisa ser melhor conhecida, especialmente a oferta do pinhão nas diferentes épocas do ano, e até que ponto essa carência exige a adoção do cultivo. O questionamento se voltaria para: as variações na disponibilidade das matas com araucária, à medida que diminui a altitude, implica a adoção de novas estratégias de subsistência, uma vez que o pinheiro diminui sua oferta?

As grutas são uma outra questão que merece atenção. Estabelecer uma cronologia, baseada em datações absolutas, auxiliaria não só o entendimento do processo de ocupação do território, mas também a discussão quanto ao seu papel dentro do sistema de assentamento.

As áreas entaipadas abriram novas possibilidades interpretativas que merecem ser melhor compreendidas, mas que exigem escavações em grandes superfícies, bem como a escavação de mais de um caso, para que se possa compreender melhor a dinâmica de utilização desses sítios. Assim, questiona-se: outras atividades são desempenhadas por esses sítios no contexto do sistema?

À medida que as pesquisas avançarem nos Estados de Santa Catarina e Paraná, permitirão compreender de que forma o sistema de assentamento dessas populações se articula naqueles Estados.

As relações desse sistema de assentamento com o litoral atlântico precisam ser melhor conhecidas. Os indícios de contato ou continuidade cultural entre o planalto e o litoral são bastante fortes e o modelo básico de exploração, baseado na utilização intensiva dos recursos naturais, repete-se lá; enquanto no planalto explora-se pinhão, no litoral o alvo são os ambientes costeiros.

Por fim, o cotejamento dos dados arqueológicos com os históricos e etnográficos permitem uma retroalimentação de informação que auxiliam na compreensão dos diferentes conjuntos de evidências. Utilizar as informações de Mabilde para iluminar os dados

arqueológicos possibilitará uma imagem mais orgânica e funcional.

Estas são algumas questões que merecem ser aprofundadas em pesquisas futuras, até porque o tema – Sistema de Assentamento – permite uma *re-significação* dos dados arqueológicos.

A opção por este tema foi a busca de uma Arqueologia sem escavação. Nossa atenção voltou-se para os trabalhos já produzidos, nos quais garimpamos elementos que estes quase quarenta anos de pesquisas no Planalto Sul-Brasileiro trouxeram à luz, mas que até então não tinham sido alvo de uma análise de conjunto. À medida que os anos foram passando, novos dados foram agregados. As décadas de 1980 e 1990 foram absolutamente profícuas para o crescimento do conhecimento.

A outra razão para a escolha deste tema foi, sem dúvida, a busca por novos caminhos, evitando o esgotamento dos bons sítios arqueológicos que estão cada vez mais difíceis de serem localizados, mas, fundamentalmente, porque a abordagem sistêmica permite aproximarmo-nos da proposta de Wheeler de escavar povos e não coisas, não apenas casas subterrâneas, como é o nosso caso, porém perceber a sociedade que estava por trás dessas casas de pisos rebaixados: sociedades que depositaram seus mortos em grutas e enterraram seus chefes em montículos, circundando-os com uma taipa de terra.

Acreditamos, assim, ter cumprido com nosso desafio: conferir sentido a uma multiplicidade de fragmentos e, mais ainda, transcender esses fragmentos e criar, a partir deles, um quadro compreensível sobre a ocupação pré-colonial do Planalto Sul-Brasileiro.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Marisa C. & MORAIS, José L. Estudo de uma "Casa Subterrânea" na Bacia do Rio Ribeira de Iguape, São Paulo. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas – UNISINOS, n. 58, p. 157-164, 2002.

ALCINA FRANCH, José Alcina. El Modelo Teorico de "Jefatura" y su aplicacion Al Area Andina Septentrional Norte. *Miscelanes Antropologica Ecuatoriana*. Equador, v. 6 p. 265-288, 1986.

ALCINA FRANCH, José. *Arqueología Antropológica*. Madri: Akal, 1989.

ANDRADE, Marco Antônio de. *Aves Silvestres: Minas Gerais*. Belo Horizonte: Conselho Internacional para a Preservação das Aves, 1992.

ARAUJO, Astolfo G. M. *Teoria e Método em Arqueologia Regional: Um Estudo de Caso no Alto Paranapanema, Estado de São Paulo*. São Paulo: USP/FFLCH/MAE, 2v., 2001. (Tese de Doutorado).

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 5892*: Norma para datar. Rio de Janeiro, 1989.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 6024*: Numeração progressiva das seções de um documento. Rio de Janeiro, 1989b.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 6027*: Sumário. Rio de Janeiro, 1989c.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 6028*: Resumos. Rio de Janeiro, 1990.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 6023*: Informação e documentação: Referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002a.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 10520*: Informação e documentação: Citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002b.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 14724*: Informação e documentação: Trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002c.

BACKES, Albano. Condicionamento Climático e Distribuição Geográfica de *Araucaria angustifolia* (Bertol.) Kuntze no Brasil – II. *Pesquisas, Botânica*, São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas – UNISINOS, n° 49 p. 31-51, 1999.

BANDY, Matthew Sebastian. *Population and History in the Ancient Titicaca Basin*. Califórnia: University of California at Berkeley, 2001. (Tese de doutorado).

BARRETO, Cristina. A Construção de um Passado Pré-colonial: Uma Breve História da Arqueologia Brasileira. *Revista USP*. São Paulo, n. 44, p. 32-51, dez/fev 1999-2000.

BASILE BECKER, Ítala I. *O Índio Kaingáng no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Editora da UNISINOS, 1995.

BASILE BECKER, Ítala I. *O Índio Kaingáng do Paraná: Subsídios para uma Etno-história*. São Leopoldo: Editora da UNISINOS, 1999.

BASILE BECKER, Ítala Irene. & SCHMITZ, Pedro Ignácio. Uma cerâmica do tipo Eldoradense: Fase Itapiranga. *Estudos de Pré-história Geral e Brasileira*. São Paulo: Instituto de Pré-História da USP, p. 499-506, 1969.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2003.

BECK, Anamaria. et. al. Considerações Gerais Sobre a Escavação do Sambaqui do Rio Lessa (SC.LF.39). *Anais do Instituto de Antropologia*. Florianópolis: Editora da UFSC n. 2 p. 139-206, 1969.

BECK, Anamaria. *O Sambaqui da Enseada I – SC LN 71. Um estudo sobre tecnologia Prhistórica*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1974. (Tese de livre docente).

BELTON, Wiliam. *Aves do Rio Grande do Sul: distribuição e biologia*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1994.

BERTOLETTI, Jeter Jorge et al. Ictiofauna do Rio Canoas, Sistema do Rio Uruguai Superior, Campos Novos, Santa Catarina, Brasil. *Comunicação do Museu de Ciências da PUCRS: n° 48 e 49*. Porto Alegre, PUCRS, 1989.

BLITZ, John H. Mississippian Chiefdoms and the Fission-Fusion Process. *American Antiquity*. Washington: SAA, n. 64 (4) p. 577-592, 1999.

BRASIL. Ministério das Minas e Energia. *Projeto RADAM Brasil: Folha SH.22 Porto Alegre e parte das folhas SH.21 Uruguaiana e SI.22 Lagoa Mirim*. Rio de Janeiro, 1986. (Levantamento de Recursos Naturais, 33).

BROCHADO, José Proenza. Pesquisas Arqueológicas nos Vales do Ijuí e Jacuí. *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Resultados Preliminares do Terceiro Ano 1967-1968*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações Avulsas n. 13, p. 31-62, 1969.

BROCHADO, José Proenza. Extensão das Pesquisas Arqueológicas nos Vales do Jacuí e Ibicuí-Mirim. *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Resultados Preliminares do*

Quarto Ano 1968-1969. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações Avulsas n. 15, p. 11-36, 1971.

BROCHADO, José Proenza. Pesquisas Arqueológicas no Escudo Cristalino do Rio Grande do Sul. *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Resultados Preliminares do Quinto Ano 1969-1970*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações Avulsas n. 26, p. 25-52, 1974.

BRYAN, Alan L. Resumo da Arqueologia do Sambaqui de Forte Marechal Luz. *Arquivos do Museu de História Natural*. Belo Horizonte: Museu de História Natural da UFMG. v. II, p. 9-30, 1977.

CALDARELLI, Solange B. & HERBERTS, Ana L. Estruturas Habitacionais Escavadas na Bacia do Rio Chapecó, Extremo Oeste Catarinense. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas – UNISINOS, nº 58, p. 139-156, 2002.

CHANG, K. C. Toward a Science of Prehistoric Society. In: CHANG, K. C. (Org) *Settlement Archaeology*. California: National Press Books, p. 1-9, 1968.

CHILDE, Gordon V. *A Evolução Cultural do Homem*. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan, 1981.

CHILDE, Gordon V. *Introdução à Arqueologia*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1961.

CHMYZ, Igor. Dados Parciais sobre a Arqueologia do Vale do Rio Paranapanema. *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Resultados Preliminares do Primeiro Ano 1965-1966*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações Avulsas, n. 6, p. 59-78, 1967.

CHMYZ, Igor. Considerações sobre duas novas Tradições ceramistas arqueológicas no Estado do Paraná. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas – UNISINOS, nº 18, p. 115-125, 1968a.

CHMYZ, Igor. Subsídios para o estudo arqueológico do Vale do Rio Iguaçu. *Revista do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, n. 1, p. 31-52, 1968b.

CHMYZ, Igor. Dados parciais sobre a Arqueologia do Vale do Rio Ivaí. *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Resultados Preliminares do Segundo Ano 1966-1967*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações Avulsas n. 10, p. 95-118, 1969a.

CHMYZ, Igor. Pesquisas Arqueológicas no Alto e Médio Rio Iguaçu. *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Resultados Preliminares do Terceiro Ano 1967-1968*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações Avulsas n. 13, p. 103-132, 1969b.

CHMYZ, Igor. Pesquisas Arqueológicas no Médio e Baixo Rio Iguaçu, Paraná. *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Resultados Preliminares do Quarto Ano 1968-1969*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações Avulsas n. 15, p.87-114, 1971.

CHMYZ, Igor. Dados Arqueológicos do Baixo Rio Paranapanema e Alto Rio Paraná. *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Resultados Preliminares do Quinto Ano*

1969-1970. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações Avulsas n. 26, p. 67-90, 1974.

CHMYZ, Igor. Pesquisas paleoetnográficas efetuadas no Vale do Rio Paranapanema, Paraná – São Paulo. *Boletim de Psicologia e Antropologia*. Curitiba: UFPR, v. 5, abr. 1977.

CLARKE, David L. *Analytical Archaeology*. Londres: Methuen & Co. Ltd. 1968.

CONTI, José Bueno & FURLAN, Sueli Angelo. Geocologia O clima, os Solos e a Biot. In: ROSS, Jurandyr L. S. (org.) *Geografia do Brasil*. 4 ed. São Paulo: Edusp, p. 13-66, 2001.

CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA. *Atlas do Brasil: Geral e Regional*. [S.l.], 1959.

COPE, Sílvia M. Arqueologia Pré-histórica do Planalto: Os Grupos Ceramistas da Tradição Taquara. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, v. 23 n.29, p 180-188. jan/jun 1999.

COPÉ, Sílvia M. & SALDANHA, João D. de M. Em busca de um Sistema de Assentamento para o Planalto Sul-Rio-Grandense: Escavações no Sítio RS-AN-03, Bom Jesus, RS. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas – UNISINOS, n. 58, p. 107-120, 2002.

COPÉ, Sílvia M., SALDANHA, João D & CABRAL, Mariana P. Contribuições para a Pré-história do Planalto: Estudo da Variabilidade de Sítios Arqueológicos de Pinhal da Serra, RS. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas – UNISINOS, n. 58, p. 121-139, 2002.

CROSTA, Álvaro P. *Processamento Digital de Imagens de Sensoriamento Remoto*. Campinas: Instituto de Geociências/UNICAMP, 1993.

DE MASI, Marco Aurélio Nadal. Apresentação no Colóquio Casas Subterrâneas. Organização: Universidade Federal de Santa Maria-Laboratório de Ensio e Pesquisa Arqueológica, Santa Maria de 13 e 14 de Agosto de 2002.

DIAS, Adriana Schmitdt. Um projeto para a arqueologia brasileira: Breve Histórico ca Implementação do PRONAPA. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, v. 19 n. 22, p. 25-39, mar, 1995.

DICIONÁRIO MICHAELIS: *Espanhol-português, Português-espanhol*. São Paulo: PUBLIFOLHA, 1999.

EMMONS, Louise H. *Neotropical Rainforest Mammals*. Chicago: The University of Chicago Press, 1990.

EVANS, Clifford. Introdução. *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Resultados Preliminares do Primeiro Ano 1965-1966*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações Avulsas, n. 6, p. 7-14, 1967.

EVANS, Clifford & MEGGERS, Betty. *Guia para Prospecção Arqueológica no Brasil*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, n. 2, 1965, (Série Guias).

FÉNELON COSTA, Maria H. & MALHANO, Hamilton B. Habitação Indígena Brasileira. In: RIBEIRO, Berta. (Coord). *Suma Etnológica Brasileira*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, v. 1, p. 27-92, 1986.

FERRARI, Roberto. *Viagem ao SIG: planejamento estratégico, viabilização, implantação e gerenciamento de sistemas de informação geográfica*. Curitiba: Sagres, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio – século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira / Lexikon Informática. 1999, CDROM.

FORSBERG, Lars L. *Site Variability and Settlement Patterns: an analysis of the hunter-gather settlement system in the lule river valley – 1500 B.C/A.D.* Umea: University of Umea – Depto. of Archaeology, 1985. (Tese de Doutorado).

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. *O Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FRIED, Morton H. *The evolution of political society: an essay in political anthropology*. Nova York: Random House, 1967.

FRIED, Morton H. On the evolution of social stratification and the estate. In: *Theory in Anthropology*. Londres: Manners-Kaplan eds. p. 251-260, 1968.

GUERRA, Antônio Teixeira. *Dicionário Geológico-Geomorfológico*. Rio de Janeiro: IBGE, 1978.

HAWKINS, Joyce M. *The Oxford Paperback Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 1986.

HERMANN, Maria Lúcia & ROSA, Rogério de Oliveira. Relevo. In: IBGE. *Geografia do Brasil: Região Sul*. Rio de Janeiro: IBGE, v. 2, p. 55-84, 1990.

HODDER, Ian. *Interpretación en Arqueología*. Barcelona: Editorial Crítica, 1988.

HOUAISS, Antônio. VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IBGE, Diretoria de Geociências, Departamento de Cartografia, *Mapa da Série Brasil – Geográfico*, escala 1:5.000.000, versão 1997.

IZIDRO, Juliane Maria & HAUBERT, Fabiana. Análise de Remanescentes ósseos de Abrigos Sob-rocha do Rio Grande do Sul, 2003. Trabalho apresentado na XIIª Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, set. 2003.

KAMASE, Luciane M. Estudo das "Casas Subterrâneas" e feições doliniformes no Alto Paranapanema (SP). *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas – UNISINOS, n. 58, p. 165-175, 2002.

KERN, Arno Alvarez. (Org.) *Arqueologia Pré-Histórica do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

KERN, Arno Alvarez; SOUZA, José Otávio & SEFFNER, Fernando. Arqueologia de Salvamento e a Ocupação Pré-Histórica do Vale do Rio Pelotas. (Municípios de Bom Jesus e Vacaria). *Veritas*, Porto Alegre: PUCRS, v. 35 n. 133, p. 99-127, mar. 1989a.

KERN, Arno Alvarez; SOUZA, José Otávio & SEFFNER, Fernando. Arqueologia de Salvamento e a Ocupação Pré-Histórica do Vale do Rio Pelotas. *Veritas*, Porto Alegre: PUCRS, v. 34, n. 134, p. 277-300, jun. 1989b.

KREVER, Maria Luisa B. & HAUBERT, Fabiana. Estudos dos Remanescentes Humanos do Planalto Sul-Rio-Grandense: Projeto Vacaria. *Trabalhos Apresentados: Na XI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, p. 29-38, 2001.

LA SALVIA, Fernando. A Habitação Subterrânea: Uma Adaptação Ecológica. In: WIEMER, Nelson S. Günter (org). *A arquitetura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, p.7-26, 1983.

LAMING-EMPERAIRE, A. *Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul*. Curitiba: CEPA/UFPR, 1967.

LAROQUE, Luís F. S. *Lideranças Kaingang no Brasil Meridional (1808-1889): Uma História que também merece ser contada*. São Leopoldo, PPGH-UNISINOS, 2000. (Dissertação de Mestrado).

LAROUSSE: *Petit Dictionnaire: Français-portugais, Portugais-français*. Paris: Larousse, 2000.

LAVINA, Rodrigo. *Os Xokleng de Santa Catarina: Uma Etnohistória e Sugestões para os Arqueólogos*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS, 1994.

LAZZAROTO, Danilo. *Ficha de Registro dos Sítios Arqueológicos do Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1975.

LAZZAROTO, Danilo. et al. Pesquisas Arqueológicas no Planalto. *O Homem Antigo na América*. São Paulo: Instituto de Pré-História da USP, p. 79-89, 1971.

LEE, Richard B. & DEVORE, I. (Eds) *Man the Hunter*, Chicado: Aldine, 1973.

LEITE, Pedro F. & KLEIN, Roberto M. Vegetação. In: IBGE. *Geografia do Brasil: Região Sul*. Rio de Janeiro: IBGE, v. 2, p. 113-150, 1990.

LUFT, Celso Pedro. *Novo Guia Ortográfico do Português*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1985.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna Gramática Brasileira*. São Paulo: Editora Globo, 2002.

MABILDE, Pierre F. A. Booth. *Apontamentos sobre os Índigenas Selvagens da Nação Coroados dos Matos da Província do Rio Grande do Sul*. São Paulo: Ibrasa/Instituto Nacional do Livro e Fundação Nacional Pró-Memória, 1983.

MABILDE, Affonso P. T. O índio Kaingáng do Rio Grande do Sul no século XIX. In: *Documentos 02: Arqueologia no Rio Grande do Sul, Brasil*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, p. 141-172, 1988.

MARQUES, Amadeu. DRAPER, David. *Dicionário Inglês-português; Português-inglês*. 22. ed. São Paulo: Ática, 2000.

MAUHS, Julian. *Fitossociologia e Regeneração Natural de um Fragmento de Floresta Ombrófila Mista Exposto a Perturbações Antrópicas*. São Leopoldo: UNISINOS, Programa de Pós-Graduação em Biologia, 2002. (Dissertação de Mestrado).

MENGHIN, Osvaldo F. A. El poblamiento prehistorico de Misiones. In: *Anales de Arqueología y Etnología*. Mendoza, tomo XII, p. 19-40, 1957.

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto. Sítio RS-C-14: Bom Jardim Velho (Abrigo sob Rocha – Nota Prévia). *IHERINGIA*, Porto Alegre: Museu Rio-Grandense de Ciências Naturais. n. 2, p. 15-58, abr., 1972. (Série Antropologia),

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto. Os Abrigos-sob-rocha do Virador, no Estado do Rio Grande do Sul, Brail, Nota Prévia. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul: APESC, n. 2, p. 1-25, 1975.

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto. Casas Subterrâneas no Planalto Meridional Município de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista do CEPA*. Santa Cruz do Sul: Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul. n. 9, p 2-52, jul. 1980.

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto. *Arqueologia do Vale do Rio Pardo, Rio Grande do Sul, Brasil*. Porto Alegre: PUCRS, 1991. (Tese de Doutorado).

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto et al. Escavações Arqueológicas no Município de Bom Jesus, RS. *Revista de Arqueologia*. São Paulo: Sociedade de Arqueologia Brasileira, v. 8, n. 1, p. 221-236, 1994.

MENTZ RIBEIRO, Pedro A. A Tradição Taquara e as Casas Subterrâneas no Sul do Brasil. *Revista de Arqueología Americana México*: Instituto Panamericano de Geografía e História. n.ºs 17, 18 e 19 p. 9-50, jul. 1999 a dez. 2000.

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto. & RIBEIRO, Catharina Torrano. Levantamentos Arqueológicos no Município de Esmeralda, Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista do CEPA*. Santa Cruz do Sul: Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul, v. 12, n. 14, p. 49-105, 1985.

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto & SILVEIRA, Ítela da. Sítios Arqueológicos da Tradição Taquara, Fase Erveiras, no Vale do Rio Pardo, RS, Brasil. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul: APESC, n. 8, p. 3-61, jun. 1979.

MILLER, Eurico Th. Pesquisas Arqueológicas Efetuadas no Nordeste do Rio Grande do Sul. *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Resultados Preliminares do Primeiro Ano 1965-1966*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações Avulsas, n. 6, p. 15-38, 1967.

MILLER, Eurico Th. Pesquisas Arqueológicas Efetuadas no Nordeste do Rio Grande do Sul. *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Resultados Preliminares do Segundo Ano*

1966-1967. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações Avulsas n. 10, p. 33-54, 1969a.

MILLER, Eurico Th. Pesquisas Arqueológicas efetuada no Oeste do Rio Grande do Sul. *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Resultados Preliminares do Terceiro Ano 1967-1968*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações Avulsas n. 13, p. 13-30, 1969b.

MILLER, Eurico Th. Pesquisas Arqueológicas Efetuadas no Planalto Meridional, Rio Grande do Sul (Rios Uruguai, Pelotas e das Antas). *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Resultados Preliminares do Quarto Ano 1968-1969*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações Avulsas n. 15, p. 37-71, 1971.

MILLER, Eurico Th. Pesquisas Arqueológicas em Abrigos-sob-rocha no Nordeste do Rio Grande do Sul. *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Resultados Preliminares do Quinto Ano 1969-1970*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações Avulsas n. 26, p. 11-24, 1974.

MONDIN, Cláudio Augusto. *A tribo Mutisieae Cass. (Asteraceae), Ssensu Cabrera, no Rio Grande do Sul e suas Relações Biogeográficas*. Porto Alegre: Instituto de Biociências/UFRGS. 1996. (Dissertação de Mestrado).

MONTICELLI, Gislene & LANDA, Beatriz dos S. Vistoria Arqueológica em Cambará. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul: EDUNISC, v. 23, n. 29, p. 162-169, jan/jun 1999.

MORAIS, José Luis. Arqueologia da Região Sudeste. *Revista da USP*. São Paulo, n. 44, p. 194-217, dez/fev, 1999-2000.

MORAIS, José Luis. Tópicos de Arqueologia da Paisagem. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*,. São Paulo, n. 10, p. 3-30, 2000.

MORAN, Emílio. *Adaptabilidade Humana*. São Paulo: EDUSP, 1994.

MOTA, Lúcio Tadeu. *As Guerras dos Índios Kaingang: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769 – 1924)*. Maringá: EDUEM, 1994.

NIMER, Edmon. Clima. In: IBGE. *Geografia do Brasil: Região Sul*. Rio de Janeiro: IBGE, v. 2, p. 35-80, 1977.

OBBERG, Kalervo. Types of Social Structure among the lowland Tribes of South and Central America. *American Anthropologist*. v. 57. p. 472-488, 1955.

ODUM, Eugene F. *Ecologia*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A, 1988.

OREJAS, Almudena. El estudio del Paisaje: visiones desde la Arqueología. In: *Arqueología Espacial*. Teruel, Espanha: Seminario de Arqueología y Etnología Turolense / Instituto de Estudios Turolenses, v. 19-20, p. 9-19, 1998.

ORTEGA, Julián M. De la arqueologia espacial a la arqueología del paisaje: ¿Es Annles la solución? In: *Arqueología Espacial*. Teruel, Espanha: Seminario de Arqueología y Etnología Turolense / Instituto de Estudios Turolenses, v. 19-20, p. 31-51, 1998.

PAREDES, Evaristo Atêncio. *Sistema de Informação Geográfica*. São Paulo: Érica, 1994.

PIAZZA, Walter F. Nota Preliminar sôbre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas no Estado de Santa Catarina. *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Resultados Preliminares do Primeiro Ano 1965-1966*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações Avulsas, n. 6, p. 39-46, 1967.

PIAZZA, Walter. Notícia Arqueológica do Vale do Uruguai. *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Resultados Preliminares do Segundo Ano 1966-1967*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações Avulsas n. 10, p. 55-74, 1969.

PIAZZA, Walter. Dados Complementares à Arqueologia do Vale do Uruguai. *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Resultados Preliminares do Quarto Ano 1968-1969*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações Avulsas n. 15, p. 71-86, 1971.

PIAZZA, Walter F. Dados à Arqueologia do Litoral Norte e do Planalto de Canoinhas. *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Resultados Preliminares do Quinto Ano 1969-1970*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações Avulsas n. 26. p. 53-68, 1974.

POSEY, Darrell A. Etnobiologia: Teoria e Prática. In: RIBEIRO, Berta (Coord). *Suma Etnológica Brasileira*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, v. 1 p. 173-188, 1987.

Programa CALIB de Stuiver, M. and Reimer, P.J., Rev. 4.3, baseado em Stuiver, M. and Reimer, P.J., 1993, Radiocarbon, 35, p. 215-230.

PROUS, André. Première information sur les maisons souterraines de l'État de São Paulo. *Revista de Pré-História*. São Paulo: Instituto de Pré-História, v.1, n.1, p. 127-145, 1979.

PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Editora da UNB, 1991.

RAMBO, Balduino. *A Fisionomia do Rio Grande do Sul*. 3 ed. São Leopoldo: Editora da UNISINOS, 1994.

RAUTH, José Wilson. *Notas Arqueológicas sôbre uma formação de um Sambaqui na ilha das Cóbras*. Paranaguá: Faculdade Estadual de Filosofia, Ciência e Letras de Paranaguá, n. 1, 1963.

REDMAN, Charles. L. *The rise of civilization. From Early farmers to urban society in the ancient Near East*. São Francisco: W. H. L Freeman and Co, 1978.

REIS, Maria José. *A Problemática Arqueológica das Estruturas Subterrâneas no Planalto Catarinense*. São Paulo: FFLCH-USP, 1980. (Dissertação de Mestrado).

REIS, José Alberione dos. *Para uma Arqueologia dos Buracos de Bugre: do Sintetizar, do Problematizar, do Propor*. Porto Alegre: PUCRS, 1997. (Dissertação de Mestrado).

REITZ, Pe. Raulino & KLEIN, Roberto M. Araucariáceas. *Flora Ilustrada Catarinense*. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues, 1966.

RIZZINI, Carlos T., FILHO, Ademar F. Coimbra & HOUAISS, Antônio. *Ecossistemas Brasileiros*. [S.l.], Editora Index, 1988.

RIZZON, Luiz & POSSAMAI, Osmar. *História de São Marcos*. São Marcos: Ed. dos autores, 1987.

ROBRANH, Erica M. *A ocupação pré-colonial do Vale do Ribeira do Iguape, SP: os grupos ceramistas do médio curso*. São Paulo: USP/FFLCH, 1988. (Dissertação de Mestrado).

ROHR, João Alfredo. Pesquisas Páleo-Etnográficas na ilha de Santa Catarina. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas – UNISINOS, n. 3, p. 119-266 119-266, 1959.

ROHR, João Alfredo. Pesquisas Arqueológicas em Santa Catarina: 1 – Exploração sistemática do sítio da Tapera (Nota Prévia). *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas – UNISINOS, n. 15, p. 3-20, 1966.

ROHR, João Alfredo. Os Sítios Arqueológicos do Planalto Catarinense. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas – UNISINOS, n. 24, p. 1-56, 1971.

ROHR, João Alfredo S.J. Sítios Arqueológicos de Santa Catarina. *Anais do Museu de Antropologia*. Florianópolis: UFSC / Museu de Antropologia, n. 17, p. 77-168, dez. 1984.

ROHR, João Alfredo. A Aldeia Pré Histórica da Praia da Tapera. In: *Revista Vozes*. Petrópolis, Editora Vozes. Vol. 61, n° 8 (718-722), 9 (807-811), 10 (909-913), 11 (907-1001), 12 (1099-1104); Vol. 62, n° 2 (149-154), 4 (325-331).

ROSS, Jurandyr L. S. Os Fundamentos da Geografia da Natureza. In: ROSS, Jurandyr L. S. (org.) *Geografia do Brasil*. 4 ed. São Paulo: Edusp, p. 13-66, 2001.

SALDANHA, João D. M. & COPÉ, Sílvia M. Implicações de Estudos Estilísticos para a Arqueologia do Planalto Sul-Rio-Grandense: Um Estudo das Fases Taquara e Guatambu. In: I Encontro do Núcleo Regional da SAB/SUL Arqueologia do Sul do Brasil: Avaliação e Perspectivas. 1998. São Leopoldo, *Caderno de Resumos & Programação*. São Leopoldo, SAB/Sul, 1998.

SERVICE, Elman. *Organização Social Primitiva*. Porto: Edições Despertar, 1970.

SERVICE, Elman R. *Las Orígenes del Estado y de la Civilización*. Madrid: Alianza Editorial, 1975.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. A Cerâmica Guarani da Ilha de Santa Catarina e a Cerâmica da Base Aérea. *Pesquisas, Antropologia*. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, n. 3, p. 309, 1959.

SCHMITZ, Pedro Ignácio (Coord). Arqueologia no Rio Grande do Sul. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, n. 16, 1967.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. Grandes Complexos de Cerâmica Indígena no Sul do Brasil. *Pesquisas, Antropologia*. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas – UNISINOS, n. 18, p. 127-140. 1968. (Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia da Área do Prata)

SCHMITZ, Pedro I. et al. Pesquisas sobre a Tradição Taquara no Nordeste do Rio Grande do Sul. *Documentos 02: Arqueologia no Rio Grande do Sul, Brasil*. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas – UNISINOS, p. 5-74, 1988a.

SCHMITZ, Pedro I. et al. As tradições ceramistas do Planalto Sul-Brasileiro. *Documentos 02: Arqueologia no Rio Grande do Sul, Brasil*. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas – UNISINOS, p. 75-130, 1988b.

SCHMITZ, Pedro I. et al. Escavações Arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr, S.J., O Sítio da Praia das Laranjeiras II, Uma Aldeia da Tradição Ceramista Itararé. *Pesquisas, Antropologia*. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas – UNISINOS, n. 49, 1993.

SCHMITZ, Pedro Ignácio & VERARDI, Ivone. Cabeçadas: Um sítio Itararé no Litoral de Santa Catarina. *Pesquisas, Antropologia*. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas – UNISINOS, n. 53, p. 125-181, 1996.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. As 'Casas Subterrâneas': Fragmentos de História dos Índios Kaingang. *Ciência Hoje*. Rio de Janeiro: SBPC. v. 31, n. 181. p. 22-29, abr. 2002a.

SCHMITZ, Pedro I. et. al. O Projeto Vacaria: Casas Subterrâneas no Planalto Rio-Grandense. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas – UNISINOS, n. 58, p. 11-106, 2002b.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. Ambientes Holocênicos e Surgimento de Sistemas Culturais. *Revista de Arqueologia*. Rio de Janeiro: Sociedade de Arqueologia Brasileira, v. 14/15, p. 87-96, 2001-2002.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. *Projeto Vacaria II : Relatório da Pesquisa de Janeiro de 2003*. Instituto Anchietao de Pesquisas, 2003. (inédito).

SCIENTIA AMBIENTAL S/C LTDA, NÚCLEO DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS/UFRGS & ITACONSULT CONSULTORIA E PROJETOS EM ARQUEOLOGIA LTDA *Projeto de Levantamento Arqueológico na Área de Inundação e Salvamento Arqueológico no Canteiro de Obras da UHE Barra Grande, SC/RS. Relatório Final 1: Resultados dos trabalhos de Campo*. Florianópolis, 2002. (CD ROM).

SILVA, Flávio. *Mamíferos Silvestres do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, 1984.

SILVA, Sérgio Baptista et al. Escavações Arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr. O sítio Arqueológico da Praia da Tapera: Um assentamento Itararé e Tupiguarani. *Pesquisas, Antropologia*. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas – UNISINOS, n. 45, 1990.

SIMÕES, Mário F. (editor). *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Resultados Preliminares do Primeiro Ano 1965-1966*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações Avulsas, n. 6, 1967.

SIMÕES, Mário F. (editor). *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Resultados Preliminares do Segundo Ano 1966-1967*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações Avulsas n. 10, 1969a.

SIMÕES, Mário F. (editor) *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Resultados Preliminares do Terceiro Ano 1967-1968*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações Avulsas n. 13, 1969b.

SIMÕES, Mário F. (editor). *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Resultados Preliminares do Quarto Ano 1968-1969*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações Avulsas n. 15, 1971.

SIMÕES, Mário F. Índice das Fases Arqueológicas Brasileiras. *Publicações Avulsas*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. n. 18, 1972.

SIMÕES, Mário F. (editor). *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Resultados Preliminares do Quinto Ano 1969-1970*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações Avulsas n. 26, 1974.

SOUZA, Alfredo Mendonça de. História da Arqueologia Brasileira. *Pesquisas, Antropologia*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas – UNISINOS, v. 46, 1991.

SOUZA, Alfredo Mendonça. *Dicionário de Arqueologia*. Rio de Janeiro: ADESA, 1997.

SOUZA, Deodato. *Todas as Aves do Brasil*. Feira de Santana: Editora Dall, 1998.

TENÓRIO, Maria Cristina. (org.) *Pré-História da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

WILLEY, Gordon R. & PHILLIPS, Philip. *Method and Theory in American Archaeology*. Chicago: The University of Chicago Press, 1962.

WILLEY, Gordon R. *Prehistoric Settlement in the Virú Valley, Peru*. Washington: Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology Bulletin, n. 155, 1953.

YOUNG Jr., T. Cuyler. Since Herodotus, has History been a valid concept? *American Antiquity*. Washington: SAA, v. 53 n.1, p. 7-12, 1988.

SNARSKIS, Michael J. The Archeological Evidence for Chiefdoms in Eastern and Central Costa Rica. In: DRENNAN, Robert D. & URIBE, Carlos A. *Chiefdoms In The Americas*. Boston: University Press of America, p. 105-117, 1987.

ANEXOS

TABELA 8 Listagem das espécies vegetais de uma parcela da Mata Ombrófila Mista

Família	Espécie	uso	frutificação													
			jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez		
Anacardiaceae	Lithraea brasiliensis March.	Bugre	madeira	x	x	x									x	x
Annonaceae	Rollinia rugulosa Schlecht.		comestível, fibras para trançado	x	x	x									x	x
Aquifoliaceae	Ilex theezans Mart.		folhas para chá (variedade de chimarrão)	x	x	x	x	x								x
Araucariaceae	Araucaria angustifolia (Bertol.) Kuntze	pinheiro	x				x	x								
Araliaceae	Oreopanax fulvum March.															
Arecaceae	Syagrus romanzoffiana (Cham.) Glassm.		gerivá	x	x	x	x	x	x							
Asteraceae	Dasyphyllum spinescens (Less.) Cabr.	não-me-toque	lenha	x	x	x	x	x								x
	Gochnatia polymorpha (Less.) Cabr.	Cambará	flores melíferas	x	x	x										x
Bigoniaceae	Tabebuia alba (Cham.) Sandw.	Ipê-amarelo										x	x	x	x	
Celastraceae	Maytenus cf. boaria Molina															
	Schaefferia argentinensis Speg.															
Erythroxylaceae	Erythroxylum deciduum A. St.Hil.	cocão	fruto (fauna)	x	x								x	x	x	x
Euphorbiaceae	Sapium glandulatum Pax	pau de leite, leiteiro de folha		x										x	x	x
	Sebastiania brasiliensis Spreng.		flores melíferas	x	x	x	x	x						x	x	x
	Sebastiania commersoniana (Baill.) L.B. Smith & R.J. Downs	branquiho	flores melíferas	x	x	x	x									
	Stillingia oppositifolia Baill.															
Fabaceae	Dalbergia frutescens (Vell.) Britton															
Flacourtiaceae	Azara uruguayensis (Speg.) Sleum.	amargoso	flores melíferas	x	x											x
	Banara tomentosa Clos	caboré	frutos (frutos)	x	x											x
	Casearia decandra Jacq.		frutos (frutos)	x	x								flor	flor	flor	x
	Xylosma ciliatifolium Eichl.	Açucará	flor									x	x	x		
Icacinaceae	Citronella gongonha (Mart.) Howard															
	Citronella paniculata (Mart.) Howard															
Lauraceae	Cinnamomum amoenum (Nees) Kosterm.															
	Nectandra lanceolata Nees & Mart. ex Nees	canela branca	frutos consumidos por pássaros	x	x	x										
	Nectandra megapotamica Mez	canelinha	frutos consumidos por pássaros	x											x	x
	Ocotea cf. pulchella Mart.	canela preta	frutos consumidos por pássaros					x	x	x						
	Ocotea puberula Nees	canela pimenta	frutos consumidos por pássaros												x	x
Loganiaceae	Strychnus brasiliensis Mart.	Anzol de Lontra	Frutos são considerados venenosos											x	x	x
Meliaceae	Trichilia elegans A. Juss.															
Myrsinaceae	Myrsine coriacea (Sw.) R.Br.						x	x	x	x						
Myrtaceae	Acca sellowiana (Berg) Burret	goiaba serrana	frutos comestíveis													
	Blepharocalyx salicifolius (H.B.& K.) Berg					x	x	x								
	Campomanesia xanthocarpa Berg	guabiroba	frutos comestíveis												x	x
	Eugenia involucrata DC.	cerejeira do mato	frutos comestíveis											x	x	x
	Eugenia pyriformis Camb.	uvaia uvalha do campo	frutos comestíveis	x									x	x	x	x
	Eugenia uniflora L.	pitangueira	frutos comestíveis	x										x	x	x
	Eugenia uruguayensis Camb.	guamirim	lenha											x	x	x
	Gomidesia palustris (DC.) Kausel	cambuí	lenha		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x		

Fonte: Adaptado de: MAUHS, Julian. *Fitossociologia e Regeneração Natural de um Fragmento de Floresta Ombrófila Mista Exposto a Perturbações Antrópicas* UNISINOS, Programa de Pós-Graduação em Biologia (Dissertação de Mestrado) 2002.

TABELA 9 Espécies vegetais identificadas na Floresta Ombrófila Mista

	Formações		
	Aluvial	Montana	Alto-Montana
Agavaceae			
<i>Cordyline dracaenoides</i> Kunt		X	
Anacardiaceae			
<i>Lithraea brasiliensis</i> L. March.	X	X	X
<i>Schinus lentiscifolius</i> L. March		X	X
<i>Schinus molle</i> L.		X	X
<i>Schinus polygamus</i> (Cav.) Cabr.	X	X	
<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	X	X	X
Annonaceae			
<i>Rollinia rugulosa</i> Schlecht.	X		
Apocynaceae			
<i>Aspidosperma australe</i> Muel. Arg.		X	
Aquifoliaceae			
<i>Ilex brevicuspis</i> Reisseck		X	X
<i>Ilex chamaedryfolia</i> Reisseck		X	X
<i>Ilex dumosa</i> Reisseck	X	X	X
<i>Ilex kleinii</i> Edwin		X	X
<i>Ilex microdonta</i> Reisseck		X	X
<i>Ilex paraguariensis</i> St. Hil.		X	X
<i>Ilex pseudobuxus</i> Reisseck		X	X
<i>Ilex theezans</i> Mart.	X	X	X
Araliaceae			
<i>Oreopanax fulvum</i> E. March.		X	X
Araucariaceae			
<i>Araucaria angustifolia</i> (Bertol.) O. Ktze.	X	X	X
Berberdaceae			
<i>Berberis laurina</i> Billb.		X	X
<i>Berberis Kleinii</i> Mattos			X
Bignoniaceae			
<i>Jacaranda micrantha</i> Chamisso		X	
<i>Jacaranda puberula</i> Chamisso		X	
<i>Tabebuia alba</i> (Cham.) Sandw.		X	X
Canellaceae			
<i>Capsicodendron dinissi</i> (Schwacke) Occhioni		X	X
Celastaceae			
<i>Maytenus ilicifolia</i> Mart. ex Reisseck.	X	X	X
Clethraceae			
<i>Clethra scabra</i> Pers.		X	X
<i>Clethra uleana</i> Sleumer		X	X
Compisitae			
<i>Dasyphyllum spinecens</i> (Less.) Cabr.		X	X
<i>Dasyphyllum tomentosum</i> (Spreng.) Cabr.		X	X
<i>Gochnatia polymorpha</i> (Less.) Cabr.		X	X
<i>Piptocarpha angustifolia</i> Dusén		X	X
<i>Piptocarpha axillaris</i> (Less.) Baker		X	X
<i>Vernonia discolor</i> (Spreng.) Less.		X	X
Cunoniaceae			
<i>Lamanonia speciosa</i> (Camb.) L. B. Smith		X	X
<i>Weinmannia humilis</i> Engler		X	X
<i>Weinmannia paulliniifolia</i> Pohl ex Seringe		X	X
Cyatheaceae			
<i>Alsophila compta</i> Mart.		X	
<i>Alsophila miquelii</i> Ktze.		X	
<i>Alsophila proceroides</i> Rosenst.		X	

Continua

TABELA 9 (cont). Espécies vegetais identificadas na Floresta Ombrófila Mista

	Formações		
	Aluvial	Montana	Alto-Montana
<i>Dicksonia sellowiana</i> (Presl.) Hook		X	X
<i>Hemitelia capensis</i> (L.) Kaulf.		X	
<i>Nephelea setosa</i> (Kaulf.) Tryon		X	X
Elaeocarpaceae			
<i>Sloanea lasiocoma</i> K. Schum.		X	X
<i>Sloanea monosperma</i> Vell.		X	X
Ericaceae			
<i>Leucothoe eucalyptoides</i> (Cham. et Schlecht.) DC.		X	
Erythroxylaceae			
<i>Erythroxylum deciduum</i> St. Hil.		X	X
Euphorbiaceae			
<i>Alchornea triplinervia</i> (Spreng.) Muell. Arg.		X	
<i>Croton celtidifolius</i> Baill.		X	
<i>Sapium glandulatum</i> (Vell.) Pax	X	X	X
<i>Sebastiania brasiliensis</i> Spreng.	X	X	X
<i>Sebastiania klotzschiana</i> (Muell. Arg.) Muell. Arg.	X	X	
<i>Sebastiania schottiana</i> Muell. Arg.	X	X	
Flacourtiaceae			
<i>Banara tomentosa</i> Clos		X	
<i>Casearia decandra</i> Jacq.		X	X
<i>Casearia obliqua</i> Spreng.		X	
<i>Casearia sylvestris</i> Sw.		X	
<i>Xylosma ciliatifolium</i> (Clos) Eichler		X	
Icacinaceae			
<i>Citronella paniculata</i> (Mart.) Howard		X	
<i>Villaresia cuspidata</i> Miers		X	
Lauraceae			
<i>Cinnamomum glaziovii</i> Mez		X	
<i>Cinnamomum sellowianum</i> (Nees) Kosterm.		X	
<i>Cinnamomum vesiculosum</i> (Nees) Kosterm.		X	
<i>Cryptocarya aschersoniana</i> Mez	X	X	X
<i>Nectandra grandiflora</i> Nees	X	X	X
<i>Nectandra lanceolata</i> Nees		X	X
<i>Nectandra megapotamica</i> Mez	X	X	
<i>Nectandra saligna</i> Nees et Mart.		X	
<i>Ocotea acutifolia</i> (Nees) Mez		X	
<i>Ocotea diospyrifolia</i> Mez		X	
<i>Ocotea porosa</i> (Nees) L. Barroso		X	
<i>Ocotea pretiosa</i> (Nees) Mez		X	
<i>Ocotea puberula</i> Nees		X	X
<i>Ocotea pulchella</i> Mart.		X	X
<i>Persea venosa</i> Nees et Mart. ex Nees		X	X
<i>Phoebe stenophylla</i> (Meissn) Mez		X	
Leguminosae			
<i>Ateleia glazioviana</i> Baill.		X	
<i>Dalbergia brasiliensis</i> Vog.		X	
<i>Erythrina cristagalli</i> L.	X	X	X
<i>Erythrina falcata</i> Benth.		X	
<i>Inga lentiscifolia</i> Benth.		X	
<i>Inga virescens</i> Benth.		X	
<i>Machaerium stipitatum</i> Vog.		X	
<i>Mimosa scabrella</i> Benth.		X	X
<i>Mimosa taimbensis</i> Burk.		X	X
<i>Myrocarpus frondosus</i> Fr. Allem.		X	

Continua

TABELA 9 (cont). Espécies vegetais identificadas na Floresta Ombrófila Mista

	Formações		
	Aluvial	Montana	Alto-Montana
Lythraceae			
<i>Lafoensia pacari</i> St. ssp. petiolata Koehne		x	
Melastomataceae			
<i>Miconia cinerascens</i> Miquel		x	
<i>Miconia hyemale</i> St. Hil.		x	x
<i>Miconia ramboi</i> Brade		x	x
<i>Tibouchina ramboi</i> Brade		x	x
<i>Tibouchina sellowiana</i> (Cham.) Cogn.		x	x
Meliaceae			
<i>Cabralea canjerana</i> (Vell.) Mart.		x	
<i>Cedrela fissilis</i> Vell.		x	x
<i>Trichilia elegans</i> A. Juss		x	
Monimiaceae			
<i>Hennecartia omphalandra</i> Poisson		x	
<i>Mollinedia elegans</i> Tul		x	x
Myrsinaceae			
<i>Rapanea ferruginea</i> (Ruiz et Pavon) Mez		x	
<i>Rapanea umbrellata</i> (Mart. ex A. DC.) Mez		x	
Myrtaceae			
<i>Blepharocalyx salicifolius</i> (H.B.K.) Berg	x	x	x
<i>Blepharocalyx suaveolens</i> (Camb.) Burr.		x	
<i>Britoa guazumaefolia</i> (Camb.) Legr.		x	
<i>Calycorectes riedelianus</i> Berg		x	x
<i>Calyptanthus concinna</i> DC.	x	x	x
<i>Calyptanthus tricona</i> Legr.		x	
<i>Campomanesia aurea</i> Berg.		x	
<i>Campomanesia rhombea</i> Berg.		x	
<i>Campomanesia xanthocarpa</i> Berg.	x	x	x
<i>Eugenia catharinae</i> Berg		x	
<i>Eugenia hiemalis</i> Camb.		x	
<i>Eugenia involucrata</i> DC.		x	
<i>Eugenia pluriflora</i> DC.		x	
<i>Eugenia pyriformis</i> Camb.		x	x
<i>Eugenia uniflora</i> L.	x	x	x
<i>Eugenia uruguayensis</i> Camb.		x	x
<i>Feijoa sellowiana</i> Berg	x	x	x
<i>Gomidesia affinis</i> (Camb.) Legr.		x	x
<i>Gomidesia palustris</i> (DC.) Legr.	x	x	x
<i>Gomidesia sellowiana</i> Berg.	x	x	x
<i>Hexachlamys itatiaiae</i> Mattos		x	x
<i>Myrceugenia acrophylla</i> (Berg) Legr.		x	
<i>Myrceugenia bracteosa</i> (DC) Legr.		x	x
<i>Myrceugenia estrellensis</i> (Berg) Legr. et Kaus.		x	x
<i>Myrceugenia euosma</i> (Berg) Legr.	x	x	x
<i>Myrceugenia glaucescens</i> (Camb.) Legr et Kaus.		x	x
<i>Myrceugenia macrosepala</i> (Burr.) Legr. et Kaus.		x	x
<i>Myrceugenia miersiana</i> (Gard.) Legr. et Kaus		x	
<i>Myrceugenia myrcioides</i> (Camb.) Berg		x	x
<i>Myrceugenia nothorufa</i> Berg		x	x
<i>Myrceugenia ramboi</i> Legr		x	x
<i>Myrceugenia regnelliana</i> (Berg) Legr. et Kaus	x	x	x
<i>Myrcia arborescens</i> Berg		x	x
<i>Myrcia bombycina</i> (Berg) Kiaersk	x	x	x

Continua

TABELA 9 (cont). Espécies vegetais identificadas na Floresta Ombrófila Mista

	Formações		
	Aluvial	Montana	Alto-Montana
<i>Myrcia castrensis</i> Berg		X	X
<i>Myrcia hastchbachii</i> Legr.	X	X	
<i>Myrcia lageana</i> Legr.		X	X
<i>Myrcia laruotteana</i> Camb.	X	X	X
<i>Myrcia leptoclada</i> DC.		X	
<i>Myrcia multiflora</i> (Lam.) DC.		X	
<i>Myrcia obtecta</i> (Berg) Kiaersk		X	X
<i>Myrcia ramulosa</i> DC.		X	X
<i>Myrcia richardiana</i> Berg.		X	X
<i>Myrcia rostrata</i> DC.		X	
<i>Myrcia sosias</i> Legr.		X	
<i>Myrcianthes gigantea</i> (Legr.) Legr.	X	X	X
<i>Myrciaria delicatula</i> (DC.) Berg.	X	X	
<i>Myrciaria rivularis</i> Camb.	X	X	X
<i>Myrciaria tenella</i> (DC.) Berg.	X	X	X
<i>Myrciaria trunciflora</i> Berg.		X	
<i>Myrrhimum loranthoides</i> (Hook. et Arn.) Brr.	X	X	X
<i>Pseudocariophyllus acuminatus</i> (Link.) Burr		X	
<i>Psidium australe</i> Camb.		X	
<i>Psidium cattleianum</i> Sab.	X	X	
<i>Psidium luridum</i> (Spreng.) Burr.		X	X
<i>Siphoneugena reitzii</i> Legr.	X	X	X
Nyctaginaceae			
<i>Bougainvillea glabra</i> Choisy		X	
Palmae			
<i>Arecastrum romanzoffianum</i> (Cham.) Becc.	X	X	
<i>Butia eriospatha</i> (Mart. et Drude) Becc.		X	
<i>Trithrinax brasiliensis</i> Mart.		X	
Podocarpaceae			
<i>Podocarpus lambertii</i> Klotz.	X	X	X
Proteaceae			
<i>Euplassa nebularis</i> Rambo et Sleumer		X	X
<i>Roupala asplenioides</i> Sleumer		X	X
<i>Roupala brasiliensis</i> Klotzsch		X	
<i>Roupala meisneri</i> Sleumer		X	
Rhamnaceae			
<i>Colletia exserta</i> Klotzsch ex Reisseck	X	X	X
<i>Rhamnus sphaerosperma</i> Sw.	X	X	X
<i>Scutia buxifolia</i> Reisseck	X	X	X
Rosaceae			
<i>Prunus sellowii</i> Koehne	X	X	X
<i>Quillaja brasiliensis</i> Mart.		X	X
Rubiaceae			
<i>Alseis floribunda</i> Schott		X	
<i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K. Schum.		X	
<i>Guettarda uruguensis</i> Cham. et Schlecht.	X	X	
Rutaceae			
<i>Fagara kleinii</i> Cowan		X	
<i>Fagara rhoifolia</i> (Lam.) Engl.		X	
Salicaceae			
<i>Salix humboldtiana</i> Willd.	X	X	
Santalaceae			
<i>Jodina rhombifolia</i> Hook. et Arn.		X	

Continua

TABELA 9 (cont). Espécies vegetais identificadas na Floresta Ombrófila Mista

	Formações		
	Aluvial	Montana	Alto-Montana
Sapindaceae			
<i>Allophylus edulis</i> (St. Hil.) Radlk.	x	x	
<i>Allophylus guaraniticus</i> Camb.	x	x	x
<i>Cupania vernalis</i> Camb.		x	x
<i>Matayba elaeagnoides</i> Radlk.	x	x	x
Simaroubaceae			
<i>Picramnia parvifolia</i> Engler		x	
Saxfragaceae			
<i>Escallonia montevidensis</i> Cham.	x	x	x
Solanaceae			
<i>Brunfelsia uniflora</i> (Pohl) D. Don		x	
<i>Solanum insequale</i> Vell		x	
<i>Solanum pabstii</i> Smith et Downs		x	
<i>Solanum sanctae-catharinae</i> Dunal		x	
<i>Solanum compressum</i> Smith et Downs		x	
Styracaceae			
<i>Styrax acuminatus</i> Pohl		x	
<i>Styrax leprosus</i> Hook. et Arn.		x	x
Symplocaceae			
<i>Symplocos lanceolata</i> (Mart.) A. DC.		x	
<i>Symplocos uniflora</i> (Pohl) Bent.	x	x	x
Theaceae			
<i>Laplacea fruticosa</i> (Schrad.) Kobuski	x	x	
Thymelaeaceae			
<i>Daphnopsis racemosa</i> Griseb	x	x	
Tiliaceae			
<i>Luehea divaricata</i> Mart.	x	x	
Ulmaceae			
<i>Celtis tala</i> Gill.		x	
Verbenaceae			
<i>Aloysia virgata</i> (Ruiz et Pavon) Juss.	x	x	
<i>Cytherexylum solanaceum</i> Cham.	x	x	
<i>Vitex megapotamica</i> (Spreng.) Mold.	x	x	
Winteraceae			
<i>Drimys brasiliensis</i> Miers.	x	x	x

Fonte: BRASIL. Ministério das Minas e Energia. **Projeto RADAM Brasil**: Folha SH.22 Porto Alegre e parte das folhas SH.21 Uruguaiana e SI.22 Lagoa Mirim. Rio de Janeiro, 1986. (Levantamento de Recursos Naturais, 33).

TABELA 10 Mamíferos identificados na área arqueológica de Vacaria/RS

Táxon	Nome comum	Evidência				
		E	O	V	R	?
Ordem Didelphimorphia						
Família Didelphidae						
<i>Didelphis albiventris</i>	Gambá-de-orelha-branca				X	
Ordem Chiroptera						
Família Noctilionidae						
<i>Noctilio leporinus</i>	Morcego-pescador				X	
Família Phyllostomidae						
<i>Desmodus rotundus</i>	Morcego-vampiro				X	
Família Molossidae						
<i>Molossus</i> sp.			X			
Ordem Primates						
Família Cebidae						
<i>Alouatta guariba</i>	Bugio-ruivo		X	X		
Ordem Xenarthra						
Família Myrmecophagidae						
<i>Tamandua tetradactyla</i>	Tamanduá-mirim				X	
Família Dasypodidae						
<i>Cabassous totouay</i>	Tatu-de-rabo-mole				X	
<i>Dasypus hybridus</i>	Tatu-mulita	X	X			
<i>Dasypus novemcinctus</i>	Tatu-galinha	X	X			
<i>Euphractus sexcinctus</i>	Tatu-peludo		X			
Ordem Lagomorpha						
Família Leporidae						
<i>Lepus capensis</i>	Lebre		X			
Ordem Rodentia						
Família Caviidae						
<i>Cavia aperea</i>	Preá				X	
Família Hydrochaeridae						
<i>Hydrochaeris hydrochaeris</i>	Capivara			X		
Família Dasypodidae						
<i>Dasyprocta azarae</i>	Cotia				X	
Família Agoutidae						
<i>Agouti paca</i>	Paca				X	
Família Capromyidae						
<i>Myocastor coypus</i>	Ratão-do-banhado		X			
Família Erethizontidae						
<i>Coendou villosus</i>	Ouriço-cacheiro		X			
Família Muridae						
<i>Oligoryzomys nigripes</i>			X			
Ordem Carnivora						
Família Canidae						
<i>Cerdocyon thous</i>	Graxaim-do-mato		X			
<i>Pseudalopex gymnocercus</i>	Graxaim-do-campo		X			
<i>Chrysocyon brachyurus</i>	Lobo-guará					X
Família Procyonidae						

Continua

TABELA 10 (cont). Mamíferos identificados na área arqueológica de Vacaria/RS

Táxon	Nome comum	Evidência				
		E	O	V	R	?
<i>Nasua nasua</i>	Coati				X	
<i>Procyon cancrivorus</i>	Mão-pelada			X		
Família Mustelidae						
<i>Conepatus chinga</i>	Zorrilho		X			
<i>Eira barbara</i>	Irara				X	
<i>Lutra longicaudis</i>	Lontra				X	
Família Felidae						
<i>Leopardus pardalis</i>	Jaguatirica				X	
<i>Puma concolor</i>	Puma					X
Ordem Artiodactyla						
Família Cervidae						
<i>Mazama americana</i>	Veado-mateiro		X			
<i>Mazama gouazoubira</i>	Veado-catingueiro				X	

*(E) espécie registrada através de peles, crânios e/ou esqueletos; (O) espécie observada diretamente no campo; (V) espécie constatada através de vestígios (fezes e pegadas); (R) espécie cuja presença foi relatada através de relatos fidedignos; (?) espécie de ocorrência duvidosa. Organizada por André Osorio Rosa.

TABELA 11 Aves identificadas na área arqueológica de Vacaria/RS

Táxon	Nome comum	Ambiente						
		F	M	C	R	B	A	S
Tinamidae								
<i>Crypturellus obsoletus</i>		X						
<i>Rhynchotus rufescens</i>	Perdigão			X				
<i>Nothura maculosa</i>	Perdiz			X				
Podicipedidae								
<i>Podilymbus podiceps</i>	Mergulhão					X		
Ardeidae								
<i>Syrigma sibilatrix</i>	Maria-faceira			X				
<i>Casmerodius albus</i>	Garça-branca-grande					X		
<i>Bulbulcus ibis</i>	Garça-vaqueira			X				
<i>Egretta thula</i>	Garça-branca-pequena					X		
cf. <i>Butorides striatus</i>	Socozinho					X		
Threskiornithidae								
<i>Theristicus caudatus</i>	Curicaca			X				
Cathartidae								
<i>Coragyps atratus</i>	Urubú-de-cabeça-preta							X
<i>Cathartes aura</i>	Urubú-de-cabeça-vermelha							X
Accipitridae								
<i>Elanoides forficatus</i>	Gavião-tesoura							X
<i>Elanus leucurus</i>	Gavião-peneira	X						
<i>Buteo magnirostris</i>	Gavião-carijó	X	X	X				
Falconidae								
<i>Polyborus plancus</i>	Caracará	X	X	X				
<i>Milvago chimachima</i>	Carrapateiro	X	X	X				
<i>Milvago chimango</i>	Chimango	X	X	X				
<i>Falco sparverius</i>	Quiri-quiri			X				
Anatidae								
<i>Amazonetta brasiliensis</i>	Marreca-pé-vermelho					X		
<i>Anas flavirostris</i>	Marreca-pardinha					X		
Cracidae								
<i>Penelope obscura</i>	Jacú	X	X	X				
Phasianidae								
<i>Odontophorus capueira</i>	Urú	X						
Rallidae								
<i>Pardirallus sanguinolentus</i>	Saracura-do-banhado					X		
<i>Aramides saracura</i>	Saracura-do-brejo	X	X					
<i>Gallinula chloropus</i>	Galinholá					X		
<i>Porphyryla martinica</i>	Frando-d`água-azul					X		
Cariamidae								
<i>Cariama cristata</i>	Seriema			X				
Jacanidae								
<i>Jacana jacana</i>	Jaçaná					X		
Recurvirostridae								
<i>Himantopus mexicanus</i>	Pernilongo					X		

Continua

TABELA 11 (cont). Aves identificadas na área arqueológica de Vacaria/RS

Táxon	Nome comum	Ambiente						
		F	M	C	R	B	A	S
Charadriidae								
<i>Vanellus chilensis</i>	Quero-quero			X				
Scolopacidae								
<i>Tringa cf. flavipes</i>	Maçarico-perna-amarela				X			
Columbidae								
<i>Columba picazuro</i>	Pombão	X	X					
<i>Zenaida auriculata</i>	Pomba-de-bando			X				
<i>Columbina talpacoti</i>	Rolinha-roxa			X				
<i>Leptotila verreauxi</i>	Juriti-pupu	X	X	X				
Psittacidae								
<i>Pyrrhura frontalis</i>	Tiriva	X	X					
<i>Amazona pretrei</i>	Charão	X						
<i>Amazona vinacea</i>	Papagaio-de-peito-roxo	X						
Cuculidae								
<i>Piaya cayana</i>	Alma-de-gato	X	X					
<i>Crotophaga ani</i>	Anu-preto			X				
<i>Guira guira</i>	Anu-branco	X	X	X				
Strigidae								
<i>Otus sanctacatarinae</i>	Corujinha-do-sul	X						
<i>Speotyto cunicularia</i>	Coruja-buraqueira			X				
Caprimulgidae								
<i>cf. Nyctidromus albicollis</i>	Bacurau						X	
<i>Hydropsalis brasiliiana</i>	Bacurau-tesoura						X	
Apodidae								
<i>Chaetura cf. meridionalis</i>	Andorinhão-do-temporal						X	
Trochilidae								
<i>Leucochloris albicollis</i>	Beija-flor-de-papo-branco						X	
Trogonidae								
<i>Trogon surrucura</i>	Surucuá-variado	X						
Alcedinidae								
<i>Ceryle torquata</i>	Martim-pescador-grande				X			
Ramphastidae								
<i>Ramphastos dicolorus</i>	Tucano-de-bico-verde	X						
Picidae								
<i>Picumnus sp.</i>	Pica-pau-anão	X						
<i>Veniliornis spilogaster</i>	Picapauzinho-verde-carijó	X						
<i>Piculus aurulentus</i>	Pica-pau-dourado	X						
<i>Colaptes melanochloros</i>	Pica-pau-verde-barrado	X	X					
<i>Colaptes campestris</i>	Pica-pau-do-campo			X				
Dendrocolaptidae								
<i>Sittasomus griseicapillus</i>	Arapaçu-verde	X						
<i>Lepidocolaptes squamatus</i>	Arapaçu-escamoso	X						
Furnariidae								
<i>Furnarius rufus</i>	João-de-barro	X	X	X			X	

continua

TABELA 11 (cont). Aves identificadas na área arqueológica de Vacaria/RS

Táxon	Nome comum	Ambiente						
		F	M	C	R	B	A	S
<i>Leptastenura setaria</i>	Grimpeiro	X						
<i>Synallaxis spixi</i>	João-teneném		X	X				
<i>Synallaxis cinerascens</i>	Pi-puí	X						
<i>Anumbius annumbi</i>	Coxixo			X				
<i>Sclerurus scansor</i>	Vira-folha		X					
<i>Heliobletus contaminatus</i>	Trepadorzinho	X						
Formicariidae								
<i>Thamnophilus caerulescens</i>	Choca-da-mata	X	X					
<i>Thamnophilus ruficapillus</i>	Choca-boné-vermelho	X	X					
<i>Chamaeza campanisona</i>	Tovaca	X	X					
Tyrannidae								
<i>Elaenia parvirostris</i>	Guaracava-de-bico-curto	X	X					
<i>Serpophaga nigricans</i>	João-pobre		X					
<i>Serpophaga subcristata</i>	Alegrinho	X	X				X	
<i>Phylloscartes ventralis</i>	Borboletinha-do-mato	X	X					
<i>Xolmis cinerea</i>	Primavera			X				
<i>Satrapa icterophrys</i>	Suiriri-pequeno		X					
<i>Machetornis rixosus</i>	Suiriri-cavaleiro		X	X				
<i>Pitangus sulphuratus</i>	Bem-te-vi	X	X	X			X	
<i>Megarhynchus pitangua</i>	Nei-nei	X	X					
<i>Myodinastes maculatus</i>	Bem-te-vi-rajado	X						
<i>Tyrannus melancholicus</i>	Suiriri	X	X	X				
<i>Tyrannus savana</i>	Tesourinha			X				
<i>Tityra cayana</i>	Anambé-branco-rabo-preto	X						
Hirundinidae								
<i>Tachycineta leucorrhoa</i>	Andorinha-de-testa-branca							X
<i>Phaeoprogne tapera</i>	Andorinha-do-campo			X				
<i>Progne chalybea</i>	Andorinha-grande-das-casas						X	X
Troglodytidae								
<i>Troglodytes musculus</i>	Corruíra	X	X				X	
Mimidae								
<i>Mimus saturninus</i>	Sabiá-do-campo			X				
Muscicapidae								
<i>Turdus subalaris</i>	Sabiá-ferreiro	X						
<i>Turdus rufiventris</i>	Sabiá-laranjeira	X	X					
Vireonidae								
<i>Cyclarhis gujanensis</i>	Pitiguari	X	X					
<i>Vireo olivaceus</i>	Juruviara	X	X					
Emberizidae								
<i>Zonotrichia capensis</i>	Tico-tico	X	X	X				
<i>Poospiza lateralis</i>	Quete	X						
<i>Sicalis flaveola</i>	Canário-da-terra	X	X	X				
<i>Embernagra platensis</i>	Sabiá-do-banhado			X				
<i>Sporophila caerulescens</i>	Coleirinho	X	X					

continua

TABELA 11 (cont). Aves identificadas na área arqueológica de Vacaria/RS

Táxon	Nome comum	Ambiente						
		F	M	C	R	B	A	S
<i>Saltator cf. maxillosus</i>	Bico-grosso	X	X					
<i>Pyrrhocomma ruficeps</i>	Cabecinha-castanha	X						
<i>Thraupis sayaca</i>	Sanhaçu-cinzento	X	X					
<i>Stephanophorus diadematus</i>	Sanhaçu-frade	X	X					
<i>Tangara preciosa</i>	Saíra-preciosa	X						
<i>Tersina viridis</i>	Saí-andorinha						X	
<i>Parula pitaiyumi</i>	Mariquita	X	X					
<i>Basileuterus culicivorus</i>	Pula-pula	X	X					
<i>Basileuterus leucoblepharus</i>	Pula-pula-assobiador	X	X					
<i>Pseudoleistes guirahuro</i>	Chopim-do-brejo	X	X	X				
<i>Gnorimopsar chopi</i>	Chopim	X	X	X				
<i>Molothrus bonariensis</i>	Vira-bosta			X				
Fringilidae								
<i>Carduelis magellanica</i>	Pintassilgo			X				
Passeridae								
<i>Passer domesticus</i>	Pardal						X	
Corvidae								
<i>Cyanocorax caeruleus</i>	Gralha-azul	X	X					

* (F) Floresta com araucária; (M) Mata ciliar; (C) Campo aberto/macegas; (R) Rios; (B) Lagos e banhados; (A) Ambientes antropomorfizados; (S) Sobrevoante. Organizada por André Osorio Rosa.

TABELA 12 Peixes identificados na Bacia do Rio Uruguai

Ordem/Família	Nome Científico	Nome comum
Cyprinidae	<i>Cyprinus carpio</i>	carpa (exótica)
Characiformes		
Erythrinidae	<i>Hoplias aff lacerdae</i>	trairão
	<i>Hoplias malabaricus</i>	traíra
Anostomidae	<i>Leporinus amae</i>	perna-de-moça
	<i>Leporinus aff. Striatus</i>	piava
	<i>Schizodon aff. nasatum</i>	voga
Parodontidae	<i>Apareiodon affinis</i>	canivete
Curimatidae	<i>Cyphocharax saladensis</i>	birú
	<i>Steindachnerina brevipinna</i>	birú
	<i>Steindachnerina stigmosa</i>	birú
	<i>Steindachnerina sp</i>	birú
	<i>Characidium pterostictum</i>	canivete
	<i>Characidium sp</i>	canivete
	<i>Serrasalmus spilopleura</i>	palometa
	<i>Galeocharax humeralis</i>	dentudo
	<i>Oligosarcus jenynsii</i>	dentudo
	<i>Oligosarcus sp.</i>	dentudo
	<i>Charax stenopterus</i>	dentudo transparente
	<i>Diapoma aff. speculiferum</i>	lambarí
	<i>Astynax alburnus</i>	lambarí
	<i>Astynax bimaculatus</i>	lambarí
	<i>Astynax eigenmanniorum</i>	lambarí
	<i>Astynax fasciatus</i>	lambarí
	<i>Astynax sp.</i>	lambarí
	<i>Bryconamericus stramineus</i>	lambarí
	<i>Bryconamericus sp.</i>	lambarí
	<i>Hyphessobrycon bifasciatus</i>	lambarí
	<i>Hyphessobrycon luetkeni</i>	lambarí
	<i>Odontostilbe sp.</i>	lambarí
Siluriformes		
Auchenipteridae	<i>Auchenipterus sp.</i>	manduvi
	<i>Parauchenipterus galeatus</i>	cangati
	<i>Parauchenipterus teaguei</i>	torito de guampas
	<i>Tatia sp.</i>	
Pimelodidae	<i>Heptapterus mustelinus</i>	bagre-da-pedra
	<i>Iheringichthys labrosus</i>	papa-isca
	<i>Megalonema plantana</i>	jundiá
	<i>Microglanis sp.</i>	bagrinho
	<i>Parapimelodus valenciennis</i>	mandi
	<i>Pimelodus maculatus</i>	pintado
	<i>Pimelodus sp.</i>	pintado
	<i>Rhamdia sp.</i>	jundiá
	<i>Steindachneridion scripta</i>	sorubim
Callichthyidae	<i>Corydoras paleatus</i>	limpa-aquário

continua

TABELA 12 (cont). Peixes identificados na Bacia do Rio Uruguai

Ordem/Família	Nome Científico	Nome comum
Loricariidae	<i>Loricariichthys anus</i>	viola
	<i>Loricariichthys</i> aff. <i>maculatus</i>	viola
	<i>Paraloricaria vetula</i>	viola de cola
	<i>Rineloricaria</i> sp.	violinha
	<i>Ancistrus taunayi</i>	casudo
	<i>Hemiacistrus</i> sp.	casudo
	<i>Hypostomus commersonii</i>	casudo
	<i>Hypostomus luteus</i>	casudo-amarelo
	<i>Hypostomus regani</i>	casudo
	<i>Hypostomus</i> sp.	casudo
	<i>Rhinelepis</i> sp.	tatuzinho
	<i>Gen.</i> sp.	casudinho
	Aspredinidae	<i>Bunocephalus</i> sp.
Cetopsidae	<i>Pseudocetopsis</i> sp.	bagre
Gymnotidae	<i>Gymnotus</i> sp.	tuvira
Sternopygidae	<i>Eignmannia virescens</i>	tuvira
Cyprinodontiformes		
Poecillidae	<i>Phalloceros caudimaculatus</i>	barrigudinho
Perciformes		
Cichlidae	<i>Cichlasoma facetum</i>	cará
	<i>Crenicichla</i> sp.	joaninha
	<i>Crenicichla</i> cf. <i>scottii</i>	joaninha
	<i>Geophagus brasiliensis</i>	cará
	<i>Gymnogeophagus</i> <i>gymnogenys</i>	cará

Fonte: BERTOLETTI, Jeter Jorge et al. Ictiofauna do Rio Canoas, Sistema do Rio Uruguai Superior, Campos Novos, Santa Catarina, Brasil. *Comunicação do Museu de Ciências da PUCRS: n° 48 e 49*. Porto Alegre, PUCRS. 1989.